

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Egeslaine de Nez

**EM BUSCA DA CONSOLIDAÇÃO DA PESQUISA E DA PÓS-GRADUAÇÃO  
NUMA UNIVERSIDADE ESTADUAL: A CONSTRUÇÃO DE REDES DE PESQUISA**

Porto Alegre

2014

Egeslaine de Nez

**EM BUSCA DA CONSOLIDAÇÃO DA PESQUISA E DA PÓS-GRADUAÇÃO  
NUMA UNIVERSIDADE ESTADUAL: A CONSTRUÇÃO DE REDES DE PESQUISA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como exigência para obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de Pesquisa: Universidade Teoria e Prática.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Estela Dal Pai Franco

Porto Alegre

2014

#### CIP - Catalogação na Publicação

de Nez, Egeslaine

EM BUSCA DA CONSOLIDAÇÃO DA PESQUISA E DA PÓS-GRADUAÇÃO NUMA UNIVERSIDADE ESTADUAL: A CONSTRUÇÃO DE REDES DE PESQUISA / Egeslaine de Nez. -- 2014. 284 f.

Orientadora: Maria Estela Dal Pai Franco.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Universidade. 2. Pós-graduação. 3. Pesquisa. 4. Cenários Institucionais. I. Dal Pai Franco, Maria Estela, orient. II. Título.

Egeslaine de Nez

**EM BUSCA DA CONSOLIDAÇÃO DA PESQUISA E DA PÓS-GRADUAÇÃO  
NUMA UNIVERSIDADE ESTADUAL: A CONSTRUÇÃO DE REDES DE PESQUISA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como exigência para obtenção do título de Doutora em Educação.

Aprovada em mar. 2014.

---

Profa. Dra. Maria Estela Dal Pai Franco – Orientadora

---

Profa. Dra. Nadia Hage Fialho – Uneb

---

Prof. Dr. Antonio Bosco de Lima - UFU

---

Profa. Dra. Glades Tereza Felix – UFSM

---

Prof. Dra. Maria Elly Herz Genro - UFRGS

Carinhosamente, dedico esta tese, fruto de muito esforço, para...

Jaime e Loiva, meus queridos pais, pela grandiosa tarefa, desde pequenina e até hoje, de me incentivar a trabalhar e a estudar.

Guilherme, filho amado, a quem mesmo longe estive sempre presente e que trouxe para as nossas vidas alguém ainda mais especial “Noah”. Vocês junto com a Thati são os motivos para que eu acredite num mundo melhor a cada dia.

Sidimar, meu “amante” companheiro e dedicado “motorista”, pelo amor e carinho com que me trata sempre, pelas tarefas divididas ao longo dos quatro anos, pelas risadas, pelo bom humor e pela alegria de viver.

Evandro, Claudia e Manuella, família amorosa, que direta ou indiretamente contribuíram na execução das tarefas dessa tese e sempre me incentivaram a buscar novos desafios.

Celina Cervi Kremer, minha querida professora alfabetizadora, pois me ensinou a ler as primeiras palavras e “pegando na minha mão” me ensinou a desenhar as letras.

Amigos e familiares do Paraná, de Santa Catarina, de Mato Grosso e de outros tantos lugares, que souberam esperar o momento de uma visita a tanto tempo solicitada e não cumprida.

Professores e funcionários da Unemat, *Campus* de Colider, meus colegas de trabalho, que demonstraram a cada dia um profundo e sincero apoio em tudo o que foi possível.

Enfim, a todos que fazem jus à luz do sol e que, sobretudo, fazem com que eu continue acreditando que a caminhada diária de muitos passos e inúmeras palavras no “Nortão” de Mato Grosso vale a pena...

Meus agradecimentos são para muitas pessoas, mas algumas são merecedoras de destaques especiais...

À Professora Dra. Maria Estela Dal Pai Franco, pela orientação, pelo apoio e pelos esclarecimentos valiosos, possibilitando o compartilhar de seu saber e de sua experiência em inúmeros encontros ao longo desses quatro anos, em meio a momentos “turbulentos” e “emocionados”.

Ao Professor Dr. Antonio Bosco de Lima, pela atenção e disponibilidade para fazer parte deste momento, que em muito contribui para meu crescimento profissional e acadêmico.

Às Professoras Dras. Nadia Hage Fialho, Maria Elly Herz Genro e Glades Tereza Felix, pela preciosa participação nesse momento avaliativo.

Aos Professores Drs. Cláudio Roberto Baptista e Aumeri Carlos Bampi, coordenadores do Doutorado Interinstitucional em Educação, pela disposição e compromisso de suas articulações e, em especial, pela atenção recebida.

À Professora Dra. Jandyra Maria Guimarães Fachel representando a equipe do Núcleo de Assessoria Estatística, do Instituto de Matemática da UFRGS, pelo acompanhamento e auxílio nas análises estatísticas.

Aos Professores do Programa de Pós-graduação em Educação, da UFRGS, pelo apoio recebido ao longo das disciplinas e atividades desenvolvidas.

Aos pesquisadores do Grupo de Estudos sobre Universidade, da UFRGS e da Unemat, interlocutores que ajudaram a superar a angústia da escrita e também contribuíram para ampliar minha análise dos limites inerentes ao fato de ocupar uma posição no espaço territorial analisado.

Aos colegas do Doutorado em Educação, com os quais partilhei momentos de ansiedade e preocupação, mas também de alegria e empolgação.

Aos alunos da Unemat – *Campus* Universitário Vale do Teles Pires pela compreensão e apoio neste momento tão difícil e importante de minha vida profissional e acadêmica. Entre todos, agradecimentos especiais para Anderson Rafael Dacroce e Roberson Silva de Oliveira, pela incrível possibilidade de poder contar com vocês em momentos que era necessário realizar tarefas “quase impossíveis” de serem cumpridas.

Aos participantes da minha pesquisa (líderes de grupos, coordenadores de programas e pró-reitores de pesquisa e pós-graduação) que se dispuseram a responder as entrevistas e as pessoas que encontrei no “meio do caminho” e que forneceram documentos e informações significativas para avançar no processo.

Aos familiares, colegas e amigos, pela compreensão e estímulo diário nessa árdua caminhada.

Enfim...

Agradeço sinceramente a todos os envolvidos com a minha investigação, principalmente, aos que leram partes das versões desta tese, e que espero que encontrem aqui os traços fiéis de suas contribuições, sugestões e críticas. Essas leituras preliminares contribuíram muito, a meus olhos, para a busca da excelência acadêmica deste estudo.

Essa tese, que aqui está nesse momento, é o “melhor que posso oferecer!”

Atacar os mitos não é coisa fácil. O caminho do esforço lúcido e árido é ressequido. Aquele que não pertence a nenhum clã, e ousa abordar sem preconceitos problemas que põem em jogo tradições muito antigas, e importantes interesses corporativos, tem a certeza de chocar contra uma verdadeira ‘cabala de devotos’ armados com sofismas engenhosos. Esperemos, apesar de tudo, que haja alguns leitores que não tenham medo das verdades, mesmo desagradáveis, e que reconheçam o rigor da nossa análise e o realismo das nossas recomendações.

(KOURGANOFF, 1989, p. 14 – grifos do autor)



## RESUMO

No emaranhado da sociedade em rede, do conhecimento e hipermoderna encontra-se a universidade brasileira, enraizada nas relações com o contexto sócio-econômico que são atravessadas por tensões e paradoxos. Considera-se que as Instituições de Educação Superior são dinâmicas e se transformam com as mudanças que ocorrem na sociedade, na cultura, na política e na economia. Há uma premissa em evidência de que é o *locus* privilegiado para o acesso à cultura e a ciência, e tem sua existência garantida para criar e divulgar o conhecimento. Nos últimos anos, inúmeros foram os espaços que travaram discussões que se debruçaram a analisar a função da universidade na contemporaneidade. Empreende-se nessa tese uma leitura substantiva da realidade sobre a pesquisa e suas condições de realização nos espaços acadêmicos. Neste sentido, a presente investigação se insere na especificidade da Educação Superior, com destaque para as políticas institucionais, enfoca a pesquisa e a Pós-graduação numa universidade estadual multicampi, e tem sua gênese na projeção de cenários. Objetiva identificar e analisar as políticas e as práticas de pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), com vistas a desenhar cenários para fortalecer a pesquisa, no seu espaço que é a Pós-graduação. A tese compõe-se de etapas sucessivas e articuladas no âmbito de um estudo multimetodológico. Esse processo contínuo de análise parte da pesquisa bibliográfica e estende-se na pesquisa documental, além da pesquisa de campo com entrevistas semiestruturadas realizadas com três categorias de participantes (líderes de grupos, coordenadores de programas de Pós-graduação e ex-pró-reitores de pesquisa e Pós-graduação). Os procedimentos analíticos são a análise de conteúdo, a rede de significações e a abordagem quali/quantitativa, constituindo um estudo de caso. O estudo tem cunho descritivo-exploratório, mas é perpassado por um esforço de construção teórico categorial de onde emerge a rede de significações do objeto. Entre as categorias destacam-se: pesquisa, Pós-graduação, adensamento e densidade da produção docente, concepção e financiamento da pesquisa, hipermodernidade, sociedade em rede e do conhecimento, paradoxo indivíduo/grupo/rede. Nessa direção, a tese está organizada em quatro partes representativas do percurso percorrido: no primeiro são realizadas discussões metodológicas, traça-se um mapa da pesquisa e elenca-se sua delimitação e justificativa. Em seguida, contextualiza-se a rede conceitual, abordam-se as tessituras da hipermodernidade (Lipovetsky), da sociedade em rede (Castells) e do conhecimento (Didriksson). A terceira dedica-se a explorar o cenário constituído, o qual enfatiza a história das universidades e da Unemat enquanto instituição pública no Estado de Mato Grosso. Na quarta parte, do cenário constituinte se identifica os elementos constitutivos das redes de significações individual, institucional e dos laços para a integração com seus respectivos cenários que são o foco dessa investigação. Deste modo, as redes são compostas da “tradição” de fazer pesquisa e de elementos econômicos (financiamento dos projetos), políticos (organização e estruturação dos atos regulatórios), além de ideológicos (concepção de pesquisa e características dos pesquisadores). Finalmente, em termos conclusivos, sinalizam-se os nexos que fundamentam a propositura da tese indicando que a universidade, por meio da Pós-graduação é fonte geradora de conhecimento, na medida em que adensa e densifica suas políticas e ações de produção da pesquisa por meio dos grupos, dos projetos e das redes. Esse contexto propicia e delimita papéis (da universidade e do pesquisador) e significados advindos do *habitus* e da ambiência institucional que permeiam o desenho dos cenários propositivos para a integração das pesquisas.

**Palavras-chave:** Universidade. Pós-graduação. Pesquisa. Cenários Institucionais.

## ABSTRACT

In the tangle of the network society, knowledge and hypermodern is a Brazilian university, rooted in relations with the socio-economic context that are traversed by tensions and paradoxes. It is considered that higher education institutions are dynamic and transform with the changes taking place in society, culture, politics and economics. There is an assumption on evidence that is the privileged locus for access to culture and science, and has its guaranteed to create and disseminate knowledge existence. In recent years, numerous were the spaces where discussions have focused to analyze the role of the university in contemporary society were fought. Is undertaken in this thesis a substantive reading of reality about the research and its conditions of achievement in academic areas. In this sense, this investigation falls within the specificity of Higher Education, with emphasis on institutional policies, focuses on the research and Postgraduate multicampi a state university, and has its genesis in the projection scenarios. Aims to identify and analyze the policies and practices of research at the State University of Mato Grosso (Unemat), with a view to designing scenarios to strengthen research in its space that is Postgraduate. The thesis consists of successive and articulated within a study multimethodological steps. This continuous process of analysis of the literature and extends the documentary research , in addition to field research with semi-structured interviews with three categories of participants (group leaders, coordinators Postgraduate programs and former pro- rectors research and Postgraduate Studies). Analytical procedures are content analysis, the network of meanings and qualitative/quantitative approach, constituting a case study. The study is descriptive and exploratory in nature but is permeated by an effort of categorical theoretical construct which emerges from the network of meanings of the object. The categories are: research, Postgraduate, density and density of teacher production, design and research funding, hypermodernity network society and knowledge paradox individual/group/network. In this sense, the thesis is organized into four parts representing the traveled path: the first methodological discussions are held, we draw a map of the research and lists is their definition and justification. Then contextualizes the conceptual network address is the tessitura of hyper (Lipovetsky), the network society (Castells) and knowledge (Didriksson). The third is devoted to explore the scenario of which highlights the history of universities and Unemat as a public institution in the State of Mato Grosso. In the fourth parts, the constituent scenario identifies the constituent networks of individual, institutional and ties for integration with their respective scenarios that are the focus of this investigation meanings elements. Thus, the networks are composed of "tradition" of doing research and economic policy (organization and structuring of regulatory acts) elements (project financing), and ideological (research design and characteristics of the researchers). Finally, in conclusive terms, signal up the connections that underlie the initiation of the thesis stating that the university, through the Postgraduate is a source of knowledge, in that it thickens and densified their policies and actions for the production of research among the groups, projects and networks. This provides context and defined roles (the university and the researcher) and deriving meanings of habitus and institutional environment that permeate the design of purposeful for the integration of research scenarios.

**Keywords:** University. Postgraduate. Search. Institutional Scenarios.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Quadro 01</b> – Instrumentos de coleta de dados e amostragem.....	39
<b>Quadro 02</b> – Cursos de mestrado e doutorado por região geográfica.....	97
<b>Quadro 03</b> – Síntese analítica dos planos nacionais de Pós-graduação.....	98
<b>Quadro 04</b> – Histórico legislativo institucional.....	109
<b>Quadro 05</b> – Expansão dos <i>campi</i> universitários.....	113
<b>Quadro 06</b> – Síntese dos gestores da PRPPG.....	142
<b>Quadro 07</b> – Programas de Pós-graduação <i>Stricto Sensu</i> .....	150
<b>Quadro 08</b> – Síntese dos atos normativos da PRPPG relativos à pesquisa.....	152
<b>Quadro 09</b> – Distribuição geopolítica da produção da pesquisa.....	157
<b>Quadro 10</b> – Involução das bolsas institucionais de pesquisa (2004-2011).....	182
<b>Quadro 11</b> – Série histórica do crescimento dos grupos de pesquisa.....	217
<b>Quadro 12</b> – Série histórica da institucionalização dos grupos.....	220
<b>Quadro 13</b> – Distribuição da quantidade de grupos por <i>campus</i> universitário.....	224
<b>Quadro 14</b> – Distribuição dos grupos de pesquisa por área do conhecimento.....	226
<b>Quadro 15</b> – Mapeamento das redes com participação dos <i>campi</i> .....	230
<b>Tabela 01</b> – Projetos de pesquisa por <i>campi</i> universitário e áreas do conhecimento.....	148
<b>Tabela 02</b> – Distribuição da amostra por <i>campi</i> universitário.....	160
<b>Tabela 03</b> – Sobre a estrutura multicampi da instituição.....	161
<b>Tabela 04</b> – Distribuição dos grupos nas áreas do conhecimento.....	168
<b>Tabela 05</b> – Amostra total dos grupos de pesquisa por área do conhecimento.....	169
<b>Tabela 06</b> – Distribuição da titulação da amostra por região brasileira.....	171
<b>Tabela 07</b> – Primeiro contato com a pesquisa científica.....	173
<b>Tabela 08</b> – Concepção de pesquisa.....	174
<b>Tabela 09</b> – Análise fatorial: correlação das concepções de pesquisa.....	176
<b>Tabela 10</b> – Número de participação em projetos de pesquisa.....	188
<b>Tabela 11</b> – Análise fatorial: correlação do financiamento de pesquisa.....	191
<b>Tabela 12</b> – Análise de conteúdo: prática da pesquisa.....	194
<b>Tabela 13</b> – Análise de conteúdo: assimetrias correlacionadas à pesquisa.....	200
<b>Tabela 14</b> – Agenda de políticas.....	202
<b>Tabela 15</b> – Quantidade de vínculos em grupos de pesquisa.....	222
<b>Tabela 16</b> – Análise de conteúdo: grupos e redes de pesquisa.....	228

## LISTA DE FIGURAS

<b>Gráfico 01</b> – Série histórica da evolução dos projetos de pesquisa.....	147
<b>Gráfico 02</b> – Docentes por titulação.....	167
<b>Gráfico 03</b> – Correlação entre a quantidade de grupos existentes e respondentes.....	169
<b>Gráfico 04</b> – Distribuição do tipo de financiamento da pesquisa.....	191
<b>Gráfico 05</b> – Comparativo da produção docente: Área Ciências Ambientais.....	232
<b>Gráfico 06</b> – Comparativo da produção docente: Área Educação.....	232
<b>Figura 01</b> – Mapa da distribuição geográfica dos <i>campi</i> e núcleos pedagógicos.....	126
<b>Figura 02</b> – Cenário A: rede de significações do pesquisador.....	187
<b>Figura 03</b> – Cenário B: rede de significações institucional.....	216
<b>Figura 04</b> – Cenário C: rede de significações dos laços para a integração.....	242

## LISTA DE SIGLAS

**AC** – Análise de conteúdo  
**Anped** – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação  
**ARWU** - Academic Ranking of World Universities  
**Bionorte** - Biodiversidade e Biotecnologia da Amazônia Legal  
**BM** - Banco Mundial  
**BNDES** - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social  
**CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior  
**CEE/MT** – Conselho Estadual de Educação do Estado de Mato Grosso  
**CES** - Câmara de Educação Superior  
**Cepax** - Centro de Pesquisa Ambiental Araguaia-Xingu  
**CFE** - Conselho Federal de Educação  
**Cindec** – Centro de Investigação sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil  
**CMES** - Conferência Mundial da Educação Superior  
**CNE** – Conselho Nacional de Educação  
**CNPq** - Conselho Nacional de Pós-graduação  
**CNPq** – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
**Concur** - Conselho Curador  
**Conepe** – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão  
**Consuni** – Conselho Universitário  
**CP** – Coordenador de Pós-graduação  
**CPEDA** - Centro de Pesquisas, Estudos e Desenvolvimento Agro-Ambientais  
**CRES** - Conferência Regional de Educação Superior  
**DAU** - Departamento de Assuntos Universitários  
**DGPB** - Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil  
**Dinter** – Doutorado Interinstitucional  
**EEES** - Espaço Europeu de Ensino Superior  
**Embrapa** - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária  
**Enlaces** - Espaço de Encontro Latino-Americano e Caribenho de Educação Superior  
**Fapemat** – Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de Mato Grosso  
**FAPERGS** - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul  
**FAPESP** - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo  
**FAP** – Fundação de Apoio à Pesquisa  
**FCESC** - Fundação Centro de Ensino Superior de Cáceres  
**FCUC/Fucuc** - Fundação Centro Universitário de Cáceres  
**Fesmat** - Fundação de Ensino Superior de Mato Grosso  
**FIDPEX** – Fundo Institucional de Desenvolvimento da Pesquisa e da Extensão  
**Finep** - Financiadora de Estudos e Projetos  
**FMI** - Fundo Monetário Internacional  
**GATS** - General Agreement on Trade in Services  
**GEU** – Grupo de Estudos sobre Universidade  
**GPO** - Gestão de Pesquisa *On Line*  
**GTRU** - Grupo de Trabalho para a Reforma Universitária  
**IES** – Instituições de Educação Superior  
**IESC** - Instituto de Ensino Superior de Cáceres  
**IFES** - Instituições Federais de Ensino Superior  
**LDBEN** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional  
**LG** - Líder de grupo

**MARE** - Ministério da Administração e Reforma do Estado  
**MCT** – Ministério da Ciência e Tecnologia  
**MEC** – Ministério da Educação  
**Minter** – Mestrado Interinstitucional  
**MSH** – Matriz sócio-histórica  
**NAE** - Núcleo de Assessoria Estatística  
**OCDE** - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico  
**OMC** - Organização Mundial do Comércio  
**PBDCT** - Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
**PDI** – Plano de Desenvolvimento Institucional  
**PIBIC** - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica  
**PICDT** – Programa Institucional de Capacitação Docente e Técnica  
**PND** - Plano Nacional de Desenvolvimento  
**PNE** - Plano Nacional de Educação  
**PNPG** - Plano Nacional de Pós-graduação  
**PPGEdu** – Programa de Pós-graduação em Educação  
**PPP** - Parceria Público-Privada  
**PQI** – Programa de Qualificação Institucional  
**PR** – Pró-reitor  
**Prad** - Pró-reitoria de Administração  
**Pronex** - Programa de Apoio a Núcleos de Excelência  
**PRPPG** – Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação  
**Reamec** - Rede Amazônica de Educação em Ciência e Matemática  
**RedSig** – Rede de Significações  
**Secitec** – Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia  
**Seduc/MT** – Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso  
**SEMA/MT** - Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Mato Grosso  
**SPSS** - Statistical Package for the Social Sciences  
**SNPG** – Sistema Nacional de Pós-graduação  
**UAB** – Universidade Aberta do Brasil  
**UDF** – Universidade do Distrito Federal  
**UERN** - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte  
**UFMT** – Universidade Federal de Mato Grosso  
**UFRGS** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
**UFSCar** – Universidade Federal de São Carlos  
**Uneb** - Universidade do Estado da Bahia  
**Unemat** – Universidade do Estado de Mato Grosso  
**Unesco** - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura  
**Unesp** – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”  
**Unicamp** – Universidade Estadual de Campinas  
**USP** – Universidade de São Paulo  
**WTO** - World Trade Organization

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>07</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>08</b>
<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....</b>	<b>09</b>
<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>10</b>
<b>LISTA DE SIGLAS.....</b>	<b>11</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>1 TRAÇANDO UM MAPA DA PESQUISA.....</b>	<b>21</b>
1.1 Delimitando o objeto de estudo.....	21
1.2 Sobre o trajeto percorrido e a justificativa.....	27
1.3 Malha metodológica: dos fios às teias analíticas.....	30
1.3.1 A rede de significações.....	41
1.3.2 <i>Síntese metodológica</i> : arremate das pontas.....	46
<b>2 CONSTRUINDO A REDE CONCEITUAL.....</b>	<b>50</b>
2.1 A tessitura dos tempos hipermodernos.....	52
2.2 A tessitura da sociedade em rede.....	59
2.3 A tessitura da sociedade do conhecimento.....	65
2.4 <i>Síntese conceitual</i> : espaço dos nexos.....	75
<b>3 O CENÁRIO CONSTITUÍDO.....</b>	<b>80</b>
3.1 À luz da história: os modelos de universidade.....	82
3.2 Pós-graduação: <i>lócus</i> da pesquisa.....	93
3.3 A Unemat e sua trajetória sócio-política.....	105
3.3.1 Os <i>campi</i> e a questão da territorialidade.....	122
3.3.2 Pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação: indução e promoção da pesquisa.....	139
3.3.3 <i>Síntese territorial</i> : a geopolítica do conhecimento.....	154

<b>4 O CENÁRIO CONSTITUINTE.....</b>	<b>165</b>
4.1 O perfil de quem pesquisa.....	166
4.2 O “pensar” sobre a pesquisa: concepções e experiências.....	173
4.2.1 Cenário A – Rede de significações do pesquisador.....	180
4.3 O “olhar” sobre a instituição: o operacional e a ambiência.....	187
4.3.1 Cenário B – Rede de significações institucional.....	205
4.4 O “agir” sobre a pesquisa: grupos e redes.....	217
4.4.1 Cenário C – Rede de significações dos laços para a integração.....	234
4.5 <i>Síntese enriquecida</i> : consolidação da pesquisa e da Pós-graduação.....	243
 <b>CONCLUSÃO: O CENÁRIO DE NEXOS E PROPOSIÇÕES.....</b>	 <b>247</b>
 <b>REFERÊNCIAS.....</b>	 <b>254</b>
 <b>ANEXOS.....</b>	 <b>273</b>
Anexo I – Estrutura organizacional (organograma) da Unemat.....	274
 <b>APÊNDICES.....</b>	 <b>276</b>
Apêndice I – Quadro síntese da tese.....	277
Apêndice II - Entrevista semiestruturada Tipo I.....	280
Apêndice III - Entrevista semiestruturada Tipo II.....	282



## INTRODUÇÃO

A pesquisa como investigação de algo, nos lança na interrogação, pede reflexão, crítica, enfrentamento com o instituído, *descoberta, invenção e criação*. É um trabalho do pensamento e da linguagem para pensar e dizer o que ainda não foi pensado nem dito, uma visão compreensiva de totalidades, ação civilizatória contra a barbárie social e política, onde a reflexão, a crítica, o exame de conhecimentos instituídos, possibilita *sua mudança e sua superação*.

(CHAUÍ, 2001, p. 222 – grifos meus).

Essa pesquisa é uma atividade voltada para a problematização de uma questão; uma atividade de busca e indagação. Permitiu elaborar um conjunto de conhecimentos que auxiliou na compreensão da realidade e orienta ações. Foi também entendida como um procedimento formal, com método crítico, que requereu um tratamento científico e se constituiu no desvelamento do contexto universitário do Estado de Mato Grosso. Acima de tudo, foi considerada como uma investigação que solicitou análise e enfrentamento com o instituído. Uma descoberta, uma invenção, uma criação, enfim... é uma tese!

O presente estudo se insere na área do conhecimento da Educação e na especificidade da Educação Superior, com destaque para a gestão e as políticas institucionais, enfoca a consolidação da pesquisa e da Pós-graduação numa universidade estadual, e tem sua gênese e construção vinculada à reflexão de cenários propositivos.

A construção do objeto revelou enlaces dos fios da teia de significados produzida por múltiplas composições advindas da realidade. Por isso, a decisão de investigar esta temática não foi apenas uma opção teórica, ao contrário, foi produto das inquietações provocadas pelas dificuldades de se fazer pesquisa na Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat).

Na trilha dos dilemas e desafios que se impõem para a universidade na sociedade do conhecimento e em rede, na obsolescência do trabalho dos pesquisadores na hipermodernidade, esboçou-se a problemática desta investigação que foi expressa na questão norteadora: em que extensão e significado as políticas e ações com relação à pesquisa na Pós-graduação se configuram como adensadas e densas numa instituição pública de Mato Grosso.

A tese proposta compreende que a universidade, por meio da Pós-graduação é fonte geradora de conhecimento, na medida em que adensa e densifica<sup>1</sup> suas políticas e ações de produção da pesquisa por meio dos grupos, dos projetos e das redes. Assim, sua consolidação,

---

<sup>1</sup> A densidade reflete as características do que é denso, é a relação física entre uma massa de um corpo e seu volume, sendo então uma distribuição de uma quantidade num espaço. O adensamento é compreendido como o ato ou efeito de tornar-se denso, compacto, espesso, aumentando em número, enfim, avolumando-se (HOUAISS e VILLAR, 2009).

pode acontecer por meio de três cenários: individual, institucional e da integração das atividades de pesquisa. Essas projeções agregariam valor científico e disposição acadêmica.

A metáfora da rede foi utilizada em vários momentos ao longo desta tese, também como uma analogia à Rede de Significações (RedSig) que indica a perspectiva teórico-metodológica e a sintonia que se estabelece com as características da sociedade do conhecimento organizada em rede. A representação metafórica sugere uma imagem mental para ilustrar o problema e seu contexto.

Dessa forma, o objetivo dessa investigação foi identificar e analisar as políticas e as práticas de pesquisa da Unemat, a qual busca desenhar cenários propositivos para a consolidação da pesquisa e da Pós-graduação. Para o desenvolvimento deste estudo sobre a universidade enquanto espaço de produção de conhecimento, o trabalho acadêmico aqui apresentado se constitui de quatro capítulos, além da introdução e as considerações finais que salientam os nexos e as proposições.

No **primeiro momento**, a escolha foi traçar o mapa da pesquisa para situá-la. Realizou-se, assim, a problematização e delimitação inicial do objeto de estudo, indicando o trajeto percorrido sobre a escolha da temática, bem como a justificativa e os objetivos da investigação. Especificamente nesse primeiro capítulo, foi sinalizado o percurso metodológico realizado. Destacou-se a concepção de pesquisa e os procedimentos relacionados à coleta e a análise dos dados que deram sustentação metodológica a essa investigação. Caracterizou-se, uma apresentação dos encaminhamentos metodológicos, à luz das categorias, tecendo a malha que identificou os fios que compuseram a teia analítica, entre eles: a RedSig, a análise de conteúdo (AC) e a abordagem quali/quantitativa. Apresentou-se ao final, uma síntese que abarcou o sentido orientador desta investigação.

No **segundo momento**, foram trazidos à cena, para compor a rede conceitual, diferentes olhares que configuram uma visão abrangente, não homogeneizadora, proveniente de autores com posicionamentos diferenciados, de matizes que até podem se contrapor em algumas abordagens. Num vasto campo teórico, foi feito um recorte de contribuições que configuram as tessituras desta tese, busca-se um refinamento que cumpre a função de fundamentação teórica. A intenção de uma abordagem híbrida fundou-se na trajetória empreendida a partir dos estudos de intelectuais que apontaram práticas que desafiaram antigas formulações. A ausência do reconhecimento de suas contribuições levaria de certo modo a uma perspectiva parcial da realidade do ponto de vista de sua interpretação.

Na tese, este é o capítulo da configuração teórica com aprofundamentos a respeito da hipermodernidade, por meio de leituras de Lipovetsky, assim como da sociedade em rede de

Castells e a abordagem crítica da sociedade do conhecimento na América Latina de Didriksson. Acredita-se que essas são as condições sócio-políticas e econômicas da produção da pesquisa nas universidades brasileiras e consecutivamente na Unemat.

A apresentação desses conceitos pretendeu circunscrever os limites deste trabalho acadêmico e indicar o campo em que se moveram as inquietações produzidas a partir da reflexão da consolidação da pesquisa na Unemat e o ensejo das redes. São apresentados neste capítulo, os três eixos que embasam teoricamente a escritura da tese, delineando o campo teórico. Coube reconhecer nas tessituras da sociedade hipermoderna, em rede e do conhecimento, as metamorfoses dos elementos que compõem o contexto do estudo de caso, e que caminha para uma síntese conceitual, espaço dos nexos, funcionando como um resumo do aporte teórico da tese.

No **momento subsequente**, apresentou-se o cenário constituído para essa tese. Para isso, organizou-se o panorama histórico da universidade, que tem como linha ordenadora: o mundo, o Brasil e a Unemat, em que enfatiza objetivamente os modelos universitários. Por mais que se fez necessário um inventário crítico do que se escreveu sobre a pesquisa e a Pós-graduação na universidade, há que se destacar que nos limites de qualquer investigação encontra-se o reconhecimento de que subsistem aspectos a elucidar. Neste capítulo, numa relação entre o estabelecido e o vir a ser assentou-se as raízes da Pós-graduação como *locus* específico da produção do conhecimento. A justificativa para essa reflexão se fundamenta na evidência de que Pós-graduação e pesquisa são termos relativos ao mesmo campo de trabalho, remete a sentidos, contextos e histórias heterogêneas, que convém esclarecer para situar o modelo que organiza as instituições brasileiras na atualidade.

Posteriormente, a essa parte que trata da função e dos objetivos da Pós-graduação, há uma parte do capítulo sobre a Unemat e sua trajetória sócio-política, inicia-se a investigação empírica da tese. Apresentou-se uma discussão sobre os *campi* e a territorialidade, e por fim, destacou-se a Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (PRPPG) como indutora e promotora da pesquisa na instituição.

Todo esse movimento do global para o local foi necessário enquanto complementaridade, para conseguir se compreender a universidade, a pesquisa e a Pós-graduação, vislumbrando cenários propensos ao desenvolvimento de redes de pesquisa nessa instituição. Tem-se evidente que uma pesquisa de cunho histórico aplicada à educação, como é o caso dessa parte da tese, especificamente na constituição historiográfica da Unemat, só faz sentido quando capta o significado da totalidade de fenômenos que compõem a realidade estadual. Isso foi incitado porque os fatos e os documentos não falaram por si só, expressaram

informações quando a pesquisadora os abordou e os interpretou, procurando compreender o pensamento que estava por detrás deles. Foi esse exercício teórico-analítico que identificou os fios que compuseram a trama em cena.

Assim, alguns temas como: poder conceito trabalhado a partir de Bourdieu; multicampi, trazido dos estudos de Fialho; territorialidade de Santos encontram-se imbricados nesse estudo. Há elementos presentes nesses autores (clássicos e contemporâneos) que abriram perspectivas para uma leitura inovadora e para a visualização dos arremates dos cenários para a consolidação da pesquisa e da Pós-graduação nessa instituição.

A leitura de Bourdieu trouxe para a tese as categorias de *habitus* e de campo. A primeira, explicou o processo de que a maior parte das práticas não são regidas apenas por ações, mas por uma estrutura incorporada, na qual as condições determinam o agir. E a segunda, aprofundou a compreensão das relações de poder que se efetuam no interior das universidades. A explicitação dessa opção teórica evidenciou-se a partir dos elementos ideológicos que permeiam a universidade, que tem a prática da pesquisa como suporte primordial de sua existência. Há evidências de que existem parâmetros diferenciados, além de informações significativas sobre seu financiamento, como um espaço de tensões.

Quanto à questão da territorialidade, os encaminhamentos de Santos agregaram à tese uma discussão teórica fundamentando o global e o local, se solidarizando às transformações intensas e velozes que o mundo vem sofrendo. O território a cada momento se organiza de maneira diversa, muitas reelaborações do espaço acontecem, atendendo aos reclamos da sociedade do conhecimento, em rede e hipermoderna. Assim, as condições que se agrupam dando a configuração espacial de um lugar passaram por um estudo aprofundado que enfatizam as interlocuções da regionalidade. O destrinchar das relações entre estes elementos, permitiu que se vislumbresse, no tempo e no espaço, a compreensão da estrutura organizacional multicampi da Unemat a partir de Fialho.

No exercício de lançar uma análise crítica sobre a PRPPG, foi necessário e impositivo dialogar com as contribuições de Weber sobre a burocracia, visto que as ações dessa proreitoria correspondem aos aspectos formais da gestão, que sob a aparência técnica mascaram o conteúdo político das relações de poder desse espaço acadêmico. Assim, concordou-se que seus estudos foram importantes para compreender a organização universitária. Foi buscado, então apontamentos sobre o conceito de burocracia enquanto poder e modo de operação. Todavia, ressalta-se que essa tese não possui aprofundamento teórico para ser considerado um trabalho “weberiano”. Essa escolha foi posta em situação de diálogo com outros pensadores-

chave dessa pesquisa na busca de explicações que esses não contemplavam, numa característica de complementaridade.

É presente para a autora dessa tese a diversidade de filiação dos autores escolhidos, bem como os riscos que pode representar um ecletismo ou até mesmo o sincretismo que a opção deles evidencia. No entanto, o histórico da Unemat e da PRPPG é multidimensional e complexo e apenas uma abordagem teórica não abarcaria contemplar essa diversidade. Cabe lembrar que de alguma forma tanto o objeto de pesquisa quanto as mudanças derivaram da prática política da instituição e dos partícipes da regionalidade mato-grossense. E por essa razão, compreendeu-se que a inovação na interpretação com múltiplos olhares teórico-metodológicos desse contexto e do campo institucional, admite um processo influenciado pela ação dos sujeitos, atores ou agentes dessa história.

Ao final desse capítulo, apresentou-se uma síntese territorial que procurou demonstrar o sentido da geopolítica da produção de pesquisa na Unemat e seus territórios que enfatizam a regionalização. Optou-se por fechar as arestas históricas e teóricas para os encaminhamentos analíticos a serem revelados, ressaltando a estrutura multicampi e os nós das relações de poder que emanam dos espaços circunscritos ao ato de reger na instituição (PRPPG) e que permearam a discussão da produção da pesquisa nos *campi*.

No **quarto momento**, a rede de significações dessa tese foi desvelada no contexto mato-grossense, compreendendo a Unemat, os entrelaçamentos da especificidade da pesquisa e da Pós-graduação. Esse movimento foi realizado no exercício analítico dos dados alavancados da realidade institucional e nas proposições dos cenários ao final de cada um dos elementos analíticos que estão dispostos nesse capítulo.

Essas considerações futuristas foram realizadas depois de ser definido o perfil dos pesquisadores e da caracterização dos líderes de grupos entrevistados na Unemat. Além disso, apresentaram-se as concepções e experiências (rede de significações do pesquisador) e sua interlocução com o operacional e a ambiência da pesquisa (rede de significações institucional). Por fim, agregou-se uma discussão sobre os grupos e as redes de pesquisa (rede de significações dos laços para a integração). Assim, foram privilegiadas as informações coletadas para inferir como se impõe o financiamento dos projetos na Unemat, bem como a garantia de espaço físico para sua execução. Essas são algumas das inúmeras reflexões que compuseram os fios da trama do ato de pesquisar nessa instituição, que tem como característica fundamental a estrutura multicampi e a regionalização.

Nesse capítulo, também foi passível de se identificar o adensamento e a densidade das atividades de pesquisa realizada pelos líderes de grupos e pelos docentes envolvidos com a

Pós-graduação. Podem-se verificar as ações e políticas da instituição com relação à pesquisa, entre outros subsídios que exploraram essas duas categorias de análise, que são evidências da originalidade dessa tese. Se houve embaraços, obstáculos e dificuldades para referendar as análises categoriais com vistas ao arcabouço conceitual, foi preciso, entretanto reconhecer caminhos interpretativos originais que reconhece a fragilidade de uma polarização. Essa foi a tônica da síntese enriquecida, que impulsionou laços para a constituição de redes de pesquisa, que possam ser promissoras no desenvolvimento da Unemat.

E por fim, no **quinto momento**, buscou-se desenhar os nexos e as proposições com relação à consolidação da Pós-graduação na Unemat, através do incentivo à pesquisa e das redes. O mergulho profundo e exaustivo das particularidades da instituição investigada gerou no seu caudal intencionalidades que foram expostas e articuladas nesse último momento. O retorno à questão problematizadora, que ocupa função finalística na busca de um olhar global/local nessa tese de doutoramento, foi o foco dessas considerações.

Neste desfecho, é necessário destacar a circularidade do conhecimento e o “inacabado”, abre-se a partir deste estudo possibilidades divergentes de reflexões que se torna escopo de novas interpretações acerca da realidade mato-grossense. Em sendo assim, apostou-se em realizar indicações conclusivas que poderiam alavancar ações que qualificariam a Unemat na busca da excelência em pesquisas e na consolidação da Pós-graduação.

## 1 TRAÇANDO UM MAPA DA PESQUISA

No contexto da construção dessa tese de doutoramento, o investigar foi compreendido como a busca de formulação de conceitos, teorias ou modelos com base num conjunto de hipóteses que surgiram tanto no decurso, quanto no final do processo de investigação. O foco deste estudo definiu-se progressivamente, desenharam-se os contornos da questão por meio de uma clarificação produzida à medida que o procedimento foi realizado. A concepção de pesquisa escolhida foi desvelada ao longo do processo e conceituada como indagação ou procura minuciosa para a averiguação da realidade. Foi, então, minudente e sistemática, com a finalidade de descobrir e estabelecer fatos ou princípios relativos ao campo da Educação Superior, no espaço da universidade pública do Estado de Mato Grosso.

Esse capítulo apresenta um mapa da pesquisa e foi dividido em três partes para melhor compreensão desse esquema mental empregado para a propositura da tese. Na primeira esclareceu-se a delimitação do objeto de estudo; na segunda informou-se o trajeto percorrido para a escolha do tema e sua justificativa. E, na terceira, a malha metodológica que apresenta os procedimentos analíticos, destaca-se, em especial, a rede de significações. Por fim, apresenta-se uma síntese metodológica que reforça os fundamentos da investigação realizada.

### 1.1 Delimitando o objeto de estudo

Essa tese que ora se apresenta teve como desafio analisar uma Instituição de Educação Superior (IES) comprometida com a produção da pesquisa e com a sociedade, inserida nas rápidas transformações da contemporaneidade, considerando que esse olhar projetivo vislumbra elos para os modelos futuros.

É imprescindível, inicialmente, ressaltar que está inserida no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que tem uma de suas linhas de estudos intitulada: “Universidade: Teoria e Prática”. O objeto de estudo da linha são as funções da universidade na perspectiva sócio-histórico-política e suas dimensões e inter-relações macro e micro-institucionais, que caracterizam e sustentam seus processos de formação educativa e decisão pedagógica.

Nessa linha está um dos mais antigos grupos de estudos desta instituição que é uma rede consolidada de pesquisa, trata-se do Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU)<sup>2</sup> que

---

<sup>2</sup> O GEU foi criado em 1988, em 1995, desdobrou-se no GEU/Sociologia e GEU/Edu/Ipesq. Posteriormente, foram também implementados dois grupos em IES no interior do Rio Grande do Sul: GEU/Universidade de Passo Fundo e GEU/Universidade Federal de Pelotas (FRANCO, LONGHI e RAMOS, 2009). No ano de 2012, foi instituído o GEU/Unemat, um grupo multicampi interinstitucional, alargando o espaço de atuação da rede, alcançando vãos em estados diferentes.

tem como objetivo a análise dos sistemas de Educação Superior e suas transformações, assim como suas políticas de ciência e tecnologia, na perspectiva do desenvolvimento institucional. Dentro do GEU, um dos subgrupos mais ativo é o GEU/Edu/Ipesq - “Universidade, pesquisa e inovação”, que traça o perfil dos grupos de pesquisa em relação à origem, identidade, continuidade, configuração e compreende o seu processo de institucionalização na articulação política e sua corporificação na universidade. Além disso, se preocupa em captar e compreender suas especificidades desdobradas na complexidade da universidade incluída a diversidade de natureza, desvelando articulações entre a institucionalização de grupos e as mediações para a pesquisa.

Essa tese tem seus propósitos amarrados ao GEU/Edu/Ipesq no levantamento da organização da pesquisa e da institucionalização dos grupos. Também procura articular-se aos objetivos na perspectiva de avaliação das ações e implementação de novas políticas e práticas para as atividades de pesquisa, que pode desencadear sua consolidação na IES.

Os pressupostos teóricos apresentados ao longo da revisão bibliográfica sinalizam que a universidade é a instituição dedicada a promoção e o espaço de socialização do conhecimento. Em função do atual momento vivenciado, são dinâmicas, com compromissos e contradições, e se projetam como centro aglutinador e multidisciplinar da produção da pesquisa, com um espaço marcado pela ambiência institucional. É ao mesmo tempo uma “agência de transmissão” e construção do conhecimento e um agente questionador desse saber, onde se pode instigar a curiosidade, a ousadia e a iniciativa. Considera-se, também, que a universidade está inserida numa dada realidade histórica, política e social, da qual é fruto e na qual atua e intervém.

Dessa forma, é a instituição de geração e difusão do conhecimento, e esses princípios inspiram as normas constitucionais que atribuem às funções de ensino, pesquisa e extensão. Franco (2009) caracteriza a universidade como uma instituição de conhecimento por excelência, marcada por um duplo papel na formação das gerações e na construção do conhecimento, é o *habitat* propício para desencadear a força estratégica da produção da pesquisa científica.

Legalmente, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº. 9.394/96, em seu artigo 52, as universidades são consideradas instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior. Suas características são:

I - produção intelectual institucionalizada mediante o estudo sistemático dos temas e problemas mais relevantes, tanto do ponto de vista científico e cultural, quanto regional e nacional;



II - um terço do corpo docente, pelo menos, com titulação acadêmica de mestrado ou doutorado;

III - um terço do corpo docente em regime de tempo integral (BRASIL, 1996, p. 19).

Na proposição dessa tese, se fez obrigatório num momento inicial retomar a história da universidade<sup>3</sup> e interrogar-se sobre seu papel e a natureza da sua função, antes mesmo de querer sugerir cenários prospectivos. Isso supôs refletir sobre suas características fundamentais e permanentes. Teixeira (1989) indica que “[...] não só cultiva o saber e o transmite como *pesquisa*, descobre e aumenta o conhecimento humano [...] A universidade faz-se o centro da *elaboração do próprio saber*, de busca desinteressada do conhecimento, da ciência e saber fundamental básico” (p. 168 – grifo meu).

A universidade contemporânea defronta-se com imensas responsabilidades sociais que não pode atender senão na sua atuação (ensino, pesquisa e extensão). Alves (1996) assinala:

Devemos lutar por uma concepção de universidade como instituição dedicada a promover o avanço do saber e do saber fazer; ela deve ser o espaço da invenção, da descoberta, da teoria, de novos processos; deve ser o *lugar da pesquisa*, buscando novos conhecimentos [...] deve ser o âmbito da *socialização do saber*, na medida em que divulga conhecimentos (p. 54 – grifo meu).

Nessa concepção de universidade, é necessária uma estreita relação entre os seus três eixos. Quanto ao papel do ensino, não deve se destinar apenas à formação da elite, mas à qualificação de profissionais engajados na transformação da sociedade. O ensino oferecido pelas universidades é uma das formas mais tradicionais de serviço prestado pelas IES, fortalecendo e desenvolvendo o país. Para Saviani (1984), o ensino se destina à formação de profissionais de nível superior e, se fundamenta basicamente na transmissão do saber; enquanto que a pesquisa se destina a produção desses novos conhecimentos.

Dias Sobrinho (2010) externaliza que a formação profissional, realizada através do ensino, é um dos mais importantes encargos da universidade, sendo tarefa “inarredável” da universidade. Seja porque a sociedade necessita de profissionais qualificados; ou porque as pessoas precisam ganhar a vida; ou porque é necessário formar cidadãos; ou por outros motivos eminentes. Isto porque “[...] o grande diferencial da universidade é a produção de conhecimentos, especialmente quando isso significa formação humana e desenvolvimento econômico-social” (p. 35).

A extensão, segundo eixo do tripé, deve ser compreendida como a inserção da universidade no contexto social por meio da prática. Botomé (1996) destaca que é uma ação:

---

<sup>3</sup> Maior detalhamento será oferecido no capítulo três, onde constam os modelos mundiais que imprimiram contornos nas instituições brasileiras.

[...] **que permeia o ensino e a pesquisa (filosofia de ação da Universidade), não uma outra função**, pois a complexidade da ciência e dos problemas que nos são postos chegou a tal ponto que, qualquer ato relativo à produção de conhecimento, necessariamente precisa localizar-se e inserir-se em situações sociais concretas (p. 02 – grifos do autor).

Assim, pela sua natureza, é uma forma de democratizar o saber produzido na pesquisa e acumulado ao longo dos anos. A Constituição Federal de 1988, no *caput* do artigo 207, também enfatiza e reconhece a extensão como uma atividade pertinente ao fazer acadêmico, indissociada do ensino e da pesquisa<sup>4</sup> (BRASIL, 2007). Segundo Dias Sobrinho (2010) nem mesmo a extensão pensada como um mecanismo que conecta mais diretamente a universidade à sociedade, foge às ambivalências. Em algumas situações privilegiam programas assistencialistas que não passam de um “arremedo” do sentido social da universidade. Também, não pode ser compreendida como um mero balcão de negócios visando à lucratividade, ou então, um possível “departamento de assistência social”.

A reflexão sobre o papel da extensão ganha importância diante da construção de um sistema universitário pautado pela dimensão “pública” da Educação Superior, sem deixar de considerar as particularidades da realidade específica de cada instituição. Calderón (2007) identifica nesta perspectiva que sem a extensão, enquanto função real da universidade, o ensino funciona precariamente, devido à quase ausência da inserção no contexto social. Caracteriza-se, então, a importância da extensão universitária como atividade do fazer acadêmico, relacionada ao ensino e à pesquisa<sup>5</sup>. Salientando um viés de responsabilidade social da universidade brasileira com a sociedade que, ao expandir-se, proporciona a socialização do conhecimento e o compromisso na construção de um mundo melhor.

A pesquisa, terceiro e não menos importante elemento deste tripé, pode ser conceituada como alma geratriz da universidade e um dos instrumentos mais específicos de sua atuação. Alves (1996) esclarece que: “[...] a investigação em todos os domínios da ciência e da cultura são os objetivos primeiros, os *postulados da Universidade no mundo contemporâneo*” (p. 55 – grifo meu).

Calderón (2007) complementa ainda que a pesquisa é um elemento inerente às atividades de ensino; articulando-se ao desenvolvimento de habilidades orientadas à procura do conhecimento. Assim, justifica-se pelos resultados que se tornam públicos e acessíveis, e

<sup>4</sup> Vale ressaltar que foi a Lei N ° 5.540, responsável pela reforma de 1968 incorporou várias características da concepção universitária norte-americana, entre elas a ideia moderna de extensão universitária.

<sup>5</sup> Esse é um dos cenários para a consolidação da pesquisa na Unemat que será detalhado no capítulo quatro. Uma proposição similar já acontece desde 2010, com chamadas públicas de projetos de extensão com interface na pesquisa, por uma das agências financiadoras de projetos no Estado de Mato Grosso, que é a Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de Mato Grosso (FAPEMAT, 2013).

pela recepção e retorno que a sociedade dá a essas reflexões. Nessa perspectiva, a função social da universidade não depende apenas de um *status* adquirido ao longo dos anos (*locus* de acesso ao conhecimento sistematizado), mas do livre-intercâmbio de informações, publicações e atividades que renovem e revitalizem sua atuação. O lugar da pesquisa tem sido, desta forma, redimensionado e refletido continuamente.

Considerando os dados coletados numa ampla consulta e análise da literatura que foram encaminhadores de um estado de conhecimento<sup>6</sup>, evidenciam-se algumas reflexões acerca da pesquisa, entre elas ser conceituada como cerne da universidade. Isso permitiu elaborar um conjunto de conhecimentos, que caracteriza a atividade da comunidade de pesquisadores e orienta suas ações.

Para Nunes (2012), quando se observa a atual situação das universidades, verifica-se que a pesquisa é característica “quase exclusiva” da Pós-graduação, especificamente das que possuem excelente qualidade no país. Levou-se em conta esse indicativo, assim como os paradoxos da sociedade do conhecimento e em rede, conceitos e teorias que orientam essa tese e que serão detalhados a *posteriori*, partiu-se para o estudo com a seguinte questão norteadora: em que extensão e significado as políticas e ações com relação à pesquisa na Pós-graduação se configuram como adensadas e densas numa instituição estadual?

Desse modo, consubstancia-se a problematização dessa tese no sentido de compreender que a universidade, por meio da Pós-graduação é fonte geradora de conhecimento, na medida em que adensa e densifica suas políticas e ações da pesquisa por meio dos grupos, dos projetos e das redes. Sua consolidação pode acontecer por meio dos cenários do *habitus* do pesquisador, da cultura institucional e da integração das pesquisas.

Para compreender substantivamente a propositura dessa tese<sup>7</sup>, é válido esclarecer o conceito das duas categorias envolvidas na questão norteadora: densidade e adensamento. Etimologicamente, densidade vem do latim *densitas*, substantivo que indica na Física, a razão da massa específica de um corpo pela massa específica de um material de referência. A densidade é a qualidade do que é denso que também vem do latim *densu*, e significa que tem muita massa em relação ao volume, num sentido figurado intenso.

Essa problemática se articula à complexidade que envolve a universidade na qualificação do quadro docente, nas instâncias decisórias e reguladoras, além das condições

---

<sup>6</sup> “São produções acadêmicas que sintetizam um dado número de estudos, selecionados sob critério(s) previamente estabelecido(s), sobre uma temática ou um recorte específico. A matéria-prima para tais estudos pode ser bancos de resumos, produções para uma conferência, revisões de uma temática em periódicos científicos, entre outros exemplos” (FRANCO, 2011, p. 152).

<sup>7</sup> Ver mais detalhes no quadro síntese da tese (Apêndice I).

da pesquisa. Quando está se referindo à Pós-graduação, alude-se essencialmente à produção da pesquisa no espaço acadêmico, consecutivamente, as condições objetivas de caráter institucional que se fazem igualmente necessárias para que possa consolidar-se. Isso significa refletir sobre o processo de institucionalização (característica processual) e como isso se torna um indicador do adensamento da produção do conhecimento e de sua produtividade na universidade. Caracteriza-se, pois, a consistência (característica de resultado) das atividades realizadas pelos pesquisadores na IES. Espera-se com esta investigação uma contribuição significativa, representando um avanço para a instituição escolhida, que é alvo de estudos de teses e dissertações nos últimos anos<sup>8</sup>.

Esta tese é a defesa de um posicionamento específico diante da problemática do credenciamento desta universidade. Sua obrigatoriedade é elencada no artigo 46, da LDBEN de 1996, que determina que todas as IES têm prazos limitados de credenciamento, autorização e reconhecimento de seus cursos, sendo renovados, após avaliação (BRASIL, 1996). No credenciamento que ocorreu em 2005, através da portaria nº. 064/05-CEE/MT (Conselho Estadual de Educação do Estado de Mato Grosso), os relatores indicaram as seguintes recomendações para melhoria da IES junto ao Ministério da Educação (MEC): oferta regular de programas de Pós-graduação com no mínimo três cursos de mestrado e um doutorado. Além da necessidade de 1/3 do corpo docente em regime de tempo integral ou dedicação exclusiva e metade com titulação de mestrado e doutorado (CONSELHO, 2011).

Em 2012, a Unemat teve seu credenciamento renovado novamente por seis anos na portaria nº. 002/2012-CEE/MT. Os relatores fizeram novos apontamentos para que os problemas sejam corrigidos, no sentido de contribuir com a qualidade da IES (MATO GROSSO, 2013c). Algumas das indicações foram atendidas, porém outras ainda persistem, entre elas a dificuldade em fortalecer a Pós-graduação. Nesse contexto, é que emerge a tese da consolidação da pesquisa nesta instituição, para que possa efetivar-se como Universidade, sem dificuldades legais e constituir-se num instrumento de produção do conhecimento valorizado no/pelo Estado e na/pela sociedade.

Nunes (2009) estudou o credenciamento universitário em seu observatório e destacou que o total de IES brasileiras com o selo de universidade é de cento e oitenta e três. Setenta e quatro instituições não contam com nenhum curso de doutorado, um desses casos era a Unemat que possui oito mestrados e recentemente foi autorizado o funcionamento do primeiro doutorado. A Unemat tem vários programas de mestrado interinstitucional (Minter) e

---

<sup>8</sup> Consultar informações complementares sobre esses estudos em Nez (2013).

doutorado interinstitucional (Dinter) que contribuem para a qualificação docente, mas não resolvem o problema da implementação da pesquisa e da articulação dos grupos.

Compreendendo a importância desse estudo para o desenvolvimento de ações adequadas às dificuldades existentes, a tese em questão teve como objetivo geral: identificar e analisar as políticas e as práticas de pesquisa da Unemat, busca-se desenhar cenários propositivos para fortalecer a consolidação da pesquisa, enquanto produtora de conhecimento, no seu espaço constituído que é a Pós-graduação.

Ao recuperar a questão de pesquisa dessa tese que foi em que extensão e significado as políticas e ações com relação à pesquisa se configuram como adensadas e densas numa instituição estadual, os desdobramentos do objetivo geral em específicos foram:

- Mapear o processo de institucionalização dos grupos e suas articulações, construindo um quadro sinóptico para a compreensão da produção da pesquisa;
- Realizar um levantamento das formas de financiamento da pesquisa na Unemat, revelando um paralelo demonstrativo do financiamento interno e externo;
- Configurar ações e silenciamentos da PRPPG, tendo em vista a construção de uma linha do tempo identificando as políticas de pesquisa na Unemat;
- Identificar o conceito de pesquisa veiculado na instituição, bem como compreender as ações existentes neste espaço universitário a partir das áreas do conhecimento;
- Compreender o contexto no qual afloram as práticas da pesquisa na Unemat, analisando-o na conjuntura das políticas que marcam a universidade brasileira;
- Enfatizar a Pós-graduação, como espaço de produção da pesquisa, buscando compreender seu movimento expansionista institucional, vislumbrando o planejamento a longo prazo com vistas a sua ampliação;
- Sinalizar cenários propositivos para a consolidação da pesquisa e da Pós-graduação na instituição, fortalecendo a construção de uma perspectiva para uma universidade contextualizada na sociedade do conhecimento crítico.

Esses objetivos nortearam essa tese, buscando a reflexão crítica acerca das práticas de pesquisa na Unemat, que alia a isso uma percepção da rede de significações da realidade educacional no Estado de Mato Grosso.

## 1.2 Sobre o trajeto percorrido e a justificativa

Parte-se da compreensão, de que a tese proposta destaca que a universidade é fonte geradora de conhecimento, na medida em que adensa e densifica as suas políticas e ações de

produção científica por meio das redes, é possível salientar que refletir sobre o modelo de organização e sobre a pesquisa na Unemat foram o eixo basilar neste estudo.

Com relação ao trajeto percorrido para a seleção do tema, enfatiza-se a necessidade de verificar as práticas da pesquisa na Pós-graduação e apresentar desenhos alternativos de cenários. Isso objetivou buscar um diálogo permanente com os envolvidos para se pensar o planejamento da pesquisa que leve a IES a excelência acadêmica. Assim, a relevância científica desta tese de doutoramento se colocou a partir da possibilidade de incremento de caminhos para as políticas da pesquisa na Unemat, tendo como finalidade buscar uma maior inserção nacional e quiçá internacional.

Também pode se destacar a relevância política que esteve orientada para a construção de mecanismos de análises da regularização, do financiamento e da publicização que visualizem o planejamento e a avaliação dos processos da produção do conhecimento. Isso significou enfatizar as análises dos objetivos e das normas que regulam a atividade de pesquisa, com vistas a torná-la mais efetiva. Desta forma, a proposição dessa tese foi justificada como um momento reflexivo, servindo como um apontamento avaliativo para a universidade. Chauí (2001) informa que essa avaliação é indispensável, pois, “[...] *orienta a política para suprir carências, resolver demandas, quebrar bolsões de privilégios e de inoperância*” (p. 124 – grifo meu).

Isto porque a universidade desse estudo é um espaço privilegiado para o pensamento sistematizado e para o debate, que tem como objetivo a elevação cultural e científica da comunidade mato-grossense. Logo, uma avaliação permanente e processual é vital para identificar as ações para o fortalecimento da dimensão pública da instituição, que se efetiva a partir de sua capacidade de representação social, cultural, científica e intelectual.

Os questionamentos dessa tese foram suscitados por uma pesquisadora comprometida com essa universidade e, isto se fez presente na importância de se discutir a gestão. Direcionou-se, assim, a atenção para um conjunto de questões pertinentes e merecedoras de reflexões atentas, por parte daqueles que se propõem a produzir conhecimento na Educação Superior. Enquanto instituição pública, a Unemat deve reconhecer que a avaliação de suas ações é uma necessidade para atingir a qualidade no ensino, na pesquisa e na extensão. Essa tese é um ensaio de momento avaliativo, na medida em que se propôs pensar cenários propositivos para o fortalecimento da pesquisa.

A temática escolhida correlacionada ao enfoque teórico abordado articulou uma percepção crítica da realidade. Santos e Azevedo (2009) acrescentam que são chamados de crítico “[...] os estudos que, ao analisar políticas implementadas, denunciam irregularidades,

inconsistências/inconsequências administrativas e incoerências teórico-práticas acerca de processos implementados, entre outras perspectivas analíticas nesse sentido” (p. 543).

Em termos de relevância política, desencadeou-se com as reflexões dessa tese a indicação de cenários institucionais superadores dos limites do isolamento dos pesquisadores e dos *campi* universitários. Esse intercâmbio criativo proporciona uma capacidade de otimização dos possíveis recursos financeiros destinados para a pesquisa e principalmente uma valorização tanto social quanto financeira dos que fazem pesquisa nesta IES.

Não se pode deixar de realçar que a problemática que envolve o financiamento na Unemat é um entrave para sua consolidação. Como será verificado nos currículos *lattes*<sup>9</sup> dos líderes de grupos de pesquisa, a pesquisa é financiada, sobretudo com recursos externos, o que traz consequências para o seu desenvolvimento. A instituição fica refém ideológica e financeiramente do recurso externo da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de Mato Grosso (Fapemat).

Toda essa justificativa para a escolha da temática desse estudo, corroborou com posturas que incidem em não conviver com a falta de incentivo institucional para a manutenção e valorização dos pesquisadores na universidade<sup>10</sup>. Somente através de ações organizadas de projetos, de grupos, de políticas e de práticas de pesquisa efetivadas em redes, poderão ser alcançados cenários alternativos para a Pós-graduação na Unemat. Enfim, a justificativa para este estudo fluiu da necessidade de aprofundamento, pois uma breve análise das práticas realizadas na Unemat indicou inconsistências em algumas ações de desenvolvimento e planejamento, isso talvez aconteça em função do momento de construção que está passando a instituição<sup>11</sup>.

A tese tem nítida predominância de cunho descritivo-exploratório, mas é perpassada por um esforço de construção teórico categorial de descobrir como se organiza a pesquisa na Unemat, dentre inúmeros elementos importantes para o desenvolvimento de ações que podem sustentar os grupos e as redes, na consolidação da pesquisa e da Pós-graduação. Sugeriram-se, desta forma, espaços de ressignificação e construção de cenários que facilitem sua evolução na busca pela excelência científica e a manutenção do *status* de universidade.

Sendo assim, o benefício que essa tese trouxe à comunidade acadêmica foi se transformar no fio condutor de discussões acerca dessa temática e de seus desdobramentos na

---

<sup>9</sup> Plataforma eletrônica do governo que comporta um sistema de informação e conhecimento para gestão da ciência e tecnologia, tornando público os grupos e os currículos dos pesquisadores (PLATAFORMA, 2013).

<sup>10</sup> Nos últimos anos houve perda significativa de docentes por motivos diversos, consultar justificativas em Nez (2011).

<sup>11</sup> Conforme será descrito no capítulo três, a Unemat é relativamente nova, sendo credenciada como universidade há apenas vinte anos.

Unemat. Buscou consecutivamente empreender a ideia de uma cultura de pesquisa, tendo em vista, as condições<sup>12</sup> de sua produção, o contexto histórico social da universidade brasileira e do Estado de Mato Grosso. Reiterou-se, finalmente, a significação fundamental de uma agenda de políticas decorrente do compromisso substantivo da pesquisa na universidade.

Por todos esses motivos, essa tese de doutoramento se justificou, pois, os pesquisadores deveriam se organizar em redes nacionais e internacionais, para explorar as facilidades e inserções que essas proporcionariam. Essa proposição teve fundamento nos dados coletados ao longo deste estudo, que refletiu sobre a formação e o *habitus* dos pesquisadores. Dessa forma, nas articulações (individuais ou coletivas) do quadro docente em busca das redes e da gestão da instituição (comprometida com a qualidade) mobilizada procurando alternativas para a melhor qualificação da pesquisa, vê-se um cenário adequado para a consolidação da pesquisa e, consecutivamente, da Pós-graduação na IES.

Vale destacar que a preocupação dessa tese, peregrinou no sentido de alavancar a Unemat para ser uma instituição de referência nacional na produção de conhecimentos, e assim, garantir seu *status* de universidade. Para isso, deve potencializar ao máximo seu quadro docente, na busca de uma instituição de qualidade e de excelência, sendo que o planejamento da gestão universitária é decisivo nesse processo. A partir dessas reflexões apresentadas sobre a pesquisa na Unemat, pretendeu-se que fosse apenas um ponto de partida, para se discutir os desafios, apontados pela contemporaneidade, à universidade no seu conjunto de relações, em sua rede de significações.

Para finalizar, de uma tese de doutorado exige-se uma contribuição ao tema pesquisado (pesquisa e Pós-graduação na Unemat), a qual deve representar um progresso para a área científica em que se situa (o Estado de Mato Grosso). Indiferente do caminho (tortuoso ou não) percorrido para a escolha da temática de investigação, a tese visou explicitar argumentos e trazer contribuições ao tema abordado (cenários propositivos para a consolidação da pesquisa na instituição).

Por isso, o mérito dessa investigação está na intencionalidade explícita de contribuir com um conhecimento consistente, capaz de produzir uma alternativa à lógica de que sempre haverá novidade e inovação nas instituições que procuram produzir o conhecimento, com o intuito de alavancar o desenvolvimento regional.

### 1.3 Malha metodológica: dos fios às teias analíticas

---

<sup>12</sup> Entende-se que essas condições são relativas à qualificação do quadro institucional, criação de cursos de Pós-graduação, organização do trabalho docente, disponibilidade de tempo, entre outros (FRANCO, 1997).



Toda tese tem como objetivo intrínseco a demonstração de um raciocínio lógico. Assume, assim, uma forma dissertativa, que busca comprovar, mediante argumentos, uma constatação, além de uma possível solução para um determinado problema. Essa parte do estudo tem como objetivo identificar o caminho metodológico que foi trilhado ao longo dessa investigação e evidenciar a malha que a compõe.

Isso porque a pesquisadora fez suas redes com palavras e enlaçou o que lhe interessava ajustando a malha. Essa adequação representou sua sabedoria para capturar as dimensões do objeto. A malha se constituiu de filtros para reter ou deixar passar dimensões do objeto, tendo como fundamento a rede de significações<sup>13</sup> produzida e o quadro teórico definido. Os contornos, definidos como rascunhos, bordas e rabiscos de linhas que determinaram os relevos; e as configurações, entendidas como representação da forma exterior da figura disposta (HOUAISS e VILLAR, 2009) orientaram este estudo e determinaram os rumos da investigação, além de explicitar a elegância do estilo utilizado.

Essa tese ora apresentada fundamentou-se na interlocução com a realidade educacional brasileira e no esclarecimento da temática sobre a pesquisa e seus grupos na Unemat, identifica-se cenários para sua consolidação. Para isso, foi necessário ancorar o debate a partir de uma concepção epistemológica, do ponto de vista do conhecimento, que acompanhou as discussões deste trabalho acadêmico.

Para Severino (2010), a ciência só se processa como resultado da articulação da teoria com a realidade, sendo assim superar o simples levantamento de fatos, na busca para articulá-los. A estratégia utilizada organizou-se a partir de uma rede de pressupostos que definiram a concepção de universidade que perpassou o problema. Esses princípios nortearam as bases da pesquisa, ao fazer com que o mundo pudesse ser interpretado a partir de elementos que buscassem uma leitura não ingênua, mas crítica das ações da pesquisa na Unemat.

Como fundamento desta tese, partiu-se de uma concepção de pesquisa que buscou a problematização do universo da investigação que provocou reflexões. Pretendeu-se, com isso, que as dificuldades aflorassem, e que os caminhos para sua superação fossem desvelados, encontrados na partilha das inquietações e angústias que perpassaram a instituição e que foram percebidas nas entrevistas realizadas. Vale destacar que essa problematização foi compreendida como sugere Freire (1987), problematizar uma situação só é possível na sua dimensão concreta, presente e histórica. Resgatar o passado foi um movimento analítico em relação dialógica com a situação presente; permitiu que se revelasse se poderia ter sido

---

<sup>13</sup> Essa perspectiva teórico-metodológica será detalhada em momento subsequente.

diferente do que foi, e se o presente é diferente do que poderia ter sido, deixando ao futuro o desejo de transformar. Nessa perspectiva, somente o diálogo favoreceu um pensar crítico sobre a Pós-graduação e os grupos de pesquisa da Unemat.

Quanto ao método utilizado, não há uma visão geral, porém, muitos concordam que existem variações. Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1999) discutem essa questão ao enfatizar que não há um modelo único para se construir conhecimentos confiáveis; e, sim, modelos adequados ou não ao que se pretende investigar. É válido destacar que o método utilizado fundamentou-se em uma rede de pressupostos, que definiram o ponto de vista que o pesquisador teve do mundo, como pensou e em que acreditou. Richardson (1999) enfatiza que esses pressupostos proporcionam as bases do trabalho científico, fazendo com que o mundo seja interpretado relacionado a uma determinada perspectiva que escolheu a partir de alguns elementos. Nessa tese, realizou-se uma pesquisa com perspectiva crítica, conforme poderá ser observado ao longo do estudo.

Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1999) esclarecem que essa abordagem crítica é essencialmente relacional, pois se investigou o que ocorre nos grupos e instituições relacionados à cultura e às estruturas sociais e políticas, em que procura entender de que forma as redes são produzidas, mediadas e transformadas. Partiu-se do pressuposto de que nenhum processo é isolado, acima dos conflitos da sociedade, no caso aqui, do espaço universitário. Estão sempre profundamente ligados, vinculados, às desigualdades culturais, econômicas e políticas que dominam a sociedade, portanto, a uma rede de significações.

Para as reflexões analíticas dessa tese, destacou-se que todo conhecimento estava comprometido com um ponto de vista determinado, não pela subjetividade da pesquisadora, mas pela totalidade na qual estava inserida e ocupa uma posição social e política. Para isso, foi preciso que o pensamento fosse além do observável, concretiza-se nas abstrações, que se apreendem e se constituem através do movimento.

Assim sendo, traçou-se um problema que foi situado e analisado criticamente. Foi comparado às abordagens teórico-metodológicas e avaliado à confiabilidade dos resultados, identificou-se pontos de consensos, controvérsias e lacunas que foram esclarecidas. Portanto, o conhecimento obtido nessa pesquisa foi um conhecimento situado, vinculado a critérios de escolha e interpretação de dados. A investigação científica, pois, foi um ato de construção, onde cada elemento envolvido não foi apenas mais uma informação, contribuiu sumariamente para o desenvolvimento das respostas adequadas ao problema suscitado.

Nesse estudo, o método representou um procedimento racional e ordenado, constituído por instrumentos que utilizaram a reflexão para alcançar os objetivos pré-estabelecidos no

planejamento da pesquisa. Para tanto, foi acompanhado de técnicas que auxiliaram na procura do resultado.

Com relação a esse exercício contínuo de pensar a metodologia coerente ao objeto de estudo, Gatti (2007) reconhece que o conhecimento se faz por meio de uma variedade de procedimentos e a criatividade do ato de inventar maneiras de realizar bons estudos. Os procedimentos metodológicos utilizados para a implementação desta pesquisa, no que diz respeito aos métodos e técnicas de coleta e análise de dados, foram ao encontro da concepção de pesquisa utilizada que buscou a problematização crítica da realidade educacional da Unemat, no que diz respeito à pesquisa e a Pós-graduação.

Esta investigação foi composta de etapas sucessivas e articuladas na qualidade de uma pesquisa multimetodológica, que captou arremates diferentes. Esse processo circular e contínuo de indagação e análise do objeto investigado foi em constante espiral. Desta forma, a pesquisa se configurou num cerco em torno do problema. Gatti (2007, p. 63) destaca que: “É necessário escolher instrumentos para acessar a questão, vislumbrar e escolher trilhas a seguir e modos de se comportar nessas trilhas, criar alternativas de ação para eventuais surpresas, criar armadilhas para capturar respostas significativas”. Para a execução desse cerco ao objeto foram realizadas várias etapas, uma delas foi a pesquisa bibliográfica. Severino (2010) ressalta que se constitui na base imprescindível de qualquer tipo de pesquisa, pois não existe investigação científica, sem antes haver um conhecimento das contribuições teóricas existentes em textos que abordaram o assunto estudado. Esse tipo de pesquisa foi realizado a partir de textos que se tornaram fonte do tema pesquisado. Bruyne, Herman e Schoutheete (1977) comentam que as teorias são redes que capturam e explicam o mundo.

Constituiu-se, então, o estado de conhecimento, sendo um estudo quantitativo/qualitativo, descritivo da trajetória e distribuição da produção científica sobre um determinado tema, que estabelece relações contextuais com um todo (MOROSINI, 2006b). Esse estado de conhecimento apresentado ao longo desta tese contemplou os estudos e trabalhos acadêmicos sobre as temáticas: universidade, pesquisa e Pós-graduação; e compõe diretamente a rede de significações, uma das perspectivas metodológicas, que apresenta as relações contextuais que podem ser capturadas da realidade contemporânea.

Outra fase basilar para o desenvolvimento dessa tese foi a pesquisa documental, que aconteceu concomitantemente à pesquisa de campo. Foram levantadas as resoluções e normativas do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Conepe) que regulamentam a pesquisa e a Pós-graduação na Unemat. Severino (2010) destaca que no caso desse tipo de pesquisa, tem-se como fonte documentos que não tiveram tratamento analítico.

Além disso, foram mapeados os grupos existentes na instituição a partir do Catálogo dos grupos de pesquisa (2010b). De posse da validação dos grupos realizadas nas entrevistas com os líderes e de informações levantadas juntamente a Assistente Administrativa responsável pela diretoria dos grupos na Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação foi desenvolvido um *software* intitulado “UNIREDES Unemat: grupos e redes de pesquisa”<sup>14</sup>. O *software* tem como objetivo atualizar os grupos que atuam na instituição hoje, bem como visualizar informações sobre a disposição deles nos *campi*, destacam seus líderes e as áreas do conhecimento. Partindo do catálogo também foi possível avançar significativamente agregando as redes de pesquisa que a Unemat participa atualmente.

Esse levantamento teve cunho exploratório para compreender o universo da investigação. Contudo, o *software* não apresenta elementos analíticos<sup>15</sup> sobre os dados encontrados, o qual serve apenas para descrição e compilação das informações, funcionando como atualização do antigo catálogo que possuía parte dessas informações em formato de livro. A justificativa da escolha de uma mídia interativa (CD-ROM) para essa versão é a facilidade de acesso e o interesse que a tecnologia desperta nos indivíduos.

Ainda com relação à pesquisa documental, foram analisados outros documentos importantes sobre a pesquisa na Unemat, entre eles: o histórico da instituição, os relatórios de gestão da PRPPG e o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). Essa “garimpagem” teve por objetivo ímpar a constituição do acervo histórico da Unemat e da PRPPG, onde as políticas e práticas da pesquisa foram evidenciadas, e buscou-se compreender o adensamento e a densidade dessas ações institucionais. A análise dos dados foi realizada a partir da AC proposta por Bardin (1977) isto porque a utilização desse procedimento reconhece o papel ativo do sujeito na produção do conhecimento e autentica a abordagem crítica escolhida para essa tese

Metodologicamente, pode-se dizer que seu ponto de partida é a mensagem, seja verbal (oral ou escrita). Nessa tese, foram os documentos da Unemat (mensagem escrita) e as entrevistas realizadas com os líderes de grupos de pesquisa (LGs)<sup>16</sup> (mensagem oral). A AC se assentou nos pressupostos de uma concepção crítica, Barbosa Franco (2008) esclarece que: “[...] o que está escrito, falado, mapeado, figurativamente desenhado, e/ou simbolicamente

---

<sup>14</sup> Para visualizar as informações do *software* indicado sugere-se o uso do CD-ROM que acompanha a tese.

<sup>15</sup> As reflexões analíticas dos dados levantados no *software* serão apresentadas no capítulo quatro.

<sup>16</sup> Os líderes de grupo serão identificados ao longo da tese pela sigla LG, acompanhada da numeração correspondente ao controle das entrevistas. Estão discriminados por LG01, LG02, LG03, e assim consecutivamente. Com esse cuidado ético, foram preservadas as identidades dos respondentes, garantindo o sigilo da pesquisa. Também se aponta que fora utilizado o termo de consentimento, já apresentado na defesa do projeto de tese, para esclarecimentos a respeito da identificação dos participantes.

explicitado sempre será o ponto de partida para a identificação do conteúdo, seja ele explícito e/ou latente” (p. 16). Numa mensagem há significado e sentido, que não podem ser considerados isolados, pois, “os dois modos pelos quais o sujeito se inscreve no texto correspondem a diferentes representações que tem de si mesmo como sujeito e do controle que tem dos processos [...]” (p. 19).

Com esses pressupostos, enfatiza-se que a AC é considerada um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Para Bardin (1977, p. 38) “A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção de mensagens, inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos, ou não)”.

Os passos realizados para a execução da AC nesse estudo foram: inicialmente descrever as situações, depois interpretar o sentido, tanto do histórico quanto das entrevistas que remetiam a elementos da historicidade da instituição. Buscou-se com isso atender ao objetivo que pressupôs elencar as ações e os silenciamentos da PRPPG nesse processo. O primeiro momento, a dimensão descritiva, visou dar conta do que foi percebido; e o segundo, a dimensão interpretativa, decorreu das interrogações da pesquisadora em face de seu objeto de estudo (pesquisa e Pós-graduação). Bardin (1977) considera que o objetivo da AC é compreender de forma crítica o sentido das comunicações através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto ou latente das significações explícitas ou ocultas do conjunto de informações.

Nesse sentido, um detalhe de grande relevância para esta tese foi apreender o significado dos documentos encontrados, onde o pressuposto fundamental consistia na ideia de que existia algo subjacente à comunicação linguística que precisava ser desvendado. É necessário comentar que a quantidade de documentos existentes era pequena (principalmente os relatórios de gestão da PRPPG) e nem sempre expressavam o que aconteceu naquele período. Exatamente com essa justificativa, numa análise paralela aos documentos foram realizadas as entrevistas com os Pró-reitores de Pesquisa e Pós-graduação e dois LGs que auxiliaram na compreensão da constituição dos fatos históricos da IES e da PRPPG.

Não se pode deixar de esclarecer que a AC é uma técnica e não um método. Utilizou-se desta forma, um procedimento que confrontou o quadro teórico e o material empírico recolhido ao longo da pesquisa documental e de campo. Por isso, foi possível sua aplicação, enquanto procedimento analítico, no âmbito de uma perspectiva multimetodológica crítica.

Reporta-se novamente a pesquisa documental que contou, por fim, com um levantamento dos currículos *lattes* de todos os entrevistados e do quadro docente dos oito

programas de Pós-graduação da IES, realizou-se um detalhamento estatístico sobre a produção científica desses pesquisadores. A análise dos dados nessa parte da pesquisa ocorreu a partir da abordagem quali/quantitativa. Assim, ao considerar que foi utilizada a AC como instrumento de análise de uma parte dos dados (documentos e entrevistas), verificou-se uma tendência ao estreitamento dos laços com a pesquisa qualitativa, aproximando-se dos modelos interpretativos. Porém, a tese contemplou igualmente a abordagem quantitativa para análises estatísticas da produção científica dos pesquisadores e outra parte da entrevista<sup>17</sup>.

Com relação à interpelação existente acerca do uso das duas abordagens (quali/quantitativa) em pesquisas na área da Educação, ressalta-se o fato de que sua natureza diferenciada não equivale à mútua exclusão no que tange à compreensão da realidade, mas foram, nessa tese, complementares na construção de uma investigação multimetodológica. Para Gamboa (1995, p. 67) uma das críticas sobrepostas às diferenças entre as abordagens é que “os pesquisadores quantitativistas consideram a pesquisa qualitativa – lócus em que se dá a observação, descrição e interpretação do fenômeno, como carente de objetividade”. Dessa forma, há inúmeras discussões acerca do conflito, que Gamboa (1995) julga ser uma guerra de paradigmas.

Para isso, aceitou-se como pressuposto o que Gamboa (1995) considera a terceira reação, que concebendo as condições de produção da investigação, propõe a síntese e a superação de falsos dualismos e dicotomias epistemológicas. “Busca-se a objetividade processual e a correção dos desequilíbrios oriundos dos radicalismos, aceitando a produção do conhecimento como realidade socialmente construída” (p. 89). As alternativas apresentadas por esse tipo de análise se espalharam nesse estudo num universo heterogêneo de técnicas (AC, estudo de caso e RedSig perspectiva teórico-metodológica que será explicitada posteriormente). Assim, os procedimentos analíticos dos dados evidenciaram o uso de análises quali/quantitativa.

A perspectiva quantitativa serviu na demonstração do aporte relativo à produtividade docente, bem como indicativos dos grupos, entre outras questões escolhidas das entrevistas. Do ponto de vista da forma de abordagem do problema, esse tipo de pesquisa traduziu em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las, que requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas<sup>18</sup>. Com essa abordagem, buscou-se exprimir as relações de

---

<sup>17</sup> A entrevista dos líderes de grupos foi dividida em partes para fins de procedimentos analíticos. Conforme pode ser visualizado no apêndice II, a parte I (identificação e caracterização) recebeu tratamento estatístico, além de inserções de análises qualitativas. Na parte II (contato e concepção de pesquisa) foram utilizadas as seguintes metodologias: quantitativa e AC. Já na parte III, as quatro primeiras questões tiveram reflexões quali/quantitativas e nos desdobramentos da penúltima e na última questão foi realizada AC.

<sup>18</sup> Seguindo orientações da Professora Jandyra Maria Guimarães Fachel que compõe a equipe do Núcleo de Assessoria Estatística (NAE), do Instituto de Matemática da UFRGS, foi utilizado o *software* Statistical Package

dependência funcional entre variáveis para tratar partes do fenômeno estudado. Gamboa (1995) considera que a pesquisa quantitativa identifica os elementos constituintes do objeto estabelecendo a estrutura e a evolução das relações entre os elementos. Seus dados são métricos (medidas, comparação, padrão) e a abordagem é hipotético-dedutiva.

Correlacionado aos processos quantitativos, foi utilizada a abordagem qualitativa, isto aconteceu porque algumas informações não puderam ser apenas quantificadas e precisaram ser interpretadas de forma ampla, do que apenas circunscrita ao dado objetivo. Essas abordagens que subsidiaram as reflexões sobre o material variaram em função dos objetivos de cada parte da entrevista. Gatti (2001) esclarece que

É preciso considerar que os conceitos de quantidade e qualidade não são totalmente dissociados, na medida em que de um lado a quantidade é uma interpretação, uma tradução, um significado que é atribuído à grandeza com que um fenômeno se manifesta (portanto é uma qualificação dessa grandeza) e, de outro, ela precisa ser interpretada qualitativamente, pois sem relação a algum referencial não tem significação em si (p. 74).

A análise qualitativa considerou o alto grau de maturidade e refinamento subjetivo. Não se preocupando apenas com a representatividade numérica, mas também, com o aprofundamento da compreensão da pesquisa na Unemat. Para isso, foi utilizada na parte da entrevista que se propusera a desenhar os cenários propositivos para a Pós-graduação na instituição. Sendo assim, buscou-se explicar o porquê das coisas através de diferentes olhares.

Guerra (2008) salienta que esse procedimento designa uma variedade de técnicas interpretativas que tem por finalidade descrever, decodificar e traduzir os fenômenos. Deu-se também atenção ao significado destes fenômenos do que apenas à sua frequência, conforme propõe a AC. A interpretação dos fatos e a atribuição de significados foram definidores nas análises com abordagem qualitativa.

Outra característica relevante da investigação de cunho qualitativo é o seu padrão cíclico, diferente do padrão linear e reducionista do uso “exclusivo” da abordagem quantitativa. Essa forma de compreender a realidade permitiu um movimento sobre a interpretação do real, a qual avançou significativamente nos resultados quantitativos encontrados. Concomitantemente, estreitou-se, a articulação com a RedSig para compreender o contexto no qual a Unemat estava inserida.

Esse movimento metodológico desenhou uma pesquisa exploratória, levantou-se informação sobre o objeto (pesquisa e Pós-graduação), delimitou-se um campo de estudo

---

for the Social Sciences (SPSS) para tratamento estatístico. Esse aplicativo é um dos programas de análise mais utilizado nas Ciências Sociais, e também referenciado por pesquisadores de outras áreas do conhecimento (STATISTICAL, 2013).

(Unemat) e mapearam-se suas condições de manifestação (organização e financiamento). A pesquisa exploratória é caracterizada por Severino (2010) como a preparação para a pesquisa explicativa, que além de registrar e analisar os fenômenos estudados identifica suas causas através da interpretação pela abordagem qualitativa. André (2008) também compreende que na busca da interlocução com a realidade, a fase exploratória é o período de definir o caso, e confirmar as questões problematizadoras. Buscou-se estabelecer os contatos iniciais para entrada no campo, localizar os participantes e articular os procedimentos e instrumentos de coleta de dados (sinalizados no quadro 01) com os objetivos instituídos.

Esta tese abarcou essa definição com relação à pesquisa exploratória, fazendo uso do estudo de caso, sendo considerado um tipo de pesquisa que se concentra num caso particular (Unemat), por ele significativamente representativo (Estado de Mato Grosso). Dentre as abordagens qualitativas, a eleição desse estudo vinculou-se à intencionalidade de aprofundamento através de um mergulho exaustivo sobre a pesquisa nessa instituição. André (1984) entende esse estudo como uma investigação sistemática de uma instância específica, nesse caso, uma IES mato-grossense. Esse estudo é, pois, um “sistema delimitado”, tratado como uma entidade única e singular. Por isso, suas considerações não serão levadas a generalizações aos casos de instituições em outros estados brasileiros.

Considera-se o tema desta investigação atual, acredita-se que o fato de ser um estudo de caso não desmerece a tese em foco. Constitui-se, outrossim, de uma contribuição para a Unemat, no que diz respeito a sua avaliação e na análise de suas políticas, a qual traz cenários para a consolidação da pesquisa e consecutivamente da Pós-graduação na IES. Para Yin (2010) o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno em profundidade em seu contexto. Nessa tese, isso significou enfatizar o desejo de entender a pesquisa e a Pós-graduação na Unemat com sagacidade, sendo que essa compreensão englobou condições contextuais que são pertinentes a uma rede de significações, que será explicitada *a posteriori* enquanto perspectiva teórica-metodológica.

Nesta pesquisa, a proposição foi perceber entre outros objetivos os múltiplos e conflitantes posicionamentos existentes sobre os grupos e o financiamento da pesquisa. A escolha desse estudo de caso foi representativa para a pesquisadora que faz parte do quadro docente dessa instituição, e que tem como intenção o alinhavo de avanços qualitativos na Unemat. O conjunto de dados levantados na exaustiva pesquisa documental e de campo (dois anos) oferece o retrato da realidade de forma completa e profunda, outra característica do estudo de caso. André (1984) descreve que esse tipo de pesquisa revela a multiplicidade de



dimensões presentes numa situação, focalizando-a como um todo, sem deixar de enfatizar os detalhes e as circunstâncias específicas que favoreceram a apreensão do todo.

Esse estudo de caso se diferencia de outras metodologias, que poderiam ter sido utilizadas, quando tem como característica distinta a ênfase na singularidade e no particular. Isso implicou examinar a Unemat como uma representação única da realidade multidimensional e historicamente situada em Mato Grosso, resultando na ênfase da importância da contextualização e problematização.

Na composição desse estudo, na pesquisa de campo foram utilizados os seguintes instrumentos para coleta dos dados com as respectivas amostras:

**Quadro 01** – Instrumentos de coleta de dados e amostragem

INSTRUMENTO	AMOSTRA	QUANTIDADE	APÊNDICE
Entrevista semiestruturada Tipo I	Líderes de grupos de pesquisa	86*	II
Entrevista semiestruturada Tipo I	Coordenadores de Programas de Pós-graduação	07	II
Entrevista semiestruturada Tipo II	Pró-reitores de pesquisa e pós-graduação	05	III
<b>Total</b>		<b>98**</b>	

Fonte: Nez (2013).

**Notas:**

\* Há três LGs que possuem, cada um deles, dois grupos. Assim, o total de grupos seria de oitenta e seis; mas a quantidade de respondentes são de oitenta e três, sendo que esse será o total utilizado nas análises empreendidas ao longo da tese.

\*\* Vale ressaltar que dentre os sujeitos entrevistados (líderes de grupos, pró-reitores e coordenadores de programas) há pesquisadores que se repetem e estão presentes em mais de uma categoria da amostra. Como no caso de quatro coordenadores e três pró-reitores, que também são líderes. Sendo assim, do total de noventa e oito e retirando-se as duplicidades, o número real de entrevistados respondentes é de oitenta e oito.

Sobre o indicativo do instrumento utilizado, é imperioso lembrar que o projeto de tese sinalizava questionários aos LGs, que proporcionava algumas vantagens intimamente relacionadas ao estudo. Dentre elas, a possibilidade de atingir um grande número de pesquisadores que estavam dispersos numa área geográfica extensa (Estado de Mato Grosso), que permite que as pessoas respondessem no momento em que pudessem, e, implicava em menores gastos financeiros e temporais de deslocamento.

Porém, no momento de avaliação das atividades a serem desenvolvidas na tese (defesa do projeto), foi apontada a realização de entrevistas a partir de recortes nas amostras (por *campi* ou por área do conhecimento). A pesquisadora optou, então, em realizar entrevistas com todos os LGs e assim garantir um número considerável de pesquisadores que pudessem demonstrar as redes que a Unemat participa, detalhe que poderia passar despercebido ou invisível numa amostra reduzida.

Ainda com relação à amostra, destaca-se que não se constituiu por acaso, mas em função de características específicas de intencionalidade (pesquisadores) e estruturada em categorias: LGs, coordenadores de Pós-graduação (CPs<sup>19</sup>) e pró-reitores de pesquisa e Pós-graduação (PRs<sup>20</sup>). Guerra (2008) salienta que a escolha de uma pessoa, situação ou local para fazer uma análise intensiva, também caracteriza o estudo de caso.

Tradicionalmente, Severino (2010) indica que as entrevistas são concebidas como estudos exploratórios, uma técnica de coleta de informações sobre um assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos. Gil (2009) comenta ainda que é eficiente para obtenção de dados em profundidade acerca dos mais diversos aspectos da vida social e a mais flexível de todas as técnicas de levantamento de informações. “Como os estudos de casos são guiados por questões de pesquisa, é natural que as entrevistas tenham algum direcionamento” (p. 64).

Assim, a entrevista é reconhecida como a mais adequada para este tipo de estudo, proporcionando aos respondentes, abertura nas respostas e sua explicação livre. As questões se caracterizaram por meio de um teor orientado, mas com significativos graus de espontaneidade do participante. Esse foi um momento ímpar de interação entre a pesquisadora e os pesquisados que visou apreender o que os sujeitos pensaram, sentiram e fizeram, assim como conhecer de que forma a instituição se comportou. Além disso, proporcionou visitas *in loco* aos *campi* da IES para compreender as dificuldades regionais que cercam cada um deles com relação à pesquisa.

É indispensável comentar que se poderia encontrar problemas para entrevistar todos os LGs. Além é claro da dificuldade proveniente da distância geográfica envolvida entre os *campi* e o fato da pesquisadora estar trabalhando durante o período de execução da coleta de dados, que ocorreu ao longo do ano de 2012. Todavia, os pesquisadores contatados se mostraram solícitos, compreenderam esse momento como uma forma de exprimir suas angústias e apontar os desafios que percebem para a Unemat. Uma pequena parte do montante (dezesseis entrevistas) foi realizada por *email*, pois os líderes estavam afastados para qualificação em outros estados brasileiros e/ou fora do país, o que inviabilizou um encontro presencial. Apenas uma quantidade mínima de líderes não participou<sup>21</sup>.

---

<sup>19</sup> Os coordenadores de Pós-graduação foram representados pela sigla CP, seguida da ordenação correspondente a entrevista. Manteve-se o mesmo padrão de anonimato já explicitadas para os LGs.

<sup>20</sup> Assim como os LGs e o CPs, os pró-reitores de pesquisa e Pós-graduação receberam a denominação PR. Garantiram-se, desta forma, as identidades dos respondentes e o sigilo da pesquisa, ajustado no termo de consentimento que acompanhou a entrevista.

<sup>21</sup> Dos contatados, apenas quatro se recusaram a participar alegando falta de tempo. Outro líder não faz mais parte do quadro docente da IES e três não foram conseguido nenhum tipo de contato. E, ainda, dois pesquisadores afastados sinalizaram que gostariam de participar, mas infelizmente, até o momento do fechamento da coleta de dados não houve devolutiva das informações.

A respeito da amostra específica dos CPs, apenas um deles se recusou a participar da pesquisa; e o restante (sete) se mostrou favorável e possibilitou uma visita para conhecer a estrutura do curso e sua realidade. Com relação à justificativa da escolha desses interlocutores, pode-se comentar que como estão à frente da coordenação dos programas, acreditou-se ser possível corroborar com a execução do objetivo específico da tese que procurava desenhar os cenários para a consolidação da pesquisa na instituição.

Quanto aos pró-reitores de pesquisa e pós-graduação, como um dos objetivos era a configuração de ações e silenciamentos da pró-reitoria, salientando a construção de uma linha do tempo, foram entrevistados no total cinco ex-pró-reitores. Excetua-se, apenas, o pró-reitor em exercício em 2012 que estava no início da execução de suas atividades e um pró-reitor (*pró-tempore*) que permaneceu na função por apenas dois meses até a definição de quem se elevaria ao cargo (final de 2001 e início de 2002, período de férias). A exclusão desses dois entrevistados não revelou prejuízo para a coleta dessa parte da pesquisa de campo.

Aqui nesta etapa da pesquisa, de posse dos relatórios de gestão e das entrevistas, se utilizou a abordagem de AC. A textualidade exigiu um esforço da pesquisadora, que nem sempre foi evidenciada apenas na expressão escrita (relatórios), mas também nos limites das situações apresentadas nos “comentários” dos respondentes. É com esse argumento que se corrobora a ideia de que foi um aprofundamento feito através de uma abordagem qualitativa de análise dos dados relativos à PRPPG que transcendeu a AC numa perspectiva numérica. André (1984) acrescenta ainda que esse princípio se apóia no pressuposto de que a realidade é complexa e os fenômenos são historicamente determinados, daí a necessidade de que sejam levadas em consideração todas as possíveis variáveis associadas ao fenômeno.

Em contrapartida, de nada vale coletar dados em profundidade, se não houverem combinações metodológicas adequadas. Nessa tese a opção foi trabalhar com possibilidades de diferentes análises na busca de evidências e informações, que têm relação direta e indireta com a investigação. Optou-se por detalhar a perspectiva da RedSig porque é menos conhecida em pesquisas educacionais.

### 1.3.1 A rede de significações

A RedSig é uma perspectiva teórico-metodológica que se consubstancia numa rede para compreender a realidade que estrutura um meio que enlaça o fluxo de comportamentos da sociedade, o que os torna significativos. Especificamente nesta tese, buscou-se apreender processos de construção e mútuas transformações, abarcando contextos, papéis e significados sócio-culturais que balizam o espaço social da pesquisa e da Pós-graduação na Unemat.

Essa rede é um tratamento detalhado de fenômenos e a constituição de sistemas teóricos, Rossetti-Ferreira *et alii* (2004) indica que é uma perspectiva nova, formulada por um coletivo de pesquisadores com base no pensamento sobre desenvolvimento (Vygotsky, Wallon, Bakhtin, entre outros) ao longo do século XX. É uma proposta em construção e seus trabalhos tratam especificamente de questões relacionadas ao desenvolvimento humano.

Para Gentil (2005) essa perspectiva teórico-metodológica tem despertado o interesse de vários estudiosos, inclusive de outras áreas do conhecimento, gera uma aproximação entre diferentes modos de trabalho, leva a situações antes não experimentadas e provoca aprofundamento teórico.

Rossetti-Ferreira *et alii* (2004) destaca que essa possibilidade metodológica vem sendo organizada a “múltiplas mãos”, num trabalho coletivo de vários anos. É resultado do esforço do Centro de investigação sobre desenvolvimento humano e educação infantil (Cindeci) para integrar suas atividades de pesquisa em uma visão sócio-histórica. O centro se deparou com um desafio de analisar um encontro de contextos diversos, em que vários indivíduos estavam envolvidos, cada qual com suas perspectivas. “Isso nos obrigou, em um primeiro momento, a explorar os diversos prismas de análises possíveis, elaborando e sistematizando novas maneiras de investigação que propiciassem uma visão original, dinâmica e inclusiva a respeito do processo” (p. 16).

O objeto de estudo dessa tese, a pesquisa e a Pós-graduação na Unemat esta envolta nesse encontro de contextos diversos, da mesma forma que o Cindeci apontou. Porque cada um dos *campi* da Unemat trata a pesquisa de uma forma diferente, assim como a concepção de pesquisa que cada líder de grupo (LG) tem na sua área do conhecimento<sup>22</sup>. Isso referenda uma análise de dados conforme aponta Rossetti-Ferreira *et alii* (2004) por prismas diversos, que enriquece a relação entre teoria e prática e exige um contínuo aprofundamento teórico-metodológico que possibilite lançar novos olhares sobre a situação.

Rossetti-Ferreira *et alii* (2004) enfatiza que o grupo de pesquisadores do Cindeci buscou modelos adequados à análise de elementos de ordem pessoal, relacional e contextual, esse processo se mostrou marcado por contradições, conflitos e confrontos. O movimento dessa tese seguiu essa mesma inquietação e teve como preocupação analisar a pesquisa e a Pós-graduação em suas múltiplas dimensões. O uso da RedSig trouxe em seu bojo princípios e pressupostos, além de proposições de procedimentos de pesquisa elencados. Essa é uma forma de compreender as relações em que os pesquisados se envolveram, que estão

---

<sup>22</sup> As concepções e experiências dos pesquisadores serão apresentadas nas análises quali/quantitativas no capítulo quatro. Já a descrição dos perfis dos *campi* da IES serão explicitados no item 3.3.1.

simultaneamente imersos e submetidos em, e constituídos por elas, e esse movimento produz múltiplos significados.

Neste sentido, Gentil (2005) comenta que a rede é um processo dinâmico, pois a cada situação um elemento se destaca e provoca a rearticulação de vários outros nas situações analisadas. O que se ressalta é um exercício “de ir e vir” ou de figura-fundo que articulou conhecimentos e significados singulares sobre a pesquisa em cada *campus* da instituição, e simultaneamente, representativos da regionalidade do Estado de Mato Grosso. Foi exatamente isso que ocorreu na construção do histórico da Unemat e da linha do tempo da PRPPG. Foram processos dialógicos, e emergiram angústias e preconceitos, ocorreram transformações e reconstrução de significados e valores.

Essa investigação ocorreu num contínuo processo de reflexão onde em alguns momentos, foi preciso privilegiar alguns elementos que se destacaram e aprofundou-se o estudo sobre eles. Em outros, foi preciso buscar uma visão determinada da interação entre esses elementos e a configuração advinda de uma relação complexa. Por isso, a pesquisa foi caracterizada como multimetodológica, acentuando os vários tipos de abordagens utilizadas na busca da compreensão da realidade da Educação Superior mato-grossense. Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000) destacam que há uma configuração semiótica que

[...] estrutura um "meio" que, a cada momento e situação, captura e recorta o fluxo de comportamentos das pessoas, tornando-os significativos naquele contexto [...] Pessoas e redes de significações sofrem mútuas e contínuas transformações, canalizadas por características físicas e sociais do contexto, numa dinâmica segmentação e combinação de fragmentos de formações discursivas e ideológicas, experiências passadas, percepções presentes e expectativas futuras [...] (p. 01 – grifo da autora).

Num determinado contexto, dado o confronto de significações dos participantes, a interação se desenvolve através de conflitos e crises, onde a contradição revela-se como parte integrante e fundamental deste processo. Assim, pessoas e rede de significações são contínua e mutuamente transformadas e canalizadas pelas características físicas, sociais e temporais do contexto nas quais as interações acontecem. Gentil (2005) complementa que

[...] se analisa os diversos elementos, suas relações e suas interações em busca de significados coletivos constituídos em determinado tempo levando em consideração a ideia de **circunscritores**. Isso é, elementos que compõem a rede de significações e são simultaneamente os que impelem a tal configuração e os que a limitam; circunscritores conferem possibilidades e limites a uma determinada configuração, não são aspectos isolados e nem seus elementos têm o mesmo peso ou igualdade em toda relação. Isso implica em movimento contínuo de configurações. Nesse tipo de análise, determinados significados são priorizados dependendo do momento do processo analítico e das perguntas que orientam a pesquisa [...] (p. 28 – grifo do autor).

Ao considerar a história como um discurso vivido articulado de muitas significações, o procedimento analítico da RedSig permitiu a interpretação dos circunscritores do contexto relacionados à pesquisa e a Pós-graduação na Unemat. Nesse sentido, tanto a pesquisadora quanto os respondentes estavam imersos numa rede de significações, sendo também circunscrito por ela. O conhecimento produzido nessa tese foi fruto de uma reflexão profunda, onde foi modificado constantemente de foco e de papel para o cercar a problemática. As interlocuções de cada LG dessa investigação foram significadas e tem ressonância dos lugares em que suas ações se desenvolveram. Esse processo teve aspectos de sucessividade e de simultaneidade, num contexto institucional que é histórico pessoal e social.

Na metodologia proposta para a análise desse estudo, outro conceito que se fez importante e que produziu apreciações coerentes foi a matriz sócio-histórica (MSH), que para Gentil (2005) é um construto teórico, que tem concretude nos contextos e nos campos interativos. Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000) dividem a matriz em duas partes: condições de vida (sociais, econômicas, políticas e culturais) e práticas discursivas (falas, símbolos e outras formas de linguagem).

Os aspectos significativos da matriz desta investigação estavam intimamente relacionados aos objetivos do estudo, lembrando-os: institucionalização dos grupos de pesquisa; articulações na produção do conhecimento; formas de financiamento; ações e práticas de pesquisa na IES; conjuntura das políticas que marcam a universidade brasileira; entre outros elementos. Ainda quanto à matriz, para Rossetti-Ferreira (*et alii*, 2004) se compõe de um grande número de discursos, algumas vezes antagônicos e contraditórios entre si. Essa multiplicidade não está desarticulada do contexto, que se estabelece no aqui e agora. Nesse sentido, as concepções dos entrevistados foram consideradas parte das expressões da realidade sobre a pesquisa e a Pós-graduação. Essa experiência individual não estava isolada da social, conforme poderá ser percebido em alguns dados analíticos (formação do pesquisador e auto-incentivo na produção do conhecimento). Foi o conjunto de características próprias e variadas de experiências individuais e coletivas que compôs a realidade na Unemat.

Destaca-se, evidentemente, que a dinâmica da MSH, adveio do jogo de figura-fundo, onde a cada momento e situação, um elemento se destacava como figura e, pela estrutura em forma de rede, todos os elementos do sistema rearticulavam, produzindo novas significações. Desse modo, para Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000) é no espaço da relação entre o individual e o coletivo que se percebe a MSH, isso porque os elementos encontram-se intimamente interligados na rede de significações. A rede estrutura um meio que, a cada

momento e situação, captura e recorta o fluxo de comportamentos dos sujeitos, tornando-os significativos naquele contexto.

Nessa relação, há uma intenção em suas ações a partir de seu próprio processo formativo e de sua prática (cultura). Assim, a partir da perspectiva teórico-metodológica da RedSig, entendeu-se que a probabilidade das interpretações de sujeitos em interação coincidirem é pequena, visto que os participantes às vezes não tem o mesmo papel/lugar. Essa compreensão procede quando se analisa uma instituição multicampi, que será conceituada a partir dos estudos de Fialho (2005), onde as condições de pesquisa são diferenciadas. Esse é um dos movimentos da Unemat a partir da territorialidade e regionalidade de cada *campi* que serão destacados no desenho dos cenários propositivos para a pesquisa.

Portanto, a rede analítica dos dados não é abstrata, é concreta, impregnada e estruturante do ambiente, onde suas relações foram construídas a todo o instante. Conforme o momento, o contexto e as características dos entrevistados, alguns elementos adquiriram maior relevo na emergência de novos significados para o desenvolvimento desta pesquisa. Esses elementos interagem dinamicamente, compondo a rede que contempla condições macro e micro estruturais da Pós-graduação na IES estudada. Desta forma, simultaneamente as pesquisadores e a RedSig foram contínua e mutuamente transformadas pelas características sociais e temporais do contexto da Unemat nas quais as interações ocorreram. Os componentes individuais, os campos interativos e a matriz mostraram-se dinâmica e dialeticamente relacionados, estruturando redes de configuração semiótica (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM e SILVA, 2000).

Ainda enquanto ao uso da RedSig como fundamento teórico-metodológico, é importante esclarecer que para Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000), aprofundar os conceitos envolvidos, bem como, investigar as inter-relações entre seus diversos componentes, são alguns dos principais desafios e objetivos. Entendeu-se, que uma estratégia para testar os limites de sua utilização, exigia a ampliação do leque de sujeitos, campos interativos, cenários e matriz sócio-histórica. Entretanto, para essa amplitude ser alcançada, a aplicação em outras áreas do conhecimento e interlocuções seria conveniente.

Essa tese foi um ensaio na aplicação desses conceitos, provocando reflexões nessa perspectiva teórica-metodológica que se encontra num estado embrionário. Porém, significou um desafio teórico, metodológico e epistemológico. A opção de se trabalhar com esse procedimento envolveu a capacidade de refletir sobre a experiência vivida, contribui para o entendimento da realidade da Unemat. Essa foi a intenção desse estudo quando se propôs a

desenhar cenários potencializadores da pesquisa através da constituição de redes, e a RedSig auxiliou nessa empreitada metodológica.

### 1.3.2 *Síntese metodológica*: arremate das pontas

Depois da sustentação da malha metodológica reportando-se continuamente aos fios das teias analíticas sobre a pesquisa e a Pós-graduação na Unemat, acreditou-se ser necessário um momento de síntese para a constituição de um espaço de arremate que podem ser necessários nessa estruturação teórica. Os arremates são considerados como um acabamento, um nó com o qual se segura a dobra de uma costura (HOUAISS e VILLAR, 2009). Aqui no caso, é o arremate da malha metodológica dessa investigação. Para isso, exploram-se nesse momento conclusivo do primeiro capítulo, ajustes teórico-metodológicos dessa tese.

Inicialmente, é necessário comentar que as diversas classificações da pesquisa, como foram trazidas na construção da metodologia desta tese, não foram estanques, apenas foram enquadradas num arranjo para obedecer aos requisitos inerentes a uma investigação. Ao contrário, aconteceram simultaneamente ao longo do processo, num movimento de “ir e vir”, edificando uma pesquisa de cunho multimetodológico. A multiplicidade de aspectos pelos quais a realidade se manifestou abriu igualmente uma variedade de fórmulas, bem com uma multiplicidade de modelos epistemológicos. Portanto, a investigação realizada nessa tese é multimetodológica, sendo uma de suas inovações a intersecção de vários tipos de procedimentos. Buscou-se essa variedade de metodologias analíticas que pudessem mapear os fios da trama do objeto de estudo.

Considera-se, a título de síntese que a escolha pelo estudo de caso se fez levando em consideração suas características, entre elas, os casos que enfatizam a interpretação num contexto, o que de certa forma se aliou a perspectiva da RedSig. Isso foi um dos pressupostos, para que uma apreensão adequada do objeto fosse possível. A ideia foi se apropriar das significações geradas pelo contexto para potencializar a reflexão sobre a Pós-graduação.

Assim, esse estudo de caso focalizou o particular tomando-o como um todo e atendo-se aos componentes principais, aos detalhes e a sua interação, caracterizou uma abordagem crítica com relação ao objeto. Enquanto procedimento aprofundado e sistemático esteve implícito a necessidade de um contato estreito e prolongado com a situação, que permite conhecer de fato a IES estudada.

Houve, evidentemente, muitas aproximações teórico-metodológicas entre as abordagens analíticas. Uma delas foi entre a AC e a RedSig, que tomaram como objeto de



estudo um sujeito histórico em ação. As duas juntas tentaram observar, ao mesmo tempo, o sujeito e a sociedade em interação e os fatos que os acompanharam.

Ainda sobre a abordagem da AC, é necessário dizer que não se constituiu num fim em si mesmo, mas um instrumento para atender a determinados objetivos dessa investigação. Seu valor e sua força se sobrepuseram na soma dos recursos oferecidos pela técnica e no substrato oferecido pelo referencial teórico mediante, o qual foi analisado o material empírico recolhido. A escolha de uma perspectiva de cunho multimetodológico se fez eminente porque apenas a AC não daria conta de perceber uma realidade onde os fenômenos apresentaram uma variedade de ponto de vistas que integravam um todo complexo. A RedSig complementou e possibilitou observar essas múltiplas dimensões interativas, para melhor compreender os fatos, tendo como estatuto epistemológico a historicidade e a contextualidade, enquanto a AC foi sistêmica e estrutural.

Isso significa dizer que a interlocução entre essas duas abordagens trouxe um processo analítico avançado com detalhamento apurado do que se encontrou na realidade, revelou-se um passo a mais do que apenas um dado quantitativo. O que estava escrito, ou foi falado, ou pode ser mapeado, foi o ponto de partida para a identificação do conteúdo implícito ou explícito dos dados coletados ao longo do processo de investigação. Em alguns momentos foi necessário colocar a rede em suspensão, buscou-se a revelação de algo diferente ao circunscrito. Isso gerou interconexões e apresentou facetas diferentes de uma mesma realidade que se complementaram e provocou aprofundamento analítico.

Quanto às explicações quantitativas não aparecem em relevo nessa tese, perpassam transversalmente as outras formas analíticas (a RedSig com o contexto e a AC dos dados levantados). Serviu como um contraponto a ambas as perspectivas e funcionou como um reforço validativo de alguns elementos analisados.

A adoção de diferentes fontes que se cruzaram, capturam-se os sentidos e os significados de uma pesquisa multimetodológica intermediaram a passagem de uma abordagem apenas quantitativa para a intensificação de uma pesquisa qualitativa. Houve, então, um vínculo entre o objetivo e a subjetividade que não pode ser traduzida em números. Capturam-se os diferentes significados, de modo a auxiliar na compreensão das relações entre os indivíduos e suas ações se alinhando, à RedSig. A interação com o objeto estudado (visitas aos *campi* e as entrevistas) se tornou destaque nesse estudo de natureza qualitativa. Para tratamento dos dados foi necessário então escolher uma abordagem que fosse coerente com o enfoque crítico, uma vez que a problemática se propusera a trabalhar com questões interpretativas, na busca por cenários propositivos para a pesquisa e a Pós-graduação. Além

disso, tal abordagem proporcionou uma postura permanente de indagação para se conhecer o contexto da realidade mato-grossense.

Ainda, na busca de um prisma qualitativo, a análise do material não foi linear, foi cíclica e circular. Isso porque os dados não falaram por si, fazendo-se necessário extrair seus significados, o que não foi atingido num único esforço, mas sim, mediatizado ao retorno periódico. Esse movimento intenso buscou significados (implícitos e explícitos), atingidos por intermédio de um progressivo refinamento das categorias.

É notório que, no início do trabalho de campo, a pesquisadora não possuía todas as categorias predeterminadas, mas havia delineado um quadro conceitual, bem como os objetivos deste estudo. Através dos procedimentos analíticos, houve um constante diálogo entre a teoria e a prática que auxiliou na definição das outras categorias que foram emergindo.

A pesquisa realizada foi uma teorização fundamentada numa contínua análise comparativa dos dados em que se construíam progressivamente as categorias, que foram novamente confrontadas com a realidade. Assim, seguiu-se o processo hipotético-dedutivo de identificação das categorias sugerido por Bardin (1977). Utilizou-se uma determinada construção teórica que serviu de instrumental metodológico orientando a investigação. Barbosa Franco (2008) considera que:

As categorias vão sendo criadas à medida que surgem nas respostas, para depois serem interpretadas à luz das teorias explicativas. Em outras palavras, o conteúdo, que emerge do discurso, é comparado com algum tipo de teoria. Infere-se, pois, das diferentes “falas”, diferentes concepções [...] (p. 61 – grifo do autor).

Dessa forma, para construir categorias foi preciso examinar preliminarmente aos dados descobrindo aspectos regulares e concorrentes. Estava implícito na AC que um critério para determinar sua relevância seria a frequência de ocorrência, mas essa não seria a única possibilidade de identificá-las. Para Franco e Wittmann (1998) as categorias podem ser: referentes, conceituais e substantivas.

Quanto à categoria referente, foi delimitada nos contornos de abrangência do objeto, caracterizando um recorte específico. Isso porque foi o conceito inicial escolhido numa categoria referente, mas, ao ser construído no processo analítico se inseriu numa categoria substantiva que vai servir novamente de referência na fase seguinte. Já a categoria conceitual iluminou a organização e a compreensão das informações, inserindo os resultados em um todo interpretativo. Marcaram teórica e metodologicamente o estudo e o fundamentaram, direcionando o olhar. Com relação à categoria substantiva, foi desvelada no processo de

investigação, a partir da análise das informações obtidas nas várias fontes documentais (FRANCO e WITTMANN, 1998).

As categorias *a priori* analisadas se propuseram a reflexionar inicialmente sobre: pesquisa, grupos, Pós-graduação, adensamento e densidade e se desdobraram e noutras que podem ser observadas no Apêndice I. É preciso, pois levar em conta que esse processo de categorização envolveu não só conhecimento lógico, intelectual, objetivo, mas também, conhecimento pessoal, intuitivo, subjetivo e experiencial.

Finalmente, é possível considerar que conforme características, restrições e vantagens dos procedimentos citados ao longo da malha metodológica nesta tese, acreditou-se que a melhor forma de se visualizar os dados e promover uma análise coerente foi à integração entre as várias abordagens. Pois para se analisar com fidedignidade uma situação foi necessário o uso da variedade metodológica. O que desvelou a importância de cada uma delas foi o propósito da pesquisa, a natureza do objeto estudado e o encaminhamento da investigação.

A guisa de algumas constatações e a partir da síntese de exposição dos pressupostos teórico-metodológicos (estudo de caso, RedSig, AC e abordagem quali/quantitativa) pode-se dizer que a análise da realidade não foi uma reflexão diletante, mas uma reflexão para a transformação (FAZENDA, 1989). Foi nessa perspectiva que os grupos e as políticas de pesquisa foram compreendidos no universo da Educação Superior do Estado de Mato Grosso.

## **2 CONSTRUINDO A REDE CONCEITUAL**

O trabalho de investigação é comparado aqui ao processo de tecer que significa entrelaçar os fios de uma trama, para fazer um tecido. É um processo que se prolonga no tempo, sendo algumas vezes considerado “artesanal”. A compreensão da rede conceitual segue esse princípio, organizar o pensamento para compreender o tecido ou a trama na qual o objeto de estudo está inserido.

A tessitura é uma palavra de origem italiana, substantivo feminino, tem como sinônimos: composição e organização. Já a palavra nexo significa ligação, vínculo, conexão, coerência (HOUAISS e VILLAR, 2009). Aqui, nessa tese essas palavras sinalizam especificamente identificar a ordem teórica-conceitual que deu suporte a uma trama, contabilizando os fios e os nexos entre global/local, geral/específico, todo/partes.

Na reflexão desse estudo sobre universidade, pesquisa e Pós-graduação é importante se evidenciar as correntes teóricas existentes em seu espaço geográfico e temporal, para que se possa compreender elementos que compõem esse contexto que é a rede conceitual. A evidência teórica foi situar a universidade nos tempos hipermodernos, para caracterizar uma possível “crise” vivenciada pela pós-modernidade, essa é a primeira ordem conceitual. Os termos moderno, modernidade, pós-moderno e pós-modernidade, foram alvos de reflexões de inúmeros teóricos que tentam apreender os sentidos e significados dos processos individuais, sociais e culturais que se constituíram ao longo da história. Nessa tese, o uso das palavras pós-moderno e pós-modernidade, terão efeitos sinônimos, mesmo compreendendo que para Harvey (1996) há distinções entre eles.

A literatura que trata da compreensão desses conceitos é volumosa e existem pronunciamentos de diferentes matizes que apontam debates na contemporaneidade, valendo-se de teorias e registros históricos que incitam repensar os elementos e as abordagens sinalizadas. Lipovetsky (1996) consegue exprimir o momento vivido, trazendo a tona subsídios, tais como: a esquizofrenia do tempo, o frenesi do consumo, o hedonismo, a personalização, a individualização e o narcisismo.

Em seguida, na segunda ordem apresenta-se a sociedade em rede de Castells (2001), para legitimar a compreensão da globalização e do avanço da tecnologia, conjecturando a construção das redes. A questão latente aqui é reconhecer os contornos do terreno movediço em que se vive hoje, pois neste momento histórico, as redes se configuram como núcleo das sociedades. Isso significa dizer que não é um estágio do progresso humano com o uso das tecnologias, é o ponto de partida para qualquer estudo realizado na contemporaneidade. A tese não poderia deixar de perceber isso.

Esse novo formato de sociedade baseado no paradigma<sup>23</sup> econômico-tecnológico da informação traduz-se em alterações no tempo e no espaço. Castells (2001) apresenta as ideias de espaço de fluxos e tempo intemporal que molduram a vida neste século. Guardadas as devidas proporções e diferenças da esquizofrenia do tempo de Lipovetsky (2004), aponta-se a importância de uma releitura espaço-temporal que é destacada nos fluxos e que precisa ser absorvida nessa tese. Além disso, outros conceitos explorados por Castells (2006), entre eles: a sociedade em rede; o espaço e o tempo; o individualismo e a identidade; o global e o local, também sinalizam essa compreensão da realidade.

E por fim, abre-se espaço para a terceira ordem teórica-conceitual, a sociedade do conhecimento, compreende-se que é signatária das tecnologias avançadas e impõe novos padrões à educação. Nesse momento, o conhecimento é objeto de destaque, assim se desenvolve nesse fundamento teórico assertivas sobre internacionalização da Educação Superior, globalização e geopolítica do conhecimento (LIMA e CONTEL, 2011). A centralidade da Educação Superior em especial também é discutida nessa tessitura, pois aparece nesse contexto uma concepção do valor econômico do conhecimento.

Parte-se da conceituação sugerida por Hargreaves (2004) e aprofundam-se os elementos constitutivos da sociedade do conhecimento na América Latina numa perspectiva crítica, indicando uma universidade de inovação com pertinência social (DIDRIKSON, 2006), avançando na absorção desses conceitos na embocadura teórica da tese. Para isso, é preciso tomar uma distância do espaço universitário e ampliar o olhar para os meandros que compõem os nexos, observando os vestígios deixados pela história que apontam os sinais e os anúncios de uma época de reorganização. Caracteriza-se, pois uma linha tênue e imaginariamente divisória que marca uma época de visíveis mudanças que ocorreram na sociedade em suas múltiplas faces.

Na construção dessa rede conceitual, acredita-se que esses elementos constituem a ordem teórica do processo paradoxal da produção da pesquisa nas universidades, busca-se, problematizá-los, pois envolvem a universidade e os pesquisadores. Cada uma das tessituras apresentadas e cada conceito a ser discutido na fundamentação constitutiva desse referencial

---

<sup>23</sup> Termo de origem grega que significa padrão e teve diferentes significados ao longo da história. Uma das referências teóricas foi Kuhn, que procurou compreender a história do pensamento na segunda metade do século XX. Sinteticamente, é aquilo que os membros de uma comunidade científica compartilham. Esse conceito tem forte componente sociológico, pois está associado à ideia de comunidade de investigação científica (KUHN, 1978). Em termos gerais, na tese, usar-se-á o termo para definir uma visão de mundo, que serve como referência para analisar fatos e fenômenos. Um paradigma não é atemporal e deslocado, está situado num momento histórico e impregnado de valores, muitas vezes impostos pela sociedade.

teórico foram inseridos de maneira orgânica, na busca de uma síntese relativamente original, derivada de uma combinação de contribuições de diferentes perspectivas.

## 2.1 A tessitura dos tempos hipermodernos

A sociedade se modifica rapidamente, vivendo em apenas uma geração, transformações profundas que afetam o cotidiano de forma irreversível. O momento atual está marcado por tendências de ordem econômica, cultural e social que geram desafios conflitantes. Essa primeira parte da rede conceitual busca compreender a sociedade hipermoderna, discutindo inicialmente a constituição da modernidade e da pós-modernidade, para depois apresentar alguns conceitos, entre eles a esquizofrenia do tempo, o hiperconsumo, o hedonismo, a personalização, o hiperindividualismo e o narcisismo.

Para se compreender esse momento, é imprescindível se pautar na conceituação da modernidade como uma contraposição ao mundo medieval. Enquanto movimento histórico referiu-se a etapa iniciada pela Revolução Industrial na Inglaterra, pela Revolução Francesa e pelo predomínio do raciocínio científico, que emergiu no Iluminismo. A modernidade tirou Deus do centro do universo e colocou o homem, os valores deixaram de estar diretamente relacionados ao plano transcendental e passaram a ser organizados pela vida na terra. O termo foi utilizado com uma significação um tanto quanto abrangente para esse período que se caracterizava por mudanças intelectuais, sociais, políticas e culturais. Segundo Harvey (1996) a modernidade projetava, “o desenvolvimento das formas racionais de organização social e modos racionais de pensamento prometia a libertação das irracionalidades do mito, da religião, da superstição, liberação do uso arbitrário do poder [...]” (p. 23). A era moderna foi marcada, sobretudo, pela crença na razão e no progresso, pela inversão do pólo transcendental para o terreno.

Esse movimento que negou a legitimidade das questões e das relações dos homens com seu mundo, seu cosmo e seu corpo, instituiu a razão humana como princípio da construção do conhecimento. Pereira (2003) comenta que a razão era a possibilidade e a segurança de conhecer e interpretar as leis da natureza e da sociedade. A natureza passou a ser pensada como composta por leis acessíveis ao homem, através de métodos racionais e a modernidade foi regida pela ideia de igualdade, liberdade e ênfase na inteligência.

A modernidade não foi só uma rebelião contra si mesma; foi ao mesmo tempo uma revolta contra as normas e valores da burguesia daquela época, foi ainda o período da mudança para a racionalidade. É no fim do século XIX, que a revolução cultural também se alinhou nas teias desse contexto. O estilo de vida moderno resultou não só das

transformações de sensibilidade impulsionadas pelos artistas, mas, com relação direta às transformações do capitalismo. Para Pereira (2003) foi desta forma, um marco na história da humanidade, pois se opôs aos dogmas e regras da Igreja e introduziu os estudos científicos.

Lipovetsky (1996) considera que se instalou na modernidade um consumo de massa exagerado e uma cultura centrada na realização do eu e na espontaneidade: “o hedonismo”<sup>24</sup> torna-se o ‘princípio axial’ da cultura moderna, e entra a partir daí em oposição aberta com a lógica do econômico e do político” (p. 81 – grifo do autor). Entretanto, o tapete da história é feito e refeito quando se alinhava uma tessitura teórica conceitual. Passou-se de uma primeira etapa de modernização, fundada na oposição entre tradição e modernidade, para uma segunda, de natureza reflexiva e autocrítica. Isso foi possível porque era latente uma modernidade de novo gênero, e não uma simples superação. Essa segunda etapa alicerçava-se essencialmente em três axiomas: o mercado, a eficiência e o indivíduo. Nasceu, então, a pós-modernidade.

Ainda que existam várias formas de compreendê-la, algumas apóiam-se em Lyotard e Baudrillard e que evidenciam o questionamento da epistemologia moderna baseada em uma nítida distinção entre sujeito e objeto. Lyotard (1989) destaca uma mudança geral na condição humana, a crise dos fundamentos e o declínio dos sistemas de legitimação.

A pós-modernidade, fase cultural do capitalismo nos estágios mais avançados, tem em seu advento uma acelerada transformação do modo de produção material com o uso da tecnociência<sup>25</sup> associada à produção de mercadorias, robótica, informática, flexibilização da produção, gerenciamento e à globalização<sup>26</sup>. É definida por Lipovetsky (2004) como o “esgotamento das doutrinas emancipatórias e pela ascensão de um tipo de legitimação centrada na eficiência, faz-se acompanhar do predomínio do aqui-agora” (p. 59). Esse período indicou o advento de uma temporalidade social inédita; sendo que o mundo pós-moderno é um presente eterno, sem origem, passado ou futuro, temporário e mutável.

---

<sup>24</sup> É a contradição cultural do capitalismo. De um lado, exige-se que o indivíduo trabalhe muito, aceitando deixar para depois as recompensas e satisfações, caracterizando-se uma engrenagem da organização. De outro lado, encoraja-se o prazer, a descontração, o deixar-andar. “É preciso ser-se consciencioso de dia e libertino à noite” (LIPOVETSKY, 1996, p. 117).

<sup>25</sup> É um sistema de ações eficientes, baseadas no conhecimento científico que se orienta tanto para a natureza quanto para a sociedade, visando a transformação do mundo (BAUMGARTEN, 2005).

<sup>26</sup> Palavra de origem anglo-saxônica, Chesnais (1999) opta por utilizar a expressão mundialização que provem do francês, designando o quadro político e institucional no qual um modo específico de funcionamento do capitalismo foi se constituindo desde o início dos anos 80, em decorrência das políticas de liberalização e de desregulamentação adotadas pelos países industriais, encabeçados pelos Estados Unidos e pela Grã-Bretanha. Nessa tese, as duas palavras serão utilizadas como sinônimos, compreendendo as limitações dos conceitos, em tempo é possível esclarecer a compreensão de que a globalização é um campo contraditório dos diversos fenômenos interdependentes que interferem na vida das pessoas. É um processo multidimensional em contínua e complexa atuação e mútua dependência do mercado, da política, da ciência e da educação.

Ao mesmo tempo em que a modernidade foi um grande ciclo histórico dominado pelo futuro, a pós-modernidade se apresenta como uma saída da “prisão”. A sociedade que se implantou até os anos 70 estava centrada no presente, indicando o fim das grandes crenças políticas. Isso legitimou a ideia de pós-modernidade que surgiu inicialmente no discurso arquitetônico, e rapidamente mobilizou e abalou os alicerces absolutos da racionalidade e o fracasso de grandes ideologias da história (LIPOVETSKY, 2011).

Pereira (2003) levanta a reflexão da modernidade, ao trazer à tona a essência humana como parte da construção do conhecimento. Esse período não advoga que se vivem problemas novos, mas que a forma de abordá-los passa a ter outro direcionamento. Porém, não apresenta evidências para um confronto, ao contrário sugere uma “[...] força política dos questionamentos sobre os alcances da modernidade norteadas pelo fechamento de seus paradigmas. Apresenta uma nova postura que se desenha nos caminhos do conhecimento, como resultado de uma nova tomada de consciência” (p. 102).

A pós-modernidade tem seus questionamentos dirigidos ao pensamento científico como saber único. Para Lyotard (1989) isso foi por séculos hegemônico, hoje existe um maior entendimento de que não seja o único saber. Com esses indicativos, é compreensível dizer que

Os fatos que eu estava assinalando, assim como os demais teóricos, são bem pontuais: o fim das ideologias, o surgimento de uma nova cultura hedonista, o destino da comunicação e do consumo de massa, o psicologismo, o culto do corpo. Todas essas realidades mostravam que havia um novo capitalismo e também um novo tempo da vida democrática. Foi para marcar essa mudança muito importante que empregamos o conceito de pós-moderno, assinalando, assim, uma bifurcação. Entendo que isso foi correto e verdadeiro naquele momento (LIPOVETSKY, 2011, p. 01).

O termo pós-modernidade ganhou força nos anos 60 na teoria da arquitetura e crítica literária norte-americana representando uma nova situação cultural, isso quer dizer, a transição das certezas para as incertezas. No final da década de 70 se insere na cena artística e intelectual e não escapou do espaço da moda. Se uma nova época de arte, de saber e de cultura se anunciava, impunha-se a tarefa de determinar o que foi o ciclo anterior; assim a modernidade foi uma fase de criação revolucionária dos artistas buscando rupturas; a pós-modernidade é uma fase de expressão livre (LIPOVETSKY, 1996).

Dessa forma, os fatos estavam evidentes, mas a conceituação não estava; o que se vivia era outra forma de modernidade, não o seu o fim, era possível identificar outra face. Com isso, existem razões para se aceitar a proposta de que não se está numa sociedade pós-moderna, mas noutra modernidade, a hiper. Uma dessas razões são seus princípios



fundamentais constitutivos: a valorização do indivíduo, da democracia, do mercado e da tecnociência (LIPOVETSKY, 1996). Vive-se um regime hiperbólico e superlativo.

Lipovetsky (2004) considera que: “No momento em que triunfam a tecnologia genética, a globalização liberal e os direitos humanos, o rótulo *pós-moderno* já ganhou rugas, tendo esgotado sua capacidade de exprimir o mundo que se anuncia” (p. 52 – grifo do autor). O prefixo pós dirigia o olhar para um passado que já não existia mais. Há um equívoco, já que ocorreu uma modernização de um novo gênero e esse conceito foi adequado para naquele momento supostamente indicava o novo, a novidade.

Pereira (2003) também concorda enfatizando que o uso desse termo suscita polêmica, que se inicia no entendimento do prefixo pós, que para alguns é compreendido como sendo contra a modernidade. Todavia, Harvey (1996) acredita ser ingênuo descrever a pós-modernidade apenas como uma reação à modernidade, utilizando polarizações simples e dicotômicas para expressar relações que são complexas. Não se trata apenas de uma discussão clara sobre o conceito, ao contrário remete a uma passagem lenta e complexa para um outro tipo de sociedade, de cultura e de indivíduo, nascido no interior e no prolongamento da era moderna. É uma realidade que se apresenta como uma manifestação cultural situada concretamente nas novas orientações do capitalismo, com o uso das tecnologias, numa velocidade vertiginosa, enfatizando um sujeito vazio e sem identidade.

O termo é emblemático porque parece indicar de certa forma uma ruptura na história do individualismo moderno, o fato é que marca uma alteração de perspectiva. Tinha como finalidade salientar uma mudança de direção, uma reorganização em profundidade do modo de funcionamento social e cultural das sociedades, porém, a expressão é ambígua<sup>27</sup>, e nem sempre consegue informar adequadamente suas finalidades, sendo dessa forma, por muitas vezes considerada inconsistente e vaga. Por esses motivos, para Lipovetsky (2004) o uso do prefixo pós foi reticente; é evidente que há vinte ou trinta anos atrás, esse conceito inspirava “oxigênio”, e poderia sugerir novos ares; hoje, entretanto, está em desuso.

O neologismo pós-moderno teve como objetivo salientar uma mudança de direção, uma reorganização em profundidade do modo de funcionamento social e cultural das sociedades democráticas avançadas. Isso se apresenta no endeusamento do consumo e na

---

<sup>27</sup> Outros autores categorizam esse período com aproximações e dissonâncias, Bauman (2001) o chama de modernidade líquida. “Diferentemente da sociedade moderna anterior, a que eu chamo de modernidade sólida, que também estava sempre a desmontar a realidade herdada, a de agora não o faz com uma perspectiva de longa duração, com a intenção de torná-la melhor e novamente sólida. Tudo está agora sempre a ser permanentemente desmontado, mas sem perspectiva de nenhuma permanência. Tudo é temporário” (p. 22). É por isso que o autor sugere a metáfora da liquidez para compreender o estado da sociedade, que, como os líquidos, se caracterizam por uma incapacidade e instabilidade de manter a forma.

apoteose da comunicação, no surto de individualismo<sup>28</sup>, na consagração do hedonismo, entre outros elementos. O indivíduo passa a não ter preocupação nenhuma, e entra num processo de descompromisso, na medida em que cresce o impulso pelo prazer, pelos desejos egoísticos e pelo consumo. É a era do pós-dever, com predomínio do hedonismo e da cultura individual.

As escolhas são realizadas por decisões individuais e privilegiam-se as que são incentivadas pela felicidade, moda, beleza e entretenimento, isso caracteriza a cultura do desenvolvimento do eu, segundo a qual o indivíduo tem direito a desrespeitar as regras em busca da individualidade. Além dessa teoria central, há também questões como o fim das certezas, das ilusões e dos determinismos (LIPOVETSKY, 1996). Aqui é necessário referendar que mesmo que a tese construa uma referência às redes, o hedonismo se faz presente nesse contexto paradoxal que o pesquisador convive no espaço acadêmico. Onde a exigência por produtividade é grande, e deve ser realizada em momentos individuais e noutros coletivamente produzida<sup>29</sup>.

Lipovetsky (2004) compartilha com Baudrillard, Maffesoli e Lyotard, a idéia de que a condição pós-moderna é uma época marcada pelo predomínio do individual sobre o coletivo. O indivíduo consome vertiginosamente e busca contínua realização; isso acontece num processo autofágico permanente, e sinaliza um vazio apoiado num direito considerado supremo e inquestionável de realizar-se. Nesse contexto, o narcisista pós-moderno é um indivíduo nem sempre comprometido, irreverente e cheio de juventude, cuja socialização se apóia na indiferença e na apatia.

Pereira (2003) acrescenta que a pós-modernidade não é tão somente uma nova corrente filosófica, social ou cultural, nem quer apenas colocar em ruínas todos os paradigmas da ciência moderna. “Ela é uma postura intelectual, um estado de reflexões, uma configuração de pensamentos que desafiam as hierarquias existentes em todas as esferas da vida contemporânea estruturadas dentro do parâmetro da modernidade” (p. 102).

A partir dessas reflexões sobre a conceituação da pós-modernidade, que não é algo fácil, sendo que há uma série de polêmicas em relação a sua terminologia, Lipovetsky (2004) promove a utilização de outro termo em seu lugar, a hipermodernidade, compreendida como uma sociedade, caracterizada pelo movimento, pela fluidez e pela flexibilidade; indiferente aos grandes princípios estruturantes da modernidade, que foram obrigados a se adaptar ao

---

<sup>28</sup> “Com o processo de personalização, o individualismo sofre um *aggiornamento* que designamos aqui, na esteira dos sociólogos americanos, como narcísico: o narcisismo, consequência e manifestação miniaturizada do processo de personalização, símbolo da passagem do individualismo limitado ao individualismo total, símbolo da segunda revolução individualista” (LIPOVETSKY, 1996, p. 12).

<sup>29</sup> Verificar mais informações sobre essa discussão no capítulo quatro.

ritmo hipermoderno para não sumir. Tudo acontece rapidamente como se tivesse ido do pós para o hiper, nascendo outra sociedade. “Hipercapitalismo, hiperclasse, hiperpotência, hiperterrorismo, hiperindividualismo, hipermercado, hipertexto - o que mais não é hiper? O que mais não expõe uma modernidade elevada à potência superlativa? Ao clima de epílogo segue-se uma sensação de fuga [...]” (LIPOVETSKY, 2012, p. 01).

O prefixo pós se volta para o passado. Enquanto que o prefixo hiper dá uma dimensão de futuro e para frente. Nessa nova condição há consumo comercial da relação com o tempo, prevalece uma escalada ao extremo e a uma dinâmica ilimitada, a uma “espiral hiperbólica”. Nessa sociedade, o tempo é cada vez mais visto com preocupação, se exerce uma pressão temporal crescente e constante. Para Lipovetsky (2004) “estamos em um mundo de incertezas, de risco. Tudo isso me faz rejeitar o conceito de pós-moderno. Essa conceituação tinha um sentido cultural e não estrutural” (p. 38).

Trata-se, assim, não mais de sair do mundo da tradição para se chegar à racionalidade moderna. Ao contrário, Lipovetsky (2004) avança a possibilidade de “[...] modernizar a própria modernidade, racionalizar a racionalização – ou seja, na realidade destruir os ‘arcaísmos’ e as rotinas burocráticas, por fim à rigidez institucional e aos entraves protecionistas, relocar [...]” (p. 56 – grifo do autor). É a remobilização das crenças tradicionais, o indivíduo híbrido entre o passado e o presente, e não exclusivamente a autocrítica do conhecimento científico. Muito mais do que apenas uma expectativa quanto a um prefixo e sua discussão retórica, o termo define a situação paradoxal da sociedade, dividida de modo esquizofrênico entre a cultura do excesso e o elogio da moderação.

Lipovetsky (2011) aponta ainda que a hipermodernidade é caracterizada como um momento conflitante, a modernidade passou para uma velocidade superior em que tudo hoje pode ser levado ao excesso. Assim, não tem limites, e o triunfo do mercado através da globalização, serve como evidência de que se vive na era hiper.

Nessa tessitura, dois nexos constitutivos ainda precisam ser ressaltados, o hiperconsumo e o hiperindividualismo. No primeiro caracteriza-se o surgimento de um consumidor volátil e fragmentado. Ao mesmo tempo, a expansão de um consumidor mais experiencial/emocional do que ligado apenas ao status da compra. Consome-se mais para satisfazer o eu do que para ganhar o reconhecimento dos outros. Assim, “comprar é sentir o gozo, é adquirir uma pequena revivescência no cotidiano subjetivo. Talvez esteja aí o sentido definitivo da engrenagem hiperconsumista” (LIPOVETSKY, 2004, p. 121).

O mundo do consumo e da propaganda aparece como um sonho jubiloso. A sociedade se exhibe sob o signo do excesso e da fartura. Os tempos hipermodernos exigem hipermercados

e *shopping centers* gigantescos que contenham espaço para divulgar os produtos. Devem ser sofisticados, pois sua clientela é cada dia mais egocêntrica, chegando a ser hiperindividualista, compreendendo o consumismo como uma forma de compensar a angústia existencial. Para Lipovetsky (2004)

Nasce toda uma cultura hedonista e psicológica que incita à satisfação imediata das necessidades, estimula a urgência dos prazeres, enaltece o florescimento pessoal, coloca no pedestal o paraíso do bem-estar, do conforto e do lazer. Consumir sem esperar; viajar; divertir-se; não renunciar a nada: as políticas do futuro radiante foram sucedidas pelo consumo como promessa de um futuro eufórico ( p. 61).

Novos produtos e serviços são inseridos no mercado visando o conforto, o prazer e a vaidade, destacando a novidade e o diferente. Ao permear setores cada vez mais amplos da vida coletiva, a moda instituiu o eixo do presente como temporalidade socialmente aceita. Foi o poder dos dispositivos do consumismo e da moda que provocou a derrota da modernidade.

Porém, a hipermodernidade não se reduz apenas ao consumismo e ao entretenimento. O segundo nexos aparece em decorrência desse consumo exagerado e do hipercapitalismo, é a hiperindividualidade: o indivíduo é regulador de si mesmo, às vezes prudente e calculista, em outras situações é desregrado, desequilibrado e caótico. O hiperindividualismo integra não apenas a internalização do *homo economicus* que busca a maximização dos ganhos na vida, mas também a desestruturação de antigas formas de regulação social dos comportamentos. Com seus apelos, a era hipermoderna produz num só movimento ordem e desordem, dependência e independência (LIPOVETSKY, 2004).

Lasch citado por Genro (2000) indica que o ceticismo e o niilismo produzidos pela crise do pensamento ocidental, introduzem o consumo excessivo e incentivam o individualismo exacerbado que é produto da ideologia de uma sociedade burguesa, que considera a instauração do bem-estar como resultado da competição individual.

Porém, é necessário dizer que a hipermodernidade ainda não entoou o seu “canto da sereia”, está apenas no começo de sua aventura histórica. Está se constituindo dia-a-dia, se desvendando em cada situação apresentada e se reorganizando a partir dos encaminhamentos revelados. As instituições sociais são profundamente afetadas por esse novo mundo com tendência hipermodernizante. A universidade é tributária dos princípios modernos da razão e do Estado é, desta forma, uma instituição que acompanhou os paradigmas da modernidade. Porém, está num período de transição incorporando morosamente e com dificuldades as mudanças, e se defrontando com os horizontes da incerteza.

O embate teórico da pós e da hipermodernidade, encaminha a universidade a repensar suas atividades e descobrir quais são as práticas que apontam para uma transição. Para

Lampert (2005), a universidade principal gestora de ciência, precisa refletir sobre essa nova cultura, encontrando saídas possíveis e salutares para analisar as diversas modalidades de compreender o mundo. Espera-se que esses desafios trazidos pela hipermodernidade tornem-se o passaporte para uma resposta audaciosa e urgente da universidade.

Pois, para atender a uma modernidade elevada a potência superlativa, é necessário buscar um discurso e uma prática que encontre saídas para a desvalorização do diploma. Na atual configuração do capitalismo e na globalização econômica, há um incentivo ao sucateamento das qualificações e a precarização do trabalho, não só nas universidades, mas em todos os postos de trabalho. A partir do exposto fica evidente a complexidade do momento vivenciado pela universidade. Anuncia-se, agora uma sociedade organizada em rede, onde as tecnologias ocupam posições dominantes na estrutura econômica, caracterizando a segunda tessitura conceitual.

## 2.2 A tessitura da sociedade em rede

Nessa segunda parte da ordem teórica conceitual busca-se conceituar vários termos a serem utilizados nesse estudo, que são primordiais na sua relação com a universidade e a pesquisa, tais como: o espaço, o tempo, o global e o local, entre outros. Isso acontece para legitimar a ideia de uma sociedade organizada em rede e indicar a embocadura teórica dessa tese, a partir do contexto da globalização e do avanço da tecnologia.

O mundo está em transição e transformação estrutural há pelo menos duas décadas. Esse é um processo multidimensional associado à emergência de um novo paradigma econômico e tecnológico<sup>30</sup>, baseado nas tecnologias de comunicação e de informação, que começa a tomar forma na década de 60 e que se difundiram (CASTELLS, 2001). É o advento da sociedade em rede<sup>31</sup>.

Há várias formulações na definição do conceito de rede, em diferentes situações e a partir de metáforas que remetem a inter-relações, associações, interações e vínculos, todos envolvendo comunicação e intercâmbio de informação. No dicionário, aparecem os seguintes

---

<sup>30</sup> Para Castells (2001) esse paradigma é um agrupamento de inovações técnicas, organizacionais e administrativas inter-relacionadas cujas vantagens podem ser descobertas não apenas em uma nova gama de produtos, mas sobretudo na dinâmica dos custos dos insumos para a produção.

<sup>31</sup> Também estudada por Lévy que se utiliza da tipologia cibercultura para sinalizar um espaço de interações propiciado pela realidade virtual, para explicar que as pessoas experienciam uma nova relação espaço-tempo. Serve-se da mesma analogia da rede para indicar a formação de uma “inteligência coletiva”. Para Simões (2009), muito embora as linhas analíticas de Castells e Lévy sigam caminhos diferentes, (o primeiro numa abordagem marxista da sociedade e o segundo com um pensamento antropológico), há um aspecto que não pode ser desconsiderado na intersecção dos pensamentos: “não é possível mais ignorar o impacto dessas tecnologias à vida humana, muito menos à vida em sociedade” (p. 02).

termos definidores: entrelaçado de fios, de espessura e de materiais que formam um tecido; conjunto de estradas, tubos e canais que se entrecruzam; além disso, pode ser considerado um conjunto de pessoas ou organizações que tem conexão, a partir de um objetivo comum (HOUAISS e VILLAR, 2009). A rede pode ser entendida como uma estrutura de interconexão, composta de elementos em interação e que obedece algumas regras de funcionamento. Para Capobianco (2010), se uma rede se forma e se renova por sua própria dinâmica, pode-se pensar em um complexo estrutural que reúne e inclui camadas.

Essa sociedade, em termos simples, é explicada por Castells (2006) como uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação fundamentadas na microeletrônica e em redes de computadores que geram, processam e distribuem informações a partir do conhecimento acumulado pelos nós. A rede é a estrutura formal, com um sistema de nós interligados. Os nós são, “os pontos onde a curva se intersecta a si própria. As redes são estruturas abertas que evoluem acrescentando ou removendo nós de acordo com as mudanças necessárias dos programas que conseguem atingir os objectivos [...]” (p. 20).

Isso explica porque o conceito utilizado por Castells (2001) pode referir-se tanto à transposição das barreiras do espaço físico, quanto à possibilidade de estabelecer relações de comunicação. Para se compreender o surgimento dessa nova organização societal, Castells (2001) indica que é necessário destacar duas tendências que a fundamentam. A primeira é o desenvolvimento de novas tecnologias da informação e a segunda é a tentativa da sociedade de aparelhar-se com o uso do poder dessa tecnologia.

Para conceituar as tecnologias da informação, Castells (2001) vale-se de Bell indicando que é um conjunto de microeletrônica, computação (*software* e *hardware*), telecomunicação e radiodifusão. Na década de 70 um novo paradigma veio a ser constituído, principalmente nos Estados Unidos “[...] foi um segmento específico da sociedade norte-americana, em interação com a economia global e a geopolítica mundial, que concretizou um novo estilo de produção, comunicação, gerenciamento e vida” (CASTELLS, 2001, p. 25).

Por informação, Castells e Bell entendem o processamento de dados em uma perspectiva ampla, com o armazenamento e sua recuperação, tornando-se recurso para as trocas econômicas e sociais. Já o conhecimento, é um conjunto organizado de declarações, de fatos ou ideias que apresentam julgamento lógico ou resultado de comunicação de alguma forma sistemática. A partir da década de 70, a informação e o conhecimento adquirem uma projeção social e econômica, na medida em que dentro dessa lógica vão se tornar a marca dessa economia e dessa sociedade (CASTELLS, 2001). É, pois, uma época de transformação que se refere às tecnologias da informação, processamento e comunicação de dados. Seu

lastro revolucionário é a microeletrônica, o uso dos computadores e, especialmente, a Internet. Esses elementos constituem a base para essa nova forma de organização das sociedades, a era da disseminação da informação<sup>32</sup> em níveis nunca antes experimentados.

Especificamente com relação à Internet, lembra-se que foi originária de ideias ousadas da agência de projetos de pesquisa avançada do departamento de defesa dos Estados Unidos na década de 60, que surge num momento histórico para atender aos interesses militares de impedir a tomada ou destruição do sistema de comunicação em caso de uma guerra. Foi resultado de estudos sobre os avanços dos recursos tecnológicos e do aprimoramento dos *softwares* e *hardwares*. Porém, a tecnologia é condição essencial, mas não suficiente para uma nova forma de organização social baseada em redes, “ou seja na difusão de redes em todos os aspectos da actividade na base das redes de comunicação digital. Este processo pode ser relacionado com o papel da eletricidade ou do motor elétrico [...]” (CASTELLS, 2006, p. 17). Com relação a esse momento histórico Didriksson (2008a) esclarece que:

Nos encontramos en un nuevo periodo, en donde se manifiesta la reorganización del conjunto de las esferas de la vida política, social y económica, por la intermediación de la producción y la transferencia de nuevos conocimientos y tecnologías sobre todo relacionadas con la informatización, las telecomunicaciones, así como en la biotecnología y en la nanotecnología (p. 24).

Portanto, a sedimentação da Internet se impõe como sendo à base da sociedade em rede, mas deve ser analisada também como uma congregação de grupos de sub-redes que não são apenas de computadores, compõem-se de pessoas, de informação, entre outras. Essa análise teórica se alinhava a abordagem da hipernmodernidade. As tecnologias alteraram os limites espaciais, mudaram os modos de organização econômica, potencializaram as relações humanas, e, por fim, transformaram as percepções do mundo e as maneiras de agir sobre ele.

Assim, o aparecimento e a evolução extraordinária das tecnologias de informação e comunicação se mostram basilares para a globalização que redesenha o mapa econômico do mundo. Castells (2006) indica que “aquilo a que chamamos globalização é outra maneira de nos referirmos à sociedade em rede, ainda que de forma mais descritiva e menos analítica do que o conceito de sociedade em rede implica” (p. 18). Nesse sentido, a revolução tecnológica foi essencial para a reestruturação do sistema capitalista a partir da década de 80 e tem

---

<sup>32</sup> Por informação, Castells e Bell entendem o processamento de dados em uma perspectiva ampla, com o armazenamento e sua recuperação, tornando-se o recurso essencial para todas as trocas econômicas e sociais. Já o conhecimento, é entendido como um conjunto organizado de declarações, de fatos ou ideias que apresentam julgamento lógico ou resultado de comunicação de alguma forma sistemática. A partir da década de 70, a informação e o conhecimento adquirem uma projeção social e econômica, na medida em que dentro dessa lógica de geração, processamento e transmissão da informação, as inovações e o conhecimento vão se tornar a marca dessa economia e dessa sociedade (CASTELLS, 2001).

influenciado a economia e o conhecimento, que está no centro das transformações que ocorrem em todos os aspectos. Isso porque a informação consegue instantaneamente atingir muitas partes do mundo.

Assim, surge o paradigma da sociedade informacional que tem forma de rede, sendo essa característica que lhe distingue dos sistemas anteriores. Afinal, é a informação a força produtiva. Para Castells (2001), o informacionalismo vem do termo informacional, o qual indica o atributo de uma forma específica de organização social em que o processamento e a transmissão da informação tornam-se fontes primordiais do poder, e tem relação direta com as novas condições surgidas nesse período. Neste novo modelo, a fonte de produtividade está na tecnologia de geração de conhecimentos, de processamento da informação e da comunicação. Sabe-se, que conhecimentos e informações são elementos cruciais de todos os modos de desenvolvimento. Não obstante, o que é específico a esse modo é a ação sobre os próprios conhecimentos como principal fonte de produtividade.

Nesse contexto é que a rede se transforma num instrumento apropriado para a economia voltada para a inovação e para as empresas ancoradas na flexibilidade; para uma cultura de reconstrução contínua; para uma política destinada ao processamento instantâneo de valores; e, para uma organização social que vise à suplantação do espaço e invalidação do tempo. Isso se correlaciona profundamente com a hipermodernidade. Essas transformações conduzem a modificações do tempo, do espaço e da virtualidade que acontecem nos fluxos globais. As sociedades dessa era são aprofundadas na lógica da rede, cuja expansão dinâmica aos poucos absorve e supera as formas existentes. Como se transforma estruturalmente, surgem novas formas e processos espaciais, criam-se, pois, os espaços de fluxos que tendem a sobrepor-se ao espaço dos lugares.

Para Castells (2001), o espaço é a expressão da sociedade. Na física, é definido dentro da dinâmica da matéria; na teoria social “é o suporte material de práticas sociais de tempo compartilhado” (p. 436). Compreende-se então que “é um produto material em relação a outros produtos materiais – inclusive as pessoas – as quais se envolvem em relações sociais determinadas que dão ao espaço uma forma, uma função e um sentido social” (p. 435). É considerado então, o tempo cristalizado.

Harvey (1996) sinaliza que um dos axiomas fundamentais de sua investigação é que o tempo e o espaço não podem ser entendidos independentemente da ação. Na sociedade informacional, são analisados pelo seu significado social. Isto porque as mudanças nas relações de produção e poder convergem para a transformação das bases materiais do espaço e do tempo. Castells (2000, p. 426) indica ainda que “O espaço de fluxos da Era da



Informação domina o espaço de lugares das culturas das pessoas. O tempo intemporal, como tendência social rumo à invalidação do tempo pela tecnologia, supera a lógica do tempo cronológico da era industrial”.

Ainda é oportuno indicar que o espaço de fluxos é a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado. Castells (2001) enfatiza que se compõe de três camadas: a primeira formada por um circuito de impulsos eletrônicos; a segunda constituída por seus nós (centros de funções estratégicas); e a terceira refere-se à organização espacial das elites gerenciais dominantes que exercem as funções de gestão e direção.

Nas reflexões dessa tese sobre pesquisa e Pós-graduação na Unemat, uma dessas camadas se torna eminente de ser compreendida, visto que permeia discussões posteriores a serem feitas sobre a territorialidade, o global e o local no processo de produção de conhecimento na universidade. Essa camada destacada é a segunda, que indica que esse espaço de fluxos não é desprovido de lugar, embora sua estrutura lógica indique que seja.

Alguns lugares são os nós ou centros das redes, isto é, a localização de funções estrategicamente importantes que constroem uma série de atividades em torno de uma função-chave na rede. Castells (2001) complementa que os principais processos “são articulados em redes que ligam lugares diferentes e atribuem a cada um deles um papel e um peso em uma hierarquia de geração de riqueza, processamento de informação e poder, fazendo que isso, em última análise, condicione o destino de cada local” (p. 439).

Tanto o espaço quanto o tempo são transformados sob o efeito combinado do paradigma da tecnologia da informação e das formas e processos sociais induzidos pela transformação histórica. Destarte, o espaço organiza o tempo na sociedade em rede. Enfim, o espaço de fluxos não permeia toda a esfera da experiência humana. Os indivíduos também percebem seu espaço com base no lugar, concebido como um local cuja forma, função e significado são independentes dentro das fronteiras da contiguidade física.

De acordo com Castells (2001), as sociedades são formadas pela interação entre a *net* e o ser, entre a sociedade e o poder da identidade. O lugar também conduz a compreensão do conceito de identidade como fonte de significado e experiência. Constituem-se como nascentes de significado para os atores e construídas por meio de um processo de individualização; pois que organizam papéis e funções. Do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. Porém, o processo de globalização estudado sob a ótica da cultura, tem apontado para um fenômeno aparentemente contraditório: quanto mais intensa a mundialização das relações, mais fortes se articulam os grupos e os projetos.

Além do espaço e da identidade, outra discussão central é o tempo. De fato, a transformação do tempo sob o paradigma da tecnologia da informação, é um dos fundamentos da sociedade em rede, irremediavelmente ancorado no surgimento do espaço de fluxos. Para Castells (2001), “Todo tempo, na natureza como na sociedade, parece ser específico a um determinado contexto: o tempo é local” (p. 457).

Entretanto, as concepções de tempo variaram ao longo da história, foram a determinação do destino nos horóscopos babilônicos, ou nas sociedades medievais as comemorações e festas, ou a revolução newtoniana do tempo absoluto como princípio organizador da natureza. Atualmente, o tempo é crucial para a geração de lucros (CASTELLS, 2001). Em contrapartida, na sociedade em rede, esse tempo linear, irreversível, mensurável e previsível está fragmentado, em um movimento de extraordinária importância histórica. Há assim, uma transformação profunda,

é a mistura de tempos para criar um universo eterno que não se expande sozinho, mas que se mantém por si só, não cíclico, mas aleatório, não recursivo, mas incurso: tempo intemporal, utilizando a tecnologia para fugir dos contextos de sua existência e para apropriar, de maneira seletiva, qualquer valor que cada contexto possa oferecer ao presente eterno (CASTELLS, 2001, p. 460).

O tempo intemporal é uma forma emergente do tempo social na sociedade em rede porque o espaço de fluxos não anula a existência de lugares. O tempo é gerenciado como um recurso, não da maneira cronológica linear que se conhece, mas como um fator diferencial em relação à temporalidade de redes. Sob essas novas condições, o tempo é processado. “O tempo é comprimido e, em última análise, negado na cultura como uma réplica primitiva da rápida movimentação de produção, consumo, ideologia e políticas em que nossa sociedade é baseada” (CASTELLS, 2001, p. 487). Isso é viabilizado pela velocidade das tecnologias.

Assim, a cultura da virtualidade real associada a um sistema multimídia integrado, contribui para a transmissão do tempo nas sociedades em rede de duas formas diferentes: na simultaneidade e na intemporalidade. De um lado, a informação instantânea oferece instantaneidade temporal sem precedentes aos acontecimentos sociais. De outro, a miscelânea de tempo na mídia, cria uma colagem temporal em um horizonte aberto (CASTELLS, 2001). Esse tempo pertence ao espaço de fluxo, ao passo que o disciplina. O espaço acaba modelando o tempo na sociedade em rede, assim invertendo uma tendência histórica: fluxos introduzem tempo intemporal, lugares estão presos ao tempo. A transformação estruturou o ser, o tempo moldou o espaço.

Castells (2001) explicita que: “A tendência predominante de nossa sociedade mostra a vingança histórica do espaço, estruturando a temporalidade em lógicas diferentes e até

contraditórias de acordo com a dinâmica espacial” (p. 490). O espaço de fluxos dissolve o tempo desordenando tornando-os simultâneos, instalando, a sociedade na efemeridade eterna.

A partir desses indicativos, é perceptível que a sociedade em rede, como qualquer outra estrutura, não deixa de ter contradições, conflitos sociais e provocações de formas alternativas de organização social. Porém, são instigados pelas tramas dessa sociedade, personificados por diferentes sujeitos. Mesmo apresentando desafios, a compreensão do momento atual requer a análise dos seus desdobramentos e sua influência na sociedade e principalmente nessa tese que vislumbra discutir a universidade inserida nesse contexto.

Como tendência histórica, admite-se que a inovação seja a fonte principal de produtividade, e que os conhecimentos e a informação sejam os elementos essenciais desse novo processo produtivo (CASTELLS, 2000). Essa é a encruzilhada que se vive no processo de desenvolvimento da sociedade em rede, uma crescente contradição que caracteriza a expansão das forças produtivas, isso explica a centralidade da Educação Superior no capitalismo reestruturado nessa era global.

Com essa lógica, desenha-se a teia que une e move as inúmeras mutações verificadas na sociedade, estreitamente associadas ao ritmo feroz com que ocorrem. A compreensão dessa meada que rege esse contexto mundial, indica uma lógica de funcionamento, construído com um grau cada vez maior de imprevisibilidade e de incerteza, de ordem e de desordem.

Todos esses elementos se remetem direta ou indiretamente a terceira tessitura que compõem a rede conceitual dessa tese, a sociedade do conhecimento numa perspectiva crítica e a intensificação da importância da Educação Superior no contexto mundial. Essa análise torna-se, imprescindível para se investigar a complexidade dos fenômenos presentes na sociedade que constitui a realidade contemporânea da universidade brasileira.

### 2.3 A tessitura da sociedade do conhecimento

Nesta terceira e última parte da ordem teórica conceitual procura-se discutir conceitos como geopolítica do conhecimento, internacionalização da Educação Superior, entre outros, que são importantes para se analisar a Pós-graduação brasileira. Assim, iniciam-se as reflexões a partir da conceituação de Hargreaves (2004), buscando aprofundamento sobre a sociedade do conhecimento na América Latina em Didrikson (2006).

O mundo contemporâneo e a sociedade brasileira estão se modificando, em consequência dos processos de globalização, afetando a sociedade como um todo. Nesse contexto, ressalta-se a tendência de internacionalização da Educação Superior e seus desdobramentos, entre os quais a sociedade do conhecimento que não pode ser esquecida

quando se trata de um estudo que abarca a temática da pesquisa. Esse tema é pauta de estudos na sociedade do conhecimento, período histórico em que inovações técnicas e científicas têm se tornado essencial. Na verdade, é inerente ao desenvolvimento da Educação Superior e a sua expansão é inevitável, diante da sociedade globalizada.

Essa discussão vem desde 2003, quando foi realizada a Segunda Reunião dos Parceiros da Educação Superior<sup>33</sup>, Paris+5, como o objetivo de discutir a cooperação internacional para a melhoria da sua qualidade, administração e financiamento. Neste encontro, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) apontava ações estratégicas no fortalecimento da internacionalização; combinação das racionalidades acadêmica e econômica; importância do contexto global na discussão sobre políticas no nível institucional. Zamberlan (2009) considera que

Frente ao novo cenário, a Unesco propõe como guia das políticas para o ensino superior três palavras chaves: **relevância** (no papel do ensino, pesquisa e extensão), **qualidade** (um sistema de ensino superior bem estruturado e administrado para as necessidades e expectativas da sociedade) e **internacionalização** (busca de uma reflexão global do aprendizado e da pesquisa, compartilhando conhecimentos teóricos e práticos entre países e continentes) (p. 17 – grifos do autor).

A Unesco ainda alertou as instituições que não deveriam somente reagir diante das forças resultantes da globalização, mas idealizar a cooperação internacional como parte integrante de sua missão institucional criando mecanismos e estruturas apropriadas para promovê-la. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) também tem se manifestado e publicado recomendações aos países em desenvolvimento.

No conceito de internacionalização, há uma variedade de interpretações, sendo objeto de diferentes definições. Observa-se que é algo discutido há muito tempo e algumas formulações tendem a privilegiar determinados aspectos em detrimento de outros. Morosini (2006b) destaca que o conceito oscila entre uma visão minimalista, instrumental e estática, na busca de financiamento externo para programas de intercâmbio; e uma visão complexa, de ampla abrangência, orientada por políticas que permeiam a cultura, o currículo, o ensino, assim como as atividades de pesquisa das universidades.

O resgate histórico das definições ilustra essa miscelânea. Knight (2005) informa que o termo foi utilizado na década de 70, por Van der Wende e identificado como “qualquer esforço sistemático de tornar o ensino superior receptivo às demandas e aos desafios relacionados à globalização das sociedades e dos mercados econômicos e de trabalho” (p. 19).

---

<sup>33</sup> Houve um destaque nesta reunião no sentido de entender que a dimensão internacional se caracterizava por: intercâmbio de conhecimento, redes interativas, projetos internacionais e mobilidade acadêmica, além de ênfase nas redes de pesquisa.

É, pois, uma definição ampla que corresponde a um conjunto de esforços que objetiva capacitar a Educação Superior a responder aos desafios impostos e que decorrem da mundialização da sociedade e da economia. Na década de 90, Knight (2005) sinaliza que é o processo no qual se integra uma dimensão internacional e intercultural ao ensino, à pesquisa e aos serviços de uma IES. Altbach e Knight (2006) discutem que a internacionalização inclui políticas e programas governamentais para explorar a globalização.

Rudzik (*apud* KNIGHT, 2005) a define como um conjunto de mudanças organizacionais, de inovação curricular, de mobilidade. Destaca-se, então, como um processo capaz de transformar estabelecimentos nacionais em instituições internacionais, pois imprime dimensão internacionalizada em todos os aspectos da gestão. Ainda quanto ao conceito Marginson e Rhoades (*apud* MOROSINI, 2006b) conceituam-na “[...] como a globalização do ensino superior, o desenvolvimento do aumento de sistemas educacionais integrados e as relações universitárias além da nação” (p. 116). Visto por essa perspectiva, a internacionalização é uma atividade além-fronteira entre os sistemas de Educação Superior.

Atualmente, a internacionalização tem evoluído da mobilidade de pessoas (manifestação mais recorrente) para a circulação de programas, abertura de *campi* (*branch-campus*) e instalação de instituições fora do país de origem. Knight citado por Lima e Maranhão (2009) propõe uma definição técnica, prática e neutra capaz de respeitar especificidades existentes nos sistemas educativos. “L’internationalisation à l’échelle du pays/du secteur/de l’établissement désigne le processus que consiste à intégrer une dimension internationale, interculturelle ou mondiale aux finalités, aux fonctions ou à l’organisation de l’enseignement postsecundaire<sup>34</sup>” (p. 584).

O Espaço Europeu de Ensino Superior (EEES) mais conhecido como Processo de Bolonha, ocupa um papel de destaque nas discussões acerca da Educação Superior, não apenas na Europa, mas também em todo o mundo, com especificidades nas políticas públicas brasileiras (SIEBIGER, 2013). Tem como objetivo a convergência dos sistemas de Educação Superior, baseando-se em três ciclos (licenciatura, mestrado e doutorado). Também busca introduzir um sistema de graus acadêmicos, promovendo a mobilidade dos estudantes, dos professores e dos investigadores, assegurando a elevada qualidade da docência (EUROPA, 2010).

Desta forma, enquanto para alguns a internacionalização é fruto da reestruturação da IES na exploração de alternativas de autofinanciamento, com a ampliação do mercado e

---

<sup>34</sup> A internacionalização em todo o país, setor, instituição é o processo de integração de uma função internacional, intercultural ou global para os fins, e organização da educação pós-secundária (Tradução nossa).

comercialização de serviços; para outros, decorre do incremento tecnológico e do uso intensivo do conhecimento, além da combinação da matriz curricular para a convergência de sistemas. A discussão acerca da conceituação é complexa, devido à multiplicidade de formas, interesses e justificativas.

No Brasil, esse processo parece estar fundamentado na perspectiva de cooperação com as demais nações, em contraposição ao caráter comercial e mercantil. É permitido enfatizar que vista pelo prisma dos países que pressionam a Organização Mundial do Comércio<sup>35</sup> (OMC) para a desregulamentação do setor educacional, há uma tendência para promover a competição no ambiente acadêmico. Porém para Lima e Contel (2011), a cooperação acadêmica é a expressão mais antiga da internacionalização da Educação Superior, dependendo da forma como for utilizada (ativa ou passiva<sup>36</sup>) é capaz de colaborar para o fortalecimento das instituições que compõem o sistema mundial por meio do estabelecimento de relações interinstitucionais diversificadas e horizontalizadas.

Verifica-se no caso brasileiro, que o processo de internacionalização da Educação Superior se inicia timidamente, em resposta às prioridades governamentais. Segundo Lima e Contel (2011) concretizou-se, ao longo dos anos, em ações que aproximaram o governo e as IES, objetivando ampliar as condições que favoreceriam o desenvolvimento de *expertise* para o desenvolvimento do país. Neste sentido,

Primeiramente, o processo de internacionalização foi direcionado para o fortalecimento institucional de universidades emergentes e, depois, foi encaminhado no sentido de fortalecer a pós-graduação *stricto sensu*. Apenas recentemente, em virtude de necessidades impostas pelo conhecimento e respectiva aplicação no setor produtivo, de pressão exercida pela sociedade por acesso a educação superior, de expansão do sistema privado de educação superior frente às limitações dos investimentos públicos direcionados para o setor educacional, o processo de internacionalização ganhou novas motivações e múltiplos provedores (LIMA e CONTEL, 2011, p. 488).

É necessária uma límpida consciência de que as manifestações atuais da internacionalização refletem caminhos e descaminhos engendrados pela globalização, sendo importante que a sociedade conheça a força exercida pela questão econômica, particularmente no processo de moldar, limitar e escolher as políticas e práticas educacionais.

<sup>35</sup> A OMC ou World Trade Organization (WTO) é o agrupamento de países com o intuito de coordenar a política comercial internacional. Seus acordos são assinados pela maioria dos países envolvidos no comércio mundial. Foi criada em 1947 com o nome de General Agreement on Trade in Services (GATS), mas com o crescente desenvolvimento do comércio internacional, em 1997, passou a chamar-se OMC (MOROSINI, 2006c).

<sup>36</sup> A internacionalização ativa é a implantação de políticas voltadas para a atração de acadêmicos, oferta de serviços educacionais no exterior envolvendo a mobilidade de *experts* em áreas de interesse estratégico, exportação de programas e instalação de instituições ou *campi* no exterior. Já a passiva é o envio de acadêmicos para se formar nos grandes centros, objetivando investir no desenvolvimento de uma elite capaz de influenciar o processo de modernização do país (LIMA e MARANHÃO, 2009).

Didriksson (2008b) comenta a partir da Declaração Mundial sobre a Educação Superior no século XXI, proposta na Conferência Mundial pela Unesco, em 1998, que a internacionalização “[...] deberá procurar impulsar el uso y manejo creativo de las nuevas tecnologías, acrecentar la responsabilidad del Estado en el fi nanciamiento público y poner en marcha nuevos mecanismos de cooperación internacional” (p. 404). Assim, pode favorecer a socialização do conhecimento além das fronteiras. Morosini (2006b) enfatiza que entre os desafios da internacionalização, devem-se considerar os efeitos que podem advir da determinação da Educação Superior como serviço comercial regulamentado pela OMC.

Numa tese que busca alavancar a Pós-graduação, deve-se alinhar a essa discussão o direcionamento da produção do conhecimento. Para Laus e Morosini (2005), a pesquisa evidentemente está no coração do processo de internacionalização da Educação Superior e se desenvolve principalmente na mobilidade estabelecida pela Pós-Graduação. Há um incentivo na construção de uma política de financiamento da pesquisa internacional, pois seria um instrumento-chave para a cooperação. Morosini (2008) considera que a universidade sempre teve como princípio a internacionalização através da pesquisa. “[...] Isso porque a função investigativa tem uma autonomia ligada ao pesquisador e este busca relações internacionais para o desenvolvimento do conhecimento” (p. 302).

Identifica-se nitidamente, que em tempos de mundialização, reforça-se que o conhecimento, produzido nas pesquisas acadêmicas, assume papel relevante na sociedade do conhecimento. Dias Sobrinho (2010) comenta que “O fato indiscutível é que a educação superior, com todos os seus problemas, ocupa um lugar central no desenvolvimento cultural e econômico da vida contemporânea” (p. 44). Assim, a Educação Superior é, ao mesmo tempo, central para o desenvolvimento social e econômico, mas, paradoxalmente, vítima de descrédito. Ainda que seja a principal instituição da produção e socialização do conhecimento, a universidade está hoje ameaçada em sua natureza, vivenciando crises<sup>37</sup>.

Destaca-se que o conhecimento é importante matéria-prima das riquezas, uma condição *sine qua non* para o desenvolvimento. Isto seria suficiente para reconhecer a centralidade da Educação Superior na sociedade organizada em rede. A evidência está no papel histórico que essas IES têm no desenvolvimento dos países e no fortalecimento da economia. Robertson (2009) concorda com a perspectiva de que em muitas partes do mundo, a Educação Superior é vista como um “motor” para o desenvolvimento da economia baseada

---

<sup>37</sup> As crises serão discutidas na síntese conceitual: espaço constituinte dos nexos.

no conhecimento; por isso suas políticas e suas práticas são cooptadas e dimensionadas por interesses políticos e econômicos geoestratégicos mais amplos.

Com relação aos termos conhecimento, informação e sociedade do conhecimento, que emergem a partir das relações hipermodernas e em rede, os conceitos são complexos e despertam interesse de intelectuais e especialistas. Entretanto, independentemente da definição que se adote, há um denominador comum que é a combinação das configurações e aplicações da informação com as tecnologias em todas as suas potencialidades.

Primeiro, com relação à palavra informação, não há facilidade em ser definida, é um conceito polissêmico. Atualmente, é mais difícil ainda, visto que ganhou significado no processo de desenvolvimento dos países juntamente com o conhecimento. Para Houaiss e Villar (2009), informação é o ato ou efeito de informar, é um esclarecimento sobre os méritos ou estado de alguém ou algo. Segundo Lima e Contel (2011) é a transmissão de uma significação, por meio de uma mensagem e com base em um suporte espaço-temporal (impresso, sonoro, por telefone, ou outros meios). Porém, essas definições guardam divergências com Castells (2001) que a compreende relacionada com o processamento, o armazenamento e a recuperação dos dados, tornando-se moeda de troca econômica e social.

Já a noção de conhecimento é abrangente e com amplitude; existem diversos tipos de conhecimentos e isso permite aos indivíduos dar *significado* as informações que recebe do meio. Este termo muitas vezes é utilizado para se referir ao conjunto de fatos e princípios acumulados pela humanidade. No dicionário, é definida como ato ou efeito de conhecer, ideias, noção, notícia (HOUAISS e VILLAR, 2009).

Genericamente, pode-se dizer que o conhecimento é o ato de saber alguma coisa, de tomar consciência de determinado fato, apropriar-se intelectualmente de fatos ou ideias. Squirra (2005) esclarece que pode ser compreendido como a “familiaridade ou estado de consciência que se obtém com a experiência de estudar determinado fato” (p. 257) e, por fim a informação específica sobre algo. Hoje, é amplamente reconhecido como o principal insumo da economia, segundo Lima e Maranhão (2009), no capitalismo, ganha importância por ser reconhecido como a principal força produtiva. O conhecimento é marca dos tempos atuais, determinando novos padrões de organização social e econômica e produzindo riqueza. Há, pois, um caráter estratégico do conhecimento.

Ao retomar a conceituação de Castells (2001), se constata diferenças, sendo apenas um conjunto organizado de declarações, de fatos ou ideias que apresentam julgamento lógico ou resultado de comunicação de forma sistemática. Há, pois, evidências que as conceituações



se assemelham, se singularizam e se diferenciam, o conhecimento adquire uma projeção social e econômica diferenciada, na medida em que se torna a marca da sociedade atual.

A *priori* a sociedade do conhecimento vem sendo constituída nesse cenário. Squirra (2005) destaca que: “Os princípios dessa sociedade trazem em si estampadas as modernas e dinamicamente evolutivas práticas e modelos de ação dos países mais avançados do globo” (p. 256). Hargreaves (2004) esclarece que a sociedade do conhecimento se caracteriza, sobretudo, por produzir economias do conhecimento que são estimuladas e movidas pela criatividade e pela inventividade. A expressão que partiu de Bell e foi refinada por Drucker, significa não apenas o crescimento de alguns setores, mas de todas as partes da vida econômica dos indivíduos.

Dias Sobrinho (2010) tem um posicionamento mais intenso com relação a esse tipo de sociedade que é determinada pela economia do conhecimento, que define as prioridades, as opções epistemológicas, os sentidos, as formas de apropriação, os financiamentos, as relações entre os pesquisadores e a ciência. Destaca também, que os investimentos e os gastos com pesquisa e com a Educação Superior são fundamentais para o seu aprimoramento.

Nesse contexto, aflora um conceito indispensável que é a geopolítica do conhecimento. Essa inserção teórica se justifica por três razões: entender a importância do conhecimento produtivo como base para as capacidades industrial, científica e tecnológica; verificar quais os elementos que credenciam algumas regiões ou países a se comportarem como centros de conhecimento; e por fim, identificar o caráter estratégico dos fluxos globais de atores envolvidos na produção desse conhecimento (LIMA e CONTEL, 2011).

É oportuno pensar na geopolítica do conhecimento envolvendo a distribuição de infraestruturas, atores e fluxos gerados pelas atividades de produção de pesquisas no contexto da internacionalização da Educação Superior. Lima e Contel (2011) esclarecem que essa abordagem tem sido estudada pela geografia pós-colonial, enfatizando a importância estratégica da localização de cada região produtiva, e o poder<sup>38</sup> que possuem.

Temáticas como a posição, o tamanho, os recursos e o peso demográfico dos países, são articuladas com o fator tecnológico. Para Lima e Contel (2011), a atual geopolítica do conhecimento não se manifesta apenas na distribuição desigual dos circuitos dinâmicos de produção de conhecimento, e das sedes das empresas. Também se dimensiona em seus aspectos menos tangíveis, ligados à codificação e à proteção do conhecimento. A instalação

---

<sup>38</sup> O poder pode ser compreendido a partir das características epistemológicas, ideológicas e de conteúdo que os grandes sistemas de explicação científica apresentam. Para Lima e Contel (2011), essas características exercem importante e estratégico papel, e são consideradas como dados da geopolítica do mundo atual. Um dos mecanismos que reforça o poder das nações é a concessão e/ou reconhecimento de patentes.

de um complexo técnico-científico-informacional agregado à concentração de empresas multinacionais em alguns espaços induz a formação de circuitos de produção que concedem a esses esparsos lugares posição privilegiada.

Há, pois um circuito produtivo (empresas ligadas a produção de ciência e tecnologia<sup>39</sup> e universidades produtoras de conhecimento) onde os principais atores se acomodam. Lima e Contel (2011) constataam que essa concentração de centros de produção de conhecimento (empresas, laboratórios e universidades) e os mecanismos de manutenção do controle monopólico permitem atestar uma geopolítica do conhecimento. Isso fundamenta o poder que a propriedade do conhecimento estratégico confere a certas nações ou regiões, que é derivado da localização concentrada das empresas e do controle que exercem sobre a ciência. Compreendida dessa forma, a geopolítica é tomada a cabo a partir de seu sentido original, que são as bases territoriais extremamente definidas em circuitos produtivos.

A geopolítica do conhecimento possui também outras feições e se envolve com a mobilidade e a polarização dos fluxos (LIMA e CONTEL, 2011). Isso significa que os acadêmicos quando retornam dos estágios em outros países, trazem consigo valores, crenças e atitudes oriundas de alteração da vivência no exterior. Tornam-se trabalhadores de altos cargos em circuitos de poder, ou administração e influenciarão diretamente nas decisões. Não só a polarização de fluxos globais de acadêmicos revela esses espaços de poder, bem como a localização concentrada de universidade de ponta e dos laboratórios de pesquisa permitem essa discussão em termos geopolíticos nas análises desta tese.

Assim, espera-se que a universidade posicione-se frente à geopolítica do conhecimento gerando formas alternativas que possibilite aos indivíduos a inserção na sociedade de maneira crítica. Essa sobreposição de atitude sinaliza uma postura alternativa. Para compreender esse posicionamento analítico é necessário submergir no contexto da América Latina, e evocar as suposições de Didriksson (2008b) com relação à sociedade do conhecimento. Seu posicionamento acrescenta reflexões aos encaminhamentos de Hargreaves (2004) avançando sistematicamente em sua conceituação.

Certamente a chamada sociedade do conhecimento, fundada na informação e na comunicação, é símbolo e motor da riqueza cultural da humanidade, mas, ao mesmo tempo, tem sido emblemática e multiplicadora de assimetrias sociais. Traz consigo novos modos de produção do conhecimento, Didriksson (2008b) comenta que: “El conocimiento, entonces,

---

<sup>39</sup> As infraestruturas sofisticadas (como exemplo o Vale do Silício) permitiram o aumento de fluxos em regiões produtivas que foram incrementados pela alta conectividade (tecnologias de comunicação e internet).

requiere ser explicado como proceso de trabajo pero también como el eje de la nueva organización social y como plataforma ideológico-cultural” (p. 417).

Isto significa esclarecer, que a sociedade do conhecimento não é uma sociedade *da* e *para* a população; é *dos* e *para os* que têm capacidade de produção e consecutivamente obtém algum tipo de benefício. Quem detém o conhecimento também tem o poder de criar e assegurar direitos que determinam o seu valor, por quem, como e quando deve ser consumido. Didriksson (2006) destaca que há tipos diferentes de sociedade do conhecimento relacionados pela Organização das Nações Unidas,

[...] las de tipo “nominal” y de tipo “desequilibrado” o “contradictorio”, cuyos potenciales no se relacionan con el mejoramiento del bienestar de su población, y hasta pueden ir en contra de sus intereses por el beneficio sobre todo a de las grandes empresas transnacionales y de una minoría siempre más y más rica; frente a otro tipo de sociedad del conocimiento “inteligente”, en la cual los beneficios del desarrollo del conocimiento, de la información, de la ciencia y de la tecnología y de su democratización, se orientan al beneficio de la mayoría de su población (p. 25 – grifos do autor).

Indica-se, desta forma, uma diferenciação na proposição até agora apresentada com relação ao momento histórico atual. Essa opção é a “sociedade inteligente” que enfatiza não só a riqueza dos ativos da ciência, tecnologia ou inovação empresarial; mas também a garantia de níveis de qualidade de vida. Essa tese se relaciona a essa ideia e enfatiza esse tipo de atitude. Didriksson (2008b) sugere que:

La existencia de nuevas plataformas de conocimiento no ocurre sólo por la capacidad que lleva a cabo una determinada sociedad para que la ciencia y la tecnología sean ejes del desarrollo económico, financiero o del capital, sino por la manera como puede impactar la investigación, los aprendizajes y la creación de nuevos conocimientos en el bienestar social más amplio de su población, desde la vigencia de su historia, de sus identidades culturales y de su proyecto como país –en una relación no subordinada al sistema global, a partir de lo cual puedan construirse nuevos paradigmas y perspectivas de innovación, patentes, tecnologías, una gestión institucional de calidad sustentable y de bien público (p. 400).

Este é o significado de um direcionamento a um tipo original de sociedade, porém existem circunstâncias desfavoráveis e condições difíceis para a sua implantação. Esse sequenciamento global de transformação traz profundas implicações para as universidades, já que desempenham papel fundamental na disseminação do conhecimento. Essa perspectiva alternativa é baseada em outra estrutura, com outras finalidades e funções, totalmente distinta do que se indicou na sociedade em rede de Castells (2001) ou na sociedade do conhecimento de Hargreaves (2004) que atendem aos interesses do mercado global.

A finalidade da sociedade do conhecimento inteligente é distribuir com justiça a riqueza e, difundir equitativamente o conhecimento; contrariando a ideia de geopolítica do

conhecimento aclamada como espaços de circuitos especializados de ciência em apenas alguns lugares. Neste sentido, os conhecimentos que as IES socializam devem ter não só mérito científico, mas principalmente valor social.

Com esses indicativos, o conhecimento e a informação cumprem sua função primordial e se tornam relevantes para o contexto global e local. Assim, “global e internacional, mas, também, radicalmente local e nacional, que sirva ao desenvolvimento econômico, porém este como um instrumento da humanização e não como horizonte último e razão central da sociedade” (DIAS SOBRINHO, 2010, p. 245).

Essas ideias estão alinhadas com a proposta de Didriksson (2006) para a construção de uma universidade de inovação com pertinência social. Trata-se de uma instituição dinâmica, com base na formação de trabalhadores com um alto nível de compromisso e responsabilidade. Seria uma universidade onde a qualidade do valor social do conhecimento que é produzido e transferido é um dos seus princípios axiais. Essa alternativa para alcançar níveis elevados de transferência de conhecimento enfatiza as instituições sociais, baseadas no modo 2<sup>40</sup> de produção de conhecimento introduzido por Gibbons *et al* (1997).

Este cenário promove um modelo alternativo de universidade, caracterizado pela transferência de produção e valor social do conhecimento e pela relevância das tarefas acadêmicas. Tem como objetivo aumentar a participação das comunidades, com isso objetiva-se chegar a uma fase de valorização do conhecimento diferente do preconizado até aqui. A ênfase é polarizada em demandas e necessidades das IES, que deve planejar suas estruturas organizacionais para acessar o conhecimento de valor social, e principalmente priorizar processos de aprendizagem na criação de uma força de trabalho regional e global.

O salto organizacional indica uma clara ressignificação das funções da universidade. Tem-se a chance de implantar um papel substantivo, que Didriksson (2006) intitula de *transferência de conhecimento*, principalmente para o social e cujo papel se relaciona diretamente ao uso e exploração de conhecimentos. Isso tudo se relaciona com a responsabilidade social das IES, e com as respostas às alterações decorrentes desse novo contexto, aplicando uma articulação social e econômica atendida com o global e o local.

---

<sup>40</sup> A maior parte das universidades trabalha com o modelo tradicional de produção de conhecimento de natureza disciplinar que Gibbons (*et al*, 1997) chama de modo 1, centrado no pesquisador e nas disciplinas, seguindo um padrão linear, da ciência básica à aplicada e, depois, ao desenvolvimento e à produção. O modo 2 é um conjunto de práticas cognitivas sociais, que tem como características: o contexto; a transdisciplinaridade; a heterogeneidade; a diversidade organizacional das habilidades; o aumento das responsabilidades sociais; e por fim, a qualidade da participação dos atores. Assim, no segundo modo, a produção é contextualizada, focada em problemas e explora a interdisciplinaridade.

Finalizando, é possível ressaltar que a universidade nesta perspectiva não deve dar razão apenas e tão somente ao mercado. Não deve ser um motor da globalização da economia de mercado, mas, sim, da recuperação da dimensão histórica dos indivíduos e da reintegração da sociedade. Esta reformulação do seu papel, sua composição e organização, referem-se às mudanças que estão ocorrendo em suas estruturas fundamentais. No entanto, a articulação da universidade no contexto da sociedade do conhecimento revela diferenças substanciais às tendências que vem sendo discutidas ao longo dos últimos anos.

A caminhada na superação deste posicionamento é longa e árdua e exige o preparo dos envolvidos com a Educação Superior para a execução de uma proposta alternativa de construção de uma universidade de inovação com pertinência social e de produção de pesquisa articulada a essa interlocução entre o global e o local.

#### 2.4 *Síntese conceitual*: espaço dos nexos

Apesar de reconhecer que toda teoria possui limitações na explicação dos fenômenos, a exploração das tessituras apresentadas fornece ferramentas analíticas adequadas para a reflexão dos resultados encontrados. Cada uma das teorias explica ou complementa o que está acontecendo na sociedade atual. Cada abordagem foi escolhida com base na sua capacidade de prover uma explicação de aspectos diferentes do processo de mudança que se vive. No entanto, acredita-se ser necessária uma síntese teórica para a constituição de um espaço de ligação dos nexos. Para isso, explora-se esse momento conclusivo conceitual para ajustes e compreensão do posicionamento dessa tese.

Nesse emaranhado da sociedade do conhecimento, em rede e de tempos hipermodernos, encontra-se a universidade brasileira, que tem as funções do ensino, da pesquisa, e da extensão. A definição da correlação das suas funções acontece a partir das relações que são estabelecidas com as organizações e com a sociedade. Há uma clara compreensão de que a universidade é o lugar privilegiado para o acesso à cultura e a ciência, para criar e divulgar o saber científico. Os interesses do Estado, da sociedade e dos membros da instituição, fazem com que existam discussões sobre sua especificidade.

Para o endosso dessa situação existencial, traz-se como aporte teórico discursivo para esse momento de síntese Chauí (2001) com a reflexão sobre a universidade enquanto *instituição social*. Não é isolada, ao contrário, é historicamente determinada. Tem uma prática fundada no reconhecimento público de sua legitimidade e de suas atribuições, num princípio de diferenciação, que lhe confere autonomia perante outras instituições estruturada a partir de ordens, regras, normas e valores de reconhecimento e legitimidade.

Porém, a universidade vem deixando de ser unicamente essa instituição diferenciada e vem oferecendo espaço a organização social que muitas vezes vai ao encontro da demanda capitalista. Essa é a dicotomia presente nas IES brasileiras que dá suporte para essa tese que trata da gestão universitária. Para Chauí (1999), a organização difere da instituição por definir-se por uma prática social determinada por sua instrumentalidade, isso significa que se respalda no conjunto de meios (administrativos) para obtenção de um objetivo particular. Assim, pertence à ordem biológica da plasticidade do comportamento adaptável e em sua complexidade reflete suas idiossincrasias, compreendendo que seu *status* requer um modelo de funcionamento organizacional congruente com o atual paradigma sócio-econômico pautado pelas redes, pela potencialização do excesso e pelo mundo hiperlativo.

Nessa tese, concorda-se com Chauí (2003) que indica que a passagem da universidade da condição de instituição à de organização insere-se na mudança geral da sociedade, ocorrendo etapas sucessivas, acompanhando as constantes alterações no/do capital. Numa primeira fase, foi uma *universidade funcional*, voltada para a formação rápida de mão-de-obra altamente qualificada para o mercado de trabalho. Num período intermediário, vivenciou a *universidade de resultados*; e por fim, na segunda fase tornou-se uma *universidade operacional*, sendo regida por contratos de gestão, avaliada por índices de produtividade, estruturada por estratégias e programas de eficácia organizacional

É gerida, nessa perspectiva, pelas idéias de planejamento, previsão, controle e êxito. A permanência dessa universidade operacional depende da sua capacidade de adaptar-se rapidamente as mudanças rápidas da sociedade, disso resulta a ideia de flexibilidade, que indica a capacidade adaptativa a modificações contínuas e inesperadas (CHAUÍ, 2003). Aqui nessa tese, entendem-se essas alterações a partir das tessituras da hipermodernidade e da sociedade em rede.

Para Chauí (1999), a organização trabalha com a eficácia, a competitividade, e com os objetivos de interesse privado. Diferentemente, a instituição social tem a sociedade não reduzida às questões de ordem econômicas e de consumo como seu princípio, tendo sua referência normativa e valorativa como pano de fundo. Em linhas gerais, a organização tem como objetivo, acatar as exigências do mercado capitalista; enquanto a instituição social busca atender a demanda da sociedade a partir da formação humana autônoma e emancipada.

A universidade embora possua uma estrutura interna e trabalhe para a consecução de objetivos determinados, cumprindo suas finalidades, diferencia-se das demais organizações, pelo seu tipo de atividade, suas formas de controle e funções que desempenha. Carrega em seu bojo uma importância basilar na sociedade moderna, tendo um compromisso com o

passado, na preservação da memória; com o presente, na geração, sistematização, disseminação do conhecimento e na formação dos profissionais; e com o futuro, no desenvolvimento social. Porém, não pode viver isolada do mundo e das vigorosas mudanças que acontecem no ambiente que a circunda e no qual interfere decisivamente.

Nesse sentido, na embocadura teórica dessa tese, entende-se a universidade como organização *e* instituição, visto que em sua dicotomia, convive constantemente entre essas duas concepções. Concorde-se com Chauí que algumas vezes o interesse público é deixado de lado, dando lugar ao atendimento IES privadas e a produção de conhecimento exclusivo. A ambiguidade da universidade como organização e instituição enfraquece a capacidade de discernimento de pesquisas que atendam demandas sociais, gerando uma IES coerente com a lógica de funcionamento do capitalismo, que impulsiona a riqueza econômica. Contudo, se for levado em conta à especificidade na/da produção do conhecimento, essa perspectiva pode ser interessante noutra ênfase, para dar suporte às ações de uma universidade com pesquisa de qualidade.

Assim, ampliando as discussões de Chauí de uma *instituição/organização*, uma universidade organizacional e institucionalmente adequada é necessária para que as práticas coerentes sejam desenvolvidas no desempenho de suas funções. Se a universidade brasileira não quiser ficar fadada a ser simplesmente operacional, e instrumentalizadora dos interesses hegemônicos da sociedade, precisa repensar suas opções buscando outros posicionamentos. A instituição tem sua existência garantida, mesmo que necessite rever sua identidade e seu papel social, em detrimento das ressignificações produzidas pela sociedade. Se assim não proceder não terá escolha e ficará presa à lógica do capital, com o qual se encontra comprometida hoje.

A perspectiva da organização não pode sucumbir ante as pressões meramente econômicas, pois que se abdicar da dimensão reflexiva, se abandonar seu papel na construção de sujeitos autônomos, a universidade se desconfigura. Quem perde com isso é a sociedade, que se desprovê de uma de suas mais centrais instâncias de produção da crítica e do enriquecimento civilizacional. Por outro lado, é mister destacar que os elementos constitutivos que a perpassam devem ser de interesse público e sua função finalística também. A universidade é insubstituível, não porque é a única com fins de formação, mas porque a presença dela é essencial ao desenvolvimento social, como espaço formativo. Tanto por sua condição de autonomia, quanto pela universalidade com que conduz o trabalho intelectual.

Porém, o modelo constituído a partir dessa dicotomia parece ser fundamental para a hipermodernidade, para a sociedade em rede e do conhecimento, sendo compreendido como “adaptações às desordens”. Isto significa dizer que a Educação Superior é um espaço de

tomada de decisões e está presente num cenário complexo e multidimensional, no qual incidem e se entrecruzam influências diversas. Porém, está passando por mudanças tanto na estrutura do ensino como na sua posição social. Trata-se de uma nova contribuição para o debate contemporâneo, e isso consolida um papel principal e não um mero coadjuvante nesse processo. Essa dinâmica de adaptação constante às circunstâncias e às demandas da sociedade acelerou-se tanto nesses últimos anos, que é impossível pensar um ajuste sem uma transformação profunda das suas próprias estruturas internas, e nesse contexto, evidencia-se a crise na universidade brasileira. As instituições educativas vivem suas próprias encruzilhadas de sentidos e dos problemas que assolam toda a sociedade.

Aqui se evidencia outro aporte teórico discurso, que se propõe junto com Chauí a pensar nos antagonismos que a IES vive. Para Souza Santos (2005), a universidade se encontra numa situação emblemática, numa crise que se divide em três vertentes: crise com ênfase na hegemonia, crise de legitimidade, e crise institucional. A primeira é resultado das contradições das funções tradicionais da universidade que lhe foram atribuídas ao longo dos anos. Foi induzida pela perda de prioridade do bem público nas políticas e pela consequente falta de recursos e descapitalização, que ocorreu no Brasil nos governos neoliberais.

Já a segunda crise é provocada pelo fato da universidade ter deixado de ser uma instituição consensual por conta das diferenças entre saberes especializados e sua hierarquização, atendendo as exigências sociais e políticas da democratização do saber e da escola e da acessibilidade para todos os interessados na Educação Superior (SOUSA SANTOS, 2005). Vale ressaltar que essa crise é um reflexo, uma manifestação particular da crise estrutural que se manifesta, sobretudo, no estado e no trabalho. O estreitamento das relações entre a universidade e a economia faz emergir novos sentidos e problemas sócio-educativos e profissionais de difícil solução.

E na terceira e última vertente, a crise institucional é para Sousa Santos (2005) o resultado da contradição entre a reivindicação da autonomia na definição de valores e os objetivos da universidade. Partiu de duas razões distintas, em primeiro lugar a redução da autonomia; e a segunda razão identificou a universidade como instituição a serviço de projetos modernizadores, por vezes autoritários e dominadores. Desta forma, se abre ao setor privado que obriga a competição em condições de concorrência desleal no emergente mercado de serviços universitários. Nesse processo, a pesquisa é por vezes afetada, pois ao deixar de ser a única instituição no domínio da produção do conhecimento, cria uma crise de hegemonia.



Goergen prefaciando a obra de Dias Sobrinho (2010) também concorda com um momento crucial para a universidade e categoriza essa crise a partir de uma tripla dimensão: conceitual, contextual e textual. A primeira refere-se ao seu próprio conceito. Num país em que não há muita clareza sobre como deve ser uma universidade, tendo em vista, a variedade e os desníveis entre as instituições acadêmicas, fica difícil usar genericamente esse termo. Por isso, muitos preferem falar de IES, no lugar de usar universidade. É importante referendar que nessa tese, os termos universidade e instituição serão utilizados como sinônimos, não oferecendo diferenciações nas suas proposições ao longo da construção do referencial teórico analítico sobre a pesquisa e a Pós-graduação na Unemat.

Na segunda dimensão, intitulada crise contextual, Goergen enfatiza a relação entre a universidade e a sociedade, bem como, as inúmeras transformações em que estão inseridas. Com relação a sua função histórica de aprimoramento dos indivíduos e socialização do conhecimento produzido, a universidade tornou-se um bem cujo beneficiário é a sociedade do conhecimento e da competitividade. Esses fatos podem ser percebidos na trama das relações econômicas da hipermodernidade e da geopolítica do conhecimento, onde a legitimidade da produção do saber é realizada em circuitos de informação que são gerados a partir conglomerados de ciência e tecnologia, caracterizando assim centros de poder.

E por fim, a terceira dimensão, abrange os elementos internos da IES, os conteúdos, a relação da ciência e da tecnologia, seu sentido ético e social. A tripla dimensão da crise pode ser resumida para Goergen numa crise de identidade, onde a universidade está insegura quanto ao seu papel e suas tarefas na sociedade. Essas facetas têm semelhanças e aproximações com as proposições de Sousa Santos (2005) e tanto um como outro norteiam as discussões apresentadas nessa tese, juntamente com o aporte discursivo de Chauí.

Porém, apesar das crises anunciadas por Goergen e Sousa Santos, a universidade continua sendo atualmente uma das mais importantes instituições de geração e difusão de conhecimentos e, portanto, intrinsecamente ligada ao desenvolvimento da sociedade contemporânea. Assim, evidencia-se que a universidade está imersa num contexto complexo e interligado de processos e relações, tessituras densas que compõem os fios da trama social.

É nessa trama de relações, de uma sociedade hipermoderna, organizada em rede e do conhecimento, que essa tese se insere. Os nexos levantados nas argumentações apresentadas nessa síntese buscam indicar posicionamentos que explicam a realidade ambígua e antagônica da universidade. Reconhece-se que as alternativas sustentadas nas tessituras não esgotam todas as possibilidades. No entanto, a tentativa foi de tentar traduzir a RedSig que envolve a universidade contemporânea.

### 3 O CENÁRIO CONSTITUÍDO

Para se compreender a universidade decorrente da situação emblemática apresentada, houve a necessidade de se buscar uma abordagem das relações entre a instituição e as estruturas e os processos onde está inserida. Isso possibilita mostrar como foi e estão sendo produzidas as formas de organização que assumiu no passado, as forças sociais que atuam sobre ela e as mudanças que esbarram e sinalizam o conteúdo de suas políticas e as contradições que enfrenta hoje.

Esse entendimento também exige a análise de fatores históricos, estruturais e conjunturais que levem em conta a multiplicidade das dimensões dos aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais. Para isso, discorre-se nesse capítulo sobre alguns elementos históricos da universidade, da pesquisa e da Pós-graduação que corroboram para a compreensão do momento crucial que as instituições vivem. Essa discussão oferecida é o pano de fundo onde se insere a problemática anunciada. Isso se reveste de um sentido especial, tendo presente que a universidade, por meio da Pós-graduação é fonte geradora de conhecimento, na medida em que adensa e densifica as suas políticas e ações de produção da pesquisa por meio dos grupos, dos projetos e das redes.

A globalização vem se desenvolvendo há décadas e não é uma imagem apenas deste século. As alterações geradas pela revolução científica e tecnológica leva a uma fronteira entre o individual e o coletivo, caracterizando a sociedade em rede. Porém, a sociedade hodierna é contraditória e assimétrica, assim como a universidade é cheia de ambiguidades. Na economia, *locus* da competição e da mundialização do capital fala-se em hiperpotência, hipercapitalismo e hipermercado (LIPOVETSKY, 2004). As análises detectam uma sociedade segmentada em alguns poucos que têm acesso às riquezas e muitos que vivem à mercê desse processo. Isso também acontece no espaço da Educação Superior.

Historicamente, muitos veem a universidade como o lugar apropriado para a criação e divulgação do saber, para o desenvolvimento da ciência e para a formação de profissionais. Outros a percebem como uma instituição social que articula o ensino, a pesquisa e a extensão nos níveis mais elevados da política educacional de um país, satisfazendo as necessidades da sociedade. Se há um consenso unânime no sentido de se conferir à universidade a função de produzir e socializar conhecimentos há também uma concordância de que proporciona contato sistemático com a cultura universal. Nesse sentido, desde o início teve por finalidade cultivar e transmitir o saber acumulado, missão que ela cumpre com persistência ao longo dos anos.

Contudo, a partir das constatações das crises, percebe-se que nem sempre consegue atender a todas as demandas, exigências, expectativas e necessidades de uma sociedade

hipermoderna, cada vez mais exigente, pragmática e consumista. A universidade muda de estatuto, passando de supridora à parceira de produção de conhecimentos, contribuindo para a evolução da ciência e da tecnologia no “território” onde está instalada.

Neste capítulo, não se tem a pretensão de responder a todas as indagações que podem ser feitas sobre a universidade, mas acredita-se, ser pertinente oferecer uma contribuição à sua reconstituição histórica. O reexame do passado e o estudo do legado de muitos séculos de atividades ajudam a compreender os desafios que a cercam atualmente, e a clarear o horizonte hipermoderno que turva a visão do presente, chapiscado pelo passado de outrora.

Na primeira parte deste capítulo, destaca-se o contexto sócio-histórico das IES brasileiras, com ênfase nos modelos trilhados ao longo dos anos, tendo como lente a inserção da pesquisa no Brasil, função primordial desta instituição. Franco (2006) sinaliza que os modelos são formas que expressam uma tomada de decisão para o desenvolvimento de ações institucionais que têm subjacente uma concepção de universidade, englobando premissas relacionadas ao ensino, à pesquisa e à extensão; além de princípios que regem processos decisórios e de relações em âmbito local, regional, nacional e internacional.

Assim, um modelo é instituinte pela força antecipativa de princípios e compromissos da instituição; é instituído pelo contexto de origem e da trajetória, pelas políticas públicas que o delimitam; e não são únicos e nem estanques, suas noções estão inseridas no delineamento teórico-prático da Educação Superior que revelam lutas e tensões (FRANCO, 2006). Foi necessário, recuperar algumas percepções sobre a ideia de universidade, para se compreender o sentido e o significado das IES atuais. Essa explicitação é assentada numa complexa tessitura reveladora das concepções, tramadas em modelos institucionais que convergem para problematizações que circunscrevem a universidade contemporânea.

A segunda parte é reservada para uma discussão sobre a Pós-graduação como o espaço legítimo da pesquisa na universidade. A título de reflexão são apresentadas algumas questões que a problemática em debate nessa tese contempla e que servem de aporte teórico para investigar em que extensão e significado as políticas e ações com relação à pesquisa na Pós-graduação se configuram como adensadas e densas na Unemat.

A tese caminha no sentido de abarcar que a universidade, por meio da Pós-graduação é fonte geradora de conhecimento, na medida em que adensa e densifica suas políticas e ações de pesquisa por meio dos grupos, dos projetos e das redes. Sua consolidação pode acontecer por meio de três cenários: individual, institucional e da integração das atividades de pesquisa. Para isso, procurou-se, aqui, reunir um ensaio teórico sobre a pesquisa e a Pós-graduação brasileira com dados analíticos que podem servir para discussões sobre o futuro dessa área.

Como essa tese trata especificamente dessa temática, torna-se referência obrigatória uma reflexão nesse sentido, pois significa uma importante e valiosa contribuição para o conhecimento da natureza e da finalidade da Pós-graduação.

Tratou-se, com efeito, de um estudo consciencioso, abrangente e aprofundado da problemática da Pós-graduação *Stricto Sensu*, conforme delimitação da tese, envolvendo suas relações com os modelos universitários, com ênfase na pesquisa. O assunto foi estudado sob o ponto de vista histórico-sistemático, o qual explora os pontos relevantes das discussões suscitadas pelos dilemas e avanços vivenciados na Pós-graduação brasileira.

Numa terceira parte, inicia-se um delineamento em profundidade do estudo de caso dessa tese, para isso apontou-se a necessidade de se inventariar a Unemat dentro do atual momento político, econômico, social, tecnológico e cultural como o resultado de um conjunto de elementos processuais construídos em sua trajetória histórica. Em busca de um esgotamento sobre o objeto de estudo, a ideia foi apresentar a Unemat a partir das suas arenas sócio-políticas, com destaque para as linhas da estrutura multicampi e o nó da questão da territorialidade dos *campi* universitários. Para isso, essa terceira parte foi subdividida em dois momentos, o primeiro destaca a estrutura multicampi abordando a questão da regionalidade e o segundo, levanta considerações acerca da indução e da promoção da pesquisa no espaço da PRPPG. Esses aspectos foram analisados de maneira sinóptica, objetivando apontar os elementos constitutivos dessa tese.

E para finalizar esse capítulo, apresenta-se uma síntese territorial que revela a geopolítica do conhecimento na IES, fecha as arestas para os encaminhamentos analíticos do próximo capítulo e sintetiza pontos relevantes da estrutura multicampi e das relações de poder. Essa foi uma análise, entre muitas, tendo presente que a realidade não se esgota nas objetivações que dela se possa fazer, pretendeu-se que essa interlocução se constitua no fio condutor das ações para a consolidação da pesquisa e da Pós-graduação na Unemat.

### 3.1 À luz da história: os modelos de universidade

Um ensaio histórico dessa natureza, apesar de relevante, traz muitas dificuldades operacionais, visto que não existe acordo entre os autores sobre o uso do termo universidade, ou sobre o período de seu nascimento, e muito menos quanto à definição dos modelos atuais. Há uma infinidade de propostas na taxinomia contemporânea, formando um caleidoscópio de posições que expressam várias facetas. Pode-se dizer inicialmente que a concepção de universidade remonta às fontes do pensamento filosófico e no despertar da curiosidade científica. O período em que nasceram foi de grande prosperidade para o mundo. Castro

(1984) enfatiza que com o seu surgimento, o saber foi colocado ao alcance de um número maior de pessoas e o conhecimento proporcionou uma nova dimensão da vida.

Para Fávero (1980), a ideia de universidade é mais complexa do que pode parecer. Somente a partir de sua criação e da identificação dos rumos que tomou, com parte de uma realidade concreta, historicamente condicionada e em íntima relação com os valores e demais instituições da sociedade que se pode compreendê-la. Segundo Rossato (2007) Bolonha foi à primeira cidade ocidental da Europa que ampliou sua escola, transformando-a em *studium generale* e posteriormente se destacou na caracterização de uma modelo organizacional que seria seguido por outras instituições nos séculos XII e XIII. Outro modelo de universidade medieval se originou em Paris. Zainko (1998) considera que Bolonha e Paris foram às primeiras instituições na Europa a constituírem universidades: a primeira é a mais antiga; e a segunda, a mais importante. Como instituição se estabeleceu definitivamente a partir deste período e se expandiu. O predomínio da Igreja era eminente e necessário neste momento histórico para ensinar as verdades da fé.

No século XIV, as universidades dobrariam em quantidade e surgiriam as primeiras na Europa Central, as alemãs (ROSSATO, 1998). Porém, com a revolução industrial e a consolidação do modo de produção capitalista, nasceriam exigências de especializações e técnicas que se ajustassem a uma divisão do trabalho. A crise dos séculos XVI e XVII, com novas realidades e os colégios, encaminha no século XVIII a supressão das instituições em alguns países; em contrapartida surgem universidades em outros contextos. Gradativamente, as instituições tiveram que se adequar aos processos de desenvolvimento econômico e social. Wanderley (1984) destaca que as universidades foram atingidas, pois se exigiam cada vez mais conhecimentos úteis e de aplicação imediata.

Desse modo, a universidade moderna foi produzida ao longo do século XIX, Lombardi (2011) explica que foi gerada sob impulso do desenvolvimento das ciências, do iluminismo e do enciclopedismo, porém não seguiram um modelo único, estabelecendo diferenciadas relações entre ciência, Estado e desenvolvimento econômico. Dessas relações emergiram os dois modelos clássicos de universidade: o francês/napoleônico e o alemão/humboldtiano, que influenciaram significativamente a concepção e a estrutura da Educação Superior mundial. No contexto marcado pelas revoluções, o modelo napoleônico emergiu para explicitar o verdadeiro caráter da ideologia burguesa como um instrumento de defesa dos interesses dessa classe. Todo o sistema educacional foi chamado a ser um eficiente instrumento de formação profissional. Esse modelo influenciou as universidades tradicionais da América Espanhola e inspirou a formação tardia das primeiras faculdades profissionais no Brasil, no século XIX.

Especificamente sobre a pesquisa, Ribeiro (1978) destaca que em 1936 por iniciativa de Jean Perrin e Paul Langevin, foi criado o *Centre National de la Recherche Scientifique* que tinha como objetivo eliminar as deficiências científicas do país, insuperáveis por uma universidade totalmente burocratizada e obsoleta, separando oficialmente o ensino universitário da pesquisa científica. Neste modelo, a pesquisa não é tarefa da universidade, havendo dissociação entre instituições.

Diferentemente, o modelo alemão forjou-se num contexto de desenvolvimento tardio das relações capitalistas de produção. Esse período, que foi considerado a época de ouro da universidade alemã, baseou-se na concepção de Humboldt, ou melhor, na concretização deste modelo, razão pela qual a universidade desta época é chamada de humboldtiana. Há uma simples fórmula que Drèze e Debelle (1983) utilizam para caracterizá-la: “procurou realizar a unidade (indissociabilidade) de pesquisa e ensino” (p. 48).

A fundação da Universidade de Berlim, em 1810, representou um marco fundamental para a concepção moderna de universidade. Foi precedida por uma reflexão teórica da qual fizeram parte seu principal orientador Humboldt, e os filósofos Fichte, Schelling e Schleiermacher. Para Lombardi (2011), essa estrutura universitária constituiu-se a partir de uma progressiva reconstrução das universidades alemãs, numa clara oposição às escolas profissionais napoleônicas e reinava os princípios da individualidade e da liberdade.

Houve outros modelos de universidade, tais como o inglês e o norte-americano. Mas como salientou Ribeiro (1978) a inglesa contribuiu muito pouco como modelo de estruturação universitária e não houve destaques para a pesquisa. Com relação a norte-américa, estruturou-se livre, democrática, fecunda, impondo uma cultura própria, aproximando a universidade da empresa, seu ideal básico cultivou o “velho saber acadêmico-humanístico, mas, também o do novo saber científico. Sua maneira de alcançá-lo foi a criação de um quarto nível de ensino, através de escolas de pós-graduação, destinadas a ministrar cursos e a conceder títulos doutorais [...]” (p. 66). Havia de certa forma, um caráter inovador com potencialidades para a pesquisa através de estudos pós-graduados que se elevaram ao nível de mestrado e doutorado.

Outro modelo de universidade é o soviético, Ribeiro (1978) destaca que contrasta, mas também, apresenta semelhanças com os modelos até agora apresentados. Simpatizou mais com a universidade francesa e a alemã, do que com a inglesa e a norte-americana. Todavia, não acrescentou encaminhamentos específicos para a pesquisa na universidade e não se constituiu num modelo de destaque mundial.

Sinteticamente, Rossato (2007) ressalta que a unidade dos séculos XII, XIII e XIV foi rompida no século XV; e o século XIX, com suas reformas, fez emergir novas características.

A universidade se enriqueceu: da uniformidade medieval, passou à vigorosa pluralidade do século XX, acenando para o início do processo de democratização do acesso. De um modo geral, viveu um intenso processo de transformação desde o seu surgimento até a atualidade.

Já na especificidade brasileira, é necessário arrolar alguns fatores históricos, pois que a universidade não é uma entidade abstrata e isolada que existe deslocada da realidade, ao contrário está inserida numa RedSig. A cada época, apresentou traços de algum modelo idealizado dentre os predominantes mundialmente. Hoje, incide numa contraditória superposição de modelos, e, ao mesmo tempo, num anseio de transformação.

Inicia-se informando que a universidade no Brasil, desde os seus primórdios, nos anos vinte, lutou incessantemente para ampliar sua relevância pública e construir sua identidade. Não se pode negar que se apoiou em modelos estrangeiros<sup>41</sup>, e nem poderia ter sido diferente, pois, ao comparar com os outros países da América Latina surgiu muito tarde. Registrou um atraso de dois séculos, um dos últimos a reconhecer oficialmente as universidades.

A experiência universitária desigual que ocorreu nos países de colonização inglesa, espanhola e portuguesa refletiu a conjuntura de desenvolvimento econômico, político e cultural dos países de origem. Schwartzman (2006) esclareceu que em outros países latino-americanos, as universidades datam do século XVI, ao passo que as universidades brasileiras só surgiram mais tarde. A implantação da universidade brasileira, comparada às outras instituições de maior tradição, é bastante recente e têm seu início como escolas de formação de profissionais (ROSSATO, 1998).

Data de 1550, o primeiro estabelecimento de Educação Superior que foi fundado pelos jesuítas na Bahia (CUNHA, 2000). Ao fim do período colonial, sofreu uma “refundação”. A transferência da sede do poder para o Brasil (1808) junto com o surgimento do estado nacional gerou-se a necessidade de modificar o ensino herdado da colônia, ou seja, fundou-se um grau de ensino distinto do ofertado antes. Porém, não foram instituídas universidades, ao invés disso, criaram-se cátedras isoladas para a formação de profissionais. Assim, durante o período imperial, a Educação Superior ganhou densidade através das cátedras que foram se organizando em cursos que viraram academias. Moura Castro (1985) comenta que no período que vai de 1891 até 1910, foram instituídas no Brasil inúmeros estabelecimentos isolados, oferecendo cursos explicitamente profissionais em áreas específicas.

Nesse contexto, a concepção de universidade é marcada por três características: a constituição do conglomerado de escolas isoladas, a centralização administrativa e o ensino

---

<sup>41</sup> Sguissardi (2006b) comenta que no Brasil foram feitos transplantes ou adaptações de estruturas universitárias europeias, vazadas nos modelos clássicos; primeiro, o napoleônico e depois o humboldtiano.

profissionalizante. Rossato (1998) ressalta que nenhuma instituição com *status* de universidade existiu no período colonial nem no imperial, muitas propostas de criação foram feitas, mas nenhuma alcançou êxito. A primeira IES que foi considerada de fato uma universidade foi no Rio de Janeiro, criada em 1920 e se organizou a partir da integração de três faculdades isoladas (CUNHA, 2000). Essa reunião deu origem à primeira instituição duradoura, modelo para uma gama de outras que foram organizadas posteriormente. Esse é um dos marcos referenciais para a organização das universidades brasileiras.

É somente a partir do governo Vargas, que vai se processar uma significativa expansão na Educação Superior. Moura Castro (1985) discorre que foi nesse período que aconteceu um dos grandes eventos educacionais: a reforma educacional Francisco Campos, que estabeleceu ênfase na educação humanística e normas para os cursos de doutorado. Teve, fundamentalmente como objetivo, a criação do estatuto para a universidade brasileira e propôs a Criação do Conselho Nacional de Educação (CNE). Esse foi um dos principais marcos regulatórios da Educação Superior brasileira.

Em 1934, um decreto estadual recriou a Universidade de São Paulo, incorporando várias escolas superiores, Oliven (1990) considera que foi “[...] a primeira tentativa, de certa forma bem sucedida, de criar uma universidade no Brasil que expressasse uma definição mais ampla quanto aos *objetivos* do ensino superior, bem como a forma organizacional da própria instituição” (p. 64 – grifo meu). Tornou-se a primeira instituição acadêmica do Brasil a realizar pesquisas e consequentemente a mais importante universidade pública do país.

Houve, então, um incentivo maior na produção de conhecimento nas universidades através da pesquisa. Sguissardi (2006b) coloca que:

Ainda nesse clima de centralização político-administrativa e ideológica, representado pelo Estatuto das Universidades e pela Reforma Francisco Campos e decorrente da concentração de poderes no nível federal, é a criação da Universidade de São Paulo (USP), em 1934, e da Universidade do Distrito Federal (UDF), em 1935, que irá desencadear o processo de adoção, ainda que incipiente e parcial, de alguns traços fundamentais de um modelo de universidade assemelhado ao modelo alemão ou humboldtiano na universidade brasileira (p. 71).

Vale ressaltar também que em 1937, com a instituição do Estado Novo, foi criada a Universidade do Brasil, projetada para servir de suporte às demais instituições. Oliven (1990) indica que se constituiu num modelo perfeito de centralização autoritária. Nesse período, sob as malhas do Estado Novo, ocorreram modificações profundas na estrutura e organização das instituições universitárias, apontando um caráter predominante voltado ao ensino.

Todavia, houve uma tentativa de articulação da pesquisa no estatuto dessa universidade, especificamente nos objetivos. Para Fávero (2000) essa foi uma das primeiras



referências legais da produção do conhecimento no Brasil. Porém, o que se evidenciou foi um distanciamento entre a proposta e as funções reais da universidade. É cabível afirmar que apenas a partir da segunda metade da década de quarenta é que a pesquisa integra efetivamente a história dessa instituição, coroando suas atividades na década seguinte. Apesar da centralidade do poder estatal, esse período representou uma fase de integração do sistema de Educação Superior. Segundo Oliven (1990), o governo Vargas, organizou a maioria das faculdades isoladas, garantiu que esse nível de ensino ocorresse basicamente em universidades.

Uma segunda fase na evolução e expansão da universidade no Brasil foi a reforma (lei nº. 5.540/68) considerada o reflexo de uma sociedade renovada, de aspirações surgidas a partir de uma consciência nacional. Esse marco regulatório da Educação Superior propiciou condições institucionais para a efetiva criação da instituição universitária brasileira. Com essa reforma, é normatizada a função de pesquisa como cerne da universidade. Analisando a lei, Leite (2006) considera que um dos avanços foi à generalização do conceito das três funções indissolúveis: ensino, pesquisa e extensão.

Morosini (2006c) faz uma breve retrospectiva sobre os modelos prevalecentes no Brasil e indica que foram o napoleônico, o humboldtiano e o latino-americano. O primeiro (mais antigo) tem forte presença até os dias de hoje na formação profissional em escolas isoladas. O segundo é um dos modelos que se fazem presentes nas IES, universitárias, junto aos programas de Pós-graduação *stricto sensu* decorrentes da política estatal a partir de 1970. E o terceiro modelo intitulado latino-americano, Morosini (2006c) identificou sua presença no Brasil nas décadas de 50 e 60, tendo sido abafado pela ditadura militar. Tinha como concepção uma fundamentação política, a qual busca a construção de uma nova ordem social numa proposta aproximada com os pressupostos de Didriksson (2006).

Ainda sobre a história da universidade brasileira, para Franco (2009), o caminho teórico que concebeu adaptações do modelo napoleônico a um modelo que se aproximou do humboldtiano na década de 80, foi calçado ao longo das décadas por um conjunto de eventos<sup>42</sup> no crescimento da pesquisa. Mas, a resistência à implantação efetiva da universidade de pesquisa foi uma das marcas da nova república. É desse período a ideia até hoje defendida de um sistema dual de instituições: algumas universidades de pesquisa, sendo

---

<sup>42</sup> A trajetória e atuação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) em defesa de políticas científicas para o desenvolvimento do país e da liberdade de pesquisa foram uma inegável influência nas transformações da universidade. Junta-se a esse, outros eventos de igual importância, tais como: a criação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da CAPES, e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (FRANCO, 2009).

considerados centros de excelência, e uma maioria de faculdades isoladas. Para Sguissardi (2006b), se for levado em consideração os princípios que garantiram a presença dos modelos (alemão e francês), chegou-se a década de 90,

[...] com um quadro onde nitidamente predomina a existência de estrutura e organização neonapoleônicas, restando pouco espaço, ainda, para a existência de universidades neo-humboldtianas. Com rigor, se encaixariam neste último modelo, basicamente, as universidades com alto percentual de professores com título de doutor, em regime de tempo integral e com pós-graduação consolidada, porque esta supõe, de acordo com as práticas vigentes, a existência efetiva de pesquisa associada à atividade de formação (p. 83).

Com relação às reformas da Educação Superior na América Latina nesse mesmo período tiveram influências do Banco Mundial (BM), o qual segue o pensamento hegemônico e o diagnóstico internacional (Unesco, 1998). O Estado brasileiro acompanhou esse momento, e, essa década foi rica no que diz respeito a programas de reformas identificadas com o ideário neoliberal<sup>43</sup>. Os procedimentos caminharam para a diversificação das universidades e dos sistemas avaliativos regulatórios.

Frente às pressões e às recomendações de órgãos financeiros, os governos latino-americanos sentiram-se obrigados a realizar rápidas mudanças que contribuíssem para redesenhar as universidades. A direção tomada foi o encaminhamento de instituições orientadas para o mercado e a competição através dos níveis de qualidade. Assim,

Serão os ventos e a avalanche neoliberais na economia, na reforma do Estado e na concepção do conhecimento e do ensino superior como bem privado, quase-mercadoria, serviço educacional regulamentável no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC) que irão condicionar, nos últimos anos, a nova configuração da universidade em nosso país e no exterior, também sob o ponto de vista dos modelos universitários (SGUISSARDI, 2006b, p. 84).

Então, a partir dos anos 90, a universidade brasileira recebeu influência das políticas neoliberais e dos organismos internacionais, do Fundo Monetário Internacional (FMI), do BM, da OMC, entre outros, e sofre pressões transnacionais num cenário de globalização excludente. Essas pressões são chamadas de regulação, conceito passível de diferentes significados, porém há dois fenômenos interdependentes: os modos como são produzidas e aplicadas às regras que orientam a ação dos atores e os modos como esses se apropriam e as

---

<sup>43</sup> Constitui-se num projeto hegemônico, sendo uma alternativa para a crise do capitalismo, que objetiva um processo de reestruturação material e simbólica das sociedades. É um projeto de classe que se orienta de forma articulada, com um conjunto de reformas radicais no plano político, econômico, jurídico e cultural. O que caracteriza o uso do prefixo “neo” é sua forma histórica que reorganiza as características já existentes e as originalmente criadas por esse modo de dominação (GENTILI, 1995).

transformam. Segundo Barroso (2006) a regulação se divide em três níveis: transnacional; nacional e microrregulação local<sup>44</sup>. Por transnacional, entende-se

o conjunto de normas, discursos e instrumentos (procedimentos, técnicas, materiais diversos, etc.) que são produzidos e circulam nos fóruns de decisão e consulta internacionais, no domínio da educação, e que são tomados, pelos políticos, funcionários ou especialistas nacionais, como “obrigação” ou “legitimação” para adotarem ou proporem decisões ao nível do funcionamento do sistema educativo (p. 44-45 – grifo do autor).

Quando se realiza apontamentos sobre a regulação, é pertinente lembrar que em 2008, em Cartagena das Índias (Colômbia), ocorreu a Conferência Regional da Educação Superior (CRES), que serviu como suporte para a Conferência Mundial de Educação Superior (CMES), que foi realizada na França (CRES, 2008). Essa também foi uma regulação do tipo transnacional exercida pela Unesco.

As orientações quanto à redução de financiamento público na Educação Superior, fizeram pressão para que este nível de ensino fosse considerado um “serviço” e/ou uma “mercadoria”, e que se incentivasse um ensino que atenderia aos interesses desenvolvimentistas do empresariado e do mercado. Nesse caso, a regulação transnacional foi exercida através desses organismos.

Para Franco e Longhi (2008) analisar a primeira década pós-lei de diretrizes e bases e as políticas públicas implica em reconhecer que foram impressas marcas na Educação Superior, intensificando características responsáveis por uma metamorfose. Essas marcas decorrem dos processos de regulações constantes que foram se impondo, seguindo as tendências globais: flexibilização, internacionalização, expansão, acesso, avaliação, qualificação institucional, capacitação docente, diversificação de modelos, entre outras.

O neoprofissionalismo, a heteronomia e a competitividade são os traços do modelo de universidade do BM (ABOITES, 1996) ou modelo anglo-saxão (DIAS, 2003) que foram disseminados nos documentos do banco e colocados em prática em países como o Reino Unido, a Austrália, a Nova Zelândia e o Canadá. Autenticam-se os traços desse modelo emergente que impacta diretamente na pesquisa, elencando duas leis brasileiras: a primeira de inovação tecnológica nº. 10.973/2004<sup>45</sup>, que dispunha sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo. Criou facilidades para a utilização dos recursos físicos, materiais e humanos das universidades pelas empresas, a transferência de

<sup>44</sup> Os outros tipos de regulação serão conceituados em discussões *a posteriori* nesse capítulo.

<sup>45</sup> Alterada em dois artigos pela medida provisória de Nº 495 de 2010 (BRASIL, 2012b).

tecnologia e previa a gratificação dos pesquisadores cujos conhecimentos venham a ser utilizados por empresas (BRASIL, 2010).

Numa perspectiva crítica, Sguissardi (2006b) comenta que a ideia de integração universidade x empresa, coloca em risco a verdadeira função pública da universidade nos campos científicos e da inovação. Isto porque

O imediatismo empresarial no campo da ciência e da tecnologia, somado à crítica situação financeira das Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) e aos baixos níveis salariais de seus docentes/pesquisadores, por exemplo, poderia contribuir para a subordinação da agenda científica universitária às estritas demandas do mundo empresarial, com sérias consequências para a autonomia e liberdade acadêmicas, consolidando-se o que vimos denominando de importante traço da universidade atual: a heteronomia (p. 87).

E a segunda lei foi a de nº. 11.079/2004 que institui normas para licitação e contratação de parceria público-privada (PPP) que permite parcerias com empresas privadas na produção, comércio de bens e serviços (inclusive na pesquisa), além do desenvolvimento tecnológico, meio ambiente, patrimônio histórico e cultural (BRASIL, 2012a).

Com reflexos dos marcos regulatórios das leis, a reforma universitária encaminhada pelo projeto de lei nº. 7.200/2006, no Governo Lula atende as seguintes proposições: modelo de financiamento universitário; regulação da transnacionalização das IES privadas; princípio da responsabilidade social a ser aplicado nas universidades; regulação das fundações; e por fim, avaliação e acreditação das IES com ênfase na qualidade (FRANCO e MOROSINI, 2010).

Do Estado, não se poderia esperar outra atitude se não a de assumir a avaliação como uma de suas formas regulatórias, de controle, supervisão e fiscalização das estruturas educacionais. Aqui cabe a discussão do conceito de regulação nacional que é o modo como às autoridades exercem a coordenação, o controle e a influência no sistema educativo através de normas (BARROSO, 2006). Pratica-se através das leis brasileiras, a regulação nacional.

Sguissardi (2006b) comenta que à medida que avançam as reformas em diferentes países, as universidades tendem a se assemelhar entre si, porque são cada vez mais subsumidas pela economia e pela competitividade econômica do mercado. Essas são também as características predominantes do modelo brasileiro. Assim, com o passar dos anos, no caudal da globalização e dos atuais arranjos político-ideológicos surgiram outras modalidades de IES, que tem sua prática instituída na sociedade do conhecimento orientada para o mercado. Para Franco (2009) a universidade corporativa, de massa, que se vinculam aos parques tecnológicos, a virtual e as que emergem no entorno do Processo de Bolonha são alguns dos modelos emergentes.

Delanty (2001) destaca que de uma instituição voltada à elite dominante, com ênfase bacharelesca e com base nos modelos neonapoleônico e humboldtiano, a universidade contemporânea embrenhou-se na internacionalização, que apresenta uma tendência à coexistência de lógicas que permitem prever modificações nos modelos institucionais da Educação Superior. Franco (2009) considera ainda que atualmente vislumbra-se que a universidade global responde ao mercado e ganha espaço nas suas denominações de neoprofissional, neonapoleônica liberal-híbrida (pesquisa incipiente e foco na formação de profissionais), neohumboldtianas (orientação para a produção científico-tecnológica).

Os argumentos sobre essa diversificação de modelos da Educação Superior brasileira têm crescido, o qual faz parte da atual política. Leite (2006) considera que o modelo liberal híbrido, é uma instituição autônoma do mercado, que passou a sobrepor critérios de mercadorização aos seus tradicionais papéis, com “processos de avaliação homogeneizadores que produziram o redesenho de suas prioridades, atividades e funções” (p. 179).

Em termos internacionais, Leite (2006) também acrescenta que elementos novos surgem na conceituação das universidades globais: caracterizadas como instituições que oferecem programas à distância; buscando consumidores de produtos; oferecendo títulos em conjunto com instituições de prestígio; contudo, cobram taxas e aceitam regulação da OMC e GATS. Nunes (2012) salienta que essa regulação é a intervenção do Estado, organizando sua atuação, ajusta e modifica condutas com vistas à correta atuação no campo da Educação Superior. “Regulação e controle são, por assim dizer, funções associadas e típicas do Estado” (p. 422). Dessa forma, essa tese compreende que a OMC e o GATS são formas de regulação transnacional, pois tem origem nos países centrais e fazem parte do sistema de dependência em que se encontram os países periféricos, no quadro de constrangimentos estruturais de natureza política e econômica que integram os efeitos da globalização. A regulação se expressa por esse conjunto de leis e valores.

Há ainda modelos ampliados derivados dessas propostas, destacam-se as universidades empreendedoras de Clark (1998) que tem como característica principal a ação coletiva e convivem com o risco de empreender as inovações em busca de uma transformação planejada. Segundo Morosini (2006a) essas instituições tonificam características mantenedoras da transformação junto com as mudanças, tais como: diversificação da base financeira; fortificação do centro diretivo; expansão periférica; estímulo à comunidade acadêmica e consolidação da cultura empreendedora integrada.

Nesse contexto, é que se encontra a universidade brasileira, no predomínio da transnacionalização. Altbach (2004) entende isso como uma nova forma de poder, na qual

corporações multinacionais, conglomerados de universidades procuram dominar o mercado não só por razões políticas e ideológicas, mas angariando ganhos. Assim, recomenda a classificação das atuais IES em universidades de pesquisa de âmbito global e periféricas.

As primeiras (*world class research universities*) são modelos que dominam a produção e a disseminação do conhecimento, lideram na ciência, no ensino e na gestão. Localizam-se em países desenvolvidos e se beneficiam de fundos, infraestrutura, corpo acadêmico e tradição de pesquisa. As segundas são modelos periféricos que incluem os *community colleges* (primeira etapa da Educação Superior norte-americana). Para Altbach (2004), essas instituições e os sistemas acadêmicos dos países em desenvolvimento dependem dos centrais na produção da pesquisa, na distribuição do conhecimento e no treinamento de recursos humanos.

Essa forma sistemática de organização sustenta a ideia de uma geopolítica do conhecimento (LIMA e CONTEL, 2011), visto que as primeiras instituições estão localizadas em fluxos estratégicos de conhecimento em territórios distintos. Com as universidades de pesquisa de âmbito global, a geopolítica se implementa em bases geográficas fortalecidas em circuitos produtivos de conhecimento.

Para se concluir a reflexão histórica se retorna a embocadura teórica desta tese que se apóia no pensamento de que as universidades são instituições voltadas ao conhecimento. No capitalismo contemporâneo, as IES estão submetidas a lógicas que afetam substantivamente sua autonomia acadêmico-científica. Nessa perspectiva e num processo de crise estrutural, a pesquisa emergiu como hipergeradora de poder, numa analogia à Lipovetsky (2011), capaz de impulsionar a geopolítica do conhecimento (LIMA e CONTEL, 2011).

Lombardi (2011) considera que se trata de uma concepção subjugada ao capitalismo, onde a universidade é homóloga ao mercado, uma empresa prestadora de serviços adaptada à sociedade e ao acadêmico (convertido em cliente e consumidor). Isso demanda comentar que os modelos universitários, como produtos históricos, refletem menos as aspirações dos projetos originais de seus criadores e mais as relações com a sociedade onde foram enxertados e as vicissitudes provocadas pelos acontecimentos históricos.

Logo, nessa proposição de síntese histórica, é importante evidenciar que o Brasil precisa discutir seu projeto de universidade. Os tempos contemporâneos transformaram-nas em instituições diferenciadas, dotadas de funções, objetivos e recursos bem definidos e modelos com lógicas de funcionamento localizadas. A questão que se coloca é como responder aos desafios, sem se subordinar aos paradigmas estabelecidos e como construir uma proposta alternativa.

Acredita-se ser a pesquisa histórica não uma atividade-fim dessa tese, mas um meio necessário para evidenciar a concepção de conhecimento como um fazer permanente, sujeito a múltiplas interpretações e olhares. O contexto procurou deixar claro que nenhum modelo de universidade poderá ser efetivado se não for visualizado na realidade concreta, orientada por uma política educacional coerente com o projeto político de um país. Essa síntese das características dos modelos universitários foi fundamental para a discussão sobre a pesquisa e a Pós-graduação e orientam as discussões a serem realizadas nesse estudo.

### 3.2 Pós-graduação: *locus* da pesquisa

Uma tese é considerada um dos tipos mais representativo dos trabalhos acadêmicos. Essa em especial, tratou do tema a consolidação da pesquisa na Unemat, exigiu levantamento dos estudos na área em que se situa e instrumentos metodológicos específicos para análises aprofundadas. Sua questão problematizadora partiu da percepção de que medida se adensa e se densifica as políticas e ações de produção da pesquisa.

Assim, refletir sobre o sentido histórico-teórico da Pós-Graduação foi um grande desafio, principalmente, quando se associa sua responsabilidade acadêmica, situadas num determinado contexto. Essa parte da tese tem como finalidade refletir o papel da Pós-Graduação numa realidade hipermoderna (LIPOVESTKY, 2004) marcada pela sociedade do conhecimento (DIDRIKSSON, 2006) e em rede (CASTELLS, 2001).

Numa proposta de compreender a RedSig do objeto de estudo, importou analisar nesta etapa o sentido e os rumos da Pós-Graduação, em um país situado na América Latina, que possui limitações do ponto de vista econômico, político e social, atingido pelos percalços da internacionalização, que impõe regras e limites à sua esfera científico-tecnológica. Parece conveniente ressaltar que houve um resgate histórico da Pós-graduação, assunto que vem sendo discutido há algum tempo, atrelado ao crescimento da pesquisa. Seu estado de conhecimento revelou uma quantidade significativa de teses e dissertações sobre a temática com vários enfoques. Em alguns estudos, a história da pesquisa e da Pós-graduação são distintas, para outros se alinham numa malha cheia de nós.

Oliveira (1995) indica que a história da Educação Superior pode ser dividida em dois períodos: antes e depois da implantação da Pós-graduação. Isso é recente e se mescla com a introdução da pesquisa no Brasil e quando se busca uma narrativa-padrão sobre sua historicidade, nota-se certa ausência de dados e sua origem demarcada na reforma universitária em 1968. Para Bianchetti e Machado (2012), a história da pesquisa pode ser retratada em quatro momentos: pesquisas realizadas por profissionais estrangeiros; criação

dos institutos de pesquisa; início da Pós-graduação *Stricto Sensu*; políticas desencadeadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES). Desta forma, se valida um possível início do sistema nacional de Pós-graduação (SNPG).

Não se pretende demonstrar uma explicação simplista ou estigmatizada, mas ressalta-se que essa estrutura é “signatária” da ditadura militar. Nosella (2010) explicita que: “A criação da pós-graduação nas universidades brasileiras da forma institucionalizada como hoje a conhecemos, priorizando as atividades de pesquisa, deve ser atribuída à modernização autoritária e conservadora dos governos militares” (p. 178).

A partir da década de 50, a pesquisa passou a fazer parte das preocupações dos dirigentes e a aparecer nos programas e metas de governo. Morosini (2009) considera que nesse momento é que se tornam nítidas as estratégias de condições promotoras da pesquisa. Assim, nessa tese reconhece-se que seu desenvolvimento não derivou de um processo espontâneo de crescimento da produção científica e do aperfeiçoamento da formação de seus quadros, mas de uma política deliberada do governo. Seu escopo foi à modernização da Educação Superior no projeto de desenvolvimento econômico adotado no período.

Sguissardi (2006b) explica que os impactos da segunda guerra sobre o país fizeram com que em 1946, por intermédio da Academia Brasileira de Ciências fosse criado um conselho que deveria implementar uma instituição governamental com a função de amparar e coordenar a pesquisa nacional. Cinco anos depois, em 1951, instituiu-se o CNPq<sup>46</sup>. Seis meses depois, por iniciativa de Anísio Teixeira foi criada a CAPES<sup>47</sup> que inicialmente visava “erradicar” professores não titulados que atuavam nas universidades. Essas duas agências foram consideradas marcos operacionais e regulatórios da execução da pesquisa e da Pós-graduação no país. Apenas para um balizamento temporal indica-se que ambos tem pouco mais de meio século de existência. O primeiro foi denominado em suas origens como a “Casa do Cientista”; e à segunda pode ser creditada a avaliação da Pós-graduação. A CAPES sempre esteve voltada para o ensino e o CNPq com preocupações para a pesquisa.

Morosini (2009) explana que no bojo de um projeto modernizante, com base em um estado autoritário uma série de marcos regulatórios são identificados. Um deles foi a LDBEN

---

<sup>46</sup> Agência do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) destinada ao fomento da pesquisa científica e tecnológica e à formação de recursos humanos. Seus investimentos são oferecidos diretamente aos pesquisadores, concedendo bolsas de mestrado e doutorado aos Programas e apoiando projetos (Disponível em: <http://www.cnpq.br/>. Acesso em: 26 fev. 2013).

<sup>47</sup> Hoje, é uma agência vinculada ao MEC, com relação direta no SNPG. Sua atuação envolve atividades que se agrupam em quatro linhas de ação: avaliação da Pós-graduação *Stricto Sensu*; acesso e divulgação da produção científica; promoção da cooperação internacional e investimentos na formação de recursos de alto nível no país e no exterior. Para detalhamento da agência, verificar: <http://www.capes.gov.br/>.



nº. 4.024/1961, que em seu artigo 69, definia genericamente que cursos de Pós-graduação poderiam ser ministrados em IES.

Com a finalidade de esclarecimentos, o Ministro da Educação solicitou ao Conselho Federal de Educação (CFE) conceituar e caracterizar a Pós-graduação. Isso foi realizado no parecer nº. 977/65 de Newton Sucupira que fixou normas para sua organização e seu funcionamento, estruturando-a nos moldes do sistema americano<sup>48</sup>. O parecer delimitou a Pós-graduação *Lato Sensu* aos cursos de especialização e aperfeiçoamento e no *Stricto Sensu* o mestrado e o doutorado, e assim, o compromisso com a formação do pesquisador e do professor (BRASIL, 2013a).

Para Saviani (2002) os cursos de Pós-graduação são entendidos, literalmente, como aqueles que se realizam após a graduação. O *Lato Sensu* assume a forma de aperfeiçoamento e especialização, constitui-se um prolongamento da graduação e visam a um aprimoramento ou aprofundamento da formação básica. Já o *Stricto Sensu* possui objetivo da formação acadêmica dos pesquisadores. Dessa forma, essa tese está fundamentada na declaração de que a Pós-graduação *Stricto Sensu* define os cursos que se sobrepõem a graduação, tendo forte componente acadêmico. Em vista do exposto, torna-se necessário deixar claro, que o objeto deste estudo detalhado é este tipo de Pós-graduação, que tem como uma de suas finalidades a pesquisa.

Outro marco regulatório histórico a ser ressaltado foi o decreto nº. 62.937/68, que constituiu o grupo de trabalho para a Reforma Universitária (GTRU) que elaborou um relatório sobre a organização, o funcionamento e o financiamento da Educação Superior, o qual circunstanciou a lei nº. 5.540/68. Oliveira (1995) destaca que o relatório se referia especificamente à implantação da Pós-graduação como condição fundamental para transformar a universidade brasileira em centro criador de ciência.

O GTRU ciente das dificuldades sugeriu a instalação de centros regionais (decreto nº. 63.343), sob a coordenação de uma comissão nacional subordinada ao departamento de assuntos universitários (DAU). Esses centros deveriam ser instalados em universidades que tivesse condições de desenvolver pesquisa. Foi, então, depois da reforma universitária (lei nº. 5.540/68) e da regulamentação do credenciamento que teve início a expansão da Pós-graduação. Segundo Oliveira (1995) depois de implantada, programas começaram a se instalar em diferentes regiões do país, ao mesmo tempo em que se aperfeiçoavam seus

---

<sup>48</sup> Segundo Santos e Azevedo (2009) esse parecer também teve influências do modelo francês.

estímulos. A necessidade da titulação acadêmica para ascensão na carreira docente foi um deles, pois, ampliou a demanda.

É imprescindível esclarecer que o modelo de universidade proposto na reforma de 68 continha a ideia de institucionalização da pesquisa, que deveria ser desenvolvida na Pós-graduação. Morosini (2009) comenta que:

A reforma universitária de 1968 (lei nº. 5.540), com apoio em um modelo humboldtiano normatiza a universidade como concepção de produção de conhecimento-pesquisa indissociável ao ensino. Este modelo é concretizado numa estrutura de inspiração norte-americana que busca a racionalização dos meios através dos departamentos universitários e identifica os títulos de mestrado e de doutorado como critérios para ingresso e ascensão na carreira docente (p. 128).

As universidades tornaram-se o *locus* da pesquisa, que ainda estava embrionária no país. Franco e Morosini (2011) destacam que a primeira IES foi estabelecida no início de século XIX e o sistema universitário foi organizado nos anos 30. Assim, foi essa reforma que permitiu a pesquisa como função normativa na perspectiva humboldtiana, garantindo as condições de sua realização.

Outro marco regulatório importante para o sistema da Pós-graduação que estava sendo criado foi à criação de várias agências de fomento no âmbito estadual<sup>49</sup> e federal<sup>50</sup>. Esses agentes financiadores desempenharam papel extremamente relevante para o planejamento estratégico no desenvolvimento do país. Severino (2010) esclarece que as fundações de apoio à pesquisa (FAP) são entidades estaduais destinadas a apoiar as atividades de pesquisas. Essas fundações buscam estimular a formação e a vinculação de pesquisadores, bem como a indução de pesquisas pertinentes às prioridades de cada região.

Retomando os centros regionais, segundo Closs (2002) tiveram vida efêmera e para Oliveira (1995) nunca chegaram a funcionar e foram substituídos pelo conselho nacional de Pós-graduação (CNPq), instituído pelo decreto nº. 73.411/1974. Esse conselho foi presidido pelo Ministro da Educação e da Cultura e tinha representantes do Ministério do Planejamento, do CNPq, do CFE, de agências financiadoras da pesquisa e de universidades. Dentre suas inúmeras finalidades, tinha a competência de desenvolver e aprovar o plano nacional de Pós-

<sup>49</sup> Em nota antecedente foi informado que na década de 60, houve a implementação da FAPESP em São Paulo. Closs (2002) destaca em seguida criou-se a fundação de amparo à pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), posteriormente, na maioria dos Estados foram criadas agências com finalidades similares e as fundações estaduais de ciência e tecnologia multiplicaram-se.

<sup>50</sup> Closs (2002) comenta que introduziu-se no banco nacional de desenvolvimento econômico e social (BNDES) um dispositivo de apoio para a implantação da Pós-graduação e pesquisa, por meio do programa Funtec, depois transformado na agência financiadora de estudos e projetos (FINEP). Ambos tiveram papel fundamental na consolidação dos grupos de pesquisa e Programas das universidades brasileiras.

graduação (PNPG), que se enquadraria no II Plano nacional de desenvolvimento (PND) e no plano básico de desenvolvimento científico e tecnológico (PBDCT).

Para compreender o contexto dos PNPG's, é preciso destacar alguns elementos analíticos, para Closs (2002), a pressão do mercado de trabalho, valorizando a titulação ampliou a demanda por vagas. Assim, a partir de 1968 se inicia um período de crescimento e somente na década de 80 há sensível redução. Moura Castro (1985) sinaliza que o número de programas aumentou oito vezes em 1981.

Santos e Azevedo (2009) acrescentam que em 2008 existiam dois mil, quinhentos e oitenta e oito cursos. Esse salto quantitativo da Pós-graduação *Stricto Sensu* se efetivou quando os programas foram definidos como foco privilegiado das políticas de incremento da produção científica e tecnológica. O crescimento foi constante conforme pode ser observado no quadro a seguir que apresenta os dados atuais.

**Quadro 02** – Cursos de mestrado e doutorado por região geográfica

REGIÃO	TOTAIS DE CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO			
	MESTRADO ACADÊMICO	MESTRADO PROFISSIONALIZANTE	DOCTORADO	TOTAL
Sudeste	1.388	252	1.0004	2.644
Sul	627	97	363	1.087
Nordeste	592	89	271	952
Centro-oeste	253	33	123	409
Norte	154	28	59	241
Brasil	3.014	499	1.820	5.333

**Fonte:** Extraído de MEC/CAPES (2013).

Segundo dados da CAPES, a partir de 2000, criou-se a categoria mestrado profissional, que hoje contabiliza quatrocentos e noventa e nove cursos (MEC/CAPES, 2013). Do balanço dos resultados obtidos, observa-se um rápido crescimento do número de mestrado e doutorado no Brasil e visualiza-se que com o incentivo do I PNPG, a Pós-graduação se constituiu num dos espaços privilegiados da pesquisa na universidade que acompanhou a expansão dos programas.

Numa tentativa de síntese sobre os PNPGs, organizou-se um quadro sinóptico que identifica os períodos, os objetivos e elenca o principal destaque analítico dos documentos. Observar detalhamento que segue:

**Quadro 03 – Síntese analítica dos planos nacionais de Pós-graduação**

	PERÍODO	OBJETIVOS:	DESTAQUES:
I	1975-1979	Transformar as universidades em centros de atividades criativas permanentes; Corrigir desvios provocados pela rápida expansão da Pós-graduação; Escopo: institucionalização da pesquisa.	Sistema educacional
II	1982-1985	Preocupação com os desníveis entre regiões e instituições; Adequar a Pós-graduação às necessidades de produção de ciência e tecnologia.	Setor produtivo
III	1986-1989	Grifa a necessidade da institucionalização da pesquisa nas universidades e a integração ao sistema nacional; Premissa básica: constatação de que nem todos os objetivos dos planos foram alcançados; Transformação dos cursos em centros de pesquisa e de formação de pesquisadores. Priorizar o estreitamento das relações entre a universidade e a Pós-graduação.	Ampliação da pesquisa
IV		<i>Recomendações:</i> Expansão do sistema; Diversificação do modelo; Mudanças no processo de avaliação; Busca de inserção internacional.	Não houve plano*
V	2005-2010	Princípio: sistema educacional é fator estratégico no processo de desenvolvimento da sociedade; Produzir profissionais qualificados; Problema: distribuição desigual entre as regiões brasileiras; Expansão do sistema; Diretriz: estabilidade e indução de programas estratégicos buscando a sua integração com as políticas públicas; Redefinir os recursos e a organização orçamentária; Organização de novos modelos; Enfatizava a avaliação e a qualidade dos programas.	Reconhecimento da importância
	2011-2020	Definir novas diretrizes, estratégias e metas para avançar nas propostas para a política da Pós-graduação; Expansão do SNPG, reportando-se a questão das assimetrias regionais; Criação da agenda nacional de pesquisa; Aperfeiçoamento da avaliação.	Política educacional

**Fonte:** Nez (2013).

**Nota:**

\* Morosini (2009) esclarece que inúmeras foram as discussões, entretanto, o documento final não foi formalizado. A justificativa desta falha contempla várias circunstâncias, envolvendo restrições orçamentárias e falta de articulação entre as agências de fomento. Numa análise detalhada, o que pode ter colaborado para a sua inconclusão foi um momento inquietante (término da ditadura), instigante (início das práticas democráticas) e de certa forma contraditório e complexo.

Enfim, reconhece-se que o sistema de Pós-graduação brasileiro possui prestígio por parte da comunidade científica. Para Santos e Azevedo (2009) esse sucesso foi consubstanciado por uma atuação efetiva do Estado brasileiro através de políticas que propiciaram uma realidade bem-sucedida, convertida em sistema com um reconhecimento nacional e internacional. Houve uma efetiva forma de regulação através da legislação pertinente a área ao longo dos anos (decretos, resoluções e portarias).

Os PNPGs representam a regulação nacional. Ratifica-se que uma regulação do tipo burocrático e administrativo (como os planos da Pós-graduação), sujeita a uma rede complexa

de normativas (diretrizes e metas) que reforçam a intervenção direta do Estado (CNPq e CAPES), teve como função fiscalizar o cumprimento das ações. Barroso (2006) esclarece que

Por um lado, e numa perspectiva diacrónica, assiste-se a um processo de sedimentação normativa que resulta da sobreposição de novas regras, orientações e reformas (produzidas numa volúpia de transformação permanente que raramente ultrapassa a superfície do sistema), às praticas e estruturas antigas que, na maior parte dos casos, acabam por subsistir ainda que “travestidas” de uma pretensa modernidade (p. 53 – grifo do autor).

Assim, a hipermodernidade aparentemente revelada por Barroso (2006) como “a volúpia de transformação” e/ou “a pretensa modernidade”, explicam a fundamentação de uma boa parte das ações dos Planos. Havia necessidade emergente de mudanças para a construção de uma Pós-graduação consistente através de um Sistema Nacional e isso foi sublimado.

Franco e Morosini (2011) salientam uma marcante vinculação intersetorial que impregnou os primórdios das políticas de Pós-graduação no Brasil, que corrobora com o conceito de regulação oferecido por Barroso (2006). Os três primeiros PNPGs foram fortemente articuladas a partir dos planos nacionais de desenvolvimento do país. Para as autoras, as políticas são analisadas em diferentes âmbitos, a partir das reformas no sistema de educação (MEC e CAPES); das reformas no sistema de ciência e tecnologia (ministério e secretaria); das reformas do Estado (Ministério da Administração e Reforma do Estado - MARE); e, no âmbito de fenômenos mais amplos, que perfazem a regulação transnacional.

Todavia, nessa tese quando se reflete sobre a possibilidade sugerida por Barroso (2006) de ultrapassar a “superfície do sistema ou as práticas antigas”, remonta-se ao problema crônico das regiões brasileiras que não são atendidas, o que causa uma assimetria regional acentuada ou conforme salientado na rede conceitual na suposição de uma geopolítica do conhecimento (LIMA e CONTEL, 2011). Baumgarten (2007) destaca que a tendência da concentração das atividades em pólos é intrínseca ao próprio processo de desenvolvimento técnico-científico. Também indica que a ausência de políticas regionais adequadas às diferentes realidades do país, pode ser considerada como um fator que favorece sobremaneira o aumento da concentração em alguns espaços.

Moura Castro (1985) já sinalizava que como poderia se esperar, a Pós-graduação teve seu início na região Sudeste. As iniciativas federais foram responsáveis pela maioria dos programas nos Estados do Rio de Janeiro e em Minas Gerais, enquanto o Estado de São Paulo, através de uma instituição estadual, se incumbia de desenvolver inicialmente os cursos naquela região. Essa tese trabalha com a constatação de que a região Sudeste ainda mantém predomínio em número de instituições e programas, que pode ser observado no quadro 02.

Essa situação se reflete na destinação de recursos em uma espiral regional concentradora em que mais apoio e cursos de Pós-graduação significam mais investimentos em pesquisa, que, por sua vez, geram mais fomento e assim consecutivamente.

Morosini (2009) comenta que entre as “debilidades” que marcaram a trajetória da expansão da Pós-graduação, podem-se elencar: falta planejamento do crescimento do sistema, assimetrias das áreas do conhecimento e número insuficiente de programas nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Santos e Azevedo (2009) acrescentam que na região Centro-oeste, o quadro de assimetrias é maior, uma vez que a Pós-graduação concentra-se em Brasília e em alguns outros pontos isolados.

Lord (2010) em estudo sobre a Pós-graduação *Stricto Sensu* em Mato Grosso indica que um dos principais aspectos que explica as desigualdades científico-tecnológicas regionais é a concentração das ações federais em determinados Estados, em detrimento de outros. Mato Grosso ocupa juntamente com os demais Estados periféricos, uma posição inferiorizada e seu histórico de políticas públicas demonstra marginalização do governo federal. Denuncia-se, assim, “[...] o quanto as ações ou omissões do governo federal repercutem no desenvolvimento ou estagnação das regiões do país” (p. 01).

Observa-se, desta forma, uma maior concentração de investimentos públicos onde há recursos humanos qualificados e infraestrutura (regiões Sul e Sudeste). Constata-se também que o crescimento de grupos de pesquisa emergentes é prejudicado com uma tendência de priorizar uma parte dos investimentos nos grupos ou pesquisadores dessas regiões. Assim é, praticamente impossível os pesquisadores da Unemat competir em nível de igualdade com os bolsistas produtividade do CNPq<sup>51</sup>.

O PNPG 2011-2020 também discorre sobre as assimetrias propondo a indução de programas de Pós-graduação em áreas de interesse nacional e regional. A justificativa para essa ação é que as unidades da federação possuem mesorregiões com significativas assimetrias, sugere-se, pois, políticas de indução à redução assimétrica (BRASIL, 2013b). A tese e o plano estão em consonância indicando a formação de redes de pesquisa, envolvendo parcerias nacionais e internacionais. Com relação a isso, pode-se indicar que algumas iniciativas do MCT, como o programa de apoio aos núcleos de excelência (Pronex<sup>52</sup>) e o

---

<sup>51</sup> O CNPq concede bolsas de produtividade para pesquisadores brasileiros que são enquadrados nas categorias: 2, 1A, 1B, 1C, 1D e sênior (CNPq, 2013).

<sup>52</sup> Destinado a melhoria das condições físicas dos núcleos, sendo desenvolvido em parceria com as FAPs estaduais. Seu objetivo é atender todas as regiões, no incremento da ciência e tecnologia. Suas metas são: manter a excelência e atrair jovens pesquisadores (CNPq, 2013).

programa institutos do milênio<sup>53</sup> são redes temáticas cooperadas, que possibilitam a introdução de um modelo sintonizado com a interação entre as áreas.

Atualmente, o tema Pós-graduação assumiu importância nacional. Do final da década de 90, diversas publicações têm analisado a situação dos programas e os resultados decorrentes dos investimentos pelas agências de fomento. Cabe destacar que sua concepção não pode ser vista separadamente do modelo de universidade que a abriga. Sguissardi (2006a) enfatiza que as universidades com sistemas de Pós-graduação consolidados desenvolvem pesquisa, numa tentativa de cumprir o preceito constitucional. Sendo assim, o modelo de universidade de pesquisa tentou predominar no período expansionista, porém em alguns momentos foi relegado a segundo plano<sup>54</sup>.

Ainda é forçoso evidenciar a questão do financiamento da pesquisa, que não pode deixar de consubstanciar uma tese que trata especificamente da Pós-graduação. Levando-se em conta a acelerada evolução do cenário tecnológico global, o Brasil deve dotar-se de programas de fomento. Para isso, é necessário um compromisso no sentido de construir oportunidades de valorização da pesquisa. Leite (2006) assinala que algumas universidades tiveram uma postura agressiva sobre o mercado do conhecimento, observaram-se parcerias entre docentes e acadêmicos para formação de incubadoras empresariais, registros de patentes, venda de produtos, parques tecnológicos, escritórios de negócios, elementos que contribuíram na mercadorização da pesquisa.

A produção do conhecimento passa a ser um espaço de poder dominante na sociedade, que tensiona a privatização da pesquisa. Um exemplo de políticas públicas que se alinham a essa perspectiva é o programa ciência sem fronteiras, que promove expansão e internacionalização da ciência, da tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira, por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional, além da especificidade da formação do pesquisador. Essa ideia implica o empresariamento da atividade científica.

Definitivamente a mercadorização da pesquisa vem aumentando. Para Baumgarten (2007) a crescente ênfase na privatização do conhecimento, através das patentes, resulta da disseminação internacional de modelos que se desenvolveram nos Estados Unidos, associados à legislação que incentivou a intervenção direta nas universidades, através da propriedade industrial. Um discurso privatista passou a interpor-se nas instituições de pesquisa e infiltrou-

---

<sup>53</sup> É uma iniciativa do MCT, executada pelo CNPq com objetivo de ampliar as opções de financiamento de projetos. Indica a formação de redes, buscando a excelência científica, ampliando seus padrões em instituições em diferentes regiões do país (INSTITUTO, 2013).

<sup>54</sup> Mais informações sobre o modelo universitário predominante no período correspondente ao final da década de 90 consultar Sguissardi (2006a).

se no discurso da academia. Nesse contexto, dominado pelo produtivismo e pressionado pelas avaliações da CAPES ao longo das décadas, a noção de mercadoria vem penetrando cada vez mais na própria concepção das produções intelectuais.

Segundo Slaughter e Leslie (1997) gera-se uma espécie de capitalismo, onde os pesquisadores captam recursos para a pesquisa, os quais procuram visibilidade nacional e internacional, são empreendedores de sua produção intelectual. Nessa tese que trata sobre a pesquisa e a Pós-graduação, sinaliza-se que essa ideia está presente nos modelos regulatórios de avaliação que privilegiam a produtividade docente no quantitativo de publicações.

Esse tipo de capitalismo corrobora para o frenesi do consumo, aqui especificamente de viagens, congressos e livros. Para Santos e Silveira (2008) cresce o consumo de informação no Brasil e no mundo. Essa ideia de hiperconsumismo foi apresentada por Lipovetsky (2004) com relação aos produtos de saúde e beleza, que demanda *shoppings* para o atendimento de um público sofisticado, é o signo do excesso e da fartura. Os tempos hipermodernos exigem hipermercados que contenham muito espaço para divulgar os produtos, e aqui no caso da Educação Superior, oportunizam hiperlivrarias e inúmeros eventos para o livre comércio.

Para finalizar essa discussão teórica sobre a pesquisa e a Pós-graduação, é necessário resgatar a questão do seu processo avaliativo, visto que traz contribuições significativas para se entender elementos definidores da produção do conhecimento: o capitalismo acadêmico e a produtividade docente. Oliven (2005) destaca que em 1972, a CAPES iniciou um programa de avaliação dos mestrados e doutorados que serviu de orientação às suas políticas. Em 1976, Balbachevsky (2005) acrescenta que aconteceu o primeiro processo efetivo de avaliação dos programas que tinha como objetivo gerar parâmetros que orientassem a distribuição das bolsas de estudo. Bianchetti e Machado (2012) salientam que esse sistema de avaliação teve sua origem vinculada a um modelo estatístico oriundo da área de Economia e Contabilidade.

O sistema implantado pela CAPES na década de 70 objetivava estabelecer o padrão de qualidade dos cursos e identificar quem se adequava. Isso impulsionaria a evolução do SNPG, e de cada programa, dotando o país de um banco de dados sobre a Pós-graduação *Stricto Sensu* (BIANCHETTI e MACHADO, 2012). Essa avaliação teve grande repercussão, pois afetou diretamente as IES e a distribuição de subsídios financeiros para a pesquisa.

Ao se vincular a qualidade, o sistema de avaliação assegurou bases sólidas para a expansão e consolidação da Pós-graduação e contribuiu para criar condições essenciais para que se efetivassem grandes avanços na pesquisa científica e tecnológica no país. A CAPES centrou sua avaliação na produção científica dos pesquisadores ligados à Pós-graduação. Em cada área, a agência formou comitês de pesquisadores que ficaram encarregados de avaliar e



classificar cada programa. Com o passar dos anos, se transformaram em fóruns para a fixação dos padrões de qualidade e da carreira acadêmica. Para Arruda (1999) a centralidade adquirida pela avaliação da Pós-graduação no Brasil explicitava-se de modo incontestado. Por isso, consolidavam-se e rotinizavam-se os procedimentos e as regras de legitimação do trabalho acadêmico. Mas, foi necessária uma reformulação.

Então, na década de 90, a CAPES reorganizou o sistema e um modelo mais rígido foi colocado em prática, preservando a autoridade dos comitês de avaliação por pares. Balbachevsky (2005) comenta que as regras reforçaram a adoção de padrões de qualidade internacional e impuseram parâmetros para avaliação do desempenho docente, dando ênfase para sua produção acadêmica. Detalhando esse processo, Severino (2010) explica que a agência procede a um acompanhamento do desempenho dos programas e trienalmente atribui um conceito. Atualmente, a ordenação da avaliação adotou uma escala de sete pontos (no lugar de cinco do sistema anterior) de classificação, onde os maiores níveis (seis e sete) correspondem aos que oferecem doutorado e que possuem padrões internacionais. A nota três é o mínimo exigido para que um programa possa continuar credenciado.

Um dos elementos de avaliação do corpo docente é a produção intelectual institucionalizada, a portaria do CNE/CES nº. 02/1998<sup>55</sup> estabelecia indicadores e ainda sinalizava a obrigatoriedade de demonstrar a participação dos docentes em congressos, bem como, a publicação dos resultados das pesquisas em revistas indexadas (BRASIL, 2013d). No que diz respeito a essa produção, notou-se ao longo dos anos a efetivação de diligências operacionais, por intermédio do aprimoramento da coleta e do tratamento dos dados (coleta de dados CAPES<sup>56</sup>), além da definição de indicadores precisos da produtividade dos programas (qualis periódico<sup>57</sup>). Isto quer dizer que se intensificou a eficiência dos instrumentos de aferição, tendo em vista, o dimensionamento da produção docente.

Kuenzer e Moraes (2009) qualificam essa tendência, impressa pela agência reguladora da Pós-graduação de “surto produtivista” e fazem alusão que a quantidade instituiu-se em meta. Nos últimos anos, o tempo tem pesado mais do que qualquer outro fator quando se trata

---

<sup>55</sup> Essa portaria foi revogada e passou a valer a resolução CNE/CES Nº 3/2010 que regulamenta o artigo 52 da LDB, dispondo sobre as normas para credenciamento e recredenciamento de universidades (BRASIL, 2013e). Porém, nessa normativa não há mais nenhuma referência sobre a produção intelectual institucionalizada conforme a anterior sugeria.

<sup>56</sup> Sistema informatizado que tem como objetivo tributar informações sobre os programas de Pós-graduação *Stricto Sensu* do país, subsidiando o processo de avaliação, bem como o fomento e o delineamento de políticas institucionais (CAPES, 2013).

<sup>57</sup> Conjunto de procedimentos utilizados pela CAPES para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de Pós-graduação. O resultado é disponibilizado numa lista com a classificação dos veículos utilizados para a divulgação do conhecimento (CAPES, 2013).

de produção científica e isso é relevante quando instaurado numa sociedade hipermoderna, que tem como pano de fundo o consumismo, prevalecendo uma escalada a uma espiral hiperbólica salientada na tessitura dos tempos hipermodernos.

Daí a expressão do capitalismo acadêmico (SLAUGHTER e LESLIE, 1997) estar em voga e ser concebida para dar conta da maneira peculiar como o capitalismo se efetiva neste âmbito da atividade acadêmica, a partir da sustentação do binômio avaliação-fomento, sob o signo da produtividade. Isso é notório na competição dos recursos para a pesquisa que estão diminuindo.

Retoma-se ainda a discussão da tessitura teórica da hipermodernidade e o consumo excessivo de livros, revistas, participação em eventos, bem como a necessidade eminente de publicação de resultados, Bianchetti e Machado (2012) apontam que na atual conjuntura o frenesi por publicar tem desencorajado a escrita de livros, pois demandam mais tempo de elaboração e estudo e por isso, acabam rendendo menos numa proporção temporal. Para Machado (2006)

A necessidade de publicar *ad infinitum*, quanto mais melhor, associada à satisfação de uma exigência, que não entra no mérito da necessidade do conteúdo do texto exercer algum benefício para outrem que não sejam os interessados imediatos: aquele (o pesquisador) e aqueles (o seu grupo) que precisam ter publicações para estar quites com uma exigência regulamentar superior. [...] O que vivemos hoje na pós-graduação com relação aos escritos publicados é que a sua finalidade se esgota no cumprimento da obrigatoriedade de ter escrito, publicado e preenchido os devidos formulários (*lattes* e APCN<sup>58</sup>) (p. 113).

Chauí (2003) expõe que:

a quantidade de publicações precisa ser tomada *cum grano salis*, [com moderação e parcimônia] pois sabemos que essa quantidade pode exprimir pouca qualidade e pouca inovação porque: a) os chamados processos de avaliação da produção acadêmica, dos quais dependem a conservação do emprego, a ascensão na carreira e a obtenção de financiamento de pesquisas, são baseados na quantidade de publicação de artigos e do comparecimento a congressos e simpósios; b) a quantidade de “pontos” obtidos por um pesquisador também depende de que consiga publicar seus artigos nos periódicos científicos definidos hierarquicamente pelo *ranking*; [...] isso se refere a um problema de fundo, qual seja, a mudança imposta ao *tempo* do trabalho intelectual e científico (p. 10 – grifos da autora e comentários meus).

Enfim, a avaliação da CAPES é necessária. No entanto, precisa manter presente o sentido da ciência, para não submergir na obediência de regras, compactuando com uma forma de avaliação classificatória que vem sendo motivo de estudos na academia, especificamente na produtividade docente.

---

<sup>58</sup> Aplicativo para propostas de cursos novos de Pós-Graduação (APCN) que compõem com a avaliação trienal dos programas os processos do sistema avaliativo (CAPES, 2013).

Nesse sentido, perceberam-se nos dados dessa configuração histórica, que as IES trazem em seu bojo uma descrição sócio-política inserida numa realidade concreta, e que se organiza a partir de fortes relações com o Estado, com a sociedade e/ou com a estrutura de poder vigente, que foi sua condição naquele momento. Em alguns momentos, a pesquisa viveu forte tensão com o controle exercido pelo governo ou por grupos ligados ao poder (agências).

O ocorrido com a universidade e a Pós-graduação ao longo dos anos retratada nesse capítulo tem sentido e significado na trama constitutiva da Unemat, que é o levantamento historiográfico que será apresentado a seguir. Haverá, pois, um desvelamento do quanto os processos históricos se interpenetram na complexa tessitura que é a RedSig da IES.

### 3.3 A Unemat e sua trajetória sócio-política

Nesta parte do cenário constituído, apresenta-se a Unemat e sua trajetória histórica, foco deste estudo de caso. A pesquisa parte do fio condutor da trama que, para compreender o real significado de uma IES, de sua criação ou de sua organização, pois não foi suficiente ater-se apenas à legislação e às exposições dos motivos de sua existência. Foi necessário fazer um exame nos documentos, para captar os significados de certas medidas e ações, como parte de uma realidade concreta, permeada de contrassensos.

Sob essa perspectiva, examinar a legislação e a trajetória do objeto dessa tese é importante, porque mais do que apenas uma informação, questões emergiram e auxiliaram na interpelação do momento institucional atual. Na análise das fontes, procurou-se não perder de vista que não é por estar disposto no documento que o fato ocorreu daquela forma. Concomitante a pesquisa documental, foi trazida para a construção de sua historicidade algumas entrevistas realizadas com os pró-reitores de pesquisa e pós-graduação, por entender que agregaram valor informativo. Além delas, foram também utilizadas especificamente duas entrevistas de LGs, compreende-se que esclareceram alguns elementos históricos e ampliaram o “olhar” para a universidade.

Assim, para penetrar nas franjas dessa trama procurou-se examinar o que foi evidenciado nas fontes, relacionando-as e situando-as dentro do contexto brasileiro que foram produzidas. A universidade não está deslocada da história sócio-política do país, pois que o fato social só pode ser compreendido no conjunto de suas relações. Assim, a criação de uma IES é um fato histórico condicionado e em íntima relação com a sociedade civil e política. Tem-se clareza da complexidade do objeto e de que o conhecimento produzido representa uma contribuição para a Unemat no tocante a historicidade da Pós-graduação. Todavia, há

limitações que poderão ser complementadas, pois há aspectos que devem ser abordados em momentos oportunos.

Essa trama contextual insurge de um dos maiores estados brasileiros em extensão territorial com 906.806,9 km<sup>2</sup>, que fica na região centro-oeste, e faz divisa com Amazonas, Pará, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Goiás, além da Bolívia. Mato Grosso tem seu relevo constituído de planaltos e chapadas no centro, planície com pântanos a oeste e depressões e planaltos ao norte. Apresenta três biomas<sup>59</sup>: Amazônia (53,6%); cerrado (39,6%); e pantanal (6,8%). Sua economia se baseia na indústria extrativista; na agricultura (cana-de-açúcar, soja, arroz, milho); na pecuária; na mineração e na indústria (MATO GROSSO, 2011).

Até a década de 70, era o segundo maior estado brasileiro e foi desmembrado com a criação do Mato Grosso do Sul, ocupa hoje o terceiro lugar. O principal argumento utilizado pelo presidente Ernesto Geisel para a divisão do Estado foi à dificuldade de desenvolvimento da região diante da grande extensão territorial e de sua diversidade. Para Bittar (2003) havia outros motivos, pois que o Estado estava marcado por disputas acirradas pela hegemonia do poder político e econômico. Siqueira (2002) esclarece que a assinatura do Decreto que estabeleceu a divisão aconteceu em 1977. No entanto, a criação do novo Estado ocorreu efetivamente apenas dois anos depois.

No que diz respeito à oferta de Educação Superior, até o final dos anos 60, Mato Grosso era o único Estado do Brasil que não possuía nenhuma universidade embora tivessem ocorrido várias iniciativas. Segundo Gianezini (2009) o primeiro sinal de curso superior surgiu em 1808, numa aula prática em Vila Bela da Santíssima Trindade, que depois se transformou em curso prático de anatomia e cirurgia. Essa atividade foi determinante, pois demonstrou a necessidade da região de formação especializada. Na divisão do Estado, a Educação Superior ficou centralizada em Campo Grande. E um embrião de uma universidade pública estadual nasceu em Cáceres a partir do estímulo da instalação do Projeto Rondon que posteriormente se tornou a Unemat.

Entre as décadas de 60 e 70, houve uma profusão de iniciativas de criação de faculdades que mais tarde seriam cooptadas para a institucionalização das universidades públicas de Mato Grosso. Esse movimento estadual acompanhou o nacional, quando da abertura de inúmeras faculdades no país, até a congregação de várias para o nascimento das universidades, inicialmente federais. Veloso (2000) considera que a primeira instituição

---

<sup>59</sup> Conjunto de ecossistemas constituído por características (fauna e flora) fisionômicas de vegetação semelhantes em determinada região. No Brasil, os biomas conhecidos são: mata atlântica, amazônico, caatinga, cerrado, pantanal e pampa (MATO GROSSO, 2011).

criada no Estado foi a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em 1970, e representou a conquista de uma antiga reivindicação da população mato-grossense.

A UFMT deu início ao processo de interiorização, ainda na fase que Beraldo (2007) indica de “fazejamento”, ou seja, quando os projetos acadêmicos foram sendo definidos ao mesmo tempo em que se construía sua estrutura física. A consolidação desse processo se efetivou no final da década de 70, com a publicação de um documento que tinha força política para democratizar a Educação Superior no Estado. Já a Educação Superior privada surgiu no final da década de 80. Nos anos 90, Gianezi (2009) enfatiza que houve uma concentração de IES privadas em Cuiabá. Desde então, se expandiu num ritmo vertiginoso, fenômeno também observado nas demais regiões do país.

Na mesma linha da UFMT com ênfase na regionalização, o espaço de reflexão dessa tese é a Unemat, que está inserida neste Estado há trinta e cinco anos, com sede em Cáceres, de onde se alavancou para todas as regiões e teve uma trajetória dedicada à formação de professores da Educação Básica (ZATTAR, 2008). A instituição está distribuída geograficamente nas doze macrorregiões do Estado definidas na Política MT+20<sup>60</sup>, onde leva aos mais longínquos lugares, oportunidade de acesso ao conhecimento. Institucionalmente está vinculada à Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia (Secitec), e legalmente credenciada pelo CEE/MT.

Na AC realizada no documento MT+20 que tem “força legal” em Mato Grosso, nas descrições do eixo 2 (conhecimento e inovação tecnológica) que destaca as especificidades do programa de ampliação da pesquisa e desenvolvimento científico-tecnológico, priorizam-se as seguintes áreas: biodiversidade ambiental, tecnologias, informação genética, biocombustível, e agricultura (PLANO, 2013). Ressalta-se, que se desdobra nos seguintes projetos: formação e qualificação de recursos humanos; criação de centros de pesquisa e desenvolvimento tecnológico nas áreas prioritárias; fomento à pesquisa e ao desenvolvimento tecnológico em entidades públicas; e, implantação de sistema de comunicação e informação entre os órgãos de pesquisa, os quais constituem redes nas áreas indicadas.

Essa busca da caracterização da pesquisa no referido documento, foi incitada por um dos LGs da área das Ciências Humanas que sinalizou em sua entrevista: “não há financiamento para Educação, tem para tecnologia tem para descobrir novas áreas, para terra, para solo, para tudo, para educação não!”. O depoente ainda comenta que: “eu acho que nós

---

<sup>60</sup> Plano de desenvolvimento de Mato Grosso, que aponta conceitos básicos para o incremento sustentável e o planejamento participativo, com vistas aos cenários de sua atuação. Define as prioridades estratégicas para os próximos vinte anos, que preparam o Estado para os desafios futuros (PLANO, 2013).

temos que ganhar consciência para estar buscando mostrar qual é o nosso papel para o Estado” (LG42).

As reflexões dessa tese indicam que o plano faz referência insistente à pesquisa em áreas prioritárias que são circunscritas aos interesses do Estado. Um complicador que emerge é o incentivo às redes apenas para essas áreas e não outras que também são importantes para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Nesse sentido, o comentário do entrevistado é salutar, pois destaca a consciência que os docentes da IES analisada deveriam ter.

Mesmo com esse pano de fundo, a Unemat precisa consolidar-se como uma referência para a sociedade na pesquisa, isso garante levar às regiões o crescimento focado no desenvolvimento local e regional, pautados na resolução de questões sociais, culturais, econômicas e ambientais. Tal condição faria dessa instituição a promotora de interconectividade e interdependência dos mato-grossenses na construção, na sistematização e socialização do saber.

Frente a esses elementos, percebe-se que para abranger essa IES foi necessário não só compreender a proposta daqueles que a fundaram e a dirigiram, mas, além disso, compreender o porquê, a estrutura da realidade em que se manifestaram e o que procuraram ocultar os fatos. Assim, o histórico aqui oferecido teve como base de dados os inúmeros estudos realizados por Zattar (2008), que é a fonte principal de registro da reitoria e o histórico veiculado no *site* da IES. Esses documentos apresentam um “olhar” de outros que puderam ser observados a partir dos LGs. Destarte, todo esforço para compreender a RedSig da problemática dessa instituição, esse não consiste apenas nos escritos a respeito dela nos documentos oficiais, mas, sobretudo e também, nas ações dos grupos que a constituíram.

Inicialmente, para se compreender o processo de constituição da Unemat, organizou-se um quadro, buscando demonstrar o movimento regulatório das leis e decretos de institucionalização. Tem-se como fio norteador das análises o conceito de regulação de Barroso (2006), pois esse histórico legal representa o movimento regulatório na IES. Inicia-se depois uma descrição detalhada de alguns condicionantes a serem enfatizados separadamente.

Como pode ser observado no quadro a seguir, a estrutura da Unemat teve sua origem no IESC, como instituição municipal. Zattar (2008) considera que foi concebido a partir da necessidade de oferecer qualidade de vida à população, trazendo em sua história a marca de ter nascido no interior do Estado. Era vinculado à Secretaria Municipal de Educação e à Assistência Social, e tinha como meta a promoção da Educação Superior. Analiticamente, pode-se comentar que a ênfase na pesquisa aparece desde a primeira lei municipal e se vincula a lei estadual.

**Quadro 04 – Histórico legislativo institucional**

Ano	Nome	Sigla	Legislação	Descrição
1978	Instituto de Ensino Superior de Cáceres	IESC	Lei municipal nº. 703 de 20 de julho	Criou o instituto, vinculado à Secretaria Municipal de Educação e à Assistência Social, com meta de promover o ensino superior e a <i>pesquisa</i> .
			Lei municipal nº. 704 de 15 de agosto	Dispunha sobre sua criação, definindo a constituição da receita e de patrimônio prevendo a fixação da organização e da estrutura da autarquia.
1985	Fundação Centro Universitário de Cáceres	FCUC*	Lei estadual nº. 4.960, de 19 de dezembro	Instituiu a entidade fundacional, autônoma, vinculada à Secretaria de Educação e Cultura do Estado, que visava promover a <i>pesquisa</i> e o estudo dos diferentes ramos do saber e a divulgação científica, técnica e cultural.
1989	Fundação Centro de Ensino Superior de Cáceres	FCESC	Lei estadual nº. 5.495, de 17 de julho	Adaptou-se à recomendação contida no parecer do Conselho Federal de Educação, para que o centro passasse a ser a Fundação Centro de Ensino Superior.
1992	Fundação de Ensino Superior de Mato Grosso	Fesmat	Lei estadual complementar nº. 14, de 16 de janeiro	Determinou a mudança de nome e dispunha sobre a estrutura e funcionamento da administração estadual, vinculando a fundação à Secretaria de Estado da Educação.
			Decreto estadual nº. 1.236, de 17 de fevereiro	Definia a estrutura organizacional e a distribuição de cargos de direção e assessoramento.
1993	Universidade do Estado de Mato Grosso	UNEMAT	Lei estadual complementar nº. 30, de 15 de dezembro	Firmava a instituição para a formação de licenciados e bacharéis, mantida pela Fundação Universidade do Estado de Mato Grosso.

**Fonte:** Nez (2013).

**Nota:**

\* Em outros documentos históricos, encontra-se também a sigla Fucuc para designar a mesma Fundação.

Vale ressaltar aqui que a história da IES está ligada à Cáceres. Segundo o LG15 a instituição “começa com *campus* avançado aqui do Projeto Rondon, das universidades lá dos gaúchos [...]”. Gianezini (2009) esclarece que as operações deste projeto na região ocorreram em 1978. Um dos programas criados foi o *Campi* Avançados que tinham caráter permanente e execução continuada de atividades em comunidades distantes. Esse Projeto não teve importância apenas no momento da criação da Unemat. Zattar, Teixeira e Artioli (2008) destacam que subsidiou várias ações posteriores, entre elas, cursos de extensão, seminário de estudos integrados regionais, entre outras.

Ainda a respeito do nascimento da Unemat, Zattar (2008) comenta que em 1978, ano do bicentenário de fundação de Cáceres, o prefeito Ernani Martins, junto com representantes da classe religiosa, tomou a iniciativa de apresentar um projeto para a criação de uma IES. Segundo o LG43 a IES foi gerida em razão da necessidade dos professores das glebas, em projetos de colonização agrícola, que surgiram em torno do município. Os professores buscavam formação qualificada, surge, então, esse centro de estudos que foi crescendo. Nos documentos oficiais da Unemat não há nenhum tipo de menção desse detalhe histórico.

Cumpridas as determinações legais e estruturais, Zattar (2008) esclarece que o IESC começou suas atividades acadêmicas com um quadro constituído de professores e profissionais liberais estabelecidos na cidade. Entre 1983/85, houve um movimento solicitando a encampação do IESC pela UFMT, inúmeros atos políticos e encaminhamento de ofícios. Isso perdurou até a recusa do governo federal em detrimento de um decreto-lei que proibia na época a criação de novas faculdades.

Assim, o IESC foi estadualizado, após anos de funcionamento e de sucessivas tentativas de federalização. O governador Julio Campos, instituiu a FCUC, entidade fundacional, autônoma, vinculada à Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Mato Grosso, que visava promover a pesquisa e o estudo dos diferentes ramos do saber e a divulgação científica, técnica e cultural (HISTÓRICO, 2011).

Deve-se é claro, compreender que todo esse processo vanguardista de Mato Grosso na universidade (mobilizações e estadualização), foi cópia-fiel do retrato que estava acontecendo no país nesse período. Foi o resultado da valorização da pluralidade de vozes na IES, depois da saída do período militar e autoritário que não permitia nenhum tipo de manifestação. Zattar (2008) comenta que

[...] institucionalmente, a não encampação do IES pela UFMT foi providencial, sob o ponto de vista das conquistas obtidas com a absorção do IESC pelo Estado e, posteriormente, com a sua transformação em Universidade do Estado de Mato Grosso, tornando-se a única universidade estadual com sede em Cáceres, fora do



eixo Cuiabá/Capital, presente nos municípios pólos de Mato Grosso através do modelo multicampi (p. 52).

Com relação ao desenvolvimento da produção do conhecimento, que é o foco de análise dessa tese, Zattar, Teixeira e Artioli (2008) esclarecem que data de 1986, a primeira pesquisa institucionalizada ainda na FCUC, intitulada: “Pragas domésticas: sua ocorrência em Cáceres, Mirassol D’Oeste e Quatro Marcos/MT”, e foi desenvolvida pelo Prof. Dr. Arno Rieder, que até hoje compõem o quadro docente da Unemat.

Sobre o ensino, até a década de 90, a instituição possuía dois cursos de Licenciatura Plena (Letras e Pedagogia) e dois de Licenciatura Curta (Ciências e Estudos Sociais), ofertados em Cáceres. Com a ampliação do sistema local e regional, surgem novas escolas de Ensino Fundamental e Médio, indicando a necessidade de contratação de profissionais para atuarem em outras áreas do conhecimento (HISTÓRICO, 2011).

Ainda desse período, relembram-se as dificuldades financeiras da Unemat, valendo-se das informações de Zattar (2008) de que a garantia legal da estadualização e da transferência de recursos não significou a regularização do repasse constitucional. Isso desencadeou inúmeras discussões junto ao governo e depois de várias reuniões, se definiu um montante para o pagamento da folha e um percentual para a manutenção da instituição. Regularizou-se, desta forma, o repasse mínimo, assegurando a universidade o planejamento orçamentário.

Quanto à sua capacidade financeira, administrativa e de infraestrutura, ressalta-se que atualmente a Unemat é uma entidade de direito público, com autonomia didático-científica, administrativa, e de gestão financeira, orçamentária e patrimonial, de acordo com o que está disposto no artigo nº. 207 da Constituição Federal e no artigo nº. 246 da Constituição do Estado de Mato Grosso (HISTÓRICO, 2011). Porém, historicamente, passou por situações adversas com relação ao seu orçamento. Com o passar do tempo, os valores foram se tornando insuficientes para a oferta e manutenção da Educação Superior no Estado<sup>61</sup>. Esse ponto é um dos estrangulamentos na IES, a questão do financiamento. Atualmente, o orçamento da Unemat está passando por alterações, busca-se uma adequação financeira.

Assim, em 2013, os deputados aprovaram uma emenda à constituição que vinculou o orçamento da IES a receita corrente líquida do Estado que permite avanços, que representa não só a autonomia financeira, mas a garantia de planejamento a médio e longo prazo. A referida emenda garantiu em 2013, 2,0% da receita corrente, e a cada ano, o percentual crescerá em 0,1%, até chegar a 2,5% (UNEMAT, 2013). Esse tipo de financiamento existe em

---

<sup>61</sup> Consultar detalhamento do exercício financeiro da Unemat no período de 1995 a 2004 em Sampaio (2001) e de 2008 a 2011 nos anuários.

alguns estados brasileiros e noutros está em processo de análise<sup>62</sup>. O LG21 indica que “com isso a gente tem a perspectiva de termos de fato a questão que é fundamental na universidade, a sua gestão. Pois, agora você ainda é dependente de uma política de governo<sup>63</sup>”. Assim, considera que: “passa a ser uma política não de governo, mais de estado, por estar vinculada a receita líquida ao repasse para a instituição. Então, não tem como você cancelar o fluxo”.

Na retomada do histórico institucional, recorda-se que a partir do impulso financeiro advindo do primeiro orçamento na década de 90, instaurou-se uma política expansionista. A coordenação entendendo que a ação político-pedagógica não deveria estar circundada apenas a uma região, organizou um projeto em parceria com as prefeituras, que tinha como escopo estender a oferta de Educação Superior. Esse processo culminou na criação do núcleo regional em Sinop, no norte do Estado. Essa política tinha ênfase na interiorização, para isso foi proposto em 1990, o I seminário de expansão do ensino superior público estadual, que tinha o objetivo de estabelecer critérios para a criação de outros núcleos (HISTÓRICO, 2011).

O resultado dessa experiência transpôs o isolamento regional de Cáceres, e estendeu a Educação Superior pública aos municípios de Alta Floresta, Alto Araguaia, Nova Xavantina, Pontes e Lacerda e Luciara, regiões estratégicas no Estado. Esse modelo expansionista para o interior determinou a mudança nominal da instituição que passou a denominar-se então Fesmat. Sobre a interiorização, Gentil (2002) informa que a regionalização tinha como objetivo estender às regiões geoeeducacionais do Estado, o ensino público superior, comprometido com a formação de professores e o desenvolvimento científico-tecnológico.

Com a inclinação “do interior voltada para o interior”, a IES direcionou suas atividades para todas as áreas do conhecimento. Apresentou ênfase nas licenciaturas pela necessidade de formação de professores e na área ambiental, por conta de sua posição estratégica no país e da produção agrícola e sua presença garantida no espaço de três biomas. Ainda sobre o seminário de expansão, um dos entrevistados salienta que foi vislumbrado para o desenvolvimento da pesquisa, do ensino e da extensão de forma integrada.

---

<sup>62</sup> Sobre o financiamento no Estado de Goiás consultar UEG (2013), no Rio Grande do Sul verificar em [http://www.noroestenoticias.com.br/publicacao-2558-Recuperacao\\_da\\_UERGS\\_e\\_consenso.fire](http://www.noroestenoticias.com.br/publicacao-2558-Recuperacao_da_UERGS_e_consenso.fire), no Rio de Janeiro em [http://www.alerj.rj.gov.br/escolha\\_legenda.asp?codigo=42620](http://www.alerj.rj.gov.br/escolha_legenda.asp?codigo=42620) e noutras instituições estaduais examinar Protti, Luque e Cruz (2012).

<sup>63</sup> Sobre a diferença entre política de estado e de governo, Bianchetti (2009) esclarece que o governo quando assume sabe que o seu período de permanência tem duração limitada e assenta suas ações em políticas “[...] que desejaria ver implementadas, denominando-as de ‘políticas do meu governo’” (p. 36 – grifo do autor). Porém, quando vê que seu governo está se extinguindo, busca de todas as formas desencadear estratégias para garantir que “[...] aquela que era uma política de governo, limitada portanto no tempo ao seu governo, se torne uma política de Estado, isto é, ganhe caráter de política permanente (p. 37 – grifo do autor).

Aconteceu lá pelo final da década de oitenta e início de noventa, já com o próprio período de expansão. Isso veio junto com o plano de expansão. Quando era só aqui [Cáceres], e aí veio Sinop que foi outro grande avanço. Não sei se cheguei a falar do seminário que tinha como principal sentido a representação política local. Então, a única forma de você garantir a sobrevivência que se vislumbrava, era se fortalecer politicamente. Se identificou uma *demanda maior por parte do interior do Estado* (LG15 – grifo e comentário meus).

A estrutura dos *campi* começou a ser implantada a partir da década de 90, e a ideia de uma universidade foi se concretizando. Zattar (2008) comenta que a expansão intensificou-se com a criação das unidades em Barra do Bugres, Tangará da Serra, Colider e Juara. Quanto a esse processo no interior, pode ser visualizado no quadro que segue:

**Quadro 05** – Expansão dos *campi* universitários

ANO*	CAMPUS
1978	Cáceres
1990	Sinop
1991/1992**	Alta Floresta Alto Araguaia Luciara Nova Xavantina Pontes e Lacerda
1994	Barra do Bugres Colider
1995	Tangará da Serra
1999/2003***	Juara
2013****	Diamantino Nova Mutum

**Fonte:** Nez (2013).

**Notas:**

\* É necessário ressaltar que informações divergentes foram coletadas nos documentos oficiais e no histórico da IES com relação ao início das atividades e a regulamentação dos *campi*.

\*\* Alguns desses *campi* universitários foram criados em 1991, mas começaram a funcionar no ano seguinte, por isso o quadro apresenta essa indicação temporal complementar.

\*\*\* Esse *campus* aparece no anuário (2012) com a indicação de implantação no ano de 1999, mas na resolução nº. 14 do Conselho Universitário (Consuni) evidencia-se a data de 2003.

\*\*\*\* Em processo de implantação.

É nesse cenário expansionista, que a Unemat se firmou como uma instituição de formação de licenciados e bacharéis. Para vencer as barreiras geográficas impostas pela gigantesca extensão territorial<sup>64</sup>, desenvolve uma estrutura multicampi, multinucleada com a oferta de programas alternativos e diferenciados.

Salienta-se que o resultado da política de expansão da Educação Superior em diferentes regiões do Estado identificou a importância da interiorização da IES. Frente a esses elementos analíticos, observa-se que a criação dessa instituição foi um projeto não somente

<sup>64</sup> Só para se ter ideia da distância territorial envolvida, existe entre os *campi* uma grande diferença geográfica. Pode-se usar como referência a sede em Cáceres e o último *campus* ao norte do Estado que é Alta Floresta estando distantes aproximadamente 1.000 km.

técnico-científico e cultural, mas também ideológico, resultado da tomada de consciência da realidade regional, à luz do qual se apresentou com oportuno, adequado e viável.

Para finalizar o histórico-organizacional, ressalta-se que o embrião da Unemat existe há trinta e cinco anos (1978/2013) como IES, mas apenas há vinte (1983/2013) como universidade. Aqui se institui o marco legal desta tese, no que diz respeito ao credenciamento institucional, pois somente a partir desse momento se intitula de fato e de direito, tendo como foco, além do ensino, a pesquisa e a extensão. Considera-se, então, que a IES teve seu ato de criação na década de 70, mas só adquiriu o *status* de universidade em 1993, portanto, as atividades e/ou ações mais consistentes voltadas para a pesquisa iniciaram a partir desse ano. Para fazer pesquisa é necessário espírito investigativo e isso leva tempo, houve uma caminhada razoável num período relativamente curto.

Traz-se agora para um aprofundamento algumas informações complementares. Zattar (2008) caracterizou sua missão como o desenvolvimento de ações indissociáveis de ensino, pesquisa e extensão para a produção e socialização do saber, de maneira a promover a elevação sócio-cultural e a melhoria técnico-profissional da população, tendo como eixos norteadores a inclusão social e o desenvolvimento sustentável. No plano de desenvolvimento institucional (PDI)<sup>65</sup> que está em vigência, a missão foi reescrita sucintamente, sendo a de “levar a Educação Superior ao interior do Estado de Mato Grosso por intermédio de cursos e programas especiais e com características próprias” (PLANO, 2008, p. 40).

Sua missão se desdobra nas funções indissociáveis: “Ensino: democratizar o ensino público superior estadual de qualidade. *Pesquisa: fortalecer a produção científica nas diversas áreas do conhecimento.* Extensão: atender às demandas da sociedade através de programas e projetos vinculados ao ensino e a pesquisa” (ZATTAR, TAVARES e ARTIOLI, 2010, p. 8 – grifo meu). Essa temática vem sendo discutida na IES há um tempo considerável. Na AC realizada nas entrevistas com os LGs, destaca-se a incidência do aparecimento do tripé (ensino, pesquisa e extensão), em quinze das oitenta e três entrevistas realizadas. Alguns fragmentos confirmam a indissociabilidade,

Minha concepção de extensão tá muito mentalizada com a própria história da interiorização das universidades [...] naquele período década final de sessenta e início de setenta em que é proposto as diferenças conceituais entre universidade, entre instrução de ensino superior, centros universitários e tal. Esse negócio de faculdade e universidade é o que caracteriza cada uma. Desde daquela época a conceituação da universidade é justamente a oferta do ensino, da pesquisa e da extensão articulados entre si [...] Isso permanece até hoje (LG 15).

<sup>65</sup> Tem validade de 2008 a 2014 e foi elaborado por meio da sistematização de material coletado durante encontros com a comunidade interna e externa nas diferentes regiões do Estado. O plano se organiza a partir de quatro aspectos fundamentais: o acadêmico, o físico, o ambiental e o organizacional (PLANO, 2008).

Essa maneira de pesquisa para mim tem na universidade uma grande relação com as ações da extensão e do ensino. Então, nunca fiz pesquisa que não tivesse articulação com a extensão e com ensino. Assim, a minha área da atuação de pesquisa está nessa articulação (LG54).

Considero pesquisa inerente à atividade universitária, se considerarmos um tripé em pesquisa e extensão, a pesquisa é um núcleo estimulador tanto do ensino, quanto da extensão, ou deve ser ou é! (LG 57).

Para você ensinar você tem que pesquisar. Então ensino e pesquisa são indissociáveis nesse caso, e ao mesmo tempo para você ensinar bem, a pesquisa tem que ser realmente bem feita. Agora no trabalho de extensão, a gente está percebendo que existe relação entre trabalho de extensão e pesquisa (LG 70).

Então, todas as outras esferas de ensino e extensão é decorrente do primeiro fato que é o pesquisador [...] É mais ou menos assim que é a minha condição, minha experiência de vida e mais a experiência dentro da universidade me permite entender (LG 82).

Depreende-se criticamente do relato dos LGs, que a pesquisa é co-extensiva ao tecido da universidade, e pode se desenvolver capilarmente. Através dela, buscam-se novos conhecimentos, a socialização do saber produzido no ensino, e a divulgação das informações para a sociedade através da extensão. Isso marca definitivamente a função social das universidades, levadas a cabo ao termo da existência da atividade da pesquisa na universidade e fundamenta um dos cenários propositivos da Pós-graduação, que será descrito em momento oportuno (projetos de pesquisa com interface no ensino e na extensão).

Assim, relembra-se que a propositura da tese compreende que a universidade, por meio da Pós-graduação é fonte geradora de conhecimento na sociedade, na medida em que adensa e densifica as suas políticas e ações por meio de grupos e redes. Sendo assim, a consolidação da pesquisa acontece por meio da configuração de uma cultura institucional.

Outro elemento analítico são os princípios norteadores da IES, que são constituídos pelo compromisso social com a cidadania, que promove o acesso ao conhecimento, à cultura e à tecnologia e pauta-se na justiça social, ética, pluralidade e qualidade; pela democracia através da liberdade de pensamento e expressão, com vistas à gestão democrática e participativa, comprometida com a igualdade de oportunidades de acesso e socialização; pela autonomia didático-científica, administrativa, disciplinar e de gestão; e pela qualidade que corresponda ao que a sociedade deseja de uma universidade pública (ZATTAR, 2008).

Ressalta-se que o PDI traz uma série de esclarecimentos como fins institucionais, seguem-se a seguir os que relacionam diretamente ao objeto de estudo dessa tese:

I – garantir a ambiência para produção e a difusão do conhecimento através do ensino, da *pesquisa* e extensão em suas diferentes modalidades e formas de promoção; [...]

IX – valorizar, através do ensino, *pesquisa* e extensão, a *integração entre o saber e o mundo do trabalho*; [...]

XI – ministrar o ensino superior visando à formação de profissionais capacitados ao exercício da *investigação* e do magistério *em todas as áreas do conhecimento*;

XII – promover e fortalecer a ciência, a tecnologia, a cultura, a arte e o esporte na Instituição através das práticas do ensino, *pesquisa* e extensão nos mais diversos campos do saber;

XIII – contribuir para o processo de *desenvolvimento regional* e nacional, realizando estudos sistêmicos de seus problemas e de suas potencialidades, orientando a formação de profissionais de acordo com as especificidades; [...]

XV – promover a extensão, aberta a participação, numa relação dialógica com a sociedade, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da *pesquisa científica e tecnológica*; [...] (PLANO, 2008, p. 42-43 – grifos meus).

Com relação à pesquisa, pode-se perceber nesse documento, uma ênfase em primeira instância (finalidade I) para as investigações realizadas na instituição, que foram dispostas em outras quatro finalidades (IX, XI, XII e XV). Também se evidencia que a perspectiva tecnológica (finalidade XV) e a interligação com o mundo do trabalho que está evidente no item IX do plano, demonstram que tipo de investigação é delimitada.

A entrevista com um pesquisador do *campus* de Barra do Bugres é esclarecedora dessa situação. Nas proximidades do município há uma usina de produção de álcool, biodiesel e açúcar, o LG04 destaca que seu projeto de pesquisa se articula a essa instituição, desenvolvendo trabalhos científicos com acadêmicos do curso de Engenharia de Alimentos. Essa atividade contrapõe-se ao que está destacado nos princípios norteadores institucionais “que corresponda ao que a sociedade deseja de uma universidade pública”. A venda de serviços de pesquisas acadêmicas através da parceria com o capital privado gera receitas, prejudicando a produção do conhecimento e provocando a privatização, que Sousa Santos (2005) intitula de comercialização do conhecimento científico. Ressalta-se que esse procedimento mercantil nas instituições públicas vem acontecendo paulatinamente nas últimas décadas, Vessuri (1994) apresentou em meados de 1990, um estudo detalhado de treze experiências de vinculação de pesquisas realizadas em IES brasileiras e venezuelanas em parceria com o setor produtivo.

Por fim, enquanto elemento analítico do PDI é preciso comentar ainda sobre a aplicabilidade social da pesquisa (finalidade XIII), destacando que não podem e não devem ficar delimitadas “apenas” a algumas áreas, em detrimento de outras. Essa preocupação está presente na finalidade XI do plano que explicita que deverá acontecer em “todas as áreas do conhecimento”. Os dados trazidos ao longo dessa tese corroboram para se validar uma necessidade de ampliação das áreas que hoje, na pesquisa e na Pós-graduação da Unemat, estão centralizadas nas Ciências Ambientais e na Linguística. Para ilustrar elencam-se alguns fragmentos de entrevistas:

[...] nós que tínhamos que batalhar. Enquanto que Letras era assessorado, o das Ciências Ambientais era assessorado. Nós não! Então eu vejo que nossa organização institucional deixa a desejar (LG 42).

Em sua maior parte somente é valorado o financiamento para as áreas que possam vir a desenvolver o agronegócio. A Educação quase nunca é contemplada (LG55).

[...] as outras áreas mais privilegiadas como o pessoal da Biodiversidade e das Engenharias ainda conseguem o Finep da vida (LG 67).

Em se tratando da área de Biológicas e Agrárias as políticas existem e são protecionistas (LG78).

Na retomada das discussões teórica, não se pode deixar de notar que as problemáticas que envolvem o financiamento são um entrave para a sua consolidação. Como será apresentado oportunamente, a pesquisa universitária é financiada na Unemat, sobretudo por recursos externos à instituição (98,2%), o que traz consequências para suas ações, tais como a relatada pelo LG04, onde o capital externo (Fapemat, CAPES, CNPq, entre outros) acaba determinando que tipo de pesquisa será realizado numa instituição “pública” estadual. Figueiredo e Sobral (1999) destacam que essa realidade traz problemas diversos para as IES. Entre os mais significativos estão à interferência na escolha dos temas de pesquisa (o que reduz a autonomia do pesquisador) e a seletividade (algumas áreas são consideradas “arbitrariamente” prioritárias).

Não existe possibilidade de continuar as análises nessa parte histórica da tese, sem se discutir o campo científico de Bourdieu (1983). A justificativa dessa inserção é que a legitimação do financiamento da pesquisa se processa por meio de uma série de práticas que passam pela percepção da importância e do interesse daquilo que se investiga, não apenas para o pesquisador, mas também para a academia, os pareceristas, os pares da comunidade científica, as agências, entre outros partícipes do processo.

Nesse sentido, a Pós-graduação *locus* da produção do conhecimento na Unemat, é um dos domínios em que a universidade se sente soberana. No entanto, não se pode ignorar que neste espaço existem disputas políticas, econômicas e de poder, que ocorrem no campo científico. O poder é um conceito que tem sido amplamente discutido nas Ciências Humanas e nas Sociais.

A opção de se trabalhar com o conceito de Bourdieu (1989) se apresenta, pois o poder é articulado a partir da noção de campo, considerado um "campo de forças" definido em sua estrutura, pelo estado de relação de forças entre as formas de poder. Há um poder simbólico, onde as classes dominantes são beneficiárias de um capital simbólico, disseminado e reproduzido por meio de instituições e práticas sociais, que lhes possibilita o exercício do poder. Esse poder é invisível e só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não

querem saber que estão sujeitos. Os excertos das entrevistas evidenciam que esse exercício de poder é de algumas áreas sobre outras.

O campo do poder é uma espécie de “metacampo” que regula as lutas em todos os campos. A sua configuração determina a estrutura de alianças e oposições, tanto internas quanto externas entre agentes e instituições (THIRY-CHERQUES, 2006). Demonstra-se, desta forma, ser inquestionável que a produção da pesquisa, é decorrente de um arcabouço da estrutura de poder presente na universidade, reflexo da sociedade hipermoderna em rede.

Esse espaço acadêmico, como local em que se produz ciência, é um campo social e envolve relações de força, com lutas e estratégias de interesses. Thiry-Cherques (2006) descreve que o campo para Bourdieu pode ser considerado tanto um “campo de forças”, uma estrutura que constrange os agentes<sup>66</sup> nele envolvidos, quanto um “campo de lutas”, em que os indivíduos atuam conforme suas posições, conservando e/ou transformando a estrutura.

Para Bourdieu (2004), os campos não são estruturas fixas, são produtos da história das posições constitutivas e das disposições que são privilegiadas. Em cada instituição, o campo tem organizações diferentes e se modifica constantemente. Os campos resultam de processos de diferenciação social, da forma de ser e do conhecimento do mundo, são, pois, espaços estruturados de posições hierarquicamente organizados. Especificamente nesta tese na Pós-graduação e na pesquisa, o que está em jogo é a autoridade traduzida pela competência científica dos pesquisadores.

A noção de campo é aqui discutida para designar esse espaço relativamente autônomo, um microcosmo dotado de leis próprias do financiamento da pesquisa na Unemat. O campo científico é um mundo que faz imposições, solicitações e encaminhamentos que são interdependentes da sociedade em rede e do conhecimento que o envolve. Segundo Bourdieu (1983) uma das manifestações mais visíveis da autonomia do campo é sua capacidade de refratar, retraduzindo sob uma forma específica as pressões ou as demandas externas. Na situação da produção da pesquisa nas universidades, o caso da mercadorização é um sinalizador dessa capacidade. Assim, o campo social é um “espaço multidimensional de posições tal que qualquer posição atual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes [...]” (p. 135).

---

<sup>66</sup> Bourdieu (2004) prefere utilizar o conceito de agente, que são indivíduos que atuam e que são dotados de senso prático e de um sistema de preferências, de classificações e de percepção. “[...] Os agentes sociais, indivíduos ou grupos, incorporam um *habitus* gerador (disposições adquiridas pela experiência) que variam no tempo e no espaço” (p. 34).



A compreensão nessa tese é deste campo como um lugar de lutas desiguais entre vários protagonistas (pesquisadores iniciantes ou seniores, docentes ou não de programas de Pós-graduação) que são ou não agentes portadores de capital acumulado e, por isso, capazes de se apropriarem dos bens simbólicos, necessários para a perpetuação do que lhe interessa.

Necessariamente, o financiamento da pesquisa está regulado por uma lógica no âmbito interno (de poder e de autoridade) e no externo (do mercado do conhecimento e dos interesses do Estado). A universidade é uma instituição que organiza e reflete os campos científicos, nesse sentido, não se pode perder de perspectiva o que Bourdieu (1983) sugere para o campo da pesquisa que está marcado por escolhas que configuram a existência e as formas de organização de um determinado campo e trazem marcas das relações de força e de poder. Assim, a luta científica é armada entre adversários que possuem artilharia potente e eficaz, evidentemente no capital científico coletivo acumulado “no” e “pelo” campo.

Nas reflexões analíticas organizacionais sobre a Unemat, atualmente no PDI, encontram-se os seguintes objetivos:

- a) Ministrar ensino superior em diferentes campos do conhecimento humano;
- b) *Estender à sociedade serviços indissociáveis de ensino, pesquisa e extensão;*
- c) Promover a assimilação dos valores culturais, desenvolver o espírito crítico e difundir os conhecimentos por todos os meios ao alcance da Universidade;
- d) Inserir e intervir na sociedade, identificando os problemas sociais, na busca de alternativas relevantes para o homem realizar-se como pessoa e coletividade;
- e) Garantir o acesso ao conhecimento cultural-científico e a participação de toda a população no processo de desenvolvimento social, com perspectiva à melhoria da qualidade de vida;
- f) *Desenvolver pesquisas que apontem para o melhor aproveitamento sustentado dos recursos naturais e para a formulação de políticas alternativas de sobrevivência;*
- g) *Gerar conhecimentos necessários ao desenvolvimento de Mato Grosso, respeitando as características socioambientais, de forma a contribuir para o desenvolvimento científico-tecnológico;*
- h) Promover a compreensão e *cooperação internacional;*
- i) Qualificar professores em nível superior para atuarem no ensino fundamental e médio;
- j) Alicerçar a base humana *regional*, na afirmação de melhores condições de vida da população e na garantia dos padrões éticos de justiça e equidade (PLANO, 2008, p. 44 – grifos meus).

Vislumbra-se, desta forma, alguns compromissos do Estado com as suas características regionais e a necessidade de uma ação para a solução de seus problemas socioambientais (objetivos F e G) fazendo alusão insistente ao uso da pesquisa acadêmica para este fim. Por isso, a Unemat oferece Pós-graduação nessas áreas.

Também para se compreender a organização da IES, foi preciso explicitar os órgãos colegiados de administração que tem participação efetiva nesse estudo de caso. O PDI (2008) identifica que existem: o congresso universitário, o conselho curador (Concur), o conselho

universitário (Consuni) e o Conepe. O congresso universitário é o definidor das macro-políticas da instituição. Já o Concur é o órgão colegiado de deliberação da Unemat, com funções consultivas e normativas relativas às matérias de fiscalização econômica, financeira, institucional e patrimonial da IES. Na AC procedida em seu regimento, observa-se que não há nenhum tipo de menção à pesquisa e com relação à Pós-graduação salienta-se a celebração de convênios e contratos para a Pós-graduação (Concur, 2012).

No que diz respeito ao Consuni, que é o órgão colegiado com funções normativas, consultivas e deliberativas sobre gestão orçamentária, financeira, patrimonial, administrativa e de desenvolvimento institucional, cabe estabelecer as políticas gerais da IES. Sua câmara setorial de atividades acadêmicas tem como competência emitir parecer sobre a criação e organização de cursos de Pós-graduação, ressalvada a competência do Conepe (Consuni, 2012). Uma de suas funções é a deliberação dos critérios de financiamento dos projetos de pesquisa. Esse é um dos grandes entraves evidenciados pelos LGs, veja nos fragmentos a seguir como percebem a problemática e como os posicionamentos são divergentes,

*Eu não acredito fortemente em recursos internos. Eu acho que o pesquisador tem que buscar o financiamento, a universidade deve garantir a logística. A universidade precisa sim ter uma boa internet e bons laboratórios. Agora o papel do doutor, é também de buscar financiamento. A gente tem que pensar que a universidade do estado precisa ter esse aporte da instituição, porque a universidade não tem financiamentos como as federais que têm o REUNI que põe os prédios na instituição tem *n* programas que são específicos para federais. Então o papel da universidade é *estruturar os centros de pesquisas* e os laboratórios [...] agora o financiamento da pesquisa eu não sou favorável aos *editais para financiar pesquisa* dentro da universidade (LG16).*

*Então acho que um dos grandes gargalos para nossa universidade crescer é estimular a produção científica [...] a gente precisa ter financiamento e realmente *algumas áreas é mais difícil* conseguir financiamentos. Só que eu acho que tem que ser *focado* [...] (LG36).*

*Não tenho conhecimento de que a Unemat financie algum projeto de pesquisa. Todos os docentes *estão refém* de financiamentos externos (LG40).*

*Não tem política de financiamento de pesquisa na Unemat (LG46) (grifos meus).*

Os relatos vão desde a desresponsabilização da IES, até a sua total ausência para alguns entrevistados. Em contrapartida para outros, cabe à mesma estruturar fisicamente os centros de pesquisa (condições básicas), e por fim, para alguns líderes, a responsabilidade de captação de recursos deve ser dos doutores.

Com relação ao Conepe é o órgão colegiado com funções normativas, consultivas e deliberativas sobre matéria didático-científica e pedagógica. Nesse conselho há ênfase na pesquisa e na Pós-graduação, pois que são inerentes às suas atribuições. Esse conselho mantém a câmara setorial que tem como competências: apreciar políticas relativas aos cursos e programas de pesquisa e normas para elaboração, aprovação e acompanhamento de projetos.

Também contempla as ações para a avaliação da pesquisa e da iniciação científica, além da concessão de bolsas. Em relação à Pós-graduação, esse conselho aprecia os projetos pedagógicos dos cursos e programas, normatização acadêmica, registro e expedição de diplomas, e aprova os projetos político-pedagógicos da Pós-graduação (Conepe, 2012).

A compreensão da disposição organizativa dos conselhos é importante para se perceber algumas das tensões e das relações de poder existentes na Unemat, especificamente no *lócus* que envolve a produção da pesquisa, bem como salientar o seu processo de regulação, priorizando compreender o campo científico que se insere. Barroso (2006) rememora que a regulação nacional remete para formas institucionalizadas de intervenção do Estado e da sua administração na coordenação do sistema. A microrregulação local, praticada na universidade por seus conselhos, é “[...] um complexo jogo de estratégias, negociações e ações, de vários actores, pelo qual as normas, injunções e constrangimentos da regulação nacional são (re) ajustadas localmente” (p. 56).

Sendo assim, a microrregulação local se exerce nos conselhos da IES. Para Barroso (2006) pode ser definida como “o processo de coordenação da acção dos actores no terreno que resulta do confronto, interacção, negociação ou compromisso de diferentes interesses, lógicas, racionalidades e estratégias [...]” (p. 56-57). Isso ocorre entre conselheiros e não-conselheiros, entre administradores e administrados, quer numa perspectiva horizontal entre os diferentes ocupantes de um mesmo espaço, um cargo, um *campus* ou um departamento, quer numa posição vertical.

Ainda segundo Barroso (2006), os pólos de influência da microrregulação local são diversificados, e tanto podem, situar-se nos serviços da administração (sede) com intervenção direta no local, quanto nos departamentos ou *campi*, como em grupos de interesses (políticos, sociais, econômicos, profissionais) organizados ou não. Além disso, há influência direta ou indiretamente exercida pelos atores individuais (pesquisadores). É mister salientar que há diferenças nas funções de cada um dos conselhos, mas todos igualmente oferecem uma forma de microrregulação local.

Logo, a AC realizada nos documentos organizacionais, bem como em seu histórico, ressalta que a Unemat, ao longo de sua existência se dedicou à formação de professores e principalmente à questão ambiental, em decorrência das próprias características do Estado (presença em três biomas) e, também, pela sua organização multicampi que foi gerada a partir do modelo expansionista. Foi necessário nesse momento captar essa constituição histórica, visto que as opções metodológicas da AC e da RedSig procuram desvelar a especificidade da IES analisada, gerando-se interconexões das facetas do contexto que se complementaram.

Acreditou-se, portanto, ser compreensível esse empenho em aprofundar as informações, sem perder de vista que a Unemat é síntese de múltiplas determinações. Com essa inquietação e interesse, procurou-se não apenas apreender os fatos que contribuíram para a histórica, mas descobrir os fios da trama, descolorindo-os e colorindo-os novamente.

Isso implicou um movimento crítico de busca e análise, na relação figura-fundo, num ir e vir às fontes documentais e as entrevistas realizadas para melhor conhecer o que foi dito ou silenciado. Esse apanhado revelou-se como norteamento, não apenas internos à instauração da Unemat; constitui, além disso, o fundamento político-educacional que sustenta essa universidade estadual multicampi, cujo delineamento territorial vem à tona a seguir.

### 3.3.1 Os *campi* e a questão da territorialidade

Nessa parte da tese, se inicia o desenho físico que constitui a RedSig desse estudo de caso, demarca o caminho percorrido nas etapas da expansão da Unemat. Esse transcurso tem como esforço central operacionalizar geograficamente a ideia de universidade multicampi, com destaque aos *campi* como *lócus* de interlocução com a regionalidade de cada espaço ocupado. Esse movimento busca apreender a constituição do território a partir do seu uso e da constituição do conjunto e das partes. Isso objetiva discutir as redes de pesquisa a partir de círculos de cooperação, o que, ao mesmo tempo, permite pensar o território não apenas como um palco ou uma arena, mas como ator e papel ativo no processo.

Para ser útil e interessante, a descrição dos *campi* e a compreensão de sua regionalidade, deve ser analítica e não apenas discursiva. Busca-se contribuir para o avanço do conhecimento sobre esses espaços, destacando sua importância e o seu “lugar” no Estado e na universidade, para que se possa viabilizar a consolidação da pesquisa e da Pós-graduação na Unemat. O lugar, não importa seu tamanho e dimensão, é o espaço de atuação da IES. Para isso, insistiu-se a necessidade do conhecimento sistemático da realidade, mediante o tratamento analítico desse aspecto fundamental que é o território.

Dessa forma, é essencial problematizar a realidade, ao interrogar a sua própria constituição. Seu entendimento discursivo e analítico é, pois, fundamental para afastar o risco da perda do sentido da existência individual e coletiva de todos os *campi* universitário. Para Santos (2001) o espaço geográfico não apenas revela o transcurso da história como indica o modo de nela intervir de maneira consciente.

Neste mundo globalizado com uma sociedade organizada em redes (CASTELLS, 2001), o espaço geográfico adquire contornos e características diferenciadas. Além disso, ganha relevância porque as ações estão estreitamente relacionadas com a sua localização.

Numa situação de extrema competitividade como a que se vive, Santos (2001) considera que os lugares repercutem os embates entre os diversos atores e o território revelando os movimentos de fundo da sociedade. Assim nesse contexto, implica trazer à tona alguns conceitos necessários para o processo analítico, um deles é a conceituação de território. A linguagem cotidiana frequentemente confunde território e espaço. Para alguns, o território viria antes do espaço; para outros, o contrário que é verdadeiro.

Segundo Santos (1996) a palavra espaço abriga uma multiplicidade de sentidos e é utilizada em dezenas de acepções. Assim,

O espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente, da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento (SANTOS, 1988, p. 10).

Nesse sentido, o espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes; não entre eles especificamente, mas para as quais servem de intermediários e concretizam uma série de relações. O espaço é, pois, resultado da ação do homem, intermediados pelos objetos. Santos (2001) referenda que são os lugares, “[...] que realizam e revelam o mundo, tornando-o historicizado e geografizado, isto é, empiricizado” (p. 55).

Com relação ao conceito de território, Santos e Silveira (2008) entendem a extensão apropriada e usada. “O sentido da palavra territorialidade tem como sinônimo pertencer aquilo que nos pertence. Esse sentimento de exclusividade e limite ultrapassa a raça humana e prescinde da existência de Estado” (p. 19). Num sentido mais restrito, o território é um nome político para o espaço de um país. Porém, para Santos (2001), esse conceito não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e de coisas criadas pelo homem. “O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence” (p. 47). Assim, quando se recorre a essa conceituação deve-se entender que está se evidenciando o território utilizado pela população.

Nessa perspectiva teórica, o território representa uma arena de movimentos revelando “[...] as ações passadas e presentes, mas já congeladas nos objetos, e as ações presentes constituídas em ações” (SANTOS e SILVEIRA, 2008, p. 247). As configurações territoriais são o conjunto dos sistemas naturais, herdados por uma sociedade, “objetos técnicos e culturais historicamente estabelecidos. As configurações territoriais são apenas condições. Sua atualidade, isto é, sua significação real, advém das ações realizadas sobre elas” (p. 247).

Santos (1988) destaca que o mundo encontra-se organizado em subespaços articulados dentro de uma lógica global. Com a crescente especialização regional e os inúmeros fluxos, definem-se os circuitos espaciais da produção. Assim, para entender o funcionamento do território é preciso captar esse movimento, daí a abordagem que considera que os fluxos são definidos pela circulação de bens e produtos e, por isso, oferecem uma visão dinâmica, apontando a maneira como perpassam o território.

Ao associar as discussões de Santos (1998) aos estudos de Castells (2000) é perceptível que os fluxos não representam apenas um elemento da organização social, e sim a expressão dos processos que dominam a vida econômica, política e simbólica, “são as sequências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições, mantidas por atores sociais nas estruturas econômica, política e simbólica da sociedade” (CASTELLS, 2000, p. 436). Esse espaço de fluxos seria um subsistema dentro do espaço.

Santos e Silveira (2008) sinalizam que esse movimento é comandado, sobretudo por fluxos não obrigatoriamente materiais. É isso que será percebido no desvelar dos fios que compõem a trama de significações da estrutura multicampi da Unemat. Assim, circuitos espaciais e círculos de cooperação mostram o uso diferenciado de cada território e permitem compreender a hierarquia dos lugares.

As definições de circuitos espaciais (SANTOS e SILVEIRA, 2008) e fluxos (CASTELLS, 2000) são próximos, se complementam e não se contrapõem no entendimento desta realidade que compõem um panorama caracterizado pela temporalidade. Essa aceleração trata da fluidez pela presença dos novos sistemas da informação e nas potencialidades de agir. Esse mundo se caracteriza a partir do conjunto de elementos identificados na hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2004). Na tese, o território será utilizado como sinônimo de espaço geográfico, assim como os circuitos e os fluxos, aponta-se para um esforço destinado a analisar sistematicamente a constituição dos *campi* da IES. Esse entendimento se efetiva na caracterização da infraestrutura de cada um dos espaços que a Unemat ocupa e sua relação com o objeto nesta tese que é a pesquisa e a Pós-graduação.

Concorda-se, com Santos e Silveira (2008) que consideram que é nesse sentido que o território condiciona a localização dos atores, pois as ações que sobre eles se operam dependem da sua constituição. Essa preocupação com as particularidades regionais e com o dinamismo dessas relações tem norteado a busca de uma interpretação geográfica diferenciada da realidade e isso contribui significativamente para essa tese.

Sinaliza-se a partir dessas exposições, que quando for necessário identificar qualquer pedaço do território ou cada *campi*, deve-se levar em conta a interdependência (com a sede e

com a região) e a inseparabilidade entre a materialidade (a natureza e o seu uso), consecutivamente o que cada gestor do *campi* tem possibilitado. Cada lugar (*campi*) é alvo de sucessivas divisões (grupos e subgrupos), mas esse mesmo lugar, visto num corte temporal, isto é, num momento dado, acolhe simultaneamente várias reorganizações. Além de também sofrer intervenções das políticas institucionais.

A assimetria na evolução das diversas partes e a dificuldade ou mesmo a impossibilidade de organização institucional constituiu-se numa característica marcante na Unemat. Busca-se, portanto, estudar analiticamente a composição regional dos *campi*, valendo-se dos conceitos da geografia para alguns aprofundamentos teóricos. Para Santos (1996) as regiões são subdivisões do espaço: “do espaço total, do espaço nacional e mesmo do espaço local” (p. 48). São espaços de conveniência e lugares funcionais do todo, “não há outra forma para a existência do todo social que não seja a forma regional” (p. 49). Histórica e etimologicamente, o termo região vem do latim *regio*, que era a unidade político-territorial em que se dividia o Império Romano. Sua raiz está no verbo *regere*, governar, o que atribui à região em sua acepção original uma conotação política (CORRÊA, 1997). Contudo, passou a designar posteriormente, uma porção de terra que era diferenciada de outras por critérios.

O conceito de região é polissêmico e foi intelectualmente produzido ao longo dos anos. Iniciou-se com uma discussão sobre a região como paisagem, transformada de natural para cultural; tendo sua definição aprimorada para um conjunto específico de relações culturais entre um grupo, que tem apropriação simbólica de uma porção de espaço, sendo elemento constituinte de uma identidade (CORRÊA, 1986). Enfatiza-se que esse é um conceito-chave para os geógrafos e tem sido empregado por outras áreas do conhecimento quando incorporam uma discussão sobre a dimensão espacial em suas pesquisas. Essa é a proposição nessa investigação que tem o Estado de Mato Grosso e uma instituição multicampi como foco de um estudo de caso. Nessa tese, utilizar-se-á a conceituação de região como uma entidade concreta, resultado de múltiplas determinações, ou seja, “da efetivação dos mecanismos de regionalização sobre um quadro territorial já previamente ocupado, caracterizado por uma natureza já transformada, heranças culturais e materiais e determinada estrutura social e seus conflitos” (p. 45-46).

Essa opção se solidariza com Santos (1996) quando afirma que atualmente, “há cada vez mais regiões que são apenas regiões do fazer, e, cada vez menos, regiões do mandar, regiões do reger. Aquelas que são regiões do fazer são cada vez mais regiões do fazer para os outros” (p. 57). Essa argumentação igualmente corrobora com a ideia de geopolítica do conhecimento (LIMA e CONTEL, 2011) apontada na tessitura da sociedade do

conhecimento. Essa evidência permeará a descrição analítica sobre a região da qual os *campi* faz parte e sobre as relações de poder dos espaços que se sobrepõem. Poder esse que Bourdieu (1989) grifa no campo científico, mas que nessa tese se espalha na questão multicampi.

Segundo discussão histórica da Unemat, no período expansionista da década de 90, os núcleos de ensino superior passaram a denominarem-se *campi* universitários, com seus respectivos órgãos de administração (ZATTAR, 2008). Visualizar o Anexo I que apresenta o organograma e a estrutura organizacional de cada um dos *campi*.

Atualmente, segundo o Anuário Estatístico (2012), a Unemat está presente em cento e dezenove dos cento e quarenta e um municípios mato-grossenses, com treze *campi*, dez núcleos pedagógicos e seis pólos de ensino a distância. Os *campi* universitários são: Cáceres (sede), Alta Floresta, Alto Araguaia, Barra do Bugres, Colider, Juara, Luciara, Nova Xavantina, Pontes e Lacerda, Sinop e Tangará da Serra, e atendem a todas as regiões do Estado, que podem ser visualizadas na figura a seguir. Em 2013, foram criados os *campi* de Nova Mutum e Diamantino (que ainda não estão dispostos no mapa) viabilizando atendimento para a região central do Estado<sup>67</sup>.



**Figura 01** – Mapa da distribuição geográfica dos *campi* e núcleos pedagógicos

**Fonte:** <http://www.unemat.br/prae/?link=mapas&mapa=1&sub=mapas&n=4>. Acesso em: 15 mar. 2013.

Com relação aos núcleos, consistem em espaços administrativos e pedagógicos para a oferta de modalidades diferenciadas de ensino, cuja estrutura e organização são provisórias. Neles, segundo Machado Cunha (2010), os cursos possuem organizações curriculares

<sup>67</sup> As fotos demonstrativas de cada *campi* podem ser visualizadas no *software* UNIREDES, com exceção das duas últimas unidades acadêmicas que ainda estão em processo de implantação e estruturação.



adaptadas às necessidades propostas por convênios com prefeituras. A quantidade varia a cada ano, porque depende do funcionamento das turmas, existiram entre dezessete e quinze núcleos nos últimos dez anos. Hoje, os núcleos pedagógicos em funcionamento estão em Aripuanã, Confresa, Jauru, Juína, Lucas do Rio Verde, Mirassol D'Oeste, Poconé, São Félix do Araguaia, Tapurah e Vila Rica. Ver distribuição atual na figura 01.

Sobre a oferta de vagas, o Anuário Estatístico (2012) informa que cerca de treze mil e setecentos acadêmicos são atendidos em sessenta e nove cursos de graduação, quarenta e quatro regulares e os demais em modalidades diferenciadas por meio de programas como licenciaturas plenas parceladas<sup>68</sup>, Universidade Aberta do Brasil (UAB), educação do campo, terceiro grau indígena<sup>69</sup> e turmas fora de sede<sup>70</sup>. Essas são ações pioneiras do Estado para atender às demandas regionais específicas e constituem frentes de trabalho que fazem do ensino uma atividade que possibilita o cumprimento de sua função social.

Para vencer as barreiras da extensão territorial, a IES se utiliza de uma estrutura multicampi. Etimologicamente, a palavra multicampi se compõe da partícula multi (latim *multus*) que corresponde a muito ou numeroso; adicionada a *campus* (latim) palavra masculina da segunda declinação, que significa o conjunto de edifícios e terrenos de uma instituição. Na perspectiva vernácula, a definição de multi (do adjetivo *multum*) significa abundância, isto quer dizer, relativo à quantidade; e o segundo termo não difere do significado etimológico. Multicampi resulta, então, do normativo plural da palavra *campus* associada ao adjetivo para designar o termo “muitos campos” que representa a diversidade de espaços (HOUAISS e VILLAR, 2009).

Num sentido restrito, *campus* é um espaço delimitado e exclusivo, onde se reúnem os edifícios de uma universidade, podendo estar situado em qualquer lugar dentro ou fora dela. Para Cunha (1998) a ideia-limite consiste no território que reúne todas as instalações de uma IES. Mas o conceito comporta outra significação ampliada, o sentido acadêmico: *lócus* da produção intelectual. Com o tempo, a palavra perdeu este significado em substituição a ideia de localização geográfica. A partir dos anos 60, ganha no Brasil o significado de distanciamento em relação aos centros urbanos.

Buarque (1994) discute que há outros elementos implícitos no *lócus* da produção intelectual no sentido original do termo. Manifestam-se duas acepções: física-espacial

<sup>68</sup> São cursos de formação em serviço e continuada que são ofertados no interior do Estado, exclusivamente para professores em exercício do magistério (ZATTAR, 2008).

<sup>69</sup> Tem como objetivo a formação de professores indígenas para o exercício docente no Ensino Fundamental e Médio, nas escolas das aldeias (ZATTAR, TAVARES e ARTIOLI, 2010).

<sup>70</sup> Cursos regulares que são ofertados para atender às demandas específicas nos municípios que não possuem Educação Superior (ZATTAR, TAVARES e ARTIOLI, 2010).

(estrutura e referência para indicar o distanciamento) e acadêmica (localização da produção intelectual). As posturas teóricas sobre esse conceito permitem evidenciar reflexões acerca da trajetória de sentidos atribuídos à palavra multicampi, tais como: quantidade, localização geográfica e lugar. Há, pois, um encontro das dimensões relativas à estrutura e a dispersão físico-territorial para categorizar uma instituição com essas características. É nessa direção que esse estudo se insere, numa alusão ao espaço e ao território de Santos (1988).

O modelo multicampi é uma forma já consagrada para esclarecer a modalidade que não se prende a um único espaço geográfico. Entretanto, Fialho (2005) constata que faz supor algo a mais do que a simples referência ao número de *campus* ou sua localização territorial. Ou seja, na configuração do modelo universitário e na perspectiva histórica das IES em geral e, particularmente, na história da universidade brasileira com essa característica, onde o sentido de organicidade se torna basilar. Algumas das definições potencializam somente a ideia de quantidade de unidades físicas de uma universidade.

A Unemat atende à caracterização de uma instituição multicampi. Porém, quando se categoriza uma estrutura organizacional desconcentrada, como é o caso desse estudo, não é possível se esquivar da proximidade com as questões do espaço regional. Por isso a reflexão sobre a territorialidade foi obrigatória, para compreender o universo de atuação regional dessa IES.

Fialho (2005) discute que a lógica das universidades multicampi é a expansão em unidades sem perder sua identidade regional. Essa estratégia de crescimento produz dois elementos estruturantes, um é a organização acadêmica de base; e o outro é a dimensão regional que assume o atendimento à necessidade de Educação Superior dos espaços atendidos. Boaventura (1987) indica que a importância na constituição de uma universidade multicampi é a sua marca regional, isto é, “a formação de *campus* se dá a partir de características profundamente regionais” (p. 32). Isso quer dizer que essas instituições não podem ser definidas apenas por seu modelo organizacional, mas concomitantemente pela sua inserção geográfica regional.

Lauxen (2006) destaca que as universidades multicampi favorecem a interiorização da Educação Superior, pois cada *campi* se torna a sede da universidade. Devem, desta forma, possuir características administrativas próprias e autonomia de recursos, além de particularidades acadêmico-científicas, de modo a integrarem suas unidades ao contexto regional do qual faz parte. Sinteticamente, pode-se indicar que uma instituição multicampi é uma universidade geograficamente dispersa, mas autônoma e eficiente; é uma administração

complexa, com uma sede, interligando-se com os vários *campi*, sem esquecer-se de suas dimensões regionais.

As IES multicampi apresentam ampla cobertura no território estadual mediante a sua presença em um significativo número de municípios. Contudo, há ainda um complemento

Consequentemente, é fundamental compreender que a organização universitária multicampi planta, concretamente, no espaço físico-geográfico, no território, unidades encarregadas do cumprimento das finalidades estatutárias da instituição (unidades que integram os chamados *campi* universitários) e que estas unidades se encontram, também, encarregadas da realização da missão universitária, num contexto de convivência com realidades regionais bastante diferenciadas (FIALHO, 2005, p. 67).

Concluí-se, então, que ser multicampi, não é ter apenas uma estrutura diferenciada, ou seja, não se caracteriza, exclusivamente, pelo seu aspecto organizacional. Identificar esse modelo só por uma desconcentração de espaço físico é usar um indicador frágil, é necessário ampliar essa definição ao considerar a riqueza que se configura nas particularidades das dimensões funcionais, espaço-temporais e regionais.

Nesse momento, para dar continuidade à escritura da tese, é imprescindível esclarecer que em seu projeto, a apresentação dos *campi* foi realizada do norte do Estado até a sede da IES, deixando visível a questão da distância territorial e distribuição espacial. Porém, a exposição a partir da cronologia institucional parece procedente porque configura a compreensão do seu processo expansionista. Em sendo assim, é essa a opção aqui praticada<sup>71</sup>.

O primeiro *campus* a ser apresentado é Cáceres, pelo motivo de que também é a sede administrativa da Unemat, localizada no interior a 200 Km de Cuiabá. Encontra-se geograficamente na microrregião do Alto Pantanal no sudoeste do Estado (MATO GROSSO, 2011). Em 1999, para melhor atender as atividades pedagógicas e descentralizar a gestão, o *campus* foi desmembrado da reitoria. Até então, as ações estavam reunidas num mesmo espaço físico, nesse momento criou-se uma assessoria para coordenação da unidade, que passou a denominar-se Jane Vanini<sup>72</sup> (Unemat, 2013).

Hoje, pelo edital do vestibular (2013/2) oferece treze cursos de graduação (Agronomia, Ciências Contábeis, Direito, Enfermagem e Medicina, além das Licenciaturas em Letras, Pedagogia, História, Geografia, Matemática, Ciências Biológicas, Computação e Educação Física). Através das observações *in loco* e nas entrevistas com os CPs, pode-se destacar que esse *campus* conta com três mestrados (Educação, Ciências Ambientais e

<sup>71</sup> Essa preferência foi sugestão da banca de avaliação do projeto de tese.

<sup>72</sup> Guerrilheira mato-grossense conhecida fora do Estado e também em outros países, estava exilada no Chile quando foi assassinada. Identificar esse *campus* com o seu nome foi uma homenagem do governador Dante de Oliveira, visto não ter o reconhecimento merecido (GAZETA, 2012).

Linguística), e outro (Genética e Melhoramento Vegetal) que é multicampi, dividindo as tarefas com Tangará da Serra e Alta Floresta.

Numa análise preliminar, é possível evidenciar que Cáceres é o *campus* que oferece maior quantidade de formação em nível *Stricto Sensu*. É obvio, que não se pode deixar de comentar, que a IES nasceu nesse município, e que há evidentemente essa oferta em decorrência disso, que realça sua capacidade de organização, fruto das articulações da reitoria e desse *campus* que recebeu a maior quantidade de visitas (cinco) e teve o maior número de entrevistas deste estudo de caso, sem considerar os pró-reitores e os CPs. Pôde-se com isso, compreender a organização da Pós-graduação, além de identificar os projetos realizados. Isso foi profícuo e extremamente interessante, para se ter clareza do tipo de atividades em que os docentes estão envolvidos, qual o alcance e a relação com as pesquisas nacionais e internacionais e mapear as redes que faz parte<sup>73</sup>.

O segundo *campus* a ser descrito é o de Sinop. O programa de expansão da Unemat foi iniciado nesse município, em 1990, tendo em vista o fato de ser um pólo regional com carência de profissionais. A comunidade se organizou e houveram inúmeras reuniões com as autoridades, e consecutivamente a criação da comissão pró-instalação do núcleo. Pode-se destacar que esse *campus* teve origem a partir da reivindicação popular que percebia ser necessário avanços nessa parte do Estado. É a quarta maior cidade de Mato Grosso com participação efetiva nas pesquisas sobre a Amazônia, com um radar do Sivam<sup>74</sup>. A única estrutura de pesquisa da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) no Estado tem sua sede neste município, também conhecido como a “capital do nortão”, localizado às margens da rodovia Cuiabá-Santarém (Unemat Sinop, 2013).

Esse *campus* está sediado no Centro Educacional de Sinop, espaço construído pela prefeitura que foi doado para a Unemat (ZATTAR, TEIXEIRA e ARTIOLI, 2008). Segundo dados do Anuário (2012) abriga uma das melhores condições de infraestrutura física, ocupa a quarta posição entre os maiores *campi* da IES, precedida por Cáceres, Tangará da Serra e Pontes e Lacerda. Segundo o vestibular 2013/2, oferece à comunidade vagas em oito cursos (Administração, Ciências Contábeis, Economia, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Letras, Matemática e Pedagogia). Seu princípio norteador é preparar profissionais para atuação consciente na busca de melhorias sociais e desenvolvimento da sociedade, e para isto,

<sup>73</sup> Resultados detalhados sobre essa parte do estudo podem ser consultados no *software* que acompanha a tese e nas análises no último capítulo.

<sup>74</sup> Compõem parte do sistema de proteção da Amazônia que desenvolve atividades de monitoramento de queimadas e qualidade das águas. Além disso, controla o tráfego e a defesa aérea (Disponível em: <http://freepages.military.rootsweb.ancestry.com/~otranto/fab/sivam.htm>. Acesso em: 28 abr. 2013).

precisa da pesquisa para compreender a realidade local para desenvolvê-la (Unemat Sinop, 2013). Desvela-se que a pesquisa seria o caminho para a instrumentalização de uma proposta não-ingênua de conhecimento da realidade e da regionalidade do Estado, a partir de sua demanda ambiental.

Outra observação pertinente é a questão ambiental que está presente na percepção de que a universidade serve para quebrar os vínculos com o “pensamento imediatista e predatório” em busca de potencialidades de desenvolvimento auto-sustentado, “fugindo da despreocupação com o meio-ambiente”. Com essa inquietação ambiental, o *campus* almeja formar profissionais que atuem de maneira integrada com os recursos naturais de modo sustentável e eficiente. Procurando, criar meios de desenvolvimento, preocupa-se com o social a partir do educacional e econômico da região, assume que seu papel é uma formação oriunda da realidade e voltada à sociedade em todos os seus aspectos econômicos, sociais e humanos (Unemat Sinop, 2013).

Dado o passo inicial no processo de interiorização da Unemat, depois da inclusão de Sinop no início da década de 90, foi tomando forma à estrutura multicampi, e vários outros *campi* foram criados. Um deles foi Alta Floresta, acompanhando no mapa da Figura 01, esse é o primeiro *campus* localizado no bioma amazônico, distando 830 km de Cuiabá e 1.030 km de Cáceres. Esse *campus* nasceu de uma proposta coletiva da prefeitura em parceira com a Unemat. Zattar, Teixeira e Artioli (2008) destacam que o acordo realizado tinha como objetivo “habilitar e capacitar em nível de 3º grau os interessados, dar suporte pedagógico às ações educacionais dos docentes de 1º e 2º graus da rede pública” (p. 39).

O primeiro curso oferecido foi escolhido através de uma reunião com a presença de autoridades, diretores, alunos, professores e comunidade em geral e a plenária decidiu por Ciências Biológicas (ZATTAR, TEIXEIRA e ARTIOLI, 2008). Conta, hoje, com quatro cursos (Bacharelado em Agronomia, Direito e Engenharia Florestal, além da Licenciatura) que têm como finalidade atender os anseios e demandas da sociedade e a contextualização da problemática geo-ambiental-econômica-social de Mato Grosso (Unemat, 2013).

Alta Floresta ofereceu ao longo dos seus vinte e um anos de existência, vários cursos de especialização voltados à questão ambiental que sinalizam uma distinção desse *campus*. Em 2010, ofertou a Pós-graduação *Lato Sensu* sobre Gestão colaborativa de sistemas sócio-ecológicos-econômicos na Amazônia brasileira, em parceria com a Universidade da Flórida, que também contou com a colaboração do Instituto Centro de Vida e da Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Mato Grosso (SEMA/MT) (Unemat, 2013).

Esse *campus* possui projetos de pesquisa financiados por várias agências, uma delas é a Companhia Paranaense de Energia, que ofereceu suporte financeiro para as ações desenvolvidas em parceria com a Usina Hidrelétrica Teles Pires no que diz respeito ao resgate dos animais, da fauna e da flora (dados coletados em entrevista com o LG25). Essas informações evidenciam o tipo de articulação que o *campus* possui tanto em nível estadual quanto internacional, assim como sua preocupação ambiental, visto que está imerso num dos principais biomas brasileiros (Amazônia), que desperta grande interesse em pesquisas.

Haesbaert (2010) comenta que o fortalecimento das questões ambientais e do biopoder<sup>75</sup>, insere nas discussões temporais um discurso regionalista que elenca dilemas. Um deles é a regionalização como instrumento da prática que corresponde à construção e ao uso concreto que os sujeitos fazem de sua região, os quais produzem mobilizações em torno de fenômenos que geram identidade. Outro é a regionalização como processo teórico e prático, que responde a questões com diferentes articulações sociedade-espço em suas múltiplas dimensões, tanto da prática quanto das representações geo-historicamente contextualizadas.

Pode-se considerar analiticamente que a intensa inclinação para os estudos ambientais em Alta Floresta tem seu auge na oferta do Mestrado em Biodiversidade e Agroecossistemas Amazônicos. Para implementar as atividades de pesquisa possui um centro<sup>76</sup>, que caracteriza a infraestrutura adequada para o desenvolvimento de seus projetos.

O próximo *campus* é Alto Araguaia, localizado na região sudeste e faz fronteira com Mato Grosso do Sul e Goiás, tem forte influência cultural da população goiana, fica distante cerca de 420 km da capital e 620 km de Cáceres. Surgiu com o objetivo de suprir a demanda de Educação Superior no interior do Estado, priorizando as regiões de difícil acesso (Unemat Alto Araguaia, 2013). Zattar, Teixeira e Artioli (2008) enfatizam que o prédio onde a Unemat está instalada foi adquirido em parceria com a prefeitura municipal. O *campus* oferece à comunidade três cursos: Licenciatura em Letras, Bacharelado em Ciência da Computação e Comunicação Social (Jornalismo). Não há grande representatividade de atividades relacionadas a pesquisas ou grupos nesse *campus*.

Luciara é a próxima unidade da Unemat a ser descrita e está localizada na região do Médio Araguaia, por isso, também se chama *Campus* Universitário do Médio Araguaia, e está

---

<sup>75</sup> Termo criado originalmente por Foucault para se referir à prática dos estados modernos de regulação dos que estão sujeitos, por meio de técnicas diversas ao controle. Caracteriza-se e é comparado ao poder disciplinar, consultar mais informações em Braga (2004).

<sup>76</sup> Estrutura física e organizacional, compreendendo recursos humanos, espaço físico, instalações, equipamentos e laboratórios, para agregar núcleos, grupos e pesquisadores, tendo como objetivo criar ambiência para a pesquisa. Sua criação resulta de políticas institucionais, articuladas pela PRPPG e visa atender as demandas internas (CONEPE, 2009a).

no nordeste do Estado, próximo a Tocantins (verificar figura 01). Foi criado no momento da expansão quantitativa em 1991 e desenvolve parcerias com diversos municípios da região e com a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (Seduc/MT) (Unemat, 2013).

Segundo dados coletados no Anuário (2012), é o *campus* com menor área edificada, e há poucos docentes efetivos (informação concedida pela Pró-reitoria de Administração - Prad). Isso quase inviabiliza qualquer atividade diferenciada, visto que o trabalho de gestão deve ser organizado, talvez esse seja um dos motivos explicitador da ausência de grupo de pesquisa. Funciona no Sistema Parceladas<sup>77</sup> e suas demandas são atendidas em editais específicos que acontecem oportunamente. Atualmente oferta Licenciatura em Química, Ciências Biológicas, Letras e Pedagogia do Campo. Além disso, tem a maior quantidade de núcleos caracterizando o objetivo de atendimento interiorizado que é o mote da Unemat (REVISTA, 2013).

Não há muito a acrescentar nas análises descritivas sobre Luciara no que diz respeito à questão dessa tese que é a pesquisa e a Pós-graduação, pois é um *campus* pequeno, sem muita visibilidade que envolva essa temática. É imprescindível salientar que atende a uma região do Estado de Mato Grosso “quase esquecida”, com enorme dificuldade de acesso, são 1.160 km até Cuiabá, e 1.360 km até Cáceres. É o *campus* mais distante da reitoria, relembram-se aqui os estudos de Fialho (2005) que indica que a distância geográfica é uma das problemáticas da estrutura multicampi. Isso quer dizer que a dispersão geográfica de unidades institucionais cria dificuldades de natureza administrativa e de gestão acadêmica. “Emergem problemas referentes à construção de uma identidade orgânica da instituição, com reflexos negativos no seu desempenho” (p. 13), dessa forma, “[...] consolida-se, através da dispersão geográfica e da própria interiorização do ensino, o quadro de desigualdades” (p. 71) dentro de uma IES.

O *campus* de Nova Xavantina também nasceu no mesmo período dos que o precedem nessa descrição. O município está localizado a 635 km da capital de Mato Grosso e a 835 km de Cáceres. Está no caminho para o *campus* de Luciara, na depressão do Araguaia próximo da Serra do Roncador (Unemat, 2013). Com relação à estrutura física edificada, o Anuário (2012) informa que possui relativamente bom espaço com possibilidade de ampliação. O *campus* é um local que integra a universidade à natureza, funciona nas instalações da antiga base da Força Aérea Brasileira, na Unidade de Conservação denominada Parque Mário Viana conhecido como “Parque Municipal do Bacaba”. Segundo Weihs (2008), o *campus* está

---

<sup>77</sup> Os tempos curriculares nas Parceladas são distribuídos separadamente nos meses de janeiro, fevereiro e julho (férias escolares) acontecendo de forma intensiva, e também continuada abrangendo os períodos do trabalho escolar (REVISTA, 2013).

dentro de um trecho natural de cerrado, e apresentou-se, desde o início, como uma possibilidade para o desenvolvimento de pesquisas.

No edital vestibular 2013/2, oferece vagas em três cursos de graduação (Ciências Biológicas, Turismo e Agronomia). Além disso, enquanto *campus* situado no interior foi o primeiro a ofertar Mestrado na área de Ecologia e Conservação; foi a segunda implantação de curso de Pós-graduação na IES (o primeiro foi na sede). Isso foi fruto de um trabalho árduo realizado desde o momento de sua criação até hoje. Por sua posição estratégica no Estado, reúne um grupo pioneiro de pesquisadores na área ambiental que recebeu expedições brasileiras e internacionais. No histórico do *campus*, evidencia-se que no ano seguinte a sua criação, alguns docentes iniciaram as primeiras pesquisas (Unemat, 2013).

Através da AC realizada no Catálogo dos grupos (2010b), destaca-se que onze anos depois, são oficializados os dois primeiros grupos de pesquisa, isso significa dizer analiticamente que depois de volumosa atividade científica de produção do conhecimento, houve o coroamento dessas ações na institucionalização dos grupos. Em 1994, com a chegada de outros docentes novos projetos foram implementados, o que possibilitou a oferta da Pós-graduação *Lato Sensu*, que tinha como finalidade atender às demandas de formação de profissionais qualificados na área ambiental, de acordo com as particularidades regionais.

Haesbaert (2010) esclarece que a regionalização identifica parcelas do território que servem como instrumento de estudo em pesquisas, caso dessa especialização e do mestrado, que revela as articulações ligadas à ação concreta de controle, produção e significação do espaço pelos sujeitos sociais que as constroem no entrecruzamento de múltiplas dimensões (econômica, política e cultural), autenticando as proposições de Santos (1996).

No ano de 1996, um professor de renome de uma instituição federal, assessorou um grupo de pesquisadores na organização do primeiro plano de expansão que consolidou as linhas de pesquisa até então desenvolvidas nesta unidade acadêmica (Unemat, 2013). Dessa forma, é notório o nascimento de uma identidade, buscava-se a unidade de pensamento. Esse movimento não foi evidenciado em nenhum outro *campi*, apenas em Nova Xavantina foram encontrados elementos de valorização e constituição de um planejamento institucional com vistas as atividades futuras a serem desenvolvidas na pesquisa e na Pós-graduação.

Weihs (2008) comenta ainda que essa primeira etapa dos projetos foi marcada por iniciativas individuais que foram efetuadas com poucos recursos, tinham baixo dispêndio financeiro e fortaleceu a pesquisa. Como análise crítica sobre a Pós-graduação, reitera-se que a pesquisa teve início com recursos próprios dos interessados, que buscaram reconhecimento enquanto pesquisadores e viabilizaram avanços que se efetivaram na oferta do mestrado.



Aqui se mostra evidente a questão-chave dessa tese da densidade e do adensamento. Como salientado, o primeiro elemento caracteriza o resultado das atividades e a profundidade das pesquisas (produto). Enquanto que o segundo significa as características processuais com relação à quantidade da produção do conhecimento (processo). Assim, o programa de Pós-graduação em Nova Xavantina foi resultado das pesquisas que foram realizadas ao longo dos anos, bem como, das especificidades garantidas pela gestão dessa unidade. A pesquisa com densidade (excelência científica) realizada através do adensamento da produção dos pesquisadores (produtividade) garantiu o atendimento da região com um mestrado (consolidação) que atende suas necessidades regionais.

Retornando as questões históricas desse *campus*, em 1997, foi organizada a “Expedição Xavantina-Cachimbo 30 anos depois”, que reuniu o grupo pioneiro de pesquisadores britânicos da primeira versão expedicionária. Weihs (2008) comenta que o evento trouxe pesquisadores de diversas instituições<sup>78</sup>. Esta data marcou significativamente um período de estruturação de laboratórios e equipamentos em Nova Xavantina. Em 1998, houve aumento expressivo de pesquisadores que junto com os projetos desenvolvidos até então no *campus* validaram um perfil qualificado para a produção científica especialmente na área ambiental. Suas linhas de pesquisa são consideradas como uma das mais importantes numa instituição estadual no centro-oeste (Unemat, 2013).

Segundo Weihs (2008) foi também a partir desse ano, com maior suporte de recursos por parte do Estado, (via edital Fapemat), que a infraestrutura sofreu melhorias, suprimindo deficiências que eram restritivas. Nesse contexto, laboratórios foram construídos e equipados, o que propiciou um aprofundamento das pesquisas. Percebe-se claramente que a articulação do *campus* aos órgãos de fomento é intensa e gerou frutos como a manutenção e a instalação do aporte físico estrutural necessário.

A unidade acadêmica apresenta constante atividade de pesquisa, porém não foi contemplada na ampliação da sua estrutura como outros *campi* conseguiram na gestão 2002/2010. Nessa reestruturação, Alta Floresta, Cáceres, Alto Araguaia, Barra do Bugres, Sinop e Tangará da Serra conseguiram aporte financeiro para construção de centros de pesquisa. As informações constantes no *site* embasam o pedido da unidade: “[...] o Centro de Pesquisa Ambiental Araguaia-Xingu (Cepax) tornou-se uma necessidade no *campus* de Nova Xavantina, sendo reivindicado há vários anos pelos pesquisadores dessa unidade” (p. 01). Porém, ainda não foram atendidos em seu requerimento.

---

<sup>78</sup> Weihs (2008) destaca no Brasil a USP e de outros países a Universidade de Oxford.

Agrega-se aqui a discussão referendada de poder de alguns espaços (*campi*) sobre outros. Percebe-se que a forma ativa é cada vez mais reservada a alguns e a passiva é deixada aos demais, que ganham papel diferenciado na IES. Santos (1996) profere que nas regiões onde o sistema de ações são mais densos está o centro do poder. Naquelas outras áreas onde o sistema é menos complexo, está à sede da dependência. “Por isso, cada lugar é singular, e uma situação não é semelhante a qualquer outra. Cada lugar combina de maneira particular variáveis que podem, muitas vezes, ser comuns a vários lugares” (SANTOS, 1988, p. 21).

Por fim, cabe salientar que essa unidade possui trinta e dois docentes efetivos (informação concedida pela PRAD), e que apenas três não possuem dedicação exclusiva. As atividades de sucesso e a histórica caminhada de aprofundamento teórico-prático da pesquisa são resultado do comprometimento individual de cada um dos envolvidos com esse *campus*.

No lado oposto do Estado na região oeste, está o *campus* de Pontes e Lacerda, unidade que fora criada no mesmo período expansionista na década de 90. Está localizado a 430 km de Cuiabá, sendo a última unidade acadêmica situada nessa região em direção ao Norte do Brasil (verificar disposição territorial na figura 01). Desde sua implantação, funcionou em diversos espaços cedidos. Depois de um período conturbado, em 2004, mudou para sede própria na antiga estrutura da Escola Agrícola Municipal que se localiza as margens da BR 174, que foi concedida à IES num regime de comodato. Essa unidade figura-se como terceiro maior *campus* com área construída e o maior em área física disponibilizando 1.500.000 m<sup>2</sup> (Unemat, 2013).

Ainda sobre a estrutura, foi contemplado com o projeto de um centro de pesquisa e, no momento, esforça-se por resolver pendências legais. Pontes e Lacerda iniciou suas atividades com uma turma de Licenciatura em Letras, conforme predisposição de atendimento da formação de professores no interior do Estado, e atualmente oferece dois cursos de Bacharelado: Zootecnia e Direito (Unemat, 2013).

Depois desse período de expansão acelerada, a Unemat ficou três anos sem abertura de novos *campi*. Somente retomou a implantação de outros espaços acadêmicos em 1994, com a criação de Barra do Bugres e Colider. É a descrição desses *campi* que se pratica agora, o primeiro está localizado na região central do Estado. Segundo os Anuários (2008 e 2012) chama-se respectivamente *Campus* Universitário do Vale do Rio Bugres ou Deputado Estadual Renê Barbour. Barra do Bugres é o *campus* mais próximo da capital (160 km) e distante 90 km de Tangará da Serra (ver mapa da figura 01). Suas atividades iniciaram-se com as Licenciaturas Parceladas (Matemática, Letras e Ciências Biológicas). Contava no período

de sua implantação com uma demanda represada significativa de procura e ingresso na Educação Superior nessa região (Unemat Barra do Bugres, 2013).

Atualmente, segundo vestibular 2013/2 disponibiliza vagas para: Licenciatura em Matemática e Bacharelados em Ciência da Computação, Engenharia de Produção Agroindustrial, Arquitetura e Urbanismo, Engenharia de Alimentos e Direito. Apresenta um diferencial, sedia o Terceiro grau indígena, que atende a formação de professores indígenas em Mato Grosso (Unemat Barra do Bugres, 2013). Com relação à infraestrutura, é um *campus* mediano com área edificada de 5.600 m<sup>2</sup> e foi contemplado no projeto de reestruturação física implementado pela gestão 2002/2010, recebendo um centro de pesquisa (ZATTAR, TAVARES e ARTIOLI, 2010).

No meio do caminho entre os *campi* de Alta Floresta e Sinop, se encontra o *Campus* Universitário Vale do Teles Pires, no município de Colider, que foi implantado junto com Barra do Bugres. Está localizado a 650 km de Cuiabá e 850 km de Cáceres e atendendo um território que se caracteriza pelas diversidades naturais e culturais, com destaque para as questões indígenas. Sua implantação foi resultado de inúmeras reivindicações do município que, desde os primórdios da ocupação do norte de Mato Grosso tem sido pólo de uma microrregião. Esse foi outro *campus* que iniciou suas atividades com Parceladas e Módulos Temáticos Formação de Professores (Unemat Colider, 2013). No edital do vestibular 2013/2 disponibiliza vagas para duas Licenciaturas (Computação e Geografia) e também não possui representatividade significativa com relação à pesquisa na IES.

Em 1995 foi constituído na região central, o *campus* de Tangará da Serra, que está situado às margens da Rodovia MT 358, município este distante da capital, 240 km e 440 km de Cáceres, no sudoeste do Estado e foi um marco para a educação e desenvolvimento tangaraense (Unemat Tangará da Serra, 2013). O Centro de Ensino Superior de Tangará da Serra (privado) foi absorvido pela Unemat. Essa transferência foi uma conquista de toda a comunidade que se uniu em prol de uma universidade pública para atender a região (Unemat Tangará da Serra, 2013). Possui hoje sete cursos, sendo Licenciatura em Letras, Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas, e os Bacharelados em Agronomia, Administração, Ciências Contábeis, Enfermagem e Engenharia Civil.

Tangará da Serra ocupa o segundo lugar em dimensão de área edificada na Unemat com 12.214 m<sup>2</sup>, ficando atrás apenas do *campus* de Cáceres (ANUÁRIO, 2012). Com relação à estrutura, tem um Centro de Pesquisas, Estudos e Desenvolvimento Agro-Ambientais (CPEDA) que é uma entidade vinculada cientificamente à PRPPG, e está equipado com doze laboratórios que atendem aos projetos de pesquisa (CPEDA, 2013).

Tem cento e um docentes efetivos (informação proveniente da PRAD) e apenas doze não possuem dedicação exclusiva. Compõem-se de um quadro de significativa relevância no desenvolvimento da pesquisa que é possibilitada com esse regime de trabalho. Segundo o lotacionograma (MATO GROSSO, 2013a), é possível esclarecer que esse *campus* é uma das maiores unidades do interior do Estado, esta atrás da sede com duzentos e dois docentes (31,1%) e de Sinop com cento e vinte e um (18,6%) do total de seiscentos e quarenta e nove docentes efetivos. O restante está diluído nos outros *campi* da Unemat.

O *campus* oferece dois Mestrados nas áreas de Ambiente e Sistemas de Produção Agrícola e Estudos Literários. Além do curso em Genética e Melhoramento de Plantas, que acontece em vários *campi* caracterizando uma proposta multicampi de Pós-graduação. No último trimestre de 2013, também foi autorizado o funcionamento do primeiro doutorado institucional em Estudos Literários que deverá iniciar suas atividades em 2014.

Na região noroeste mato-grossense está Juara, na microrregião do Vale do Arinos, a 350 km de Sinop e foi o último *campus* implantado no final da década de 90. Seu objetivo era atender às demandas de formação de nível superior da população que se encontrava desprovida de uma unidade acadêmica, localiza-se a 730 km de Cuiabá e 930 km de Cáceres (Unemat Juara, 2013).

Ao procurar atender às necessidades regionalizadas desse espaço geográfico, foram criados inicialmente turmas especiais (Bacharelado em Administração, Ciências Contábeis e Licenciatura em Letras). O compromisso assumido pela IES em Juara fez com que a população buscasse a garantia do direito à educação a um número maior de pessoas. Isso tornou possível a formação profissional a uma população carente de oferta, a qual, noutras condições, teria pouca ou nenhuma chance de estudar (Unemat Juara, 2013). A infraestrutura para o funcionamento desse *campus* foi garantida pela Prefeitura que ofereceu espaço físico e equipe técnica que deu suporte no início de suas atividades. Zattar, Teixeira e Artioli (2008) destacam que em 2002, houve a doação do prédio da Escola Agrícola para implantação oficial do *campus*, que até então era apenas em modalidade diferenciada.

Hoje, a unidade oferece dois cursos Bacharelado em Administração e Licenciatura em Pedagogia (REVISTA, 2013). Juara é um *campus* relativamente novo comparado aos outros que tem décadas de existência, e tem grande rotatividade de docentes interinos<sup>79</sup>, visto que não existe um número elevado de efetivos nessa unidade (informação coletada na Prad).

---

<sup>79</sup> São os professores que são chamados em outras IES de substitutos, temporários ou contratados.

Em tempo, é possível esclarecer ainda que as novas unidades acadêmicas (Diamantino e Nova Mutum), que foram criados em 2013, ainda não constam da descrição analítica nesta parte da tese, pois estão em processo de organização e implantação de sua estrutura. Por isso, não estão contemplados. Concluída a descrição dos *campi* da Unemat é possível indicar que juntos contribuem significativamente para o desenvolvimento educacional, econômico e ambiental do Estado e transformaram a IES num lugar privilegiado para o desenvolvimento de pesquisas regionais. Segundo Santos (2001) o papel do lugar/território é determinante, isto significa dizer que a experiência se renova. A existência daquele espaço exerce um papel revelador sobre e para o mundo.

Por fim, destaca-se que nesse estudo regionalizado do território detalhou-se sua composição enquanto organização. Foi essa RedSig territoriais e multicampi que se tentou abordar aqui. O próximo capítulo busca configurar as ações e silenciamentos da PRPPG, demonstrando uma linha do tempo com as políticas de pesquisa e as atividades desempenhadas num dos espaços de poder existentes na sede da Unemat.

### 3.3.2 Pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação: indução e promoção da pesquisa

Nessa parte do capítulo sobre a Unemat, o foco principal de estudos é a PRPPG na tentativa de compreender as políticas de pesquisa, destacam-se ações realizadas, bem como as não exequíveis, avalizando a história dessa pró-reitoria. Isso foi evidenciado no momento da entrevista com a LG20 que sinalizou a importância da investigação “porque faria o histórico da Pós-graduação na Unemat”, que hoje ainda não existe.

Sem esquecer do imediato e da constante exposição a um cotidiano que nem sempre é estimulante por conta da burocracia de uma pró-reitoria, a pretensão é contribuir para que se possa transitar de uma atitude ditada pela necessidade de sistematização das ações, para ao final, refletir sobre a pesquisa e a Pós-graduação na Unemat, para além da mera constatação momentânea. Porém, reconhece-se que a memória está longe de constituir-se no repertório fidedigno do que realmente aconteceu. Ancorada no presente, vulnerável e em movimento, o trabalho de reconstituição histórica entrelaça temporalidades para tecer, com os fios da lembrança e do esquecimento, uma trama de relações entre o passado e o presente. Sua história pode ser autêntica, mas como toda reminiscência passível de reconduções.

Contudo, se evidenciam algumas fragilidades do estudo sobre a Unemat. Uma delas foi a constatação da ausência de documentação para tratamento analítico, em especial, dos relatórios da PRPPG. Foram encontrados apenas o relatório anual de atividades da gestão de 2004 e o relatório da pró-reitoria de 2010. O primeiro documento referia-se à descrição das

atividades desenvolvidas na instituição de um modo geral, considera o segundo ano de gestão da reitoria que tomou posse em 2002. E, o segundo documento fazia alusão ao período compreendido entre 2006 a 2010 das ações da PRPPG, foco principal dessa investigação.

Foram realizadas várias tentativas para localização dos outros relatórios para compreender as atividades desta pró-reitoria, mas infelizmente não foi possível consegui-los. Numa das visitas, através de conversa informal, com um dos assessores, a informação concedida foi que “os relatórios estão em algum lugar, o problema é que não sabemos onde. Com as mudanças físicas que houveram ao longo dos anos, eles se perderam”. No contato com a assessoria de comunicação da Unemat, o que também se pode averiguar é que na mudança de uma gestão para outra, “desapareceram” alguns documentos, “a gestão anterior, simplesmente levava os documentos embora” e “não disponibilizava absolutamente nada”.

O LG24 identificou uma total ausência de registro histórico na IES: “Eles não fazem registro”. E esclarece que isso ocorre nos *campi* também: “a gente está aqui com o *campus* completando vinte anos, e qual é o registro que se tem da história? Nenhum. Não tem, porque não foi feito arquivo, não se preocuparam com esse lado, mais podia ter sido feito”. Por conta da ausência de documentação, a constituição histórica ficou prejudicada. Assim, tomou-se como base exclusivamente as entrevistas realizadas com os pró-reitores e vários fragmentos das entrevistas com alguns LGs que trabalharam na gestão. Isso quer dizer que a análise documental foi escassa e o complemento para a constituição histórica da PRPPG foi realizado na AC das entrevistas. Porém, esses dados identificam o “olhar e a percepção” daquele indivíduo naquela situação que podem demonstrar apenas parte da realidade.

Essa “garimpagem” de informações teve como objetivo a constituição do acervo histórico da pró-reitoria, onde as políticas e práticas da pesquisa seriam demonstradas num quadro sinóptico. Em sendo assim, apresenta-se aqui o que foi possível analisar desse espaço de constituição de poder que é a PRPPG. Retomam-se para seu tratamento analítico, os conceitos de Santos e Silveira (2008) sobre o território como arena de movimentos e de Bourdieu (2004) sobre o campo como objeto de luta. Porque, os agentes sociais se inserem na estrutura e em posições que dependem do seu capital e desenvolvem estratégias que dependem dessas posições. “Essas estratégias orientam-se seja para a conservação da estrutura seja para a sua transformação, e pode-se genericamente verificar que quanto mais as pessoas ocupam uma posição favorecida na estrutura, mais elas tendem a conservar ao mesmo tempo a estrutura e sua posição [...]” (p. 29).

Esses agentes são os ex-pró-reitores que foram entrevistados pela relevância do cargo que ocuparam e pelas atividades realizadas na gestão. A amostra foi devidamente identificada

no quadro 01 e serão identificados ao longo da tese pela sigla PR, acompanhada da numeração correspondente ao controle até o PR05 que foi a quantia máxima de respondentes. A ênfase e a prioridade de tratamento conferida a esses agentes no território que tem o seu lugar na PRPPG foi proposital e tinha função estratégica de construir a arquitetura formal do sistema, além da identificação do adensamento e da densidade das ações institucionais dessa pró-reitoria, compreendendo esse espaço de microrregulação local (BARROSO, 2006).

Historicamente, para compreender a trilha percorrida pela pró-reitoria foi necessário evidenciar a institucionalização da pesquisa no Estado de Mato Grosso e relacioná-la ao global. Lembra-se, que o atual sistema de ciência e tecnologia brasileiro foi criado a partir das décadas de 60 e 70, juntamente com várias agências de fomento no âmbito estadual e federal. Carvalho Dias (1998) esclarece ainda que o financiamento da pesquisa até 1992 era oriundo apenas do governo federal e de alguns governos estaduais. Em 1993, são computados os recursos provindos de empresas estatais e privadas.

Assim, o incremento ao fomento à pesquisa é um processo recente em muitos estados brasileiros, e, em Mato Grosso, Weihs (2008) destaca que a Fapemat foi criada no início da década de 90, juntamente com a Fundação de Apoio à Pesquisa Agropecuária de Mato Grosso (Fundação Mato Grosso) para dar suporte financeiro aos pesquisadores. Sobre a proposta de criação da Secretaria de Ciência e Tecnologia e Ensino Superior em Mato Grosso, partiu da Reitoria da Unemat, que na época era representada pelo Prof. Dr. Arno Rieder num trabalho conjunto com o Prof. Dr. Eduardo Guimarães (Universidade Estadual de Campinas - Unicamp) e foi entregue ao Governador Dante de Oliveira em Cuiabá (ZATTAR, TEIXEIRA, ARTIOLI, 2008). A secretaria foi instituída em 2001 pelo governo do Estado.

Nesse contexto regulatório estadual, Zattar (2008) esclarece que em 1993, com a lei complementar nº. 30, sancionada pelo Governador Jaime Campos, foram criadas as Pró-reitorias de ensino e extensão, de administração e finanças, e a PRPPG. Na AC do 3º relatório de avaliação institucional (2007), visto que não há relatórios de gestão da PRPPG disponíveis para esse período, encontra-se o indicativo de que essa pró-reitoria era a responsável pela formulação, coordenação e cumprimento da política institucional, em parceria com programas e grupos. Tinha como objetivo contribuir para a formação de cidadãos qualificados, para o crescimento e a disseminação da produção científica, artística e cultural, como também para o desenvolvimento tecnológico do país.

Esse mesmo relatório atesta que as atividades de pesquisa na Unemat estavam sob a responsabilidade desta pró-reitoria, possuindo funções de supervisão, orientação, coordenação, fiscalização, execução e proposição de políticas. Também era o órgão

responsável pela qualificação de pessoal, pelas condições de realização da pesquisa, pela busca de recursos materiais e financeiros e divulgação do conhecimento (3º RELATÓRIO, 2007). Segundo Bianchetti (2009) tanto os pesquisadores como os CPs quando precisam de algum tipo de esclarecimento, procuram a PRPPG, que deve auxiliar nas dúvidas e esclarecer procedimentos. Assim, é a parte da reitoria que cuida da pesquisa e da Pós-graduação e que desempenha a função de controle e regulação.

Desde sua implantação até hoje, teve sua equipe de trabalho alterada inúmeras vezes. Novamente, não foi encontrado registro referente aos gestores, então num trabalho conjunto com a seção de recursos humanos, com os dados coletados com assessores diversos, mas principalmente das entrevistas com os LGs, foram desenhados os primeiros passos da PRPPG. Depois de nominados os pró-reitores, foi realizada uma consulta ao currículo *lattes* para confirmação dos períodos, e por fim, uma entrevista com cada um deles.

O resultado foi uma linha do tempo, o qual gerou essa síntese detalhada com a identificação do reitor e do pró-reitor de pesquisa e Pós-graduação. Também se atestou a data de início e término do mandato, as substituições e a área do conhecimento da formação dos gestores, examinar quadro que segue.

**Quadro 06 – Síntese dos gestores da PRPPG**

REITOR	PRÓ-REITOR	INÍCIO DO PERÍODO	TÉRMINO DO PERÍODO*	FORMAÇÃO ACADÊMICA
Carlos Alberto Reyes Maldonado	Áurea Regina A. Ignácio	03/1994	09/1994	Ciências Biológicas
	Laudemir Luiz Zart	03/1994	07/1994**	Sociologia
Rosa M. C. Garcia	Áurea Regina A. Ignácio	10/1994	11/1996	Ciências Biológicas
Ilma Machado	Antonio Eustáquio de Moura	12/1996	08/1998	Agronomia
Arno Rieder	Áurea Regina A. Ignácio	08/1998	12/1999	Ciências Biológicas
	Sandra Luzia Wrobel Straub	01/1999	02/1999***	Pedagogia
	Áurea Regina A. Ignácio	01/2000	02/2002****	Ciências Biológicas
	Marcelo Luis Grassi Beck (pró-tempore)	12/2001	02/2002	Psicologia
	Sandra Luzia Wrobel Straub	03/2002	09/2002	Pedagogia
Taisir Mahamudo Karin	Laudemir Luiz Zart	10/2002	09/2006	Sociologia
	Carolina Joana da Silva	10/2006	10/2010	Ciências Biológicas
Adriano Aparecido Silva	Áurea Regina A. Ignácio	10/2010	03/2012	Ciências Biológicas
	Antonio Francisco Malheiros	04/2012	12/2012	Ciências Biológicas
	Áurea Regina A. Ignácio	01/2013	12/2013	Ciências Biológicas

**Fonte:** Nez (2013).

**Notas:**

\* O início e término de mandato foram organizados a partir das portarias individuais de cada pró-reitor, que foram consultadas na seção de recursos humanos, além de confirmadas nos currículos.

\*\* Período de substituição de licença-maternidade.



\*\*\* Período de substituição de férias.

\*\*\*\* Durante esse mandato, houve um pró-reitor pró-tempore que permaneceu no cargo até a definição de quem faria a substituição. Essa informação só foi descoberta no contato com um dos entrevistados que se recordou da presença dele à frente desta pró-reitoria.

Analiticamente, é possível fazer algumas elucubrações acerca do detalhamento do quadro, uma delas é sobre a área de formação acadêmica dos pró-reitores. Dos sete gestores, três que tiveram mais tempo à frente da PRPPG e que consecutivamente conseguiram executar mais ações são das Ciências Biológicas. Nos últimos sete anos (2006 a 2013), os pró-reitores foram dessa área, isso talvez explique a tendência de implantação de mestrados correlacionados a essa área. Os outros estão distribuídos em áreas diversas, tais como: Ciências Humanas (três pró-reitores) e Ciências Agrárias (um pró-reitor). Dos primeiros citados, um deles com formação em Psicologia, esteve apenas alguns meses num período de recesso, não conseguiu desenvolver trabalhos significativos, sendo suas ações extremamente restritas a questões burocráticas.

Outro destaque nessa RedSig que o quadro apresenta é a recorrência de uma pró-reitora em especial Profa. Dra. Áurea Regina Alves Ignácio, identifica-se que somados seus períodos de trabalho intermitente, o total é de oito dos dezenove anos de existência da PRPPG. Isso é extremamente relevante na análise das atividades, pois foi a gestora que teve oportunidade de execução de ações de longo prazo. Segundo o LG15 que foi reitor em um dos períodos que ela esteve na pró-reitoria, “a Profa. Áurea foi, eu diria hoje, principal personagem para ‘acontecer’ as coisas da pesquisa e da Pós-graduação na universidade, uma personagem com experiência” (grifo do respondente).

Na entrevista realizada com o PR04 identificou-se que a partir de 1998, abriu-se a possibilidade das pró-reitorias serem coordenadas por docentes de outros *campi*. Isso se efetivou com a Profa. Dra. Sandra Luzia Wrobel Straub, que foi a única pró-reitora de outro “território” que não de Cáceres.

Barroso (2006) identifica que a constituição de uma equipe de trabalho nos espaços regulatórios, significa que “[...] cada dirigente procura rodear-se de quadros de confiança” (p. 81), que são recrutados para ocupar politicamente a administração pública. As relações de poder são referendadas pelo LG15 que destaca: “Isso é um quadro que existe dentro da universidade e acontece isso aí. Talvez eu tenha te contado isso, pois se vê que houve um período que a gente tinha o poder assim de falar esse sim, esse não, fazendo uma seleção [...]”. Há assim, “os que têm poder de decisão”.

A AC realizada nas entrevistas com os LGs demonstra que a categoria poder, apareceu dezenove vezes, indicando a PRPPG como local do exercício de poder e espaço de

microrregulação local (BARROSO, 2006). Para o LG38, “infelizmente você vive de poderes e os poderes são constituídos, então às vezes você tem os poderes certos e às vezes não”. Segundo o LG43, o poder das ações da PRPPG tem “sentido de política estratégica”. O LG59 comentou que “aos seus olhos” a agenda de políticas de pesquisa depende muito de quem está no poder no momento. Então, “acaba sendo uma agenda das Ciências Ambientais, uma agenda da Educação. Uma agenda de um determinado grupo não de uma universidade”. Para Bourdieu (2004) as disputas entre grupos não visam destruir a estrutura do campo científico, mas modificar a sua configuração. Assim, os campos são lugares de formas de poder que correspondem a duas espécies de capital científico:

de um lado, um poder que se pode chamar temporal (ou político), poder institucional e institucionalizado que está ligado à ocupação de posições importantes nas instituições científicas, direção de laboratórios ou departamento, pertencimento a comissões, comitês de avaliação, etc., e ao poder sobre os meios de produção (contratos, créditos, postos, etc.) e de reprodução (poder de nomear e de fazer as carreiras) que ela assegura. De outro, um poder específico, “prestígio” pessoal que é mais ou menos independente do precedente, segundo os campos e sobre o reconhecimento [...] (BOURDIEU, 2004, p. 35 – grifo do autor).

A PRPPG é, pois, essa instância de poder institucional, pois permite ao seu pró-reitor seu exercício seja temporal ou específico, conforme destacado nos fragmentos dos entrevistados. Além disso, também confere ao gestor, o prestígio pessoal de estar integrado à reitoria, órgão máximo da universidade, o que para muitos garante *status*. Em qualquer forma de organização há relações de poder. Silveira (2003) destaca que “Em certas circunstâncias, a própria organização significa poder. Em outras, organização e poder são elementos distintos que se encontram inter-relacionados. Em outras, ainda, são elementos distintos entrelaçados, que dependem um do outro” (p. 9). Há, pois, várias caracterizações de instituições, considerando-as inseridas num espaço com uma estrutura produtora de poder.

Sobre a equipe de trabalho desta arena de poder, atualmente é composta de três assessorias com suas respectivas diretorias e supervisões. Com relação à função de cada uma, pode-se indicar que as direções de gestão de pesquisa, de Pós-graduação e de iniciação científica têm suas finalidades explicitadas. E a gestão de núcleo de inovação tecnológica não possui as explicações acerca de suas atividades no *site* da PRPPG. Acerca das funções desempenhadas, percebe-se que são extremamente burocráticas e regulatórias, especialmente as que se referem a relatórios, acompanhamento de desempenho de atividades, entre outras.

Essa tese não tem a especificidade de compreender os processos burocráticos da Unemat, porém não se pode deixar de evocar Weber (1974) nessa parte do estudo para evidenciar que uma organização formalmente estruturada é burocrática no sentido clássico de

sua definição. A burocracia é um dos pontos fundamentais para se compreender a organização institucional universitária, pois corresponde aos aspectos formais da administração. Na AC das entrevistas, apareceu sete vezes nominada pelos LGs, enfatizando os processos burocráticos existentes na IES.

Na AC da descrição das atividades da PRPPG, a supervisão da pesquisa e da Pós-graduação possui uma aparência estritamente técnica e consegue mascarar o conteúdo político das relações de poder e saber provenientes desse espaço acadêmico. Franco (1984) comenta que a burocracia é estudada sob dois ângulos, cada um expressando significados positivos, ou negativos, em dependência do ideário que lhe dá suporte. No primeiro, é entendida com poder político, e no segundo, é um modo de operação que se expressa em tipos de organização e de sistemas administrativos.

Para Weber (1999) a burocracia aparece como um instrumento de racionalização e de exercício do poder legítimo do qual se serve o corpo administrativo de uma organização. A administração burocrática é o exercício de dominação baseado no saber. “Consiste, de um lado, em conhecimento técnico que, por si só, é suficiente para garantir uma posição de extraordinário poder para a burocracia”; e noutro lado, considera-se “[...] que as organizações burocráticas, ou os detentores do poder que delas se servem tendem a tornar-se mais poderosos ainda pelo conhecimento que adquirem no serviço” (p. 27).

Silveira (2003) acrescenta ainda que: “Os atributos básicos das organizações formais, como hierarquia, divisão funcional do trabalho, burocracia, nos remetem à questão do poder” (p. 35). Nesse contexto, o poder toma um significado fundamental, não sendo definido somente como uma capacidade de coerção ou controle, mas, e, principalmente, como um mecanismo gerador de regras que estruturam as relações no interior da Unemat, bem como, das ações desenvolvidas por essa pró-reitoria na aplicação de filtros para atividades de pesquisa. Esse poder referenciado por Castells (2006) impinge que o espaço de fluxos é a manifestação espacial predominante de poder. Sintetizando, Franco (1984) recomenda que

*a burocracia é um modo de operação, é poder político e é ideologia. A burocracia enquanto modo de operação revela-se como um tipo de organização e de sistema administrativo que se funda em algum grau de autoridade e de controle da vida organizacional, seja no estabelecimento de objetivos e políticas, seja na determinação dos meios para alcançá-los e implementá-los. A burocracia é poder político na medida em que no plano operativo serve de instrumento para um ou mais grupos obterem e/ou se manterem no poder. A burocracia enquanto ideologia é instrumento potencial de manutenção ou de transformação organizacional. Reflete-se nas manifestações de grupos desejosos de manterem ou de tomarem o poder e que apóiam ou desenvolvem ideias sobre modos de operação que lhes sejam favoráveis (p. 83-84 – grifos do autor).*

Todos esses elementos são visíveis visto que a PRPPG tem o poder e o aparato sistêmico para organizar os *campi* universitários e seus pesquisadores em redes e construir uma cultura de pesquisa. Porém, a delimitação de territórios do saber e a ênfase excessiva de atenção em algumas unidades acadêmicas é a marca de suas atividades, conforme identificado nos fragmentos das entrevistas dos LGs em discussão anterior.

Numa tentativa de síntese das principais ações desenvolvidas pela PRPPG nos seus dezanove anos de existência, pode ser elencada a atuação na qualificação docente. Segundo Zattar, Tavares e Artioli (2010) “com a missão de consolidar a política de pesquisa, a Unemat investe fortemente na qualificação do corpo docente e na implantação e funcionamento de Programas de Pós-graduação *Stricto Sensu*, em nível de mestrado” (p. 42).

Segundo o Catálogo de Cursos (2010a), a qualificação docente tem sido executada por meio de diversas modalidades de convênios e cooperações, com a CAPES, através do Programa de Qualificação Institucional (PQI), e do Programa Institucional de Capacitação Docente e Técnica (PICDT) e os programas de Minter e Dinter, com o apoio da Fapemat e Secitec. Esse investimento vem possibilitando um crescimento no número de doutores e de mestres, e isso pode contribuir para a ampliação da oferta de programas de Pós-graduação.

Registra-se através da AC das entrevistas com os PRs que o movimento de maiores ações para a qualificação docente fundamentou-se a partir das ações do Prof. Dr. Laudemir, porém, seus frutos foram colhidos posteriormente na gestão da Profa. Dra. Carolina Joana e da Profa. Dra. Áurea. Segundo dados atualizados coletados na PRPPG, a IES possui dois Minters (Direito e Ciências Contábeis) e seis Dinters (Administração, Linguística, Educação, Engenharia Elétrica, Geografia e Zootecnia). Além disso, conta com dois doutorados ofertados em rede: Biodiversidade e Biotecnologia da Amazônia Legal (Bionorte)<sup>80</sup> e Rede Amazônica de Educação em Ciência e Matemática (Reamec)<sup>81</sup>.

Zattar (2008) indica que a política de qualificação docente pode ser resumida em fases que marcaram a trajetória da PRPPG: cursos de Minters; afastamento contínuo de docentes para qualificação em programas diversos; organização de políticas de Pós-graduação pelos

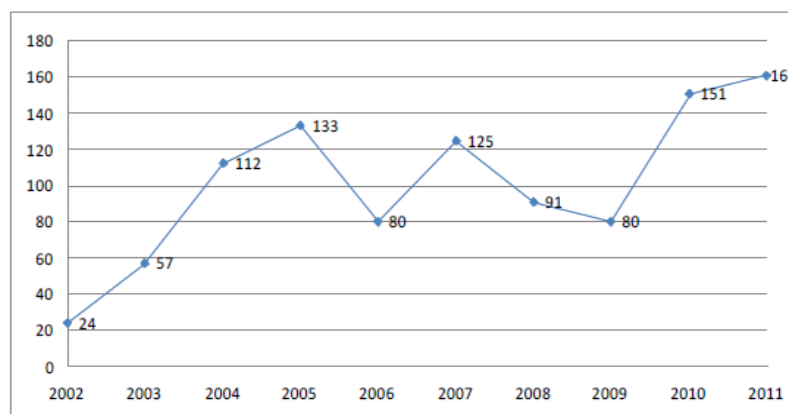
---

<sup>80</sup> Criada pelo MCT tem como objetivo integrar competências para o desenvolvimento de projetos de pesquisa, inovação e formação de doutores, visando gerar conhecimentos, processos e produtos que contribuam para o desenvolvimento sustentável da Amazônia, nas áreas da biodiversidade e da biotecnologia. É um esforço interinstitucional dos doutores da região norte, com essência regional, multinstitucional e interdisciplinar, objetivando a conservação do bioma (Bionorte, 2013).

<sup>81</sup> É formada por vinte e seis IES de nove estados da Amazônia Legal e tem como meta formar doutores, por meio de ação colaborativa, visando a formação de pesquisadores e professores para o Ensino de Ciências e Matemática. Seu propósito é fortalecer a pesquisa na região amazônica, especialmente no âmbito das licenciaturas (UFMT, 2012).

conselhos superiores; implantação de programas institucionais; e por fim, a descentralização de sua oferta para outros *campi*.

Tal avanço tem proporcionado novos caminhos para o desenvolvimento dos grupos de pesquisa, trilhando os primeiros passos para a organização sistemática da Pós-graduação. Isso pode ser observado na evolução dos projetos de pesquisa apresentada a seguir que chama a atenção para um desenho institucional da pesquisa:



**Gráfico 01** – Série histórica da evolução dos projetos de pesquisa  
**Fonte:** Anuário (2012).

O anuário (2012) destaca que são desenvolvidos cento e sessenta e um projetos de pesquisa. Observa-se que os dados apresentados no gráfico e correlacionados ao quadro 08, que trata da organização da pesquisa na IES que será apresentado oportunamente, percebe-se que a partir de 2001 se inicia o incentivo financeiro através do Fundo Institucional de Desenvolvimento da Pesquisa e da Extensão (FIDPEX) para projetos de pesquisa e as ações legais para sua regulamentação. O resultado é perceptível em 2003, quando houve um crescimento significativo de 140%. Paulatinamente, o percentual vai aumentando até o ápice em 2005/2006 quando acontece uma inclinação brusca para oitenta projetos.

Houve nesse período, uma quebra na oferta de editais oriundos do FIDPEX. Aqui se demonstra quase total “ausência” de financiamento, visto que depois de 2007 a gestão não promoveu nenhuma outra chamada pública. Consecutivamente, não despendeu nenhum auxílio para o desenvolvimento de qualquer atividade de pesquisa. Neste obstáculo se evidencia uma das categorias analíticas que será profundamente exaurida no próximo capítulo, que é a política institucional de financiamento da pesquisa.

A série histórica também identificou um aumento de oitenta para cento e cinquenta e um projetos de pesquisa (89%) entre 2009/2010. Esse avanço foi resultado da implantação do plano de carreira dos docentes em 2008, que garantiu a dedicação exclusiva para o

desempenho das atividades de pesquisa na instituição que até então, inexistia. Vale ressaltar que a partir de 2007, o financiamento ocorreu por órgãos externos à instituição, como poderá ser identificado nas análises estatísticas no próximo capítulo. Todavia, é aceitável ainda, realizar algumas reflexões com relação aos projetos de pesquisa desenvolvidos atualmente, enfatizando as áreas do conhecimento. Verificar especificação na tabela:

**Tabela 01** – Projetos de pesquisa por *campi* universitário e áreas do conhecimento

PROJETO DE PESQUISA									
Unidade	Grandes áreas do CNPq								Total
	Ciências Agrárias	Ciências Biológicas	Ciências Humanas	Engenharia	Literatura, Letras e Artes	Ciências Exatas e da Terra	Ciências Sociais	Ciências da Saúde	
Alta Floresta	4	8	2	-	-	-	-	-	14
Alto Araguaia	-	-	-	-	3	-	-	-	3
Barra do Bugres	-	-	-	7	-	8	1	-	16
Cáceres	4	6	10	-	1	4	4	2	31
Colider	-	-	1	-	-	1	-	-	2
Juara	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Nova Xavantina	-	5	-	-	-	1	-	-	6
Pontes e Lacerda	3	2	1	-	2	1	-	-	9
Sinop	-	-	4	2	5	5	7	-	23
Tangará da Serra	12	13	5	-	11	3	11	1	56
Total	23	34	24	9	22	23	23	3	161

**Fonte:** Anuário (2012).

Na AC dos anuários anteriores para comparativo com os dados da tabela, há alguns elementos de realce, o primeiro deles é a ausência de projetos de pesquisa no *campus* de Luciara no ano de 2011, porém em 2005 possuía um e em 2007 tinha dez projetos em desenvolvimento. Depois disso, nos anuários seguintes não se evidencia participação em atividades de pesquisa. Não foi possível analisar essa situação nesse *campus*, visto que não possuía grupos de pesquisa institucionalizados e não foi realizada entrevista com nenhum LG. Relembra-se que Luciara está há 1.360 km da sede Cáceres, o que dificulta o acesso.

Outro elemento a ser apontado da AC dos anuários e a correlação com a tabela 01, ainda sobre os *campi*, é que a sede sempre teve o predomínio quantitativo de projetos de pesquisa até 2009. Em 2010, o *campus* de Tangará da Serra se iguala (quarenta e dois projetos), e, depois disso, houve uma inversão de lugar, que é perceptível no quadro atual (cinquenta e seis projetos em Tangará da Serra). Esse fato pode ser explicado por dois motivos, a construção do centro de pesquisa; e a implementação dos programas de Pós-graduação, que acabaram incrementando a atividade da pesquisa. Percebe-se que houve um

esforço dos pesquisadores para a busca da excelência da pesquisa e consolidação da Pós-graduação nesse *campus*.

Para finalizar, acrescentam-se elementos analíticos sobre as áreas do conhecimento, a tabela 01 demarca que a área prevalente é Ciências Biológicas, seguida das Ciências Humanas, e com menor representatividade é Ciências da Saúde. O anuário (2011) apresenta um panorama divergente, a prevalência e a menor quantidade por área é a mesma, porém as Ciências Agrárias ocupam o segundo lugar, depois aparece a Linguística, seguida das Ciências Sociais Aplicadas e somente então, a área das Ciências Humanas. Há uma inversão dos lugares que pode ser explicada com a maior qualificação dos docentes e busca de financiamento específico para a área de Ciências Humanas nos últimos anos.

Uma das responsabilidades da PRPPG é a Pós-graduação *Stricto Sensu*, é preciso inicialmente ressaltar o contexto nacional para conseguir compreender o movimento de expansão da Unemat nesse período. Assim, na distribuição regional, “em 2008 temos: 51% dos cursos de mestrado na região sudeste, 20% na região sul, 17% no nordeste, 7% no *centro-oeste* e 4% no norte brasileiro. No curso de doutorado são 61% no sudeste, 18% no sul, 13% no nordeste, 6% no *centro-oeste* e 3% no norte” (MOROSINI, 2009, p. 15 – grifos meu).

Ratifica-se aqui a geopolítica do conhecimento e as assimetrias regionais da Pós-graduação brasileira que foram discutidas no quadro 02. Cury (2004) esclarece ainda que há muitas assimetrias estaduais na oferta da Pós-graduação: “[...] é preciso não esquecer de que o princípio federativo exige mais equilíbrio e o desenvolvimento regional é um princípio constitucional” (p. 780). Santos (1996) também concorda com esses argumentos, quando comenta que no domínio de uma região e nos limites de um lugar,

[...] reorganiza-se o espaço, recriam-se as regiões, redefinem-se as diferenciações regionais. É dessa maneira que se estabelecem novas dinâmicas regionais, criando, sobretudo nos países onde as desigualdades sociais são grandes, aquelas áreas que são apenas regiões do fazer, do fazer sem o reger. O fundamento etimológico da palavra *região* é perdido, na medida em que há regiões que são apenas regiões do fazer, sem nenhuma capacidade de comando (p. 45 – grifo do autor).

Assim, as regiões existem porque sobre elas se impõem arranjos organizacionais, criadores de coesão baseada em racionalidades de origens distantes, mas, que se tornam o fundamento da existência e da definição desses subespaços. É isso que se percebe no detalhamento deste estudo de caso na Unemat no que diz respeito às ações da PRPPG sobre a Pós-graduação. A sede é a região do reger e os *campi* do fazer sem reger. Só depois de muito tempo, é que as atividades da Pós-graduação foram disseminadas para o interior de Mato

Grosso, ainda que até o momento sejam insuficientes. É perceptível a necessidade de ampliação na região norte do Estado que tem uma grande demanda reprimida.

Na AC dos Anuários de 2007 a 2011, ressalta-se que o foco da Pós-graduação na instituição foi se alterando significativamente, o nível *Lato Sensu* teve seu auge em 2007 com a oferta de cinquenta e sete cursos de especialização. Em 2012, ocorreram apenas quinze. A Pós-graduação *Stricto Sensu*, vem crescendo gradativamente, com a inclusão de novos programas. Ver quadro a seguir que descreve a atuação da instituição em ordem cronológica com sua respectiva avaliação:

**Quadro 07** – Programas de Pós-graduação *Stricto Sensu*

NR.	PROGRAMA	CAMPUS	CONCEITO	CRIAÇÃO
01	Mestrado em Ciências Ambientais	Cáceres	3	2006
02	Mestrado em Ecologia e Conservação	Nova Xavantina	3	2008
03	Mestrado em Linguística	Cáceres	3	2010
04	Mestrado em Estudos Literários	Tangará da Serra	3	2010
05	Mestrado em Educação	Cáceres	3	2010
06	Mestrado em Ambiente e Sistema de Produção Agrícola	Tangará da Serra	3	2011
07	Mestrado em Genética e Melhoramento Vegetal	Cáceres Tangará da Serra Alta Floresta	4	2012
08	Mestrado em Biodiversidade e Agroecossistemas Amazônicos	Alta Floresta	3	2012
09	Doutorado em Estudos Literários*	Tangará da Serra	4	2013

**Fonte:** Nez (2013).

**Nota:**

\* Primeiro doutorado institucional que será realizado em parceria com a USP até 2018. Recebeu autorização de funcionamento em outubro de 2013, e o corpo docente será composto por professores das IES envolvidas e darão sustentação às atividades do curso.

Esses dados oferecem inúmeras análises, detém-se em dois elementos principais: a interdisciplinaridade (fundamento das redes) e a territorialidade. Quanto ao primeiro elemento, revela-se a existência de posturas interdisciplinares na Pós-graduação, valendo-se das seguintes constatações: existência de um programa que possui abordagem interdisciplinar; e, outro que tem característica *multicampi*. Com relação ao programa que possui uma abordagem interdisciplinar, é o de número 01, o primeiro mestrado que foi aprovado na IES, o mais antigo. A partir da AC realizada nos seus documentos destaca-se que a interdisciplinaridade é entendida como a “interação entre os diversos saberes”, e o mestrado tem como finalidade “formar profissionais, oriundos de diversos campos do conhecimento”, buscando “uma abordagem interdisciplinar”.



Já sobre o segundo elemento analítico enfatiza-se que há programas que têm docentes de outros *campi* para aulas e orientação. Um exemplo é o mestrado 04, que segundo dados coletados nas entrevistas com os LGs e com o CP, possui docentes dos *Campi* de Cáceres, Pontes e Lacerda, Alto Araguaia e Sinop. Isso concretiza a possibilidade de construção de uma proposta de integração territorial a partir da ligação dos *campi* que estão geograficamente isolados.

Outro balizador de análises é o mestrado 07 que tem como espaço institucionalizado de suas atividades três *campi* da instituição. Essa proposta interdisciplinar atende a integração e caracterização da interiorização de Mato Grosso, e uma postura pró-ativa para a interdisciplinaridade e para as redes. O programa está indicado como multicampi na proposta que foi enviada e aceita pela CAPES e recebeu a melhor avaliação de todos os mestrados, conforme pode ser percebido no quadro 07. Talvez essa integração possa ser um dos elementos definidores dessa avaliação. Esse tipo de mestrado com característica multicampi poderia ser propulsor para organizar outros programas que tivessem essa mesma característica e pudessem ampliar o atendimento para outras regiões do Estado.

Ressalta-se que a Pós-graduação na Unemat é fruto de uma longa caminhada, desde seu processo de credenciamento, passando pela organização até as ações atuais da IES. Outrossim, a atividade regulatória da PRPPG foram as resoluções. Nesse sentido, foi preciso organizar um quadro sinóptico com aos atos normativos que estão diretamente ligados à temática da pesquisa.

Conforme análises preliminares foi somente a partir de 2001 que se iniciaram os atos normativos da pesquisa na Unemat, e em 2003, houve uma profunda sistematização dessas atividades (oito resoluções). Isso acontece no período da gestão do Prof. Dr. Laudemir Luiz Zart que implementou um número extremamente significativo de ações para que a pesquisa “deslanchasse” na IES, entre elas há um esforço na construção do espírito científico e da concepção institucional de pesquisa (resoluções nºs. 112 e 113/2003).

Depois disso, apenas em 2007, houve novo adensamento de atos normativos, com o acréscimo de mais seis resoluções. Todas tratam das normas disciplinares da pesquisa, e isso se efetivou na gestão da Profa. Dra. Carolina Joana da Silva, que sucedeu o Prof. Dr. Laudemir, dando continuidade ao trabalho que vinha sendo desenvolvido. Segue as principais providências tomadas pela pró-reitoria no quadro:

**Quadro 08** – Síntese dos atos normativos da PRPPG relativos à pesquisa\*

ANO	ATO NORMATIVO	SETOR	OBJETIVO
2001	Resolução nº. 57	Consuni	Institui o Fundo de Investimento multicampi e o FIDPEX
	Resolução nº. 61	Consuni	Normatiza a aplicação do FIDPEX
2002	Resolução nº. 54	Conepe	Homologa as linhas de pesquisa dos institutos e faculdades
2003	Resolução nº. 109**	Conepe	Disciplina a política de pesquisa
	Resolução nº. 110	Conepe	Aprova os programas institucionais
	Resolução nº. 112	Conepe	Aprova a metodologia da pesquisa: a construção do espírito científico
	Resolução nº. 113	Conepe	Aprova os seminários sobre temáticas metodológicas
	Resolução nº. 115	Conepe	Aprova o planejamento estratégico da pesquisa e da Pós-Graduação
	Resolução nº. 116	Conepe	Aprova os seminários mobilizadores e organizadores dos programas
	Resolução nº. 136	Conepe	Disciplina os trâmites para cadastramento e certificação de grupos de pesquisa
	Resolução nº. 137	Conepe	Aprova os critérios para avaliação das atividades e dos resultados das pesquisas
2004	Instrução nº. 001	Conepe	Normas para a formação e a estruturação dos núcleos de pesquisa e/ou extensão
2007	Resolução nº. 084	Conepe	Cria o comitê de ética em pesquisa com seres humanos e demais seres vivos
	Resolução nº. 085	Conepe	Disciplina a política de pesquisa
	Resolução nº. 086	Conepe	Disciplina os projetos de pesquisa apresentados em outras instituições com participação de docentes da Unemat
	Resolução nº. 087**	Conepe	Normatiza os projetos de pesquisa
	Resolução nº. 088	Conepe	Disciplina os trâmites dos projetos de pesquisa com financiamento externo
	Resolução nº. 089	Conepe	Aprova os critérios para avaliação das atividades e dos resultados das pesquisas
2010	Resolução nº. 038**	Conepe	Normatiza os projetos de pesquisa
2011	Resolução nº. 014	Conepe	Normatiza os projetos de pesquisa

**Fonte:** Nez (2013).

**Notas:**

\* Um quadro semelhante pode ser consultado em Silva (2013), porém apresenta informações diferentes. Aqui foram trazidas apenas as resoluções que envolvem diretamente a pesquisa e a Pós-graduação na IES.

\*\* Resoluções revogadas.

No total têm-se dezenove resoluções, sendo que três foram revogadas e substituídas, e uma instrução normativa que consiste no aparato legal regulatório da pesquisa. Não foi possível listar todas as resoluções que emanaram da PRPPG que eram muitas. Acrescentam-se duas que tem como foco a Pós-graduação, que é de interesse dessa tese e não estão incluídas na síntese. Ambas são do Conepe: a resolução nº. 134/2003 que acata o regimento da Pós-Graduação *Stricto Sensu* e a nº. 003/2007 que aprova o regimento dos cursos de Pós-graduação *Lato Sensu* (Conepe, 2012). Ressalta-se que o expressivo fomento de programas a partir desse período coincidiu com a definição e implementação de políticas para a pesquisa

em 2003. Neste ano, a partir de estudos com diversas instâncias envolvidas elaboraram-se várias resoluções que imprimiram as diretrizes iniciais para a Pós-graduação na Unemat, que resulta na aprovação do primeiro mestrado na IES dois anos depois.

Numa análise final dos dados com relação às categorias adensamento e densidade das atividades da PRPPG, tanto na descrição de suas diretorias quanto na legislação, há ênfase no adensamento (processo) com relação à quantidade, e ainda não é possível perceber densidade (produto) nas suas ações. É notório que a burocracia e a regulação ainda tomam conta da maior parte das atividades da pró-reitoria. Enquanto se estiver nesse patamar é provável que não seja possível angariar tempo e/ou disposição para fomentar redes entre os *campi*.

Na linha do tempo das ações da PRPPG, destaca-se que desde 2008 vem realizando o *Workshop* dos grupos de pesquisa e da Pós-graduação que tem como objetivo fortalecer e integrar as pesquisas desenvolvidas pelos grupos, por meio de uma mostra científica e tecnológica. Com isso, buscou-se estimular a discussão para o progresso da ciência e tecnologia, com forte atuação e desempenho no interior.

Nesse momento de interlocução entre os *campi*, necessitam serem realizadas mesas redondas e conferências que discutissem a organização dos grupos de pesquisa em áreas temáticas de acordo com a posição geopolítica, ecológica e sócio-econômica dos pesquisadores da Unemat. Segundo notícia divulgada sobre o *workshop*, dever-se-iam ser apresentadas estratégias de propostas potenciais para o desenvolvimento do programa de interiorização da Pós Graduação *Stricto Sensu* em Mato Grosso. Funções essas que a PRPPG deveria desenvolver saindo da perspectiva regulatória e alcançando posições de integração dos pesquisadores e implementação de redes.

Porém, não foi exatamente dessa forma que aconteceu segundo observação realizada *in loco* em 2010 durante o III *Workshop* em Cáceres, verificou-se que as ações relativas às proposições e prospecções foram substituídas por palestras de temáticas que envolvem em sua maioria a grande área de pesquisa da Unemat (Ciências Biológicas). Houve poucas atividades que serviram para a articulação dos grupos e das redes. Em 2011, a situação detectada persistiu, segundo relatos do LG07 e do LG59. Já em 2012 e 2013, o *workshop* não ocorreu.

Ainda com relação à linha do tempo e as ações da PRPPG, há um informe que pode ser considerado um avanço sistemático na organização da pesquisa na IES. Na gestão da Profa. Dra. Carolina Joana (2010) foi implantado um sistema chamado Gestão de Pesquisa *On Line* (GPO)<sup>82</sup> que funciona como uma ferramentas de gerenciamento de projetos,

---

<sup>82</sup> Para mais detalhes consultar: <http://gpo.unemat.br/>.

possibilitando interação, rapidez e flexibilidade. Foi desenvolvido pelo técnico Eduardo Zinhani, que na época era assessor da PRPPG, em atendimento à resolução nº 038/2010 que estabelecia procedimentos para institucionalização de projetos, via tramitação *on line*, buscando garantir economia e celeridade ao processo. O pesquisador acessa, insere e altera informações, como mudança de equipe, inclusão de atividades, além de gerar relatórios.

O GPO possibilita, enfim, o registro e a organização das atividades desenvolvidas, facilita a troca de experiências, além da publicação do produto final. O uso da tecnologia nesse caso significou um avanço para a socialização do conhecimento, bem como gerou a possibilidade de mapear o processo de institucionalização dos projetos.

Outra atividade desenvolvida pela PRPPG e que foi disponibilizada aos pesquisadores em 2011, foram dois catálogos: um que sistematiza e apresenta os cursos da Pós-graduação *Stricto Sensu* e o outro relaciona os grupos de pesquisa da Unemat. Reporta-se que o catálogo dos grupos serviu de base factual para a realização da coleta de dados através das entrevistas com os LGs, por ser a única publicação institucional oficial.

Sumariamente, essas foram às principais ações desenvolvidas pela PRPPG no que tange à pesquisa e a Pós-graduação. Foi possível visualizar as atividades que geraram adensamento nessa pró-reitoria, destacando a regulação e a burocracia existentes na Unemat, assim como as relações de poder que emanam desse espaço. A ideia inicial era configurar ações e silenciamentos da PRPPG, tendo em vista a construção de uma linha do tempo identificando as políticas de pesquisa na IES e acredita-se que a análise descritiva dos elementos mais importantes traz esse significado, visto que o escopo da pesquisa foi atendido.

A seguir apresenta-se uma súmula com a finalidade de unir as pontas dos fios com relação à composição histórica da IES, articulando-se global e localmente num determinado território regionalizado. Além disso, sintetizam-se alguns pontos relevantes da PRPPG como definidores de análises que serão realizadas no próximo capítulo, compreendendo que muitas reflexões foram reprimidas em função da exaustão teórica desse capítulo.

### 3.3.3 *Síntese territorial*: a geopolítica do conhecimento

Partindo da caminhada histórica para a sustentação da RedSig, reporta-se insistentemente a pesquisa e a Pós-graduação, mote desse estudo de caso. Acreditou-se ser essencial um momento sintético para o fechamento das arestas que podem ter permanecido sobre o território da produção da pesquisa, tecidos nos fios da malha dessa estruturação teórica sobre a geopolítica do conhecimento na Unemat. As arestas que tem como sinônimos: ângulo, vinco, canto, quina, intersecção de dois planos ou linha divisória (HOUAISS e

VILLAR, 2009) tem seu significado expandido nessa tese quando se articulam a territorialidade. Assim, explicitam um exercício para se refletir sobre a intersecção de inúmeros planos regionais dos *campi* da instituição estudada.

O primeiro ângulo incide na política expansionista da IES (1999), quando foi elaborado o programa de atendimento às demandas da Educação Superior, com o objetivo de promover a ampliação de cursos a partir das demandas sociais nos diversos setores da economia do Estado. Foram identificados dez pólos que apontaram áreas prioritárias e criaram-se a partir de 2001 cursos de bacharelados (ZATTAR, 2008). Com esse programa, a Unemat alinhou-se às outras IES públicas e privadas de Mato Grosso, no oferecimento de cursos planejados para as áreas produtivas o que gerou a descaracterização das licenciaturas como foco principal de atuação. Isso contribuiu decisivamente no desenho de territórios de áreas do conhecimento atendidas em regiões específicas pelos *campi*.

O segundo ângulo é decorrente do primeiro e trata da estrutura multicampi da Unemat (treze *campi* e dez núcleos que atendem todo o Estado), o qual identifica relações entre a configuração organizacional, espacial e as condições, favoráveis ou não, para o desenvolvimento da pesquisa nesses espaços acadêmicos. As reflexões ao longo do constructo teórico foram enriquecidas buscando ilustrar várias características da estrutura multicampi como fruto do diálogo da concepção e do modelo de universidade que foi construído.

A categorização da Unemat enquanto IES multicampi construiu uma abordagem diferencial que reconheceu implicações de ordem sistêmica e estrutural. As configurações espaço-temporais e funcionais objetivaram-se, concretamente, na sua estrutura organizacional desconcentrada e na sua dispersão físico-geográfica em Mato Grosso. Essas características indicaram delineamentos relativos a esse modelo e à regionalidade.

O terceiro ângulo considera que a função da universidade encontra-se, implicada nessas dimensões históricas, políticas, geográficas e sociais dos processos de organização da sociedade mato-grossense. Como consequência, houve evidente entrelaçamento entre a expansão dos *campi* e a interiorização da IES, isso significa dizer, relações entre a ocupação do espaço territorial e a oferta da Educação Superior, conforme evidenciado em seu histórico.

Para Machado Cunha (2010) esse processo representou um movimento em duplo sentido. Primeiramente, através de suas unidades, ampliando vagas e criando novos cursos, na tentativa de instituir uma base organizacional mais abrangente no Estado; e depois, num segundo sentido, enquanto universidade, no formato multicampi, refletindo interesses específicos dos contextos de cada região.

Igualmente, a reflexão sobre o espaço trazida dos estudos da Geografia e a discussão sobre a regionalidade e a estrutura multicampi se adaptaram ao contexto hipermoderno sinalizado na tessitura da rede conceitual. Isso se configurou na inserção de componentes que fazem de uma determinada fração do território o *lócus* de um tipo de atividade consideradas globalmente articuladas a uma sociedade do conhecimento em rede. Alguns lugares (sede e *campi* maiores) são espaços da construção hegemônica, onde se instalam forças que regulam a ação das unidades menores. Essa realidade compartilhada e complementar; muitas vezes é conflitiva e noutras com sentido hierárquico.

Partindo da alusão de Santos (1996) de que aos atores mais poderosos se reservam os melhores pedaços do território, revelam-se diferenças, às vezes agudas, de condições de produção do conhecimento na Unemat. Assim, a pesquisa tem influência *do, no e sobre* o território. Do território, porque a partir dele se apresentam os requisitos de sua produção que gera cultura. No território, porque seus resultados interferem no desenvolvimento da região de forma ampla ou genérica e são abarrotados de sua regionalidade; e sobre ele, porque incidem diretamente na sociedade envolvida em seu entorno.

Assim, o espaço ocupado é sempre histórico e deriva da conjunção entre as características da materialidade territorial e das ações dos seus atores ou sujeitos. Nem todas as regiões (*campi*) conseguiram avanços, pois algumas reagiram passivamente não obtendo desenvolvimento, enquanto outros espaços agiram ativamente na construção de sua identidade e de uma cultura de pesquisa. Isso foi observável nos desdobramentos analíticos de cada unidade acadêmica.

A participação dos pesquisadores na discussão dos problemas locais serviu de base para a consolidação de uma identidade regional naquele *campus*, caracterizando o sentido de pertinência a esse território. A existência desse sentimento é condição essencial para que um determinado espaço possa ser, efetivamente, denominado de região. A forma pela qual a Unemat se fez presente no espaço/lugar no período expansionista, além de expressar a proximidade com uma ambiência formada pela variedade de contextos regionais e locais, indica, também, diversos níveis de interação com os processos de desenvolvimento global que ultrapassam a demarcação territorial da região onde está instalada.

A partir do princípio da interiorização no Estado de Mato Grosso, ampliam-se as condições de acesso à Educação Superior, a instituição disponibilizou infraestrutura inicial num determinado espaço territorial. E isso gerou um panorama geopolítico que evidencia melhores usos dessa estrutura e outros não tão significativos. Observa-se no quadro que segue a disposição dos *campi* da Unemat organizados em categorias de produção da pesquisa,

retomando o ano fundacional, além de indicar se possui ou não centro de pesquisa, que pode ser determinante nas práticas do pesquisador na IES.

**Quadro 09** – Distribuição geopolítica da produção da pesquisa

NÍVEL AVANÇADO	NÍVEL INTERMEDIÁRIO	NÍVEL INICIAL
Cáceres (1978/1999)	Alta Floresta (1991)	Alto Araguaia (1991)
Nova Xavantina* (1991)	Barra do Bugres (1994)	Colider* (1994)
Tangará da Serra (1995)		Juara* (1999)
Sinop (1990)		Luciara* (1991)
		Pontes e Lacerda* (1991)

**Fonte:** Nez (2013).

**Nota:**

\* Não dispõem de estrutura física específica para os pesquisadores, apenas laboratórios que são utilizados para as atividades de ensino e de extensão universitária.

Esse quadro representa um dos resultados da pesquisa que consegue tanto sistematizar e articular os conhecimentos teóricos trazidos até o momento como congregar elementos analíticos na construção dessa tese. Objetivou-se identificar os *campi* em níveis de produção de pesquisa (avançado, intermediário ou inicial) que foram detectados a partir das entrevistas e das visitas realizadas, além de se aprofundar a reflexão sobre a identidade de cada um deles.

Na análise para a construção do quadro levou-se em consideração vários critérios, tais como: a identidade de cada *campi*, a inserção local e global, as redes e os grupos de pesquisa, a existência de programas, as áreas do conhecimento em relevo, dentre muitos outros. Isso revelou as assimetrias estaduais com relação à atuação da Unemat na pesquisa e na Pós-graduação, além dos dilemas e desafios a serem enfrentados.

A decisão de se apresentar os níveis da pesquisa distribuídos nessa classificação (avançado, intermediário ou inicial) impôs como necessidade relembrar o ano da implantação de cada *campi*. Assim foi possível evidenciar que os que se integram ao nível avançado não necessariamente foram às primeiras unidades acadêmicas a existirem na IES. Toma-se como ilustração Tangará da Serra, que foi o penúltimo *campus* criado e hoje sustenta a maior quantidade de projetos executados na Unemat (tabela 01), com posição estratégica de nível avançado na produção da pesquisa.

Analiticamente, é necessário relembrar que a sede (Cáceres) é um dos *campi* que possui maiores possibilidades estruturais, políticas e físicas, além de quantidade de docentes para o desenvolvimento da pesquisa. Por esses motivos, foi categorizado no nível avançado, juntamente com Nova Xavantina, Tangará da Serra e Sinop, que também possuem condições semelhantes, guardadas as devidas proporções. Desses, apenas Xavantina ainda não dispõe de

centro de pesquisa, o que perpetua um cenário de necessidade eminente, visto que é um dos *campi* que tem destaque na produtividade docente e inserção em pesquisas.

Num nível intermediário estão Alta Floresta e Barra do Bugres. O nível inicial de produção de pesquisa é representado pelos *campi* de Pontes e Lacerda, Alto Araguaia, Colider, Juara e Luciara que dispõem de baixa produtividade, ausência de docentes efetivos, entre outros motivos que explicam sua posição nesse quadro. Se for retomada a dispersão geográfica demonstrada na figura 01, pode-se perceber que os quatro *campi* que apresentam maior densidade e/ou adensamento de atividades de pesquisa na IES atendem uma região específica (na ordem citada no quadro 09: oeste, leste, centro do Estado e norte). Também, faz-se necessário esclarecer que a maior quantidade de *campi*, estão alocados no nível inicial, por isso a tese é relevante, para que se possa ampliar as discussões sobre a identificação da distribuição geopolítica e fortalecer a produção do conhecimento nessas unidades acadêmicas.

Outro destaque angular para a compreensão da geopolítica da produção da pesquisa na Unemat é Nova Xavantina, que desde o início construiu uma sólida cultura institucional local. Há *campi* que nasceram no mesmo período (Alta Floresta, Alto Araguaia, Luciara, Pontes e Lacerda) que não tiveram o mesmo desempenho, por inúmeros motivos indicados anteriormente, lembrando que em dois deles a pesquisa quase inexistente.

Esse panorama gera implicações quando considerados os critérios estabelecidos para a qualificação de uma universidade multicampi, as quais tendem a apresentar enormes dificuldades para atender aos parâmetros de titulação docente, produção acadêmica institucionalizada e oferta de cursos *Stricto Sensu*, nos seus vários *campi*. Tais dificuldades refletem problemas como a fixação de docentes nas regiões, condições infraestruturais para a realização de pesquisas, além do apoio institucional. Por sua vez, com relação aos *campi*, as assimetrias manifestam os efeitos desses processos. A universidade multicampi traduz em seu espaço de ocupação territorial, configurações específicas que se relacionam ao fato de ser uma IES presente em diferentes regiões do Estado, uma vez que convive com realidades e graus de desenvolvimento diversos que são característicos de cada um desses espaços.

O resultado desse processo articula-se segundo lógicas: por sua sede longínqua quanto ao espaço da ação e pela sua inconformidade com o sentido preexistente da região em que se encontra. Desse modo, produz-se alienação territorial à qual correspondem outras formas de alienação para Fialho, que também se relacionam aos espaços de poder de Bourdieu e dos territórios de regência de Santos. Esse ângulo analítico permite enfatizar que dentro de um mesmo Estado e numa mesma IES, se criaram formas e ritmos diferentes de evolução,



regulados por políticas institucionais difusas e com sobreposição de áreas do conhecimento, que chapiscam nas práticas dos pesquisadores.

Não se pode deixar de lembrar a burocracia que também é caracterizada pela hierarquia funcional de cargos (pró-reitores), que, por sua vez, determina uma ordenação de importância de *campi* que estão representados na sede, no caso de uma instituição multicampi como a Unemat. A autoridade e o poder outorgados a esse espaço de regulação e controle (PRPPG) e ao *lócus* de produção da pesquisa (*campi*) que possuem infraestrutura delegam o poder de reger conforme disposição geopolítica.

Quando a IES é submetida à administração burocrática e a normas regulatórias, recorda-se dos estudos de Chauí (organização x instituição social) na síntese conceitual. Na Unemat, o cerimonial burocrático da PRPPG obscurece suas ações prospectivas de planejamento. Dessa maneira, a estrutura de poder imprime tutela e vigilância que determina em muitas situações apenas a natureza e o tipo do trabalho a ser executado. Os órgãos dirigentes e colegiados reduzem o corpo docente à condição passiva de executantes de ordens superiores cujo sentido e finalidade estão impetrados de força e tensões.

Assim, salienta-se que nesse contexto, torna-se urgente e necessário planejar, porque essa atividade envolve flexibilidade e gera indicativos que podem potencializar a Pós-graduação na IES. Já a regulação é normativa, sendo que a norma é muitas vezes apenas prescritiva. Salienta-se, que a oferta de programas, que compreenderam cursos de mestrado institucional, interinstitucional e a ampliação de parcerias para a permanente formação do quadro docente, foi um conjunto de medidas de sucesso da PRPPG. Porém, os cenários futuros sugerem rotas alternativas.

Esse avanço na Pós-graduação é imprescindível para consolidar a pesquisa na Unemat, segundo a entrevista com a PR01, foram encaminhadas duas propostas de doutorado (Linguística e Estudos Literários). O segundo já foi aprovado e começa a funcionar em 2014. Também foram enviados dois projetos de mestrados (Língua e Literatura e de Tecnologia de Produção Agrícola), abre-se o leque de oportunidades para os mato-grossenses. Mesmo que esses programas perpetuem áreas já atendidas na IES (adensamento), podem se transformar em processos de densificação da pesquisa se forem articulados em redes.

A partir dessa síntese territorial que buscou evidenciar a geopolítica da produção da pesquisa na Unemat, percebeu-se necessário para finalizar essas reflexões, oferecer as análises com relação à questão multicampi e os encaminhamentos para avanços. Apresentam-se os resultados levantados na pesquisa de campo que fazia referência à estrutura da Unemat, que visavam aprofundar os pressupostos que definem sua concepção multicampi.

Relembra-se que a IES atende a uma grande faixa territorial, demonstrado no mapa da figura 01. Já se evidencia de antemão a dificuldade relativa às distâncias geográficas entre a sede e os *campi*. Conforme salientado foram entrevistados no total oitenta e três LGs, sua distribuição por unidade acadêmica pode ser visualizada na tabela.

**Tabela 02** – Distribuição da amostra por *campi* universitário

<b>CAMPI</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>PERCENTUAL (%)</b>
Cáceres	34	40,9
Sinop	14	16,8
Tangará da Serra	9	10,8
Pontes e Lacerda	7	8,4
Barra do Bugres	6	7,2
Nova Xavantina	5	6,1
Alta Floresta	5	6,1
Alto Araguaia	2	2,4
Colider	1	1,2
<b>Total geral</b>	<b>Σ83</b>	<b>Σ100</b>

**Fonte:** Pesquisa de campo com LGs da Unemat (2012).

Os dados demonstram que a maior quantidade de entrevistados foi na sede (40,9%), seguida de outros dois *campi* (Sinop – 16,8% e Tangará da Serra – 10,8%). Juara e Luciara estão ausentes, pois que não havia grupos cadastrados no levantamento da amostra com base no Catálogo (2010b) que serviu de suporte para a pesquisa de campo.

Uma das questões da entrevista, dentro do extenso rol que tratava sobre pesquisa e Pós-graduação na Unemat, solicitava aos LGs opiniões relativas à estrutura multicampi, buscando compreender se facilitava ou não o desenvolvimento da pesquisa (categorias: destaques e dificuldades) e quais as possíveis soluções (categoria: estratégias). As respostas foram esclarecedoras e podem ser verificadas na tabela a seguir:

**Tabela 03** – Sobre a estrutura multicampi da instituição

RESPOSTAS ENUNCIADAS	NÚMERO DE INDICAÇÕES
<b>Categoria Destaques:</b>	<b><math>\Sigma 20</math> (11,9%)</b>
• Integração	7
• Regionalização	6
• Diversidade	5
• Democratização do conhecimento	2
<b>Categoria Dificuldades:</b>	<b><math>\Sigma 21</math> (12,5%)</b>
• Barreiras geográficas	10
• Obstáculos	4
• Gestão	4
• Ausência de diálogo	3
<b>Categoria Estratégias:</b>	<b><math>\Sigma 127</math> (75,6%)</b>
• Redes de pesquisa	23
• Infraestrutura	23
• Uso da tecnologia	19
• Integração	18
• Planejamento	9
• Parcerias	7
• Autonomia financeira	7
• Amadurecimento	7
• Descentralização	5
• Divisão da instituição	4
• Cultura de pesquisa	4
• Isonomia dos campi	1
<b>Total geral*</b>	<b><math>\Sigma 168</math> (100%)</b>

**Fonte:** Pesquisa de campo com LGs na Unemat (2012).

**Nota:**

\* Como a entrevista possibilitava mais de uma resposta, os LGs informaram suas opiniões que foram condensadas em categorias, gerando uma quantidade maior de indicações do que o número total de respondentes.

A categoria destaques apresenta os pontos positivos da estrutura multicampi e inclui proposições como a diversidade encontrada nos *campi*, a integração e regionalização das atividades, além da possibilidade de democratizar o conhecimento nos vários espaços acadêmicos. Os dados correlatos à integração que somam a maior quantidade de indicações (sete) trouxeram desdobramentos tais como: para os *campi*, para as pesquisas coletivas e para os grupos de pesquisadores. Todos esses elementos corroboram na consolidação da Pós-graduação na Unemat e contabilizam 11,9% das respostas.

Sobre a categoria dificuldades faz-se referência aos empecilhos vivenciados, destaca-se que a estrutura é entendida como um obstáculo para alguns respondentes. Também enfatizam os embaraços das barreiras geográficas, a ausência de diálogo entre os *campi*, além da problemática de gerir uma IES nesse modelo. As dificuldades somam 12,5% das respostas indicadas, o que é um percentual mediano do montante.

Quanto aos desafios espaciais, que envolvem as distâncias entre as unidades, os LGs rememoram que “A nossa localização geográfica em relação à pesquisa tem grande fator limitante” (LG06). Segundo outro entrevistado “Cria muitas dificuldades materiais e de locomoção, de intercâmbio também. Enfim, por outro lado, as possibilidades que essa estrutura multicampi pode criar para a pesquisa, principalmente em algumas áreas, é enorme” (LG09). Para o LG11/CP07 “de certa forma, em minha área de pesquisa, eu até preciso dessa divergência geográfica, de condições climáticas e tudo mais. Então, eu vejo isso como ponto favorável” para o desenvolvimento da Pós-graduação e da pesquisa na Unemat. Analiticamente isso retoma a categoria destaque, no ponto específico que trata da regionalização e da diversidade e gera dicotomias com posicionamentos diversos.

Num comparativo entre as primeiras categorias da tabela, pode-se dizer que o percentual para os problemas da estrutura multicampi é de 12,5%, enquanto que os destaques tem 11,9%. Há, assim, uma pequena diferença entre as posições, o que indica que os LGs, não se polarizam em pontos positivos ou negativos, conseguem enxergar a estrutura multicampi a partir das duas perspectivas. Isso demonstra clareza na compreensão da universidade e de seu papel na interiorização do Estado, através dos *campi* para o atendimento da população mato-grossense, mesmo que com uma grande dispersão territorial.

Com relação à última categoria elencada, das estratégias para as adversidades das IES multicampi (75,6% das respostas - o maior percentual). Dezenove pesquisadores indicaram a utilização das tecnologias enquanto alternativa para superação das fronteiras. Segundo os respondentes isso pode acontecer através de tele e/ou videoconferência, encontros e reuniões *on line*, tanto os relativos à gestão administrativa, quanto à parte pedagógica. Os encaminhamentos dos LGs para a solução das dificuldades multicampi apontam para o uso de tecnologias. Também sugerem a proposição de políticas reservadas para a integração dos *campi* (dezoito indicações), que se solidariza com as redes (vinte e três sinalizações), totalizando quarenta e uma respostas (24%), que é extremamente representativo.

Ressalta-se que as redes proporcionam qualidade à Educação Superior, e os maiores beneficiados são os docentes e os acadêmicos ressoando na sociedade em geral. A melhoria se dá efetivamente no fortalecimento dos grupos de pesquisa e na socialização do conhecimento, bem como, na construção de novas parcerias, pois que as redes privilegiam uma articulação coletiva e a integração. Para tanto, de acordo com o LG10, é preciso uma política voltada para a aproximação dos *campi* “[...] isso pode aproximar os pesquisadores e professores para discutirem ideias e inclusive até parte de projetos de pesquisa”. Para os respondentes, os

desdobramentos da integração se dão nos seguintes termos: dos líderes, dos grupos, dos *campi*, dos projetos e integração institucional.

Complementando a indicação da utilização das tecnologias e diretamente envolvida com esse elemento norteador se localiza a subcategoria infraestrutura (vinte e três posicionamentos) que segundo os entrevistados deve ser ampliada. É imprescindível lembrar que para se garantir qualidade na IES, além do salário, é fundamental ter condições de trabalho, inclusive em termos de laboratório, salas de pesquisa, materiais, entre outros elementos estruturais. Assim, é necessário recurso orçamentário para a instalação e manutenção da estrutura universitária para o desenvolvimento da pesquisa.

Seguem-se também na categoria soluções, a divisão da instituição, a cultura de pesquisa, as parcerias (privadas e com o Estado), a autonomia financeira de cada *campi*, o amadurecimento seja dos docentes quanto da instituição, a descentralização (financeira, da IES, dos *campi* e do poder), e a isonomia dos espaços acadêmicos.

Tanto a questão da isonomia, quanto a descentralização e a autonomia são subcategorias correlacionadas direta ou indiretamente ao poder, pois como analisado existe em qualquer espaço/local, gerando regras e estruturando relações sejam burocráticas ou não. O poder, a hierarquia e a autoridade podem ser considerados imperativos técnicos no funcionamento das organizações que Chauí explicitou e se aplicam diretamente neste espaço de reflexão, que é uma universidade regionalizada. A Unemat é composta de indivíduos isolados e conjuntos heterogêneos que disputam os espaços de poder, que nesse estudo de caso são a sede (lugar de reger) e os *campi* (espaço de fazer), além da PRPPG.

É necessário ainda, fazer uma inferência especial sobre a subcategoria planejamento que totaliza nove indicações na tabela 03. Os tipos elencados pelos LGs foram: planejamento institucional, por área do conhecimento, estratégico, participativo e macro. Todos se relacionam diretamente à pesquisa, e serão detalhados no próximo capítulo, onde se apresentarão os cenários propositivos para a consolidação da Pós-graduação na Unemat.

A título de fechamento teórico-analítico, considera-se que existem prerrogativas no modelo multicampi, entretanto, a dispersão geográfica das unidades acadêmicas cria impasses de natureza administrativa e pedagógica, além da dificuldade percebida de comunicação entre os *campi*, que se torna o nó da questão em detrimento das grandes extensões territoriais envolvidas. Para a LG45, a estrutura multicampi foi criada dentro de uma política de Estado. “A universidade como órgão do Estado! Foi gestado dentro da política do Estado, e tinha uma política clara para cumprir”. Hoje, acredita que a estrutura multicampi “[...] não tem mais política institucional. Então essa multiplicação de cursos novos é uma defesa de território”. E

ainda propõe em suas reflexões, “[...] pensar num planejamento de onde quero chegar como instituição. Traço um plano de ação pra atingir esse objetivo institucional mais amplo que tem a ver diretamente com papel da instituição para a sociedade”.

É possível esclarecer que existem inúmeras vantagens na utilização da estruturação multicampi, porém o grande desafio é a superação das distâncias geográficas com o uso das tecnologias para o avanço da articulação dos *campi*. A Unemat está trabalhando incisivamente para que isso possa ocorrer concretizando ações de suporte de rede para as teleconferências e demais aplicativos necessários.

Apesar de todas as alterações vivenciadas pela Unemat de ordem jurídica, estatutária, de gestão, de deliberação e do papel de cada unidade administrativa e pedagógica no conjunto das ações institucionais, a IES ainda mantém relativa autonomia. Os avanços no aporte orçamentário representam uma conquista expressiva, tanto na implantação como no resultado de ações, que a colocariam em sintonia com as políticas educacionais brasileiras em curso e à reestruturação necessária para seu funcionamento.

No próximo capítulo seguem-se os dados recolhidos ao longo da exaustiva pesquisa de campo com relevo para o perfil dos pesquisadores da Unemat, suas concepções e experiências, além das políticas institucionais, para se desenhar os cenários propositivos para a pesquisa e a Pós-graduação na instituição.

## 4 O CENÁRIO CONSTITUINTE

Esta parte da tese é fruto do processo investigativo e categorial que se formou desde o primeiro capítulo quando foi traçado o mapa da pesquisa e informou-se qual o *locus* do estudo e a problematização para compreender com profundidade o seu constructo teórico-analítico. Posteriormente, ao se evidenciar a rede conceitual, ratificou-se nas sínteses apresentadas cada elemento inscrito nessa discussão. Essa estruturação intencional acompanhou a descrição da IES analisada e ajustou o cenário constituído.

Como informado, a tese objetiva identificar e analisar as políticas e as práticas de pesquisa da Unemat, buscando desenhar cenários propositivos para a consolidação da pesquisa e da Pós-graduação. Assim, neste capítulo são realizadas interpretações analíticas aprofundadas dos resultados alcançados a partir da rede teórico-metodológica estabelecida, relativos às características da universidade em questão.

A discussão dos dados é desenvolvida não somente em relação à questão investigadora do estudo, mas, leva em consideração análises adicionais empreendidas ao longo de toda a investigação. Esse capítulo está dividido em cinco partes; em primeiro lugar, apresenta-se o perfil do pesquisador com destaques para os LGs entrevistados, posteriormente indicam-se as concepções e experiências dos respondentes, que compõem a RedSig de sua formação.

Em seguida, aprofundam-se análises enfatizando a ambiência da pesquisa e o aparato operacional institucional necessário para o seu desenvolvimento. Noutro momento, acrescenta-se o movimento de ação sobre o ato de pesquisar, relatando a importância da articulação dos grupos e das redes. Para cada uma dessas partes, evidencia-se um cenário propositivo da tese abordando qualitativamente os dados quantitativos.

Essa circularidade metodológica integrada à perspectiva da RedSig ressalta um dos pontos da originalidade desta investigação sendo caracterizada como um estudo descritivo-propositivo. O procedimento utilizado no delineamento do cenário constituinte é fruto de uma abordagem multimetodológica da realidade da Educação Superior mato-grossense. Esse foi o artifício de construção desse capítulo, considerando que seu ápice está nos cenários que apresentam as categorias e subcategorias elencadas (figuras 02, 03 e 04) no fortalecimento da pesquisa e da Pós-graduação na Unemat.

Por fim, busca-se o movimento do constituído para a edificação do cenário constituinte da consolidação da pesquisa na Unemat, realiza-se um fechamento analítico assentado na síntese enriquecida e traz à tona os enlaces necessários e as possibilidades de construção das redes na instituição multicampi regionalizada deste estudo de caso.

#### 4.1 O perfil de quem pesquisa

Nesta primeira parte serão trazidas para a compreensão do universo desta investigação, algumas informações com relação ao quadro docente da Unemat, visto que são esses que executam as atividades de produção da pesquisa. Posteriormente, é apresentada a caracterização da amostra selecionada neste estudo, para que fique explícito o recorte e de onde surgiram as análises realizadas.

As transformações ocorridas a partir da década de 90 com o movimento expansionista em Mato Grosso representaram mais do que uma simples ampliação de acesso à Educação Superior. Houve um incremento de sua atuação, com isso o concurso para docentes efetivos na Unemat foi uma necessidade emergente, trazendo novos horizontes na articulação do tripé ensino, pesquisa e extensão. A IES investiu em contratações, incentivando a qualificação.

O lotacionograma da Unemat - vigência: 2012 sintetiza que a IES possuía quinhentos e três técnicos efetivos, porém existem muitos cargos vagos. Com relação aos docentes, são seiscentos e quarenta e nove efetivos e cento e cinquenta e oito interinos, totalizando oitocentos e sete docentes, sem acrescentar a esse quantitativo os cargos vagos que somam quatrocentos e nove (MATO GROSSO, 2013a).

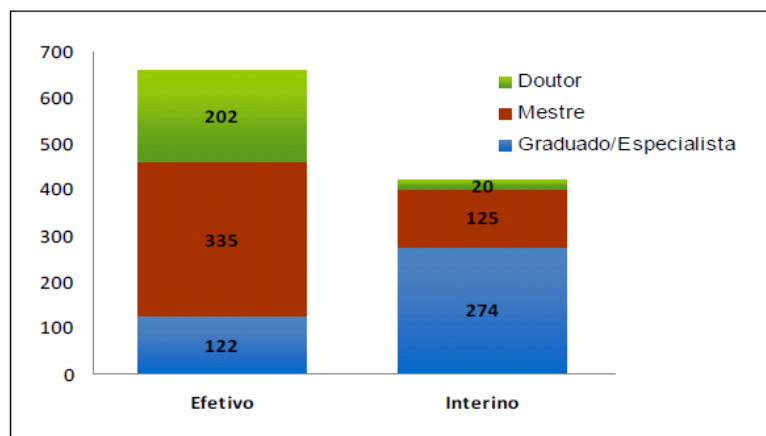
Nas informações constantes no anuário (2012), a quantidade considerada vacante não é especificada e os dados dos docentes divergem do que se apresenta no lotacionograma do Estado. São seiscentos e cinquenta e nove professores efetivos (diferença de dez docentes) e quatrocentos e dezenove interinos (diferença de duzentos e sessenta e um professores). Considerando a quantidade de cargos vagos, os interinos ultrapassam dez contratações no anuário. Há no total 61% de docentes efetivos e 39% interinos, porém, é imprescindível compreender que esses números são extremamente dinâmicos e se modificam diariamente em função da renovação e/ou rescisão de contratos, além de outras situações<sup>83</sup>.

Nessa tese, as análises estão fundamentadas nos dados apresentados nos dois documentos, pois em alguns momentos o primeiro é mais indicado e noutros o segundo traz maior refinamento de informações que foram necessárias para as reflexões analíticas deste capítulo. Sobre a distribuição por titulação com relação à categoria docente (efetivos e interinos) visualizar gráfico que segue.

---

<sup>83</sup> Maiores informações sobre a evolução de servidores por unidade administrativa no período de 2002 a 2011, podem ser consultados no anuário (2012).





**Gráfico 02 – Docentes por titulação**  
**Fonte:** Anuário (2012).

Analisando os dados, evidencia-se que o quadro docente efetivo é constituído por duzentos e dois doutores e trezentos e trinta e cinco mestres, que juntos somam 81,4% de profissionais da Educação Superior com titulação o que é significativo para uma IES interiorizada como é o caso da Unemat. Muitos desses são resultados da política de qualificação dos últimos anos, conforme especificado nas atividades desempenhadas pela PRPPG. O restante correspondente a 18,6%, ainda são graduados ou especialistas, um índice que pode ser considerado relativamente alto numa instituição que desempenha papel determinante no Estado de Mato Grosso.

Com relação aos docentes interinos, há uma inversão, em sua maioria (65,3%) são graduados, apenas 29,8% possuem o título de mestre e 4,9% são doutores. Aprecia-se, então que o processo de contratação de docentes ainda transita no nível da graduação ou da especialização, pois não há excedentes de mestres e doutores disponíveis para trabalhar na IES. Porém, é possível salientar que os interinos não interferem na pesquisa, visto que são responsáveis apenas pelas atividades de ensino.

Essa condição de não participação de interinos na pesquisa, embora alguns sejam titulados, é estabelecida pela Unemat, na forma de seu Estatuto e do plano de carreira docente, e consequência do próprio regime de contratação da universidade, que é precário. Uma vez que se estabelece uma política de renovação contratual a cada seis meses e seu desligamento durante o período de férias. Na AC do anuário (2012) identificou-se que a instituição se categoriza como democrática e sintonizada com o contexto brasileiro e busca a melhoria da qualidade de ensino, pesquisa e extensão, por meio de contratação de “profissionais qualificados”. Porém, a realidade regional mato-grossense é diferente, como pode ser percebido nos dados relativos à contratação de docentes. Por esses e outros motivos que foram

elencados na problematização dessa tese, que é preciso consolidar a pesquisa e a Pós-graduação. Essa ausência de profissionais qualificados para desenvolver atividades na Educação Superior é uma das justificativas, sendo que como foi alertado no histórico institucional, o Estado possui inúmeras IES que geram demandas.

Para melhor explicitação sobre a amostra dos LGs, a tabela a seguir apresenta os dados elencados a partir das áreas do conhecimento, destaca-se a quantidade de grupos existentes na Unemat e a quantidade de grupos respondentes.

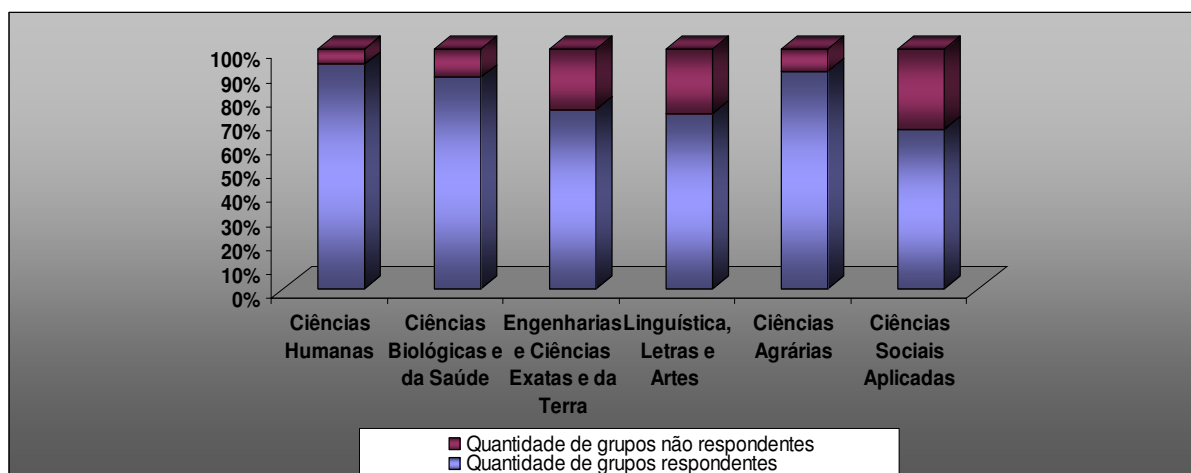
**Tabela 04** – Distribuição dos grupos nas áreas do conhecimento

ÁREA DO CONHECIMENTO	GRUPOS EXISTENTES	GRUPOS RESPONDENTES
Ciências Humanas	32	30
Ciências Biológicas e da Saúde	17	15
Engenharia e Ciências Exatas e da Terra	16	12
Linguística, Letras e Artes	15	11
Ciências Agrárias	11	10
Ciências Sociais Aplicadas	06	04
<b>Total</b>	<b>Σ96 (100%)</b>	<b>Σ86 (89,5%)</b>

**Fonte:** Pesquisa de campo com LGs da Unemat (2012).

Para fins das análises estatísticas, foi realizado um agrupamento das áreas com a justificativa de que foi baixa a quantidade de LGs entrevistados na Engenharia (um) e nas Ciências da Saúde (dois). Assim, incorporaram-se as áreas com interesses mais próximos: a de Ciências Biológicas foi coligada com a área da Saúde; e a área de Engenharia com as Ciências Exatas e da Terra. Para esclarecer os dados da tabela, é preciso relembrar a informação evidenciada anteriormente no quadro 01 que o total de grupos existentes é de oitenta e seis, e o número utilizado para fins de análises é de oitenta e três, visto que há líderes que possuem duplicidade de grupos de pesquisa.

Ainda com relação à amostra, apresenta-se a correlação entre a quantidade de grupos respondentes e aqueles que não responderam. Vale ressaltar que para essa análise quantitativa foi necessário computar o percentual em cada área e a partir dela calcular a porcentagem dos respondentes e não respondentes. Observam-se mais detalhes no gráfico seguinte. Considerando as informações contidas na Tabela 04 e no Gráfico 03, salienta-se que as Ciências Humanas juntamente com as Ciências Agrárias, seguida da área das Ciências Biológicas e da Saúde foram as que tiveram maior expressividade na quantidade de LGs entrevistados. Isto é, houve um número de entrevistados próximo do total de grupos existentes, exemplifica-se com as Ciências Agrárias, que faltou a entrevista de apenas um LG.



**Gráfico 03** – Correlação entre a quantidade de grupos existentes e respondentes  
**Fonte:** Pesquisa de campo com LGs da Unemat (2012).

Para o detalhamento da amostra das áreas do conhecimento e reportando-se a porcentagem da quantidade total de respondentes desta pesquisa de campo, exibe-se a tabela seguinte:

**Tabela 05** – Amostra total dos grupos de pesquisa por área do conhecimento

ÁREA DO CONHECIMENTO	PERCENTUAL (%)
Ciências Humanas	36
Ciências Biológicas e da Saúde	16
Engenharia e Ciências Exatas e da Terra	16
Linguística, Letras e Artes	14
Ciências Agrárias	12
Ciências Sociais Aplicadas	6
<b>Total</b>	<b>Σ100</b>

**Fonte:** Pesquisa de campo com LGs da Unemat (2012).

Numa abordagem quali/quantitativa sobre a correlação entre a porcentagem de respondentes e a área do conhecimento, destaca-se que a tabela é apresentada no sentido de ressaltar a contribuição das Ciências Humanas na composição da amostra. Isto porque em termos estruturais da pesquisa, os respondentes dessa área são expressivos representando 36% do total de entrevistados. Com exceção da última área do conhecimento (Ciências Sociais Aplicadas) que é menor se adverte a importância das outras quatro áreas que guardam similaridade em termos de alcance, girando entre 16 e 12% da amostra.

Numa análise global das informações coletadas referindo-se especificamente ao catálogo (2010b), destaca-se, que a área de Humanidades é o expoente possuindo 33,3% do total de grupos de pesquisa na Unemat. Seguida pela área das Ciências Biológicas e da Saúde que representa 17,7% dos grupos. Visualiza-se, pois, que o adensamento dos grupos da IES

está na Área das Ciências Humanas e das Biológicas. O restante (49%) está distribuído nas outras áreas do conhecimento.

Ressalta-se, finalmente, em busca de análises longitudinais entre o quadro 07 e a tabela 05 que a área das Ciências Humanas (36% de grupos existentes na IES) possui apenas um programa de Pós-graduação. Enquanto que a segunda área (Ciências Biológicas e da Saúde) possui cinco cursos espalhados em vários *campi*. Isso implicar considerar que mesmo com um adensamento menor de grupos consolidou uma maior quantidade de Pós-graduação.

A existência dos espaços coletivos são impulsionadores da pesquisa no seio das IES. Franco e Morosini (2001) indicam que os grupos de pesquisa são uma realidade materializada em algumas universidades brasileiras que possibilitam a construção do conhecimento institucionalizado. A Unemat ainda tem um longo caminho a percorrer para a consolidação dos seus grupos e de suas atividades de pesquisa.

Aprofundando a caracterização e a identificação da amostra desta pesquisa de campo que são os LGs apresentam-se as informações relativas à titulação e sexo dos respondentes (oitenta e três participantes). A maior parte da amostra foram os doutores totalizando 67,5%, seguidos dos pós-doutores com 19,2% e 13,3% de mestres. Com relação ao sexo, 50,7% é do sexo feminino e 49,3% masculino, minúscula tendência para respondentes mulheres. Destaca-se que há predominância de homens apenas na categoria dos doutores (53,7%), e o sexo feminino distingue-se na titulação de mestres (54,5%) e pós-doutores (62,5%).

A idade dos LGs variou entre trinta e um e sessenta e seis anos, sendo que a maior parcela tem entre quarenta e quarenta e nove anos, totalizando 44,5%. Acrescentam-se outros 26,5% que estão alocados entre trinta e trinta e nove anos, isso quer dizer que grande parte da amostra (71%) é jovem e possuem tempo de vida útil como pesquisador relativamente longo até a aposentadoria, em média pelo menos vinte anos de atividades.

Para compreender a RedSig dos LGs da Unemat no que diz respeito à sua formação, foram levantadas as seguintes informações: graduação, especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado com ano de conclusão de cada um deles e a IES. No cruzamento desses elementos e para desvelar a rede de formação acadêmica dos respondentes foi utilizado o SPSS para tratamento estatístico dos dados. A opção foi trabalhar com a análise fatorial também chamada de análise multivariada que permitiu verificar a correlação e a afinidade entre o conjunto de informações, verificando tendências e representatividades muitas vezes implícitas. Utilizou-se o teste qui-quadrado para verificar se a associação entre as variáveis de uma tabela cruzada estavam relacionadas. Nos dados analisados não foram encontradas associações significantes ( $<0,05$ ).

A análise estatística torna-se um instrumento eficaz de ruptura se for conscientemente aplicada fugindo de reflexões ingênuas e busca neutralizar formas pré-concebidas. Quando relacionada a uma abordagem qualitativa é possível perceber algumas das relações expressivas. Não se espera que produza sozinha as categorias analíticas, somente uma integração com a RedSig imprime verdade e cientificidade às discussões realizadas. A análise fatorial com o uso do *software* gerou uma infinidade de tabelas e gráficos complementares os quais não puderam ser disponibilizados em sua totalidade. Foram escolhidos os mais significativos para as reflexões sobre a pesquisa e a Pós-graduação na Unemat e que corroborassem com os cenários propositivos.

A título de aprofundamento da amostra tomou-se por base a maior titulação do entrevistado, os dados foram categorizados por região geográfica já que a diversidade de IES era volumosa<sup>84</sup>. Com isso, pode-se identificar na tabela que segue a região de predominância da formação dos LGs da Unemat.

**Tabela 06** – Distribuição da titulação da amostra por região brasileira

REGIÃO	QUANTIDADE DE RESPONDENTES	PERCENTUAL (%)
Sudeste	57	68,7
Sul	14	16,9
Centro-oeste	11	13,3
Norte	1	1,1
<b>Total</b>	<b>Σ83</b>	<b>Σ100</b>

**Fonte:** Pesquisa de campo com LGs da Unemat (2012).

Nas analíticas empreendidas a partir da tabela, é possível perceber que é a região sudeste (68,7%) que se destaca na constituição de mestres e doutores na Unemat. Reiterando esses dados e utilizando-se de outros gráficos complementares não disponibilizados, indica-se que a instituição expoente foi a Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (Unesp) com 15,7% do total de respondentes, depois aparece a Unicamp (10,8%) e a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) com o percentual de 9,6%.

A região sul do país é a segunda em frequência (16,9%) e a IES que se destaca é a UFRGS (6% de entrevistados), resultado de articulações (Minter e Dinter) que a PRPPG realizou desde a década de 90 com a Unemat. Por fim, é indispensável comentar que a região nordeste nem aparece como espaço de titulação docente da amostra dos LGs. Além disso, acrescenta-se que no escore total das IES formadoras da maior titulação dos respondentes,

<sup>84</sup> Foram indicadas no total mais de vinte universidades brasileiras.

aparecem três instituições privadas (Estados de Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso) e uma fundação de pesquisa do Rio de Janeiro. As instituições com maior quantidade de respondentes são públicas (federais e estaduais). A tabela enfatiza que as duas regiões mais importantes em termos de pesquisa (Sul e Sudeste) foram os locais escolhidos pelos docentes para buscar qualificação. Como resultado pode ser colocado em realce à articulação desses LGs, buscando representatividade da Unemat nesses *lôcus* de produção de pesquisa qualificada, disponibilizado na Pós-graduação.

Lima e Maranhão (2009) destacam que nos critérios de natureza acadêmica de instituições de sucesso, as que conquistaram notório prestígio internacional em pesquisas são as mais procuradas por se revelarem qualitativamente superior. Essa escolha acontece por todo tipo de acadêmico, brasileiro ou estrangeiro, seja na graduação ou na Pós-graduação, que acabam fazendo a opção por instituições que possuem referência internacional<sup>85</sup>, tais como as citadas: UFRGS, Unesp, Unicamp, entre outras.

A IES que possui essa categorização recebe maior financiamento da CAPES e do CNPq. Esse é um movimento nacional que também pode ser observado noutros países, para Litwin (2009) quem recebe uma maior cota de investimento, atinge uma taxa de crescimento que supera as demais e a pesquisa é fundamental na determinação do prestígio e porte das IES<sup>86</sup>. Altbach (2009) constata que a pesquisa passou a ser o valor central das universidades, “[...] Premiações e prestígio institucional para membros do corpo docente são outorgados principalmente com base em produtividade de pesquisa” (p. 31).

Na identificação dos LGs foi solicitado se foram bolsistas em algum momento durante sua formação acadêmica. Infere-se que sessenta entrevistados foram bolsistas. As bolsas contribuem na formação do pesquisador, visto que possibilita dedicar-se aos estudos, sem preocupações de ordem financeira pessoal e profissional, produzindo credibilidade e garantia de dedicação exclusiva.

A formação realizada através de Minters e/ou Dinters, opção praticada pela Unemat, não oferece essa exclusividade. Esses projetos caracterizam-se pelo atendimento em caráter temporário e sob condições especiais, distinguindo-se pelo fato de que partes das atividades são desenvolvidas no *campus* de origem dos estudos (CAPES, 2013). Assim, os docentes trabalham alguns períodos e noutros são afastados para a conclusão das dissertações e/ou

---

<sup>85</sup> Acesso aos dados sobre as melhores instituições de Educação Superior na América Latina e no Brasil podem ser consultadas em Ranking Web of World Universities – Top 12000 Webometrics (RANKING, 2013) ou em Academic Ranking of World Universities (ARWU) – Shanghai (ACADEMIC, 2013).

<sup>86</sup> Estudos sobre reputação institucional e prestígio acadêmico como determinantes no reconhecimento do sucesso das IES podem ser consultados também em Clark (1992).

teses. Somente nas situações de estágio obrigatório, os docentes recebem bolsas, dependendo da previsão orçamentária do projeto.

A partir dessa caracterização, pode-se vislumbrar o desenho dos grupos de pesquisa na IES e da amostra dos líderes que foram entrevistados neste estudo de caso. Depois desse delineamento, as análises se debruçam em questões pontuais de ordem conceitual e experiencial dos respondentes com relação a pesquisa e a Pós-graduação.

#### 4.2 O “pensar” sobre a pesquisa: concepções e experiências

As questões que estão no centro das discussões da Pós-graduação e cuja compreensão são cruciais convergem para algumas categorias, entre elas as concepções e as experiências dos LGs. Essas se desdobram em outras subcategorias candentes que perpassam a contenda sobre a universidade e se refletem nas possibilidades de integração da Unemat às redes, propositura desta investigação.

A ideia desenvolvida a partir deste momento é além de demonstrar os dados coletados no estudo de caso, discuti-los num sentido mais amplo, trazendo elementos analíticos que servem para a composição dos cenários propositivos. Essa foi a tonalidade dos fios e os nós utilizados para a constituição do “pensar”, do “olhar” e do “agir” sobre a pesquisa e consecutivamente das RedSig categorizadas em cada uma das etapas.

Assim, traz-se para análises nessa parte inicial o primeiro contato do entrevistado com a pesquisa, além da identificação da sua concepção do ato de pesquisar. A ênfase é “pensar” sobre a pesquisa, que considera as experiências que o LG teve ao longo de sua vida acadêmica e evidencia a RedSig individual. Para isso, foram realizadas duas questões específicas que norteiam essas discussões, a primeira em que situação foi o contato com a pesquisa científica. Verificar dados coletados na tabela que segue:

**Tabela 07** – Primeiro contato com a pesquisa científica

CATEGORIAS/RESPOSTAS	QUANTIDADE DE RESPONDENTES	PERCENTUAL (%)
Iniciação Científica	41	49,4
Outra situação	17	20,5
Mestrado	16	19,3
Unemat	9	10,8
<b>Total</b>	<b>Σ83</b>	<b>Σ100</b>

**Fonte:** Pesquisa de campo com LGs da Unemat (2012).

É nítido que o primeiro contato da amostra foi na graduação através da iniciação científica. Essa foi à categoria explicitada por 49,4% dos respondentes, chegando muito

próximo à metade do total de respondentes. A segunda opção mais citada (20,5%) foi em diferentes situações identificadas como: cursos, especializações, projetos, entre outras nem sempre correlacionadas ao espaço acadêmico. Por fim, observa-se que 10,8% dos LGs tiveram seu primeiro contato com a pesquisa como docente. Isso quer dizer que essa parte da amostra não teve acesso à iniciação científica nas IES onde cursou a graduação, muito menos estavam se qualificando (mestrado) quando tiveram seu passaporte acadêmico de pesquisador iniciado, esses pesquisadores não tiveram uma bagagem relacionada à vivência.

Na segunda questão dessa parte da entrevista, abordou-se qual a concepção de pesquisa do LG, as respostas foram abertas gerando uma infinidade de possíveis elementos a serem considerados analiticamente. Para melhor visualização na tabela que segue, apresentam-se as principais categorias.

**Tabela 08** – Concepção de pesquisa

CATEGORIAS/RESPOSTAS	QUANTIDADE DE RESPOSTAS	PERCENTUAL (%)
Responder perguntas/produção do conhecimento	59	50
Descoberta/inovação	26	22
Resposta complexa/difícil	18	15,3
Publicar/socializar resultados	15	12,7
<b>Total</b>	<b>Σ118*</b>	<b>Σ100</b>

**Fonte:** Pesquisa de campo com LGs da Unemat (2012).

**Nota:**

\* Conforme ilustrado, a entrevista possibilitava respostas abertas, o que gerou uma quantidade maior de indicações do que o número total de respondentes. Essa particularidade estará disposta noutras tabelas à frente.

Vale trazer nesse momento analítico alguns pressupostos teóricos que ainda não foram abarcados para conduzir as reflexões sobre as concepções de pesquisa. Entre eles, a resolução nº. 085/2007 que caracteriza a pesquisa neste espaço universitário como:

[...] um processo e atividade investigativa e experimental que problematiza, analisa, critica e produz o conhecimento nas múltiplas características filosóficas e epistemológicas, considerando os contextos sócio-cultural, econômico, político, educacional e ambiental, os quais constituem as estruturas, organizações e relações nas complexas sociedades modernas, gerando ciência, tecnologia [...] (Conepe, 2009a, p. 01).

A mesma resolução indica que seu objetivo é a crítica, a produção e a socialização do conhecimento filosófico, científico, artístico, tecnológico e cultural, e assim articula as teorias e as práticas sociais, realimentando o ensino e a extensão, voltados para a comunidade e para a sociedade, promovendo o desenvolvimento (Conepe, 2009a). Essa legislação regulatória



tem seu aporte teórico em Alves (1996) e Calderón (2007) no tocante à necessidade da indissociabilidade das atividades do ensino e da pesquisa.

Porém, nas respostas sugeridas pelos LGs nem se ventila essa possibilidade, visto que demonstram preocupação com a produção do conhecimento (50%) enquanto descoberta científica (22%) e sua publicização (12,7%). Nessa questão, em nenhuma situação, foi correlacionado o tripé (ensino, pesquisa e extensão). Para a amostra dos LGs a concepção do ato de pesquisar está hibridamente relacionada com a produção do conhecimento e não demonstra indícios de preocupação com o ensino. Dessa forma, Isabel Cunha (2001) orienta que é importante encontrar soluções para superar as dificuldades que se tem vivenciado na utilização da pesquisa, tanto como produção científica quanto como processo de ensino.

Leite (2006) destaca que com a reforma universitária de 68, foram conhecidas, referendadas e difundidas as atividades-fins da universidade. A tendência dessa lei era acentuar o binômio ensino-pesquisa, convertendo a pesquisa numa atividade nuclear, de forma que o ensino dela decorresse. Mas, isso ainda não aconteceu dessa forma em todas as IES brasileiras, apenas em algumas teve efetividade.

Incrementando uma análise mais pontual com relação à resolução do Conepe que define e indica o objetivo da pesquisa na Unemat, percebe-se que as respostas dos LGs se solidarizam com a resolução. A categoria produção do conhecimento que teve a maior quantidade de respondentes (50%) está presente na referida resolução no excerto “produz o conhecimento nas múltiplas características”.

Com relação à categoria publicar/socializar resultados (12,7%) se consubstancia no fragmento da resolução “a socialização do conhecimento filosófico, científico, artístico, tecnológico e cultural”. A categoria descoberta/ inovação não aparece referendada na legislação. Relembrando Bourdieu (1989) a pesquisa é um ato criador, no sentido de permitir acesso à produção do saber. Ainda sobre a divulgação dos resultados alcançados pela pesquisa, cada vez é mais vital que o pesquisador socialize a sua pesquisa, para conseguir alavancar sua carreira acadêmica, sendo reconhecido como pesquisador na área, e para obter recursos financeiros para projetos vindouros, além de outros motivos tão importantes quanto.

O que ainda explana-se é a categoria resposta complexa/difícil que aparece com um percentual expressivo de 15,3%. Esses dados revelam a complexidade da pergunta de uma ação realizada cotidianamente pelos LGs. Muitos respondentes divagaram e ao final de algum tempo, conseguiram formular um conceito do que na sua percepção seria o ato de pesquisar.

Para realizar a análise fatorial nesta parte do estudo, foram cruzadas as concepções com as áreas do conhecimento, a formação dos LGs (titulação e região de origem) e contato inicial com a pesquisa. O resultado estatístico pode ser observado na tabela que segue:

**Tabela 09** – Análise fatorial: correlação das concepções de pesquisa

ÁREAS DO CONHECIMENTO	CONCEPÇÕES DE PESQUISA PERCENTUAL (%)*			
	DESCOBERTA	RESPONDER PERGUNTAS	PUBLICAR RESULTADOS	RESPOSTA COMPLEXA
Ciências Humanas	34,6	39	20	55,6
Ciências Biológicas e da Saúde	15,4	18,6	33,3	22,2
Engenharia e Ciências Exatas e da Terra	26,9	11,9	26,7	11
Linguística, Letras e Artes	15,4	11,9	0	5,6
Ciências Agrárias	7,7	15,3	13,3	5,6
Ciências Sociais Aplicadas	0	3,3	6,7	0
<b>TITULAÇÃO</b>				
Mestrado	27	13,6	6,6	16,7
Doutorado	57,5	67,8	66,7	77,8
Pós-doutorado	15,5	18,6	26,7	5,5
<b>REGIÃO DA TITULAÇÃO</b>				
Sul	19,2	18,6	6,7	22,2
Sudeste	65,4	67,8	86,6	44,5
Centro-oeste	11,5	13,6	6,7	33,3
Norte	3,9	0	0	0
<b>CONTATO INICIAL COM A PESQUISA</b>				
Iniciação científica	57,7	55,9	66,7	49,9
Mestrado	26,9	13,6	6,7	16,7
Unemat	11,5	6,8	19,9	16,7
Outra situação	3,9	23,7	6,7	16,7

**Fonte:** Pesquisa de campo com LGs da Unemat (2012).

**Nota:**

\* Resultado da correlação das concepções de pesquisa com a coluna um (área do conhecimento, titulação, região ou contato inicial com a pesquisa).

A partir dos elementos delineados na análise fatorial que correlaciona os dados existentes presumem-se uma série de elucubrações. A exposição não se esgota nos comentários aqui referendados, são destacados alguns que incidem diretamente nos cenários a serem construídos nesta tese. Primeiramente, o que se pode afirmar é que a maior parte dos LGs das Ciências Humanas (55,6%) estão elencados na categoria resposta complexa. Quando eram questionados sobre a sua concepção de pesquisa, expressaram dificuldade em indicar uma argumentação, conforme pode ser observado nos fragmentos que seguem:

Bom, pesquisar pra mim é... Puxa vida! Essa pergunta tão vasta, não dá para delirar...[risos] (LG53).

É até difícil você fazer um conceito de pesquisa [...] (LG57).

Pesquisar?!!! Xiiiiii [sorriu] (LG61).

Hum, essa perguntinha é uma tese né [sorriu] (LG64).

A gente faz! Aí, você nunca pará “*prá*” pensar num conceito de pesquisa. E para falar, é meio complicado! (LG65).

Então, eu acho difícil te dizer assim, pesquisa é para mim uma coisa [...] (LG69).

Complicado, são muitas coisas que eu acho (LG70).

Para as outras áreas (Exatas, Agrárias e Linguística) a resposta foi simples e objetiva, levando à primeira e à segunda categoria demonstradas na tabela. Na área das Ciências Sociais Aplicadas não houve respondentes que sinalizaram a concepção resposta complexa. E nas Ciências Biológicas a dificuldade pode ser considerada razoável, com 22,2% do total de entrevistados desta área. O que prevaleceu foi uma preocupação constante das Humanidades com a concepção do ato de pesquisar. Acredita-se que esse indício tenha imperado pelo motivo de que esses pesquisadores têm forte formação pedagógica e são responsáveis pela disciplina de Metodologia Científica. Em sendo desta forma, tem clareza desse universo com relação à importância da pesquisa, visto que o trabalho diário com os acadêmicos em sala de aula permite essas reflexões.

Em segundo lugar, comenta-se que na categoria relacionada à concepção de pesquisa como publicação dos resultados, as áreas que se sobressaíram foram as Ciências Biológicas, Engenharias e Ciências Sociais Aplicadas. As Ciências Humanas obteve o menor resultado (20%) e demonstra que sua concepção tem outro princípio basilar que não a preocupação em socializar os resultados. A área das Agrárias teve preocupação mediana com relação à concepção de pesquisa como uma forma de divulgação do conhecimento (13,3%) e na Linguística não houve respostas que indicassem essa categoria. É extremamente preocupante, e no mínimo intrigante, uma área que tem como fundamento a língua (oral ou escrita) não exibir nenhuma conceituação relacionada à publicação dos resultados das pesquisas. Seus respondentes se concentraram na concepção de pesquisa como descoberta (15,4%), juntamente com a Engenharia (26,9%).

Em terceiro lugar, reconhece-se que na concepção de pesquisa categorizada na tabela como responder perguntas, as Ciências Agrárias ocupou a maior representatividade (15,3%), apontando o aspecto instrumental de suas atividades de pesquisa, principalmente as que se relacionam ao agronegócio no Estado de Mato Grosso. Em suma, enquanto as Ciências Humanas demonstram preocupação com a concepção do ato de pesquisar; outras áreas sinalizam a necessidade de responder perguntas; e outras ainda em descobrir algo que possa

solucionar problemas da sociedade; por fim, há as que têm como concepção eminente a socialização do conhecimento produzido.

Analiticamente é possível dizer que esse resultado tem relação direta com o capitalismo acadêmico (SLAUGHTER e LESLIE, 1997) quando converte pesquisa em produção, enfatizando a pressa e o predomínio do tempo. Lipovetsky (2004) esclarece que o tempo é cada vez mais visto com preocupação e exerce pressão crescente e constante. A quantificação da produção do conhecimento<sup>87</sup> adaptou-se as permanentes mudanças promovidas pela inovação seguindo o nexos do lucro empresarial.

Assim, a lógica da produção acadêmica é fruto do sistema capitalista, onde a estrutura da sociedade competitiva impele os pesquisadores ao produtivismo. A ciência deixa de ser um constructo refletido a partir de uma real lacuna da sociedade para se tornar a medida de sucesso, refletida pública e explicitamente no *lattes*. Não importa o caminho ou o percurso para chegar à determinada descoberta ou contribuição científica, o que prevalece é a quantidade de publicações num determinado tempo. Esse é o dilema hipermoderno é o paradoxo vivenciado pelos docentes.

Reconsidera-se a tabela 08 que demonstra que 50% do total dos respondentes colocaram em evidência que pesquisar é responder perguntas e/ou produzir conhecimento e retornando à fundamentação teórica, pode-se compreender que os LGs deste estudo de caso possuem a preocupação da socialização dos resultados (12,7%), mas não perderam o foco da função da pesquisa na universidade. Para Enricone (1996, p. 22): “O processo de divulgação do que foi pesquisado é importante para estimular o aumento da produção”. Porém, “A pesquisa se orienta para as descobertas, e o ensino não visa somente a transmissão de um saber estabelecido, mas também a aprendizagem e a atualização de novos saberes” (p. 47).

Retomam-se as reflexões de Chauí (2001) que expôs a ambiguidade da universidade enquanto organização/instituição social destaca-se que: como organização, o interesse da pesquisa, é algumas vezes deixado de lado, dando lugar a produção com objetivo direcionado a interesses particulares. Com relação à instituição, a pesquisa deveria ser, um meio fecundo para a produção do conhecimento, concordando com os LGs da Unemat.

Nas considerações sobre a tabela 09, destacou-se ainda que quanto maior a titulação dos LGs, mais clara é a concepção de pesquisa, sendo que apenas 5,5% dos pós-doutores consideram uma resposta complexa. A indicação da concepção publicação dos resultados também se faz presente (26,7%), em contrapartida somando-se as duas primeiras categorias

---

<sup>87</sup> Já explicitada anteriormente através da Coleta CAPES e da APCN como instrumentos de medida da produtividade docente na Pós-graduação brasileira.

(descoberta e responder perguntas), o percentual de 34,1% demonstra inteligência da importância da pesquisa.

Os doutores correspondem a maior parte da amostra, principalmente nas Ciências Humanas<sup>88</sup>. Em decorrência disto, observa-se a concepção de resposta complexa com o maior percentual (77,8%), conforme subsídios apresentados que se sobrepõem aos outros índices, o qual gera uma tendência no resultado final. Sobre os mestres demonstram baixa quantidade de respostas da concepção de pesquisa publicação dos resultados (6,6%), talvez em função de muitos não estarem no espaço da academia<sup>86</sup> como estudantes, quando a cobrança é grande. Além disso, por conta da titulação ainda não fazem parte do quadro docente dos programas de Pós-graduação, *locus* de permanente discussão relacionada à produtividade acadêmica. Porém, os respondentes mestres identificam a complexidade da resposta com um índice de 16,7%, o maior de todos em sua categoria que ratifica preocupação com o ato de pesquisar.

Na busca da relação da região da maior titulação, onde os LGs obtiveram suas experiências e delinearam suas concepções, sem deixar de lembrar que a maior incidência foi na região sudeste, percebe-se que os índices em todas as categorias são expressivos, prevalece a publicação de resultados (86,6%) e uma pequena porcentagem sobre a complexidade da questão (33,3%). É notável e foi discutido anteriormente que essa região detém a maior abundância de financiamentos de projetos, bolsistas do CNPq<sup>89</sup>, além de grande quantidade de centros de formação de mestres e doutores (quadro 02). E sendo assim, a cobrança por resultados se torna eminente, se distingue de outras regiões brasileiras. Cunha (2000) indica que a autoridade científica alcançada pelos pesquisadores em São Paulo permitiu-lhes a garantia de recursos, desde a década de 60, para desenvolver pesquisas de qualidade. A Fapesp foi criada para dar cumprimento a essas ações, tendo como gestores cientistas de prestígio garantindo a respeitabilidade da IES.

As regiões sul e centro-oeste têm seus índices emparelhados em todas as categorias demonstram equilíbrio nas concepções, e uma pequena parcela (6,7% do total de respondentes) indica a socialização do conhecimento. A região norte não permite comparações, em função de ser baixo o número de titulados e não divergirem.

Na análise proporcionada pela abordagem da multivariação, quando relacionado à concepção com o contato inicial com a pesquisa, verificou-se que o percentual da concepção resposta complexa (49,9%) se destaca para os que tiveram iniciação científica e para o restante o índice é análogo (16,7%). Parece evidente que os LGs que começaram as atividades

---

<sup>88</sup> Informação coletada em tabelas e gráficos complementares da análise fatorial que não estão dispostas na tese.

<sup>89</sup> Verificar mais informações no estudo de Mendes *et al* (2010).

de pesquisa ainda na graduação demonstram consciência da sua complexidade e possuem maior experiência também, visto estarem envolvidos nesse universo desde o momento inicial de sua formação.

A predominância dos LGs que tiveram o seu primeiro contato com a pesquisa no mestrado está na categoria descoberta (26,9%). Já os que se relacionaram primeiramente na Unemat indicam a categoria publicar resultados (19,9%) e os que procederam noutras situações seu contato correspondem a 23,7% da concepção responder perguntas. Mesmo que esse contato tenha sido fora do âmbito acadêmico, conforme explicitado em análises anteriores, os LGs tem consciência do que estão realizando em suas atividades de pesquisas com relação ao seu objetivo e finalidade, os quais ratificam afinidade teórica com a concepção expressa na resolução nº. 085/2007 do Conepe.

Enfim, salienta-se uma infinidade de digressões possíveis a partir dos dados, entretanto, a impossibilidade de esgotar as análises nesse momento é expressiva, em função da quantidade de tabelas que a análise estatística produziu e que precisariam ser demonstradas. Porém, corrobora-se a título de síntese a importância do contato inicial da pesquisa na graduação, o norteamento da titulação nas regiões sudeste e sul, as características necessárias à prática da pesquisa e sua conceituação que estiveram nas categorias deste estudo de caso. Esses elementos são diferenciais no cenário propositivo que se vislumbra a seguir, considerando a RedSig que o pesquisador vivenciou ao longo de sua vida acadêmica.

#### 4.2.1 Cenário A – Rede de significações do pesquisador

Para fechar a parte antecedente que apresentou os subsídios sobre as concepções e as experiências dos LGs, onde foi possível compreender a RedSig da formação dos respondentes, aqui se organiza o primeiro cenário propositivo para a consolidação da pesquisa e da Pós-graduação na IES. Busca-se realçar as cores que tingiram o tecido dessa rede em suas múltiplas e interativas dimensões do pesquisador na Unemat.

Leva-se em consideração o *corpus* que caracterizou os entrevistados e sua *expertise* sobre o ato de pesquisar, pondera-se que os LGs se constituíram a partir de um histórico acadêmico num contexto não exclusivo de apenas uma região. Esses locais compuseram a rede individual de significações dos pesquisadores, na qual foi envolvido durante a formação.

Os dados também indicam que sua formação, se deu a partir da iniciação científica e qualificação na graduação, depois se inseriram em mestrados e doutorados em instituições brasileiras de qualidade que ofereceram estrutura para estabelecer o perfil de pesquisador. Percebe-se que as instituições elencadas como formadoras são espaços de pesquisa

consolidada e de qualidade, o que cooperou significativamente na concepção dos mestres e doutores da Unemat. A partir das experiências vivenciadas como bolsistas nessas IES, quando retornam ao trabalho tem a opção de escolher se querem ou não desenvolver pesquisas em projetos individuais ou coletivos. Assim, o aprendizado vivenciado pode contribuir na transposição dessas práticas ao seu local de trabalho nos vários *campi*.

Surgem, então, os delineamentos preliminares para o primeiro cenário propositivo na especificidade da RedSig individual do pesquisador, que resultou em duas categorias: as bolsas de iniciação científica e os projetos de pesquisa com interface no ensino e na extensão. É cabível lembrar que a propositura da tese compreende que a universidade pode adensar e densificar suas políticas e ações, os desenhos rascunhados são no sentido de potencializar esse processo.

O cenário tem incidência direta na graduação através do adensamento (processo) e da densidade (produto) das bolsas de iniciação científica na Unemat. Um aspecto que deve ser considerado no contorno desse desenho é a vinculação da pesquisa à Pós-graduação. Embora a política governamental e institucional não implique em transferir pura e simplesmente para o âmbito dos programas toda a atividade científica, a realidade é que os incentivos financeiros dos projetos são canalizados para esse espaço. Porém, precisam ser estendidos ao nível da graduação. Para se refletir sobre essa proposição, lembra-se que levando em conta as garantias financeiras conseguidas em 1991 na primeira negociação orçamental da Unemat, foi criado o programa de bolsas de iniciação científica e de extensão. Esse foi um marco regulatório (microrregulação local), dez anos depois, a IES institucionaliza seu programa de bolsas nos moldes do CNPq (regulação nacional).

Zattar, Tavares e Artioli (2010) esclarecem que a iniciação científica privilegia a participação de alunos em projetos com qualidade acadêmica, mérito científico e orientação adequada, individual e continuada. Tem como objetivo incentivar o desempenho acadêmico e despertar o interesse pela Pós-graduação e sua finalidade é o engajamento na pesquisa.

Segundo Demo (2008) há um importante fundamento nos programas de bolsas, o impacto formativo nos/dos acadêmicos. Embora seja um programa restrito<sup>90</sup>, os que conseguem o benefício, acabam aproveitando melhor o curso e tem oportunidade de pesquisar. “Ocorrem aí duas dinâmicas entrelaçadas e cruciais [...]” (p. 78). No plano da

---

<sup>90</sup> Maiores esclarecimentos consultar Bridi (2010), bem como os estudos de Altbach (2009) que destaca que: “Universidades de pesquisa constituem o cume do sistema acadêmico, servindo apenas aos estudantes mais capazes; essas correspondem a um número modesto de instituições” (p. 33).

qualidade, a pesquisa oferece a oportunidade de cultivar o hábito da produção do conhecimento, gerando postura de pesquisador.

Na AC realizada nos anuários de 2004 a 2012, percebe-se que nem todos possuem informações detalhadas sobre a distribuição das bolsas na Unemat. Apenas no último anuário encontram-se evidências das bolsas exclusivas da pesquisa, que tiveram a seguinte evolução:

**Quadro 10** – Involução das bolsas institucionais de pesquisa (2004-2011)

ANO	QUANTIDADE DE BOLSAS
2004	302
2005	240
2006	114
2007	97
2008	289
2009	81*
2010	162
2011	221

**Fonte:** Anuário (2012).

**Nota:**

\* Não há especificações com relação à distribuição das bolsas de pesquisa, indicou-se apenas a quantidade total do período. Reforça-se então, que eram divididas entre: pesquisa, extensão, apoio e outras.

Nesse quadro visualiza-se a instabilidade da quantidade de bolsas destinadas aos acadêmicos. O auge da distribuição ocorreu em 2004, período correspondente a microrregulação local através da estruturação dos núcleos de pesquisa (instrução nº. 001/Conepe). Depois, decresceu gradativamente até 2007, por motivos orçamentários e falta de incentivo à pesquisa que na época não era prioridade na IES<sup>91</sup>. Além disso, os 30% de docentes efetivos não garantia a execução de projetos, pois tinham sobrecarga de trabalho no ensino; e os interinos (70%) com contratos de 20h/a (informação concedida pela Prad) não desempenhavam essa atividade.

Em 2008, resultado da implantação do plano de cargos e salários, dedicando horas exclusivas à pesquisa, houve crescimento para viabilização das atividades relacionadas à produção do conhecimento. Porém, em 2009, outra queda no quantitativo de bolsas. A justificativa encontrada no anuário (2009) foi que por medidas de contenção de gastos houve retração da oferta. Após esse período, a quantidade de bolsas vem crescendo ano a ano, consequência do resgate de políticas e práticas incentivadoras da pesquisa na IES correlacionadas ao adensamento. Hoje, segundo anuário (2012), as bolsas de pesquisa representam 36% do total de concessões geral na Unemat aos acadêmicos.

<sup>91</sup> Verificar informações da diminuição das bolsas e do orçamento institucional nos anuários correspondentes.



Na AC realizada nas respostas dos LGs, a iniciação científica foi categorizada como condição impulsionadora da pesquisa na IES (incidência de dezesseis vezes). Sete dos dezesseis entrevistados enfatizaram a importância dos bolsistas para suas atividades de pesquisa, seguem alguns relatos:

[...] é uma forma de poder fazer pesquisa, é um incentivo muito grande na relação de bolsas para os discentes [...] Pois, você consegue fazer porque aí você tem bolsista. Você tem como fazer suas pesquisas, tem instrumentos para isso (LG10).

A iniciação científica acho que está mais próxima, até mesmo porque o contato mais intenso entre orientado e orientador é diário. Meu bolsista fica comigo oito horas por dia (LG13).

Nós tivemos cem bolsas da Unemat para pesquisa. Eu acho que melhorou muito porque no ano passado não tinha! (LG48).

Esses comentários dos LGs de áreas do conhecimento extremamente diferentes (os dois primeiros das Ciências Exatas e da Terra e o último das Ciências Humanas) enfatizam que se há política de distribuição de bolsas, pode-se adequar substancialmente o desempenho das atividades de pesquisa. A iniciação científica é importante para as duas partes envolvidas, tanto para o docente quanto para o acadêmico, pois quando um aluno participa de um projeto de pesquisa na universidade, está num momento privilegiado para estabelecer uma relação com o saber. Para Velloso e Velha (1997) estudantes com bolsa progridem mais rapidamente no curso. Além disso, “a evidência empírica obtida indica que as bolsas têm inestimável valor do ponto de vista do desenvolvimento da ciência e da tecnologia no país” (p. 18).

Deve-se, porém, ressaltar que a maior parte das bolsas é de iniciação científica, e que nenhum dos respondentes se referia a bolsas de Pós-graduação. Velloso e Velha (1997) indicam que na graduação, as bolsas promovem a participação dos alunos em projetos que podem estimular a formação de futuros pesquisadores que no mestrado e no doutorado tem suas funções fortalecidas e ampliadas. Os LGs concordam e suscitam soluções:

Bom, eu acho que a Unemat deve financiar iniciação científica, fortemente, porque pela qualidade dos nossos alunos não dá para contar só com órgãos externos, como CNPq, para dar suporte e manutenção desse aluno na graduação. Então, eu acho assim: que tem que fazer um programa forte, dispondo 100% dos recursos de apoio ao aluno. A iniciação científica tem que crescer muito e rapidamente na Unemat, porque esse aluno precisa melhorar. Senão, nós vamos ter um vácuo lá nas Pós-graduações em 2013 e 2014. Nós vamos sentir esse vácuo! (LG22).

O que eu acho legal e tem que continuar pelo menos é a política de bolsas. Tem que ter recurso interno para projeto de pesquisa, para bolsas de mestrado, além da inicialização científica [...] (LG28).

E nós pensamos também em começar a preparar alunos de graduação de uma forma mais sistemática para a pesquisa com a iniciação científica (LG46).

A iniciação científica deve ser reforçada na Unemat, porque um bom programa pode compensar parcialmente algumas das carências de formação. O Programa Institucional de

Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) apoiado e liderado pelo CNPq é também estimulador dessas práticas. A produção científica dos estudantes que se integram à pesquisa e a aceleração das carreiras são salientadas por Palatnik (1998).

O estímulo a co-autoria em artigos e comunicações em congresso, além de missões de pesquisa, onde se podem apreender técnicas ou tornar-se parte de expedições científicas, devem ser ampliadas aos acadêmicos. Para isso, a articulação em redes que contemplem essas possibilidades tanto no Brasil como fora dele são imprescindíveis, colabora no desenho do cenário para a estabilidade e maturidade da Pós-graduação. O que falta hoje na IES são práticas que garantam isso através de incentivos financeiros. Fialho (2005) considera que

A alta concentração de recursos, por exemplo, que se observa para as universidades das regiões Sul e Sudeste e que se traduz na alocação direta, realizada através das agências oficiais de financiamento para a pesquisa básica e aplicada, para a concessão de bolsas de estudo e bolsas de iniciação científica, para os programas de pós-graduação *stricto sensu*, é frequentemente, fruto de decisões que se apóiam em argumentos cuja lógica ressalta a capacidade instalada que essas universidades já detêm. Ora, a capacidade instalada não é uma condição abstrata, posta *desde sempre*, mas resultado de um processo histórico, mobilizado por condições econômicas, políticas, sociais, culturais, etc., e só pode ser apreendida em sua historicidade (p. 48 – grifo da autora).

Esse desenho prospectivo contribui para que a IES possa viabilizar as condições de pesquisa angariando um número maior de bolsas dos órgãos de fomento nacionais. Assim, se conseguir ensejar uma política interna coerente de incentivo à distribuição de bolsas na graduação, consecutivamente a Pós-graduação será potencializada com pesquisas arrojadas.

Toda essa movimentação de inicialização científica desemboca na segunda categoria para o desenho de um cenário para a consolidação da pesquisa, que são os projetos de pesquisa com interface no ensino e na extensão. Considera-se a vasta discussão teórica apresentada anteriormente do divórcio entre as três funções da universidade, aponta-se essa saída como complemento a distribuição permanente das bolsas. Cury (2004) colabora com essa circularidade e capilaridade quando expõe que um campo que apresenta avanços com resultados palpáveis de integração entre pesquisa e ensino é o da iniciação científica. “Tal programa introduz, sob orientação docente, o estudante à pesquisa desde a graduação e possibilita maior circulação entre a graduação e a pós-graduação” (p. 788).

Esse cenário composto por projetos de pesquisa com interface no ensino e na extensão é um movimento inverso ao que existe na Fapemat que são os projetos de extensão com interface na pesquisa. A proposta é uma ampliação e reversão destes, advogando em favor da causa da indissociabilidade do tripé, é evidente que nem todos os projetos terão essa obrigatoriedade, mas pode-se garantir que alguns deles a possuam. “Há, ainda, a necessidade

de uma fecunda articulação entre as funções da universidade – ensino, pesquisa, extensão -, sem que haja a supremacia de uma sobre as outras” (CLOSS, 2002, p. 166). Didriksson (2008b) também concorda que:

La investigación es una función central para el nuevo desarrollo de las universidades, que cuenta con el mayor impacto hacia fuera y hacia adentro, por lo que debe revalorizarse desde la perspectiva de sus relaciones con la docencia y la construcción de aprendizajes. En relación con el impacto externo, un porcentaje muy importante del conocimiento generado en las macrouniversidades, ha contribuido de manera notable a la solución de los problemas de la sociedad (p. 434).

Com essa articulação seria possível encampar a proposta de uma universidade de inovação com pertinência social, posto que a pesquisa relacionada ao ensino e à extensão é um baluarte para que a IES ganhe credibilidade. Como as universidades são espaços privilegiados de produção do conhecimento, são dinâmicas e tem compromisso com a transformação social, essa ampliação se daria através de uma conjuntura institucional.

Altbach (2009) expõe que: “As instituições acadêmicas operam em um ambiente global e trazem ciência e erudição de todo o mundo para a comunidade local. As universidades são os elos centrais com a comunidade científica internacional” (p. 32). Nesse movimento global/local, vislumbra-se o atendimento da população através dos conhecimentos produzidos pelas universidades de inovação com pertinência social. Kourganoff (1989) ressalta que é preciso pensar, de forma sistemática e produtiva, nos modos de articulação entre ensino e pesquisa, em lugar de decretar que são funções indissociáveis.

Acrescenta-se a essa conjuntura, os fatores institucionais que determinam as práticas do pesquisador na medida em que pertence a um campo intelectual (área do conhecimento ou *campus*/território) dotado de uma estrutura (reitoria/pró-reitoria/departamento), incluído num campo de poder (órgãos de financiamento<sup>92</sup>). Há posicionamentos diferentes dos LGs nas unidades acadêmicas que estão lotados, ocupa-se nesse espaço ou território uma determinada posição e construção ou não de uma atitude pró-ativa de pesquisa. Isso quer dizer, que o pesquisador tem uma posição dentro de um sistema de relações (território) que conferem particularidades (regionalização) à sua postura e suas decisões, isso está imbricado de concepções teóricas, entre elas o *habitus*. Evocando Bourdieu (1974) para sua conceituação

É um sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes. Tais práticas e ideologias poderão utilizar-se em ocasiões mais ou menos favoráveis que lhes propiciam uma posição e uma trajetória determinadas no interior de um campo

<sup>92</sup> O fomento dos projetos de pesquisa na Unemat será detalhado no próximo item deste capítulo.

intelectual que, por sua vez, ocupa uma posição determinada na estrutura [...] (p. 191).

Entre os aspectos e as condições constituintes do *habitus*, destaca-se entre outros a formação, enfatiza-se os lugares que o LG estudou e as atividades que desenvolveu. Isso compõe o resultado das ações individuais que podem garantir o desenvolvimento da pesquisa na IES, incidindo diretamente no cenário prospectivo desenhado a partir da RedSig individual do pesquisador. Conforme o LG32 declara: “[...] muitos professores não tem essa vivência que a gente que veio de grandes centros tem. Entendeu?!”.

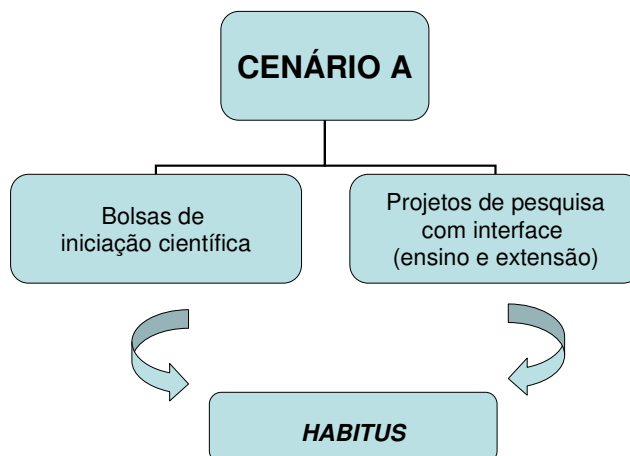
As ações pessoais não pertencem só ao sujeito que as perfaz, mas, ao sistema de relações nas quais e pelas quais se realizam. Bourdieu (2011) chama de *habitus* as maneiras de ser permanentes e duráveis que podem levá-lo a resistir ou a opor-se às forças do campo. Assim, em cada campo, o *habitus*, socialmente constituído por embates entre indivíduos e grupos, determina as posições; e, o conjunto de posições determina o *habitus*, numa circularidade. Para Bourdieu (1974), as práticas são compreendidas e sustentadas por um sistema de elementos universais, mas as estruturas devem ser analisadas a partir da prática. Nesse sentido, no *habitus* a percepção e a sua ação são constituídas segundo as estruturas do que é perceptível e julgado razoável na perspectiva do campo em que se inscrevem. “Ele é sujeito da estrutura estruturada do campo, dos seus códigos e preceitos. Mas, dentro de limites, de restrições inculcadas e aceitas, a sua conduta [...]” (BOURDIEU, 2004, p. 32).

Thiry-Cherques (2006) se alimenta da concepção de Bourdieu e enfatiza que o *habitus* é considerado um sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer, que levam a uma ação determinada numa circunstância específica. É adquirido por aprendizagem e funciona como um sistema de esquemas geradores de estratégias que levam em consideração os interesses, referendando o reconhecimento das regras de um campo. Em sendo dessa forma, “[...] é o produto da experiência biográfica individual, da experiência histórica coletiva e da interação entre essas experiências” (BOURDIEU, 2004, p. 34).

A ação do pesquisador da Unemat, nesse caso específico, acontece dentro da estreita liberdade entoada pela lógica do campo ou do território institucional, além da situação que ocupa nele. É mediante este processo que o *habitus* do pesquisador impele a práticas (fazer ou não projetos de pesquisa; encaminhar ou não para financiamento de órgãos de fomento). Os campos, aqui nessa tese são entendidos como territórios da unidade acadêmica, além da área do conhecimento, resultam de processos de diferenciação social, da forma de ser e do conhecimento que exaurem e são “espaços estruturados de posições” (BOURDIEU, 2004). Caracterizam-se por agentes dotados de um mesmo *habitus*, estrutura-se e constituiu-se o

campo. O *habitus* é a internalização ou incorporação da estrutura social; enquanto que o campo é a exteriorização ou a objetivação do *habitus*.

Sintetiza-se o cenário da RedSig do pesquisador, para ressaltar as categorias na construção desse desfecho na figura a seguir:



**Figura 02** – Cenário A: rede de significações do pesquisador  
**Fonte:** Nez (2013).

As discussões que serão travadas no próximo item trazem os dados analíticos dos respondentes sobre a IES deste estudo de caso, compreendendo a operacionalidade e a ambiência do ato de pesquisar, nos vários *campi* da Unemat. Essas reflexões permearão o desenho do próximo cenário para a consolidação da pesquisa e da Pós-graduação, com vistas à uma cultura institucional para o refinamento do *habitus* do pesquisador.

#### 4.3 O “olhar” sobre a instituição: o operacional e a ambiência

A partir da revisão da literatura e dos dados apresentados até aqui, foram identificados e desenvolvidos alguns conceitos e reflexões com fins precípuos de orientar o estudo de caso em questão. Assim, analisar os aspectos relacionados à operacionalidade que diz respeito ao ambiente de produção da pesquisa também foi obrigatório, pois ficar apenas com os elementos relativos à formação, a experiência e a concepção do pesquisador poderia demonstrar apenas uma parte da realidade. Buscou-se o desvelamento das práticas do ato de pesquisar para subsidiar procedimentos analíticos necessários a complementaridade dessa investigação multimetodológica.

Os diversos níveis de significação (individual/local do pesquisador e institucional/global da Unemat) articulam-se num sistema unitário de compreensão, onde as reflexões realizadas terão sentido de totalidade do contexto, fugindo de uma significação

parcial que poderia ser considerada uma decifração mutilante. Nessa parte da tese trazem-se para análises as informações específicas relacionadas aos projetos de pesquisa e seus agentes financiadores. A característica chave desse momento é “olhar” sobre a operacionalidade da IES, vislumbrando compreender a ambiência da pesquisa a partir da percepção dos entrevistados.

Para conseguir identificar as linhas e os nós pertinentes a essa malha foram realizadas várias questões que nortearam a tessitura da trama. Um dos questionamentos era sobre a quantidade de participações em projetos de pesquisa. Observar resultados na tabela que segue:

**Tabela 10** – Número de participação em projetos de pesquisa

RESPOSTAS QUANTIDADE DE PROJETOS	QUANTIDADE DE RESPONDENTES	PERCENTUAL (%)
0	2	2,4
1	42	50,6
2	18	21,7
3	10	12
4	4	4,8
5	2	2,4
6	1	1,2
7	3	3,7
10	1	1,2
<b>Total</b>	<b>Σ83</b>	<b>Σ100</b>

**Fonte:** Pesquisa de campo com LGs da Unemat (2012).

É salutar destacar que as participações podem ser como equipe executora do projeto ou numa atividade eventual, como explicitado pelo Diretório de grupos de pesquisa do Brasil (DGPB)<sup>93</sup>. Uma situação exemplificadora foi o comentário da LG10 que informou ter oferecido auxílio estatístico num determinado projeto noutra área do conhecimento. Vale-se aqui nesse momento da observação de que a inserção num projeto deve ser exclusiva para pesquisar, proporcionando avanço e busca da qualidade científica. Conforme disposto na resolução nº. 014/2011: “Entende-se por projeto de pesquisa toda proposta de atividade formulada com vistas a produzir informações que complementam ou superam o conhecimento já produzido e que buscam a solução de um problema considerado de relevância social” (Conepe, 2013, p. 01).

Na tabela verifica-se que o maior percentual da amostra (50,6%) tem participação em um projeto e 21,7% dos entrevistados estão inseridos em dois, muitos LGs categorizam sua

<sup>93</sup> Projeto desenvolvido pelo CNPq em ação conjunta com o MCT que constitui-se numa base de dados que contém informações sobre os grupos de pesquisa do País. Os dados dizem respeito aos pesquisadores, estudantes e técnicos, às linhas de pesquisa e à produção científica e tecnológica. Além disso, cada grupo é situado no espaço (estado e instituição) e no tempo (DIRETÓRIO, 2013).

participação como efetiva e determinante nas atividades do projeto que participam. Mesmo com a obrigatoriedade no regime de trabalho de dedicação exclusiva da Unemat de vinculação num projeto, há dois líderes que não estavam articulados a nenhum no momento da entrevista. Em contrapartida, há um índice extremamente relevante (25,3%) que estão alocados em mais de três projetos. Há também um docente que participa de dez projetos. Porém, estar vinculado em inúmeros projetos não significa que o desempenho seja satisfatório e que consiga alcançar seu objetivo.

Não foi possível compreender os motivos que levaram os LGs a participar de mais de quatro projetos (13,3%). Mas, é perceptível que há entrevistados que possuem currículos produtivos e boa *performance* e que estão inseridos em vários projetos e grupos para garantir algumas das condições necessárias para aprovação de financiamento. Isso foi detectado através do arrolamento da produção científica<sup>94</sup> no *lattes* dos docentes de todos os programas de Pós-graduação da Unemat, com objetivo de analisar o adensamento e a densidade da produtividade. Percebeu-se que alguns docentes se repetiam em vários programas, assim, disponibiliza sua produção para “contagem” naquele grupo.

Com os elementos indicados, é possível travar uma discussão sobre a questão do fomento da pesquisa, Zattar (2008) esclarece inicialmente que os projetos executados na universidade são resultados da participação dos pesquisadores em editais externos, entre eles: CNPq, Finep, e Fapemat. Porém, mesmo com a resolução nº. 085/2007 que determina como a pesquisa deve ser executada na Unemat, nem todos têm a possibilidade de desenvolvê-la igualmente. Percebeu-se isso nas entrevistas com os LGs, quando apresentaram seus posicionamentos sobre os recursos. Acompanha-se a seguir alguns fragmentos onde se destaca essa dificuldade.

Eu acredito que a política da universidade especialmente com os órgãos que conseguem financiamentos robustos, assim “tá” muito mais como *clientelismo* dentro da instituição. Então *alguns grupos de pessoas são mais suscetíveis*, que nunca tem nada [...] Eu tenho bastante crítica com relação a isso, porque a gente tem discutido muito sobre isso (LG21 – grifos meus).

Acho que nós não temos hoje um recurso próprio da universidade. Na época do FIDPEX ao menos havia, era pouco mais dava para pagar alguma despesa que tivesse um projeto. Então, eu vejo que teria que se pensar, por exemplo, em reestruturar essa “coisa” interna dos recursos para pesquisa [...] Teria que pensar um pouquinho, por exemplo, na distribuição de recursos porque isso para mim é uma das grandes preocupações (LG70).

A Fapemat eu não sei te dizer a quantidade de projetos que eu mandei e *todos foram rejeitados*. Por exemplo, o meu ex-marido mandou um projeto de linguagens, não

<sup>94</sup> Esse levantamento foi ancorado numa abordagem quantitativa para comparações da produção docente, as categorias do currículo *lattes* elencadas foram: livros/capítulo, periódicos, anais de evento, apresentação de trabalhos, e, trabalhos técnicos. Os dados analíticos não estão presentes nesta tese, pois se compõem de uma série de tabelas e gráficos, mas que permitem fazer algumas considerações que estão dispostas nesse capítulo.

foi aprovado, *mas de tecnologia aí eles aprovam*. Mas, se eu mando um projeto, por exemplo, querendo compreender o discurso do ribeirinho, *não tem interesse para eles*. Então é muito complicado esse entendimento de pesquisa que os órgãos de fomento no Brasil de modo geral tem “né” (LG80 – grifos meu).

Para a compreensão do financiamento dos projetos, verificam-se dados no gráfico seguinte, assim como a distribuição por modalidade na tabela que apresenta a análise fatorial. Para aprofundar as análises descritivas da tabela e do gráfico, considera-se que um percentual expressivo (46%) dos projetos de pesquisa existentes na Unemat são financiados pela Fapemat, que correlacionado com a área do conhecimento dispense ajuda para 21,9% dos projetos das Ciências Humanas. Nessa mesma área, a CAPES também tem predomínio financeiro (6,3%).

A Fapemat conduz certames para área específica (editais induzidos) e aceita propostas em todas as áreas do conhecimento nos editais universais, bem como apóia programas de núcleos de excelência em pesquisa e inovações nas empresas. A fundação possui apenas dez anos de funcionamento, sendo considerada recente se comparada às outras FAPs brasileiras. Há inúmeras potencialidades a serem despertadas e construídas na relação com a Unemat. Tem ao longo dos últimos anos, uma posição de órgão fomentador da pesquisa científica e tecnológica no Estado. Pelo seu estatuto, promove o financiamento de projetos e elaboram estudos sobre suas condições, identificando áreas prioritárias. Porém, as aprovações recentes enfatizaram apenas as áreas em que o Estado tem interesse, podem-se citar como exemplo, a Biodiversidade e a Biotecnologia.

Quanto ao CNPq, custeia 22% do total de projetos. As áreas que recebem maior apoio pertencem a dois grupos (Biológicas e da Saúde – 10,9% e Engenharia e Ciências Exatas e da Terra – 9,4). É perceptível a inexistência de apoio desse órgão nas Ciências Sociais Aplicadas e um investimento razoável em Linguística (4,7%). Enquanto isso, o Finep tem predominância de fomento para as Agrárias (6,3%), com as chamadas públicas nos editais de projetos estruturantes, sobretudo os que incentivam as pesquisas no bioma da Amazônia, conforme informação concedida pela PR01. O LG36 que é dessa área explicita enfaticamente que: “Só não faz pesquisa quem não quer na nossa área. Pois dinheiro tem sobrando!”

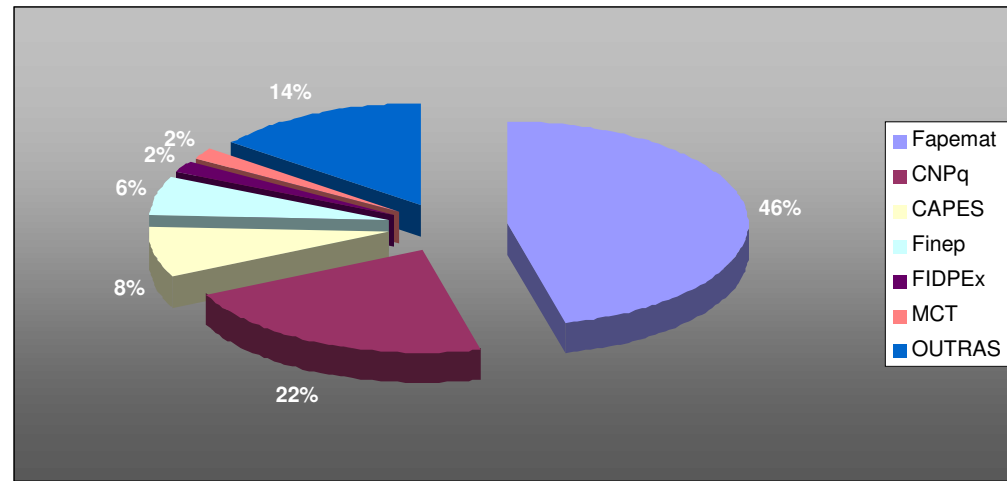
É no mínimo estranho esclarecer que o FIDPEX, mesmo sem chamada pública nos últimos anos ainda financia 1,6% dos projetos nas Ciências Humanas e Agrárias. O artigo 3º da resolução nº. 087/2007 indica que “o financiamento interno dos Projetos de Pesquisa será oriundo do Fundo Institucional de Desenvolvimento da Pesquisa e da Extensão – FIDPEX [...]” (Conepe, 2009b, p. 01), mas não apresenta informação sobre a captação desses recursos.



**Tabela 11** – Análise fatorial: correlação do financiamento de pesquisa

ÁREAS DO CONHECIMENTO	TIPOS DE FINANCIAMENTO PERCENTUAL (%)							AVALIAÇÃO DO FINANCIAMENTO PERCENTUAL (%)				
	Fapemat	CNPq	CAPES	Finep	FIDPEx	MCT	OUTRAS	INEXISTENTE	REGULAR	BOM	NÃO RESPONDEU	EM PROCESSO
Ciências Humanas	21,9	6,3	6,3	0	1,6	0	4,7	40	33,3	3,3	20,1	3,3
Ciências Biológicas e da Saúde	17,2	10,9	1,6	0	0	3,1	6,3	30,8	30,8	15,4	23	0
Engenharia e Ciências Exatas e da Terra	15,6	9,4	1,6	3,1	0	0	4,7	38,5	53,8	7,7	0	0
Linguística, Letras e Artes	9,4	4,7	1,6	0	0	0	1,6	25	50	0	25	0
Ciências Agrárias	12,5	6,3	3,1	6,3	1,6	0	4,7	20	70	0	10	0
Ciências Sociais Aplicadas	3,1	0	0	1,6	0	0	3,1	0	80	20	0	0

**Fonte:** Pesquisa de campo com LGs da Unemat (2012).



**Gráfico 04** – Distribuição do tipo de financiamento da pesquisa

**Fonte:** Pesquisa de campo com LGs da Unemat (2012).

Um projeto de pesquisa tem em média a duração de dois anos, mesmo com uma prorrogação de igual período, retomando que o fundo desde 2006 não abre editais, não é compreensível o fato dessas áreas ainda contar com esse tipo de financiamento. Há uma lacuna de como esses projetos conseguiram obter aprovação de recursos do FIDPEX na Unemat. Em sendo dessa forma, não se pode compreender que tipo de procedimento foi realizado (que não a chamada pública) para oficializar os gastos com esses projetos.

Conforme salientado nas explicitações do quadro 10, desde 2009 a Unemat atravessa problemas de ordem financeira, o que justifica a ausência de recursos na IES. A pesquisa foi uma das prejudicadas, pois sofreu sanções de todas as ordens, os dados relativos às bolsas confirmam essa situação. Essa discussão é pertinente para se identificar uma suposta “crise institucional” onde a gestão descartou auxílio financeiro para alguns projetos que não seriam considerados importantes naquele momento.

Aqui está um dos nós da RedSig institucional, nos últimos anos, a IES não promoveu nenhuma chamada de financiamento pelo FIDPEX, consecutivamente não dispendeu nenhum recurso para a produção do conhecimento. Assim, reflete-se profundamente na realização de pesquisa quando não há incentivo, apenas o aporte do tempo consubstanciado no regime de dedicação exclusiva oferecido pela Unemat não é suficiente. Maiores detalhamentos sobre as condições de realização da pesquisa estão apresentados na tabela 12.

Na AC realizada nas novas resoluções que abordam sobre a execução de projetos não há nenhum tipo de referência ao financiamento interno, apenas procedimentos para tramitação de projetos que possuam recurso externo. Nas entrevistas o fundo é uma subcategoria do financiamento da pesquisa (verificar tabela 12) que incide em dezesseis ocorrências e solicita-se sua retomada pela PRPPG. Ressalta-se no contexto da investigação dessa tese, que os recém-doutores buscam desenvolver suas atividades ancoradas nos grupos e nos projetos. Porém, muitos não encontram recurso financeiro institucional pela não perspectiva de aplicação da resolução nº. 61/2001 que trata do FIDPEX (Consuni, 2010).

Figueiredo e Sobral (1999) que vivenciam esta mesma realidade noutra IES, denunciam os mesmos problemas: irregularidade de verbas, interferência nos temas de pesquisa (redução da autonomia), seletividade (algumas áreas são prioritárias) e burocratização institucional. Acrescenta-se redução das verbas e refinamento dos critérios de seleção, que tornam o financiamento uma *via crucis* para os pesquisadores recém-formados.

O gráfico 04 demonstra que dos cento e onze projetos de pesquisa apenas 2% são financiados pela IES. A situação se torna mais complexa quando identificado que do total de oitenta e três LGs, dois não possuem projetos e o restante 22,8% não tem nenhum tipo de

financiamento. E a maior parcela de projetos não financiados (73,6%) está na Linguística e nas Ciências Humanas. Concomitantemente as Humanidades possuem maior quantidade de financiamentos da Fapemat e da CAPES (tabela 11). Referenda-se, porém, que essa área possui o maior percentual de grupos constituídos na Unemat, então, com maior demanda de fomento. A dificuldade é destacada no relato:

E o grande parceiro mesmo aqui é a *minha família*, que fomenta grande parte das coisas que tem aqui, porque quando quebra, *pensa que a Unemat vem socorrer?* Não. Então, o recurso aqui, do pesado mesmo é do dinheiro do *salário do professor*. Eu andei fazendo uns cálculos, e não é barato não! Tem equipamento aqui dentro que eu gastei R\$ 1.000,00 do bolso. Esse aqui mesmo! Eu gastei para fazer esse equipamento, eu fui lá e eu mesmo fiz o projeto, compramos ferro velho e esse motor. “Tá” aí fazendo pesquisa. Então, essa é a realidade da Unemat (LG27 – grifos meus).

Essas são as condições de realização da pesquisa constatadas na pesquisa de campo. Talvez esse tenha sido um dos impulsores para avaliar o financiamento da pesquisa na Unemat como inexistente (31,3%) ou como regular (45,8%)<sup>95</sup>. A tabela 11 torna pública que a área que informa o maior abandono é das Ciências Humanas (40%), seguida das Engenharias e Ciências Exatas e da Terra (38,5%).

Na categoria regular, excluindo-se as Humanidades (33,3%) e as Ciências Biológicas e da Saúde (30,8%) os índices se encontram acima de 50% e demonstra a insatisfação com o financiamento da pesquisa na IES. Se for levada em consideração a questão da territorialidade (dados presentes em tabelas adicionais) há um descontentamento em todas as unidades acadêmicas, não sendo privilégio de um ou de outro *campus*. Um dos LGs relatou que:

Enfim, mas o que a gente precisa também é incentivo financeiro. Eu sei que existem os editais, mas eles não são para todos [...] Eu acho que *as áreas elas são priorizadas* até pelo próprio desenvolvimento do país, hoje o que está em alta é a questão da Biotecnologia, as Engenharia, até as Exatas. Eu vejo muitos colegas, por exemplo, de Letras que reclamam muito. Enfim, muitas vezes, *há privilégios de algumas áreas* [...] (LG10 – grifos meus).

A validação do conceito bom para o financiamento dos projetos é baixa em todas as áreas do conhecimento, a tabela 11 sinaliza que não ultrapassa 15,4% nas Biológicas e Saúde, que possui apoio do CNPq (10,9%), além do MCT (3,1%) e não usufrui de financiamento institucional. Ainda com relação aos tipos de fomento, reforça-se que as outras agências<sup>96</sup> têm percentual de participação em todas as áreas, com destaque nas Biológicas (6,3%).

<sup>95</sup> Informação coletada em tabelas complementares da análise fatorial.

<sup>96</sup> Os financiadores externos são: Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Leopoldo Américo Miguêz de Mello, Fundação de Amparo à Pesquisa de vários Estados, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Ministério Público, entre outros. No total, foram informadas dezesseis agências de fomento diferentes.

Segundo o depoente LG39, “Se a gente pudesse concorrer de igual para igual aqui dentro com financiamento interno. *Porque o externo é complicado para nós que não temos titulação*, é muito complicado, primeiro que os editais eles não privilegiam a nossa área [*Ciências Sociais Aplicadas*], e depois a gente como eu falei *já sai em desigualdade*” (grifos e comentários meus). Outro relato enfatiza que:

Na Unemat, a área jurídica não possui quaisquer financiamento em pesquisa. [...] Provavelmente outras áreas possuem maiores somas de financiamento na instituição, mesmo porque já possuem aquele velho *status* científico pela quantidade de doutores que certos cursos já possuem (grifo do depoente LG37).

Isto posto visualiza-se de onde provem as fontes de financiamento da pesquisa na IES e o desenho da área do conhecimento privilegiada com recursos, além dos desdobramentos na busca de fomento. Por inúmeros motivos, em sua maior parte institucional, sejam de ordem financeira ou organizacional, há enormes barreiras em produzir pesquisas na IES analisada. A AC demonstra essas dificuldades, classifica-as em duas categorias (financiamento e condições de realização da pesquisa), visualizar dados na tabela.

**Tabela 12** – Análise de conteúdo: prática da pesquisa

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INCIDÊNCIA/ OCORRÊNCIA
Financiamento	Operacional	23
	FIDPEX (interno)	16
	Fapemat (externo)	13
	Bolsa produtividade	6
	Bolsa FAPs	2
Condições de realização	Organizacionais	29
	Infraestrutura	23
	Planejamento	20
	Tripé	17
	Iniciação científica	16
	Pró-reitoria (instrumento)	11
	Cultura	11
	Cenários	9
	Burocracia	7
	Políticas de estado	6
	Interface	6
	“Tradição”*	6

**Fonte:** Pesquisa de campo com LGs da Unemat (2012).

**Nota:**

\* Termo retirado das entrevistas.

A primeira categoria intitulada de financiamento inclui proposições afirmativas como: operacional, FIDPEX, Fapemat, bolsa produtividade e FAPs. Vale lembrar que no desenho do primeiro cenário para consolidação da pesquisa na Unemat, foi destacada a importância

das bolsas de iniciação científica, porém aqui, a referência são as bolsas para os pesquisadores (sejam de fundações de apoio ou do CNPq). Esta dimensão é caracterizada visto que as agências de fomento financiam preferencialmente grupos e/ou pesquisadores que possuam prestígio, além da produtividade docente.

Segundo dados da Assessoria da PRPPG, a IES possui apenas três bolsas produtividade num universo de duzentos e dois doutores. Entende-se que é evidente que a IES ainda é jovem e tem um longo caminho a percorrer para a produção de pesquisas de qualidade, mas é necessário empenho dos docentes com relação à socialização dos estudos, bem como a produtividade necessária para o atendimento básico da qualificação exigida para o trabalho na Pós-graduação. Essas constatações nortearão o desenho do próximo cenário propositivo para a pesquisa na IES, o LG02 tem o seguinte anseio:

*Olha assim, meu sonho é ser uma doutora pesquisadora do CNPq, e, assim, o que a gente sabe é que tem que estar num doutorado para ser bolsista produtividade do CNPq. Então, a meta é estar num doutorado interdisciplinar, porque a geografia não tem nem mestrado na Unemat. Então, seria num doutorado interdisciplinar, aí poderia orientar pesquisa e ser bolsista do CNPq, além de fortalecer o currículo (grifo meu).*

Além desse líder, outros também comentam sobre a produtividade docente:

*Porque, hoje para abrir mestrado, tem que ter currículo. Se não tiver currículo, nem adianta tentar, então, o que a gente faz é *garimpar professores* na universidade que tenham potencial e que poderiam trabalhar na área. Tentamos fazer uma proposta e enviamos, só que eu acho que não é o ideal (LG03 – grifo meu).*

*Um bom pesquisador deve publicar em torno da média de publicação/produção dos docentes atuantes em áreas correspondentes, seguindo uma média nacional de produtividade de docentes vinculados a programas de mestrado, ou buscando atingir esse quantitativo (LG12).*

É compreensível que tais indicativos sejam evidenciados pelos LGs, visto que são atividades que fazem parte da carreira docente. Além disso, o recebimento de uma bolsa desse porte como a referenciada do CNPq oportuniza possibilidade de crescimento acadêmico, e também oferece uma projeção para a pesquisa e para a Unemat.

A segunda categoria que foi nominada de condições de realização envolve inúmeros enunciados tais como: organizacionais, infraestrutura, planejamento, entre outros. O que se pode acentuar analiticamente são os aspectos organizacionais e de infraestrutura como os mais citados entre os respondentes. É elucidativo adentrar a perspectiva territorial da infraestrutura da pesquisa na IES, relembrando que alguns *campi* possuem espaço físico para desenvolver projetos. Isso é determinante no encaminhamento de uma proposta de

financiamento externo que requer contrapartida<sup>97</sup>. A distribuição geopolítica da produção da pesquisa (quadro 09) elencou os níveis e levou em conta estes dados na composição do panorama territorial da pesquisa. Com relação à infraestrutura, os respondentes informam que:

Eu acho que a Unemat tem que financiar infraestrutura, e acho que a infraestrutura mínima é ter acesso a internet, enfim, *coisas básicas*. Entendeu! Deixando que o pesquisador possa trazer financiamento de fora, porque fica difícil construir um prédio. Para isso não pagam! (LG01 – grifo meu).

Existe uma fragilidade de infraestrutura para fazer pesquisa (LG26).

Às vezes a gente não tem infraestrutura para fazer isso. Igual ao que eu te falei, gerando um desgaste (LG34/CP07).

Nós vamos até um ponto e só ele não basta! Nós precisamos de infraestrutura, no nosso *campus*, por exemplo, não só na questão da pesquisa, mas em todas as questões no ensino e na extensão, temos problemas seríssimos de infraestrutura. Quer queria ou não acaba influenciando no nosso trabalho e resultados que os próprios coordenadores da instituição almejam de cada *campus* (LG83).

No relatório da avaliação institucional (2010/2012), a infraestrutura também aparece como uma das categorias analíticas, e numa das questões sobre o que precisa ser melhorado na IES aparece com o maior índice (22,42% de funcionários; 21,39% de docentes; 16,73% de alunos e 21,85% de gestores) (RELATÓRIO, 2013). Na AC das práticas da pesquisa junto aos anseios da infraestrutura está subjacente a reflexão multicampi. Pois, manter um *campus* organizado para a pesquisa é bem diferente de criar possibilidades em treze *campi* dentro do Estado de Mato Grosso que possui distâncias abissais. Fialho (2005) considera que IES dessa natureza comportam uma profunda relação com seu contexto urbano e regional, mas para, além disso, a organização da ambiência da pesquisa numa instituição com característica multicampi, “[...] é a um só tempo, difícil, desafiadora e desintegrada, devido, sobretudo, à falta de estrutura gerencial e de recursos infraestruturais” (p. 14).

Assim, com esse panorama territorial complexo, registra-se no caso da Unemat a persistência de problemas de gestão que interferem no seu desempenho. Tratam-se, especificamente, de abordagens relacionadas ao orçamento, ao repasse financeiro, ao apoio à pesquisa, as condições físicas de trabalho, entre muitos outros que permeiam as discussões da regionalidade dos *campi* da IES. Para o LG28, há ainda elementos de destaque: “Há uma diferença muito grande dependendo totalmente do Estado para termos recursos, e somos multicampi, o que dificulta um pouco mais. Tem que retalhar um pouquinho para todo

<sup>97</sup> Até 2009, os editais FINEP cobravam das universidades estaduais contrapartida com pagamento de professores e estrutura física. A partir de 2010, começou a exigir também compensação financeira da ordem de 10% a 20% do valor total do recurso solicitado. Isso dificulta a concessão para a Unemat, principalmente pela falta de infraestrutura e de recursos orçamentários destinados a pesquisa. Vale ressaltar ainda que existem seleções públicas para projetos de implantação de infraestrutura, porém são exclusivos para universidades federais (FINEP, 2013).

mundo, que eu acho justo, porque cada um tem que ter o seu”. Alguns *campi* possuem condições para a realização de pesquisas como é o caso de Nova Xavantina.

Weihs (2008) considera que: “toda a infraestrutura para a pesquisa, iniciada desde 1995, constitui o ambiente que consideramos favorável para a produção de conhecimento, um dos pressupostos considerados neste estudo para que o pesquisador possa realizar a pesquisa em Biologia” (p. 59). Mas, isso acontece especificamente para esse *campus* que tem estudos numa determinada área e que também recebe fomento de outras agências (6,3%) conforme explicitado na tabela 11. Altbach (2009) esclarece a ambiguidade, pois que:

As funções da universidade estão cada vez mais sujeitas às forças do mercado. O conhecimento que pode gerar renda é valorizado e apoiado. As áreas que produzem pouca renda são desencorajadas ou, até mesmo, descartadas [...]. Até mesmo as melhores universidades dedicadas à pesquisa não conseguem muitas vezes se engajar com a comunidade científica internacional, patrocinar pesquisa científica de alto nível, manter boas bibliotecas e boa infraestrutura (p. 35 – grifos meus).

Logo, a relação da Unemat com o Estado e com a estrutura de poder<sup>98</sup> (Fapemat) é considerada condição histórica institucional. Entende-se que em alguns momentos a IES viveu tensões entre a necessidade de autonomia e o controle exercido por esse instrumento de financiamento ou por grupos ligados a essa estrutura, no que toca especificamente à pesquisa. Observa-se que essa conjuntura acontece porque a universidade brasileira absorve e exprime as ideias e práticas neoliberais dominantes, sendo que algumas temáticas acabam influenciando o espaço acadêmico da pesquisa. Chauí (2001) indica que,

[...] a aceitação do critério de distribuição dos recursos públicos para pesquisa a partir da ideia de “linhas de pesquisa”, critério que faz sentido para as áreas que operam com grandes laboratórios e com grandes equipes de pesquisadores, [...] não faz nenhum sentido nas áreas de humanidades e nos campos de pesquisa teórica fundamental (p. 35 – grifo da autora).

Chauí (1995) ainda provoca reflexões quando comenta sobre a “aceitação acrítica da privatização da pesquisa (p. 01)”, destaca também que o seu financiamento externo traz perda de autonomia da IES quanto à definição de suas prioridades, contribuindo para o desprestígio crescente de financiamento de algumas áreas. Em muitos casos, para Fávero (1980), o suporte institucional do desenvolvimento da pesquisa tem sido solapado nas IES; quando, ao contrário, deveriam funcionar como um mecanismo que levasse à sua maior autonomia.

---

<sup>98</sup> Segundo Fávero (1980) esse conceito pode ser usado com duplo sentido: em relação ao conjunto de posições e funções, onde algumas classes exercem sua dominação sobre as demais; e, para indicar a ordenação sócio-política institucionalizada no aparato jurídico administrativo (governo), tendo como finalidade precípua manter o *status quo*. Nesse sentido, apresenta-se como uma entidade que reúne e cristaliza os interesses de uma classe, regulando a ordenação sócio-política.

Observa-se nas iniciativas de apoio, forte restrição de fomento a algumas áreas ou limitações à grupos que possuem maior credibilidade e que estão consolidados. Mesmo assim, há que se apreciar um condicionamento de temas de pesquisa considerados de interesse em Mato Grosso. Segundo um dos entrevistados: “Nós ficamos a mercê de editais externos, e, aí a Fapemat que é a mais próxima tem contemplando algumas situações. Mas, não consegue dar cobertura a todos, como é o caso do projeto do meu grupo de pesquisa” (LG15).

A rígida centralização de financiamento de alguns estados brasileiros e a regulação nacional são resultados, por um lado, do papel atribuído às agências (CAPES, CNPq, entre outras) com poder político; e a dinâmica tensa e conflituosa que se instaura entre estas e a comunidade acadêmica, e as áreas do conhecimento, que Bourdieu (1983) explicita coerentemente na discussão do campo científico. Por outro lado, é resultante da dependência econômica total e quase absoluta da Pós-graduação e da pesquisa em relação a essas agências (nacionais ou estaduais). Essa é a situação vivenciada pela Unemat no tocante ao financiamento dos projetos de pesquisa demonstrada na tabela 11 e no gráfico 04.

Com relação à subcategoria da burocracia, ressaltada na tabela 12, o LG25 identifica que existem muitos problemas, que são de ordem mais organizacional do que científica. “Eu brigo e digo que muitas vezes, a burocracia fecha portas. Então, eu acho que nesse nível as instituições, estão se tornando muito burocráticas e isso faz com que não se agilize tão rápido a pesquisa ou ensino ou extensão da forma que deveria”.

Nessa tese, entende-se que a burocracia é necessária, mas precisa de limites. Sob o ponto de vista teórico, a concepção de Weber (1999) de organização burocrática está presente nas práticas universitárias até os dias de hoje, conforme também sinalizam os LGs. Isso justifica o grau de centralidade das ações implicadas de poder da PRPPG para a regulação da pesquisa que é nitidamente perceptível no quadro 08. Segundo Franco (1984) a concentração de autoridade refere-se ao grau em que o poder de decidir é o esteio das unidades de controle e é centralizado nos níveis hierárquicos mais altos. No caso dessa tese, a PRPPG é o órgão de execução desta regulação exacerbada. A formalização na IES é caracterizada pelo grau de prescrição de normatizações relacionado ao apoio ou não de um projeto com recursos.

Todavia, para além da autoridade e regulação, a IES deve ser burocrática, contudo, numa abordagem diferente. Como a universidade é dinâmica e está em interação, a burocracia pode ser processada de forma a facilitar alguns procedimentos e não dificultá-los, o que proporciona crescimento institucional, e, enfim, a consolidação da pesquisa. A formalização poderia ser utilizada enquanto contorno de prescrição de comportamentos que busquem o adensamento e a densidade das ações na Unemat. Assim, o poder não seria apenas uma forma



de coerção, mas um mecanismo de geração de relações produtivas entre os pesquisadores na universidade, indo além da proposta de Weber (1974) no que diz respeito à inserção de algumas categorias que são características do mundo hodierno.

Na AC das entrevistas acrescenta-se como elemento descritivo-analítico a subcategoria intitulada pelos respondentes como “tradição”. Os fragmentos dos relatos que seguem identificam a caracterização desse conceito.

Então, essa que é minha história científica, ela mudou muito as oportunidades. Por exemplo, uma condição que é uma coisa minha, é uma particularidade, eu fui preparada para isso, fui preparada na minha família para essas oportunidades que tive. Então, as pessoas, me chamaram para eu ser da Unemat e fui ficando, depois tive que fazer o concurso (LG18/PR05).

Estamos ainda no início, falta estrutura e tradição na pesquisa. Isso leva tempo para chegar ao nível bom (LG41).

Algumas instituições não têm essa tradição de pesquisa (LG83).

Essa conceituação do termo tradição emitida pelos respondentes remete aos sinônimos: herança, legado, costume, entre outros. Nessa tese, a opção é utilizar a expressão cultura, ao relembrar que a consolidação da Pós-graduação pode acontecer por meio da configuração de uma cultura institucional de pesquisa. Assim, a tradição, a herança e o costume estão alinhavados à cultura, aos comportamentos e aos hábitos, sublimando nexos entre as terminologias. A cultura é um termo de discutíveis significados dependendo dos constructos teóricos que lhe dão suporte. Aqui, o esclarecimento, é exposto no sentido de utilizá-lo conforme a exposição dos respondentes, uma “tradição” de se fazer pesquisa, usufruindo um determinado *habitus* que gera a cultura institucional. Esse delineamento será esquematizado com detalhes no desenho do próximo cenário propositivo.

Ainda com relação às condições de realização da pesquisa, num paralelo analítico da AC dos anuários com essa tese as reflexões se assemelham, identificando as problemáticas da sua produção. Há evidências de que os recursos são insuficientes ou inexistentes na IES, como pôde ser visualizado na tabela 11. Também há ratificações nas entrevistas deste estudo de caso da falta de empenho dos pesquisadores em se inscrever em editais nacionais por motivos diversos elencados ao longo desta investigação. Entre eles, acentuam-se os relatos sobre a questão das disparidades regionais e a disputa com grandes centros de pesquisa<sup>99</sup>. A tabela a seguir representa a AC sobre as desigualdades vivenciadas pela amostra.

<sup>99</sup> Como exemplo do desnível, o último edital do MCT&I com o CNPq lançou chamada universal, disponibilizando financiamento por modalidade. A faixa A destinou-se a pesquisadores que obtiveram sua titulação de doutor do Programa Ciência sem Fronteiras; a faixa B é voltada somente para bolsistas produtividade; e, apenas a faixa C é livre. A Unemat não se encaixa na faixa A; tem pouca possibilidade de concorrer na faixa B, porque possui apenas três bolsistas; e, só poderia participar efetivamente na faixa C concorrendo com IES de todo o Brasil (CNPq, 2013).

**Tabela 13** – Análise de conteúdo: assimetrias correlacionadas à pesquisa

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INCIDÊNCIA/ OCORRÊNCIA
Assimetrias/desigualdades	Do produtivismo	47
	Das áreas do conhecimento	29
	De poder	19
	Da estrutura multicampi	18
	Da regionalidade	15
	Da região	7
	Da identidade dos <i>campi</i>	5
	Dos biomas	5

**Fonte:** Pesquisa de campo com LGs da Unemat (2012).

A combinação da abordagem qualitativa com a AC das entrevistas realizadas busca a totalidade de informações, que têm relação explícita com o problema de investigação construído, que representa a RedSig institucional da Unemat. No que diz respeito às desigualdades que os respondentes enfrentam para conseguir financiamento, a tabela 13 destaca a liderança da produtividade docente. A reflexão do LG52 é esclarecedora da situação assimétrica tanto sobre o produtivismo quanto sobre as áreas do conhecimento e das regiões brasileiras que detém o poder dos financiamentos. O entrevistado detecta que:

Os veículos de comunicação de resultados de pesquisas são veículos escassos e muito centrados nas regiões sul e sudeste. A abertura desses veículos de publicações para nós da área de educação tem sido um grande obstáculo. Então, manter um currículo *lattes* atualizado para ser um professor na Pós-graduação tem sido um dos maiores obstáculos. Outra questão da nossa área é a falta de induzimento de políticas públicas. O que a gente vê é que determinadas áreas, as ditas de transferência de tecnologia, têm sido as áreas prioritárias, assim como a área Biológica e do Agronegócio. São áreas que recebem o induzimento do financiamento dos projetos de pesquisas, *enquanto que a educação tem sido uma área penalizada para o financiamento dos projetos de pesquisa*. Então eu pergunto: como desenvolver projetos sem financiamentos, se a educação não tem sido uma prioridade de fato no induzimento dos editais para o financiamento das agências de fomento? Consequência daí vem a *baixa produção dos professores*. Então, veja nossa área aqui, por exemplo, de educação que estou versando sobre ela, nós temos um número grande de doutores. Mas, se você fizer uma pente fino no currículo desses professores, muitos deles ou a maioria não se enquadra nos critérios de área da educação. Portanto, nós temos essa escassez de professores para alimentar as duas linhas de pesquisa (grifos meus).

Outro LG que também é CP ressalta que:

Há um desnível quantitativo e qualitativo, porque hoje quem produz ciência no Brasil está no sudeste. Logo, há maior número de recurso que vai para a universidade pública do sudeste. Isso é uma questão óbvia e posta! *Isso ninguém questiona, onde se faz ciência? Onde tem capital humano mais qualificado, logo vai ter mais recurso para lá*. Só nos últimos editais, não vou saber precisar quando, é que tem aberto um percentual de 30% para regiões amazônicas. Aí eles consideram Mato Grosso, Nordeste e Norte, ou seja, é a região periférica “né”. Se a gente pegar o PNPG são as regiões que não chega a ter um doutor para cada 100 mil habitantes.

Então, esse quadro de desigualdade gera um fenômeno, complexo “né” de investimento (LG82/CP05 – grifos meus).

Denunciando a concorrência e a problemática do financiamento a LG23 desabafa:

Nesse sentido, isso tem me chateado bastante, sabe! Porque é a área que eu gosto de pesquisar, mas, é muito concorrida. Então, eu estou vendo muitas dificuldades em conseguir financiamento na FAP que eu tenho tentado nos últimos dois/três editais. Eu acho que não é por falta de trabalhar ou por falta de vontade, porque a gente está fazendo parte de outros grupos de pesquisa e trabalhando o tempo todo [...]. Então, a gente está vendo, parece que está tendo algum favorecimento de uma área. Embora eles queiram dizer que é bem distribuído [...]. Mas, eu tenho ficado desanimado com essa falta de recurso! Falei, então, vou mandar novamente, e a gente tenta, *mas quando fala que é do Mato Grosso, se mandar para uma instituição nacional vai concorrer com grupos consolidados e fica muito mais difícil*. Estou desanimando, mas não vou desistir... (grifos meus).

O financiamento da pesquisa em Mato Grosso, de certa forma, é o reflexo da condição territorial da região em que se situa. Segundo o LG18/PR05, os indicadores de desenvolvimento científico e educacional do Estado são baixos quando comparados com as outras regiões do país. Essas assimetrias são fruto de uma história de desigualdade, “houve uma tendência, em função dessa trajetória, em concentrar os índices de desenvolvimento de educação científica, na região Sudeste e Sul”. Para o LG12 também existem desigualdades internas produzidas pelo acesso ao conhecimento ou pela falta de oportunidade, o que provoca um fosso ainda maior. Até pouco tempo atrás, só os programas de Pós-graduação na Unemat tinham acesso aos periódicos internacionais da CAPES. “Então lhe pergunto, como eu poderia me tornar um pesquisador Nivel 1 CNPq se não tenho acesso a matéria-prima para o conhecimento (acesso a informação). Essas assimetrias precisam ser corrigidas”.

Considera-se que o percentual de incidência da produtividade docente nas respostas dos oitenta e três entrevistados foi de 56,6% representando um índice relevante, pode-se inferir que mais da metade da amostra não está alheia ao capitalismo acadêmico que conduz o processo avaliativo da Pós-graduação brasileira, que está condicionado ao produtivismo. Assim, há uma certeza de que os pesquisadores compreendem o paradoxo aguçado pela era hipermoderna do consumo da publicação e da relação com o tempo.

As denúncias realizadas nos relatos sobre os inúmeros tipos de assimetrias poderiam preencher várias páginas a fim de esclarecer melhor a situação existencial dos pesquisadores da Unemat, porém, isso não é cabível nesse momento. Foram, então, elencadas algumas para referendar as análises da tabela 13. Há também outras subcategorias tão importantes quanto, a saber: a estrutura multicampi, a regionalidade, a identidade dos campi e as diferenças produzidas pela inserção da Unemat e da pesquisa nos biomas onde está instalada, indicando a territorialidade como circunscrição analítica da RedSig. Esse último elemento é aparente nos

problemas da expansão da Pós-graduação que se agravam, uma vez que a abertura de novos cursos depende, em grande parte, da fixação dos recursos humanos nas várias regiões geoeeducacionais de Mato Grosso. E algumas não são tão atrativas (distância, qualidade de vida, estrutura) como outras que oferecem melhores condições<sup>100</sup>.

Para finalizar essa parte da tese que trata das constatações relacionadas ao operacional e à ambiência da pesquisa, aborda-se outro momento da entrevista que se reportou a agenda de políticas<sup>101</sup> para a pesquisa e a Pós-graduação. Os resultados são visualizados a seguir:

**Tabela 14** – Agenda de políticas

CATEGORIAS/ RESPOSTAS	QUANTIDADE DE RESPONDENTES	PERCENTUAL (%)
Sim	23	27,7
Não	16	19,3
Parcialmente	33	39,8
Não soube responder	11	13,2
<b>Total</b>	<b>Σ83</b>	<b>Σ100</b>

**Fonte:** Pesquisa de campo com LGs da Unemat (2012).

As respostas evidenciadas pelos LGs sobre a agenda de políticas para a pesquisa se alinham aos fios e nós do seu financiamento e avaliação enfatizados na tabela 11. Depreende-se desses dados a análise de que há uma política que tenta assegurar aos docentes prioridade na pesquisa, de modo a formar um ambiente favorável à atividade criadora, contribuindo com o desenvolvimento de projetos. Sendo que 27,7% dos respondentes informaram que existe agenda, além disso, 39,8% categorizaram-na como parcial, o que significa dizer que há uma política, nem sempre igualitária. Apenas 19,3% da amostra destaca que não há prospecções materializadas na Unemat.

Porém, o que se verificou na AC é que existe uma agenda de política de pesquisa, mas sua implementação é falha e alguns entrevistados a desconhecem (13,2%). Os sinalizadores dessa análise são: ausência de recursos, sistema burocrático, condições de realização de projetos, falta de infraestrutura, entre outros elementos demonstrados na tabela 12. A respeito dessa problemática um respondente destaca: “Bom, é que assim, [...] eu não conheço tanto. Eu

<sup>100</sup> Retomar análises do quadro 09 que distribuiu geopoliticamente a produção da pesquisa na IES levando em conta a estrutura física.

<sup>101</sup> Pode ser caracterizada a partir do conceito agenda governamental definida por Capella (2006): “[...] o conjunto de assuntos sobre os quais o governo e pessoas ligadas a ele concentram sua atenção num determinado momento. Uma questão passa a fazer parte da *agenda governamental* quando desperta a atenção e o interesse dos formuladores de políticas” (p. 26 – grifo do autor). Aplicando a conceituação para a agenda de políticas para a pesquisa e a Pós-graduação na Unemat, explicita-se que existem agendas para áreas específicas que refletem a natureza setorial da formulação de políticas institucionais. Assim, as questões podem nascer do interesse dos gestores que são os propositores das políticas no âmbito da universidade, e transformar-se em ações que viabilizem a agenda de políticas e o planejamento institucional.

sei que existe ‘tá’, mas, assim, como que funciona, essa parte estrutural eu não tenho condições de falar que eu não conheço” (LG04). E noutra situação reveladora da falta de disposição para compreender o planejamento da universidade, indica-se a PRPPG como a responsável: “Isso é lá com a pró-reitoria, com a Áurea” (LG81).

A AC demonstrou que a maior incidência de respostas nas justificativas dessa questão foi a importância do planejamento, referendado como subcategoria das condições de realização da pesquisa na tabela 13 (24%). Para o LG09,

A Unemat hoje está pensando simplesmente em ter Pós-graduação, mas, não está pensando num cronograma de como vai ser. Então, se está juntando professor que tem condição, mas ninguém pensou qual é a realidade daquele *campus*, qual é a missão daquela região. Com certeza, planejamento nós não temos mesmo [...] A partir do momento que você sentar e começar a planejar aí tudo muda. *Nós não sentamos e não planejamos!* Se não tivermos uma pró-reitoria de pesquisa que realmente sente e faça um planejamento a longo e médio prazo, não vamos avançar [...] (grifos meus).

Portanto, a IES deveria estabelecer suas ações políticas a partir de um planejamento estratégico, que possa corroborar para sua consolidação como universidade de pesquisa, caso contrário, ficará fadada ao continuísmo do problema do credenciamento e oferecendo apenas ensino de graduação. Finalmente, retoma-se a importância dos projetos, compreendendo-se que deveriam ter como finalidade o desenvolvimento científico e tecnológico, o que realimenta a indissociabilidade do tripé universitário proposto no primeiro cenário, através da interface e que possam responder às questões sociais e culturais de cada região e território.

Relacionando o desconhecimento da agenda com a área do conhecimento<sup>102</sup>, a maior representatividade (23,1%) se encontra nas Ciências Biológicas e da Saúde que possui uma grande parcela de pesquisa financiada por órgãos diversos. Essa área também tem a maior quantidade de pesquisadores organizados em rede (63,3%) e, inversamente uma quantidade pequena de grupos de pesquisa (17,5%)<sup>103</sup>.

Aproxima-se essa análise com a ênfase estadual em pesquisas nas Ciências Ambientais (17,2% de projetos financiados pela Fapemat) e relembra-se o que foi reconhecido anteriormente sobre o predomínio de auxílio financeiro para projetos nessa área por várias agências<sup>104</sup>, o LG37 destaca que a agenda de políticas para a pesquisa na Unemat: “parece que está aplicada fortemente em se consolidar como área de pesquisa voltada para as

<sup>102</sup> Essa abordagem foi condicionada aos gráficos e tabelas analisados que faz parte da análise fatorial.

<sup>103</sup> Essas informações serão detalhadas a seguir no item 4.4 O “agir” sobre a pesquisa: grupos e redes.

<sup>104</sup> Um exemplo da abundância de financiamento exclusivamente para essa área é o edital da CAPES em parceria com a National Science Foundation que consiste em projetos de cooperação internacional na área da Biodiversidade. Mais informações consultar: <http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/estados-unidos/capesnational-science-foundation-nsf>.

questões ambientais”. Isso também se mostra evidente nas áreas contempladas com programas de Pós-graduação na Unemat (consultar quadro 07).

Essa constatação é um assunto extremamente polêmico. Para outros representantes de universidades mato-grossenses, em entrevista concedida a Fapemat Ciência (2013) existe uma crença de que o agronegócio e o meio ambiente são as “vocações” do Estado e que devem receber uma atenção diferenciada. Nesse dossiê sobre a pesquisa em Mato Grosso foi comentado também sobre as áreas do conhecimento com menor investimento. Para os entrevistados pelo editorial, o Estado precisa ampliar os investimentos nas áreas de Ciências Humanas e Sociais, aumentar a oferta de editais de fomento induzidos; e, segundo os representantes só quando o Estado fortalecer outras áreas poderá potencializar o crescimento da pesquisa, tendo como consequência, condições de garimpar recursos frente às agências de fomento nacionais e internacionais.

O financiamento dos projetos pode estar em consonância com as áreas prioritária do Estado, sem esquecer-se das demais, considerando as linhas de atuação e de pesquisa<sup>105</sup> da Unemat. Se planejado institucionalmente e distribuído entre as diversas áreas do conhecimento, representaria um espaço de relevância científica e política que poderia ser utilizado, inclusive, para uma reflexão crítica e prospectiva sobre o adensamento e a densidade das práticas de pesquisa da universidade.

Precisa-se, destacar ainda que os apontamentos sobre a questão da operacionalidade e a ambiência da pesquisa indicam as opiniões dos LGs entrevistados, porém seria preciso discussões com maior aprofundamento em outros *campi*, pois nem todos foram contemplados nessa amostra, por isso são parcialmente passíveis de generalização. Os aspectos arrolados envolvem diretamente a gestão e o profissionalismo docente e não depende exclusivamente de apenas uma decisão administrativa (condições de trabalho), mas também, de uma postura individual (cultura do pesquisador e a construção do seu *habitus*), além de outros elementos.

A questão do planejamento é latente tanto nas respostas dos LGs, quanto no anseio da pesquisadora dessa tese que se acentuaram na análise da geopolítica da produção do conhecimento na Unemat (quadro 09). Nesse sentido, os *campi* podem tornar-se o *locus* de um planejamento estratégico regional de onde emergem identidades, corroborando para o planejamento institucional global.

---

<sup>105</sup> Foi realizado um levantamento nas resoluções e instruções normativas dos conselhos no intuito de identificar as linhas de pesquisa da Unemat, pois em vários documentos faz-se referência a elas, porém, não foram encontradas. Em contato com a assessoria da PRPPG não foi demonstrado conhecimento sobre sua existência.

Enfim, esse foi o contorno desta parte da tese que objetivou identificar políticas indutoras e promotoras da pesquisa estabelecidas pela IES em sua trajetória, que configura as repercussões sobre a produção do conhecimento na busca da excelência científica. O desenho do próximo cenário que se refere à RedSig institucional vislumbra várias frentes de apostas.

#### 4.3.1 Cenário B – Rede de significações institucional

Foram apresentados até o momento os principais esforços institucionais para assegurar o desenvolvimento da pesquisa na Unemat e discutiram-se os resultados analíticos do cruzamento dos dados que se referiam ao seu financiamento. Esse movimento foi para compreender a matriz sócio-histórica que compunha o enredo das condições financeiras, sociais e políticas com ênfase na estruturação da pesquisa. Aqui se processa uma síntese a qual alavanca o próximo cenário. Inicialmente, esclarece-se que para se compreender o real significado dos nexos sobrepostos na legislação institucional não bastou ater-se ao conhecimento das regulamentações; foi preciso captar o seu sentido. Dessa forma, não foi suficiente analisar o texto, foi preciso examinar o contexto da IES desse estudo de caso.

Parte-se da síntese dos atos normativos da PRPPG relativos à pesquisa (quadro 08), avaliando a sua produção, suas práticas, e seus desdobramentos. As normatizações funcionaram ao longo dos anos na Unemat como uma forma de burocratização e regulação, as quais revelam mecanismos controladores que reverberam a concentração de poder ora da reitoria, ora de um ou de outro *campus*. Essa apreciação leva em conta os recursos analíticos relacionados ao conceito de poder proposto pelos estudos de Bourdieu (1989), as explicitações sobre burocracia de Weber (1974) e a formalização enquanto prescrição de comportamentos assinalada por Franco (1984).

Assim, acredita-se que os esforços envidados pela PRPPG com a normatização da pesquisa na IES trouxeram contribuições significativas, mas inseriu-a num encaminhamento conceitual na perspectiva da universidade como organização (CHAUÍ, 2001). O que se propõe nessa tese é, conjuntamente com a necessidade de regulação, introduzir ações para a viabilização de uma instituição social, para que uma tendência não prevaleça sobre a outra e as duas possam conviver no mesmo espaço acadêmico.

A distinção dessas tonalidades dos fios foi articulada aos objetivos dessa investigação, e se reportaram ao processo de institucionalização dos projetos, suas articulações na produção do conhecimento global/local e suas formas de fomento. Conjuntamente, buscou-se compreender o contexto das políticas internas e externas que marcam a Unemat. As reflexões

proporcionaram perceber que a pesquisa acadêmica tem se expandido gradativamente, porém a conjuntura atual indica a busca de recursos externos.

Tal peculiaridade foi em alguns momentos propulsoras da produção do conhecimento na IES e noutros restritivas à inovação de suas práticas. O que se busca na composição do cenário é trabalhar com esses dados analíticos e apontar saídas possíveis para uma ambiência adequada para a pesquisa nessa universidade mato-grossense. A implementação de políticas para a Pós-graduação na Unemat é recente. Essa agenda nem sempre é reconhecida pelos pesquisadores em todos os *campi* da IES, conforme os resultados analíticos demonstraram. Há um longo caminho a ser percorrido, e a proposição sinalizada evidencia o planejamento institucional das ações e práticas da/para a pesquisa.

Com relação ao financiamento, no afã de apoiar áreas voltadas à inovação tecnológica, os formuladores das políticas institucionais e o principal órgão de fomento do Estado (Fapemat), de certa forma, inviabilizaram a existência de pesquisas que teriam um papel determinante em algumas regiões de Mato Grosso. A importância da pesquisa no desenvolvimento social (mais do que econômico) vem apontando para a necessidade crescente de democratizar o seu financiamento para áreas que produzam expansão e inclusão. A aposta seria nas pesquisas acadêmicas que tem como pressuposto a inovação com pertinência social (DIDRIKSSON, 2006), não privilegiando apenas algumas áreas do conhecimento de interesse mercadológico.

Esse desenho leva em conta os cenários internacionais indicados pela OCDE (2011) que prescrevem que a amplitude da pesquisa acadêmica seja focada nas áreas das Ciências Humanas e Sociais, tendo como objetivo a preservação da cultura local. Destaca-se no detalhamento desses cenários para a Educação Superior que a pesquisa em áreas estratégicas poderia ser realizada através de pesquisas colaborativas. E assim, a emergência de um desenho diferenciado para a Unemat que é uma IES regionalizada e multicampi se faz eminente, corroborando com os cenários da OCDE.

Para referendar a RedSig institucional, traz-se para análise o questionamento da entrevista que solicitava aos LGs se visualizavam melhorias no desenvolvimento da pesquisa e da Pós-graduação na Unemat. O discurso dos respondentes tende a valorizar positivamente (72%) a possibilidade de prospecção na Pós-graduação na IES, defende um posicionamento favorável com relação à otimização de práticas que garantam o avanço da pesquisa. Esses indicativos juntamente com os elementos trazidos das entrevistas dos PRs e dos CPs estão sendo considerados para o desenho do cenário desencadeado nesse momento. Tomou-se para



exploração os desdobramentos desse questionamento que indicou sugestões nos níveis: financiamento da pesquisa e consolidação dos grupos.

Exibe-se agora o delineamento de um cenário impulsionador da investigação. A conjectura sinalizada tem fundamentalmente duas categorias: auxílio financeiro à pesquisa e fortalecimento da Pós-graduação (*Lato e Stricto Sensu*). Esses elementos geram uma cultura de pesquisa, com vistas à prática do planejamento institucional comentado em dados analíticos anteriormente arrolados.

Na primeira categorização do cenário propositivo a questão financeira é o ponto chave e se entrelaça com a autonomia financeira. As assertivas dos respondentes incluem bolsas para docentes, incentivos setoriais, abono salarial, plano de cargos e salários, autonomia orçamentária para as ações vinculadas a pesquisa, entre outras.

Especificamente sobre o suporte financeiro aos docentes, indica-se a oferta de uma bolsa institucional intitulada “jovem pesquisador”, que privilegia os LGs que hoje não tem êxito na concorrência de projetos financiados pelas agências nacionais. A ideia parte do pressuposto que os pesquisadores que tem perfil consolidado buscariam fomento nacional; enquanto que os recém-doutores ou em processo de consolidação, com menores chances na concorrência geral, sejam impulsionados com fomento interno. Essa estratégia funcionaria nos mesmos trâmites, da modalidade bolsista produtividade do CNPq, com a vantagem de que o pesquisador iniciante poderia submeter internamente seus projetos e atender suas demandas específicas. A concessão desse benefício significaria um excelente direcionamento para o crescimento da pesquisa e fortalecimento dos programas institucionais de Pós-graduação. O LG12 esquadrinha detalhes de como poderia ser implementado,

Há um bom tempo eu pensei como seria interessante um programa jovem pesquisador em Mato Grosso, que desse uma ou duas cotas de bolsa de iniciação científica, para o professor distribuir por três a cinco anos entre alunos participantes dos projetos coordenados por ele nos grupos de pesquisa. Além de uma taxa de bancada mensal ao pesquisador que possibilite aquisição de sua bibliografia de área, além de custear suas participações em eventos e reuniões técnico-científicas [...] Após esses cinco anos, espera-se ter dado condições ao pesquisador de tornar-se COMPETITIVO aos demais pesquisadores, candidatos à cotas/programas de bolsas pesquisador Nível 1 do CNPq. Isso poderia ajudar a impulsionar jovens talentos e dar maior potencial de realização aos mesmos e a própria instituição [...] Não conheço ações de política institucional (Unemat) ou estadual (Fapemat) nesse sentido. Essa bolsa só seria solicitada e acessada uma vez por pesquisador (grifo do autor).

Para esse encaminhamento, é óbvio que existiria a necessidade de autonomia financeira da pesquisa. O momento vivenciado é propício para isso, visto que o orçamento da Unemat sofreu modificações no ano de 2013, garantindo repasse direto da receita líquida do

Estado, que foi esclarecido anteriormente. Chauí (1999) destaca que a autonomia é uma palavra grega que indica: ser autor do *nomos*, isso significa dizer ser promotor da sua regra e da sua lei. Buscar-se-ia, sendo assim, não só garantir que a universidade fosse regida por suas próprias normas, mas visaria também, assegurar critérios para a independência financeira.

No caso da Unemat, a alusão é a autonomia financeira das ações diretamente relacionadas com a pesquisa, pois a PRPPG teria condições de ultrapassar a função de controle e regulação, e adequar-se a uma atividade pró-ativa densificando as práticas constitutivas do planejamento. Esse incremento orçamentário institucional poderia gerar a independência financeira das pró-reitorias e corroborar com os indicativos levantados na tabela 03 que tratou da estrutura multicampi que apontou a autonomia financeira como uma das categorias estratégicas do progresso da pesquisa na IES.

A implementação de um orçamento próprio para a PRPPG impulsionaria a agenda de pesquisa. Chauí (2003) esclarece que para que haja autonomia, é preciso discussão na universidade. Assim, “[...] a autonomia universitária só será efetiva se as universidades recuperarem o poder e a iniciativa de definir suas próprias linhas de pesquisa e prioridades, em lugar de deixar-se determinar externamente pelas agências financiadoras” (p. 13).

Os recursos internos poderiam ser compartilhados para áreas pouco privilegiadas no cômputo geral dos financiamentos externos ou distribuir setorialmente os investimentos. Esses recursos também poderiam ser direcionados para estudos regionais e para investigações capazes de lidar com a complexidade da questão territorial imposta pelas distâncias geográficas. Se fossem possíveis essas opções, haveria um encaminhamento efetivo para a pesquisa em Mato Grosso. A bolsa jovem pesquisador funcionaria como um instrumento que absorveria as demandas não financiadas pelos órgãos nacionais e que são tão importantes quanto às áreas explicitadas para o desenvolvimento no Estado<sup>106</sup>.

Decorrente ainda dessa primeira categoria, emergem subcategorias para incentivo financeiro da pesquisa: plano de cargos e salários diferenciado (sugestões dos respondentes) ou abono salarial específico aos que se dedicam à pesquisa (recomendação da pesquisadora). A segunda opção é empregada em algumas IES estaduais brasileiras, toma-se como exemplo a Universidade do Estado da Bahia (Uneb), que tem na resolução n.º 228/2003 o estabelecimento de critérios e procedimentos para a concessão do incentivo à produção

---

<sup>106</sup> A Fapemat desenvolve um programa semelhante intitulado Programa Primeiros Projetos fornecendo aporte financeiro para infraestrutura destinado aos jovens pesquisadores, possuindo outra característica de fomento.

científica, técnica ou artística. O valor corresponde a 10% sobre o vencimento básico, por um período de dois anos que pode ser renovado.

Outra IES que utiliza desse artifício é a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), que indica que o incentivo às atividades de pesquisa constitui-se em um mecanismo de fixação de doutores e na efetivação da Pós-graduação (resolução n.º 32/2013). A bolsa impulsiona a produção científica de forma continuada, assim como a veiculação em meios relevantes de comunicação. Seu valor tem como referência a bolsa PQ-2 do CNPq, com duração de até vinte e quatro meses, passível de renovação.

É óbvio que as propostas são polêmicas e suscitam posicionamentos divergentes, uma das justificativas utilizadas para referendá-las é que segundo Ortega y Gasset citados por Nunes (2012) o ofício do cientista é penoso e demanda “vocação”. Em sendo desta forma, nem todos os docentes da Educação Superior desejam se dedicar a pesquisa. Para um dos LGs, a problemática de ser pesquisador remete ainda a outros elementos:

Isso também é claro, ser doutor não é ser pesquisador [parou e pensou]. Tem muito doutor que não é pesquisador! Então, assim, não adianta a instituição querer forçar o “cara” que é doutor a gerar pesquisa e conhecimento. Não adianta isso, acho que a pessoa traz uma vontade, um modo de ser, [pensou] que ela amadureceu e cresceu. Eu vejo assim, *traz do berço*; ela desenvolveu, digamos assim essa [parou e pensou], não seria o *hábito*, seria esse *compromisso* com a sociedade (LG33/CP06 – grifos meus).

As subcategorias sugerem um posicionamento diante dessa dificuldade. Não é o caso de separar os docentes dos pesquisadores, ou apenas uma divisão salarial ou de atividades, a tese busca indicar uma forma de alavancar a Pós-graduação que é uma necessidade *sine qua non* para a sobrevivência da Unemat, cooptando os interessados para gerar densidade na produção do conhecimento na IES.

Chauí (2003) recomenda que é importante garantir as condições salariais através do regime de tempo integral, de maneira que o pesquisador possa permanentemente se atualizar. Todavia, é imprescindível valorizar a pesquisa, estabelecer não só isso, mas também sua materialidade. Conforme relatos dos LGs, muitos se sentem desamparados, sem recursos institucionais, entre outras situações que não favorecem ao desenvolvimento da pesquisa. Há tímidas ações na IES que tem sugerido soluções. Uma delas é a resolução que está em tramitação no Conepe que dispõe sobre o auxílio financeiro a pesquisadores para a publicação de artigos, o que significa algum tipo de articulação institucional.

Os respondentes também indicaram outras possibilidades de atendimento às suas necessidades, destacam-se as seguintes subcategorias: incentivo financeiro para tradução de artigos, melhor dimensionamento e controle da dedicação exclusiva, organização de catálogos

de fomento e de revistas, política editorial institucional de publicação, retorno de auxílio financeiro para participação em eventos científicos, entre outras. Todas as assertivas sugerem uma “força tarefa” na pesquisa que potencializaria a produtividade docente, o que possibilita o incremento a longo prazo de bolsista do CNPq. Isso geraria inicialmente uma política adensadora de ações para a pesquisa, para numa segunda etapa densificar as práticas dos pesquisadores. Essas análises foram baseadas em dados quali/quantitativos e referem-se ao estudo de caso da Unemat, o que permite ainda fazer outras abstrações.

A segunda categoria desse cenário tem como foco a potencialização da Pós-graduação (*Lato e Stricto Sensu*). Conforme detectado nas entrevistas com LGs, PRs e CPs, a Pós-graduação *Stricto Sensu* nesse estudo de caso, foi implementada ao longo dos anos através do trabalho de grupos de pesquisa e do esforço individual de alguns pesquisadores com o apoio da PRPPG. A proposição é agregar análises consistentes ao repertório de dados, a sugestão é adensar a oferta das especializações, o que a torna um cenário institucional fortalecido, para depois, densificar a Pós-graduação *Stricto Sensu* através de pesquisas com qualidade.

Para Oliveira (1995) a Pós-graduação *Lato Sensu* tem um amplo potencial, destinado a uma gama de demandas que vão desde programas voltados à qualificação profissional, até cursos com caráter cultural e aprofundamento acadêmico. Há, portanto, um vasto campo para essa modalidade que a Unemat não tem se preocupado nos últimos anos e que pode ser promovido para ampliar as pesquisas na/da IES. Esse movimento abre possibilidades de criação de mestrados e doutorados institucionais, através de estabelecimento de estratégias políticas institucionais nesse âmbito. Isso foi constatado em Nova Xavantina, identificou-se que a especialização serviu de suporte basilar para a constituição do mestrado e serviu para postular o acesso às fontes, o que incide em maior quantidade de projetos financiados.

O cenário vislumbrado sugere transportar a conjuntura evidenciada nesse *campus* para outros *campi* da IES, o que congregaria esforços para a composição de um espaço promissor para a pesquisa. Embora haja concordância generalizada dos entrevistados de que a Pós-graduação precisa ser consolidada, não deixam de existir reflexões sobre o fato de que ainda é frágil e comporta uma série de dificuldades que desafia os coordenadores e docentes. Nesse sentido, nada mais coerente pensar numa forma de articular e somar esforços para valorização das especializações, onde se utilizaria da tímida estrutura física e operacional da Pós-graduação *Stricto Sensu*, a fim de consolidar a pesquisa na IES. Esta lacuna precisa ser rapidamente suprida, porque há um incremento acelerado de formação em Mato Grosso.

A sugestão é que as especializações pudessem integralizar as horas-aula para estimular a atividade docente na Pós-graduação *Lato Sensu*. Hoje, isso não acontece e há total

inivibialização da IES para essas práticas. As especializações poderiam estar articuladas aos grupos o que alavancaria seu desempenho, o que suscita adensamento na produção e enfim, densidade nas/das pesquisas. O LG33/CP06 expõe que está organizando os seus grupos de pesquisas objetivados que vão compor a Pós-graduação, com foco nos objetivos e nas linhas de pesquisas. Assim, a tese sugere que essas especializações possam ser *intercampus* e interáreas o que facilitaria a construção de redes de pesquisa na Unemat que será tratado oportunamente no próximo cenário.

Acrescenta-se ainda nesse desenho prospectivo a categoria da Pós-graduação *Stricto Sensu* em áreas interdisciplinares que pode ser estimulada, face à sua crescente importância na Educação Superior brasileira. Conforme evidencia Rubin (2011), observa-se um movimento em direção a interligações entre IES e países e o diálogo entre diferentes áreas e saberes. Essas propostas têm se mostrado uma alternativa para as dificuldades em concretizar ações em áreas que exigem docentes com formações específicas. Esse foi um dos fatores que contribuiu, sobremaneira, para a expansão desses cursos no Brasil.

É bem verdade que o esforço de sua implantação vem acompanhado de um avanço, porém é ainda um processo lento e há divergências teóricas com relação ao seu potencial. Isso significa que esse novo modelo organizacional pode favorecer as pesquisas, mas também imprime tensões. A Unemat utilizar-se-ia dessa estratégia para melhorar a composição da Pós-graduação viabilizando a pesquisa interdisciplinar.

Essas duas categorias contribuem decisivamente para a ambiência de pesquisa, visto que a capacidade de planejamento pode incrementar a projeção e consolidação da IES. No jogo da figura-fundo da RedSig institucional o foco é a construção de uma cultura na Unemat. Para conceituá-la reporta-se ao termo cultura organizacional, guardadas as devidas divergências. Garcia (2007) comenta que a partir da segunda metade do século XX, a cultura vem ocupando lugar de destaque nas análises desenvolvidas em diversas áreas do conhecimento. Nas Ciências Humanas e Sociais, sua importância foi reconhecida visto que a ação é orientada por significações compartilhadas por diferentes grupos.

Reconhece-se que os conceitos de cultura e clima organizacional estão intimamente ligados e que se sobrepõem em algumas situações. Reitera-se, também, que não são claramente delimitados, sendo sujeitos a múltiplas interpretações. Segundo Garcia (2007) a cultura organizacional é um objeto de análise pluridisciplinar, que conglomerada uma grande variedade de sentidos que caracterizam as diferentes formas como o conceito é abordado.

A opção nessa tese foi trabalhar com a cultura tendo em vista a íntima relação com o objeto de estudo e a realidade encontrada na Unemat. O termo é usado aqui no âmbito da

prática diária das IES como consequência de seu trabalho, e não um mero “costume” sem maior importância. Essa posição tem como fundamento que a cultura possui um caráter mais duradouro que o clima que é volátil (LÜCK, 2010), sendo constituída pela sequência e abrangência de vivências que podem ser disseminadas. É exatamente isso que propõe o desenho deste cenário.

Para Buarque (1994) a cultura é uma forma dos indivíduos se posicionarem e agirem, considerando o conjunto do imaginário que configura a maneira como os indivíduos se organizam. Lück (2010) indica ainda que a cultura tem um caráter denso e sistemático na determinação de comportamentos. A enciclopédia do gestor (2007, p. 02) destaca que a cultura implica “[...] algum grau de estabilidade estrutural no grupo [...] é algo profundo e estável [...]” e deriva de uma aprendizagem acumulada ao longo do tempo pela coletividade, como fruto de uma experiência e de significados.

Franco (1984) esclarece que é um conjunto de fenômenos decorrentes da atuação dos indivíduos, é, então, grupal e não individual resultante e característico da coletividade. Engloba tanto os fatores materiais como os abstratos resultado do convívio institucional. Assim, é o reflexo de sua estrutura real, dos seus padrões de comportamento, individuais e coletivos presentes na concretização funcional. Se expressa num modo de operação institucional, que na Unemat parece ser muito mais burocrático e regulatório do que científico, conforme demonstraram os entrevistados.

As universidades desenvolvem diferentes culturas que perpassam suas manifestações face às políticas. Nestes contornos específicos, a cultura seria expressa pela postura da IES para dissolver suas dificuldades. No caso da cultura de pesquisa há o envolvimento dos interesses (individuais e coletivos) e razões que perpassam as relações institucionais. O conhecimento é elemento básico para forjar a cultura e consolidar as parcerias nos grupos e nos projetos. Para Franco (1984), os conhecimentos e as preferências individuais afetam os comportamentos. Além disso, o grupo compromete as escolhas coletivas organizacionais que afetam a ambiência da pesquisa. Num retorno cíclico, os ambientes refletem os conhecimentos e as preferências dos indivíduos.

Acrescenta-se a essas assertivas, o desvelamento da importância da cultura institucional que atribua devido valor a pesquisa e seu acompanhamento direto, o qual foi destacado pelos respondentes em inúmeras respostas. Essa relação pode produzir modos culturais organizativos (FRANCO, 1984) onde processos associativos instrumentalizariam os docentes para densificar as pesquisas, costurando os fios das condições institucionais.

A justificativa de uma cultura de pesquisa preocupada com o processo (adensamento) e o produto (densidade) da produtividade não aconteceria porque a CAPES, o CNPq, ou outro órgão exige através de avaliações sistemáticas. A perspectiva seria diferenciada, pois sustentaria o desenvolvimento da IES como produtora e socializadora de conhecimento no cenário nacional e internacional, visto estar presente num dos biomas mais importantes do planeta. Cunha (2000) comenta:

Os programas de pós-graduação das instituições mais jovens não possuem tradição e estrutura de pesquisa, por isso precisam institucionalizar essa prática, como fizeram, e geralmente fazem, as mais antigas universidades. Institucionalizar a pesquisa é criar uma cultura da pesquisa [...] Nesse sentido, iniciativas interessantes são tomadas por algumas novas universidades, mas ainda há muito a fazer para criar uma cultura administrativa voltada à institucionalização jurídica, financeira e física da pesquisa (p. 174).

Em resumo, poder-se-ia salientar que ao atentar analiticamente para as ações da Unemat, focalizou-se a questão macroestrutural e os modos organizacionais que tem assumido ao longo dos anos. As políticas da IES são basilares no forjamento das condições da pesquisa, pois podem viabilizá-las ou entravá-las. Porém, é no arremate dos nós das RedSig individual e institucional que essas condições se corporificam. Franco (1997) considera que a produção da pesquisa na universidade tem uma marca: “[...] que se manifesta no entrelaçamento do institucional, da vontade política, da vontade do indivíduo pesquisador e da vontade de grupos” (p. 39).

A prospecção nesse cenário é de uma cultura institucional de pesquisa com vistas a uma IES de excelência na produção e socialização do conhecimento, consciente das amarrações da produtividade docente. Essa cultura favoreceria a publicização dos resultados obriga os pesquisadores a um processo contínuo de atualização, de verificação da obsolescência do conhecimento e também a presença em eventos de natureza científica, o que avaliza a qualidade da Educação Superior.

A produtividade é demonstrativa dessa cultura de pesquisa, mas não pode ser exacerbada para não cair no produtivismo. A AC demonstra que quarenta e sete LGs têm consciência de que o processo de adensamento da produtividade está acontecendo na IES e destacam que persistem situações diferenciadas que são relacionadas à territorialidade e a regionalização. Esses elementos analíticos são perceptíveis no excerto: “Porque nós somos muitos novos, a universidade é nova, a maioria dos professores dos mestres e doutores que aqui estão também são recém-formados que também não tem rol de publicação” (LG47).

Kourganoff (1989) já denunciava há muito tempo que: “a carreira docente depende da ‘produtividade’ na investigação, e que essa produtividade é avaliada essencialmente pelas

publicações, chega-se a uma situação que resume a celebre máxima americana *publish or perish* (publiquem ou morram)!” (p. 129 – grifos do autor). Em sendo dessa forma, a importância das publicações para a reputação de um pesquisador, é de notoriedade pública.

Com relação à densidade da produção, se for levado em consideração a produtividade dos docentes que compõem os programas de Pós-graduação da IES<sup>107</sup>, e possível perceber que a Unemat ainda se encontra num nível inicial, precisa ampliar e participar nas discussões regionais, nacionais e internacionais. Para isso, é necessário estimular o trabalho coletivo das pesquisas em redes, propositura primordial nesta tese.

A preocupação com o adensamento e posteriormente com a densidade da produtividade docente deve ser um dos pilares de sustentação de um planejamento institucional para alavancar a Pós-graduação na Unemat. Isto porque qualquer universidade sabe que não consegue chegar a lugar nenhum, sem prestígio e reputação advindos da socialização das pesquisas. É de longa data que o mérito científico mede-se pelo número de artigos que levam o nome da IES (KOURGANOFF, 1989). As publicações representam um dos únicos critérios do valor de uma pesquisa, e, concebem a garantia do reconhecimento.

Essa situação não é privilégio da universidade brasileira, Kourganoff (1989) esclarece que: “[...] seja na França, na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos, ou noutra parte do mundo, não se pode fazer uma carreira na Universidade sem ‘publicar’, pois o prestígio depende antes de mais nada das publicações e a ascensão depende antes de mais nada do prestígio” (p. 132 – grifo do autor). Neste contexto de capitalismo acadêmico sob a égide do produtivismo, o meio mais seguro de atrair a atenção da comunidade nacional e internacional consiste em proclamar regularmente o maior número de artigos. Também não é possível se descuidar das apresentações dos resultados sob a forma de comunicação em colóquios e congressos.

Há uma obsessiva competição para apresentar os resultados e a relação temporal é totalmente extrapolada. A grande preocupação é com o consumo de livros, congressos, revistas, viagens, entre outras. Esse é o hipermercado da academia! Tudo o que é produzido é contado, pontuado e deve estar explicitado em seu *lattes*. A grande crítica à produtividade é a atribuição de um peso excessivo ao número e a frequência de artigos publicados. Nunes (2012) comenta que certos indicadores refletem a produtividade, mas não a relevância do que é pesquisado. Neste estudo, a AC demonstrou que dos oitenta e três LGS, 56,6 % se reportaram à essa problemática. Seguem alguns posicionamentos:

---

<sup>107</sup> Como já relatado, não é possível apresentar os dados do levantamento, pois se constituem numa série de tabelas e gráficos demonstrativos da produtividade docente.



Porque sem a pesquisa não tem como você produzir o conhecimento ou dar mais estabilidade para que a instituição ofereça curso de Pós-graduação (LG47). Outra coisa é quando se faz a avaliação da nossa produção e publicação, nós estamos muito aquém daquilo que deveria ter para o programa! Acho que não tinha sido colocado no horizonte com a clareza necessária, para vários professores que quando voltassem do doutorado tivessem essa produção (LG70).

Nesse sentido, o paradoxo da produtividade permeia as relações docentes na Unemat, principalmente as relacionadas ao universo da Pós-graduação. Outro entrevistado assinala que: “Eles colocam que tem que ter um mínimo de produção acadêmica para conseguir financiamento. Como é que você vai ter produção, se você não tem financiamento. É um paradoxo essa questão” (LG63). Os excertos revelam as condições adversas da produção da pesquisa numa instituição pública estadual que tem desafios mutilantes. Acrescenta-se, para um posicionamento reflexivo aprofundado, que é uma universidade multicampi com grande potencial de crescimento, principalmente se for consubstanciado um planejamento institucional que garanta a consolidação da Pós-graduação.

Para encerrar temporariamente, mas não esgotando as possíveis elucubrações sobre a produtividade em tempos hipermodernos, salienta-se que a produção é avaliada, quantificada e motiva um *ranking* docente<sup>108</sup>. Assim, tudo tem valor de troca, sem levar em consideração onde, o que, como e porque foi publicado, nem ao menos se o que foi publicado tem importância na área. Não importam também quais foram às estratégias que foram utilizadas, o que realmente tem ênfase é a quantidade.

Dessa forma, o capitalismo acadêmico está radicado na universidade brasileira onde a prioridade é a quantidade e não a qualidade dos artigos. Isso traz o mercado para dentro da universidade, ficando difícil realizar pesquisas de qualidade quando a preocupação é temporal com relação aos resultados. Em suma, o produtivismo vem sendo pesquisado, denunciado e causa desconforto. O capitalismo está no banco dos réus, cada vez mais adjetivado como provocador de tensões. É o paradoxo da hipermodernidade, um indivíduo produtivo, mas uma engrenagem da sociedade; é o narciso ao hiperlativo, é a consumação da expressão: “*lattes lattes* meu, existe alguém melhor do que eu?” Isso é a lógica da produção acadêmica entre os pesquisadores, fruto do sistema capitalista. O conhecimento deixa de ser um constructo refletido a partir de uma lacuna real para se tornar a medida de sucesso, isso se reflete explicitadamente no currículo *lattes*, o que importa é a quantidade e não a qualidade.

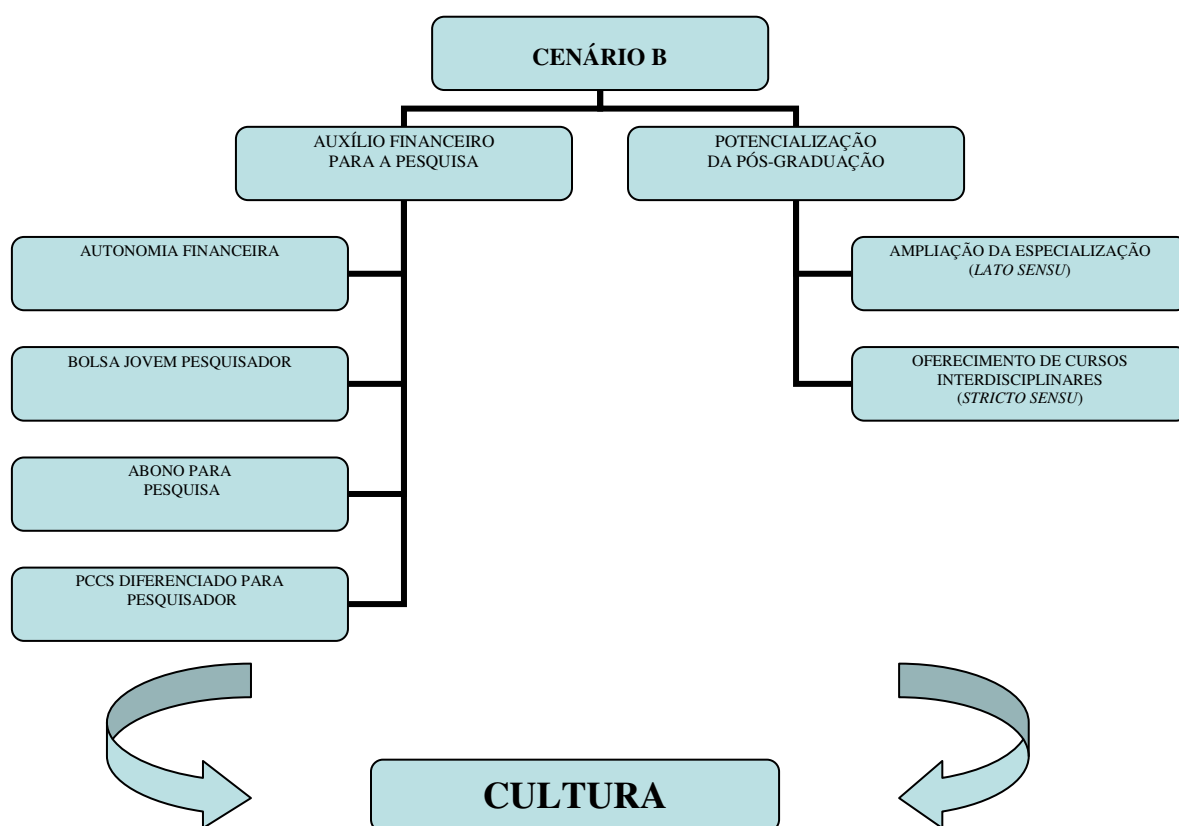
A universidade subsumida na produção quantitativa é chamada pela sociedade hipermoderna para responder às emergências desses conflitos. Precisa-se, neste momento, refletir se esse modelo, sob o controle do capitalismo acadêmico, revitaliza de alguma forma a

<sup>108</sup> Maiores informações sobre consultar Tamborlin (2013).

carreira docente ou a impõe como mecanismo de estrangulamento das suas atividades. Posto isso, acredita-se que a especificidade do trabalho do pesquisador requer estudos cuidadosos a respeito da subsunção da produtividade ao capitalismo acadêmico, buscando entender essa relação, principalmente acerca do controle e da regulação. Assim, não é possível continuar se mantendo sob a tutela do capitalismo acadêmico para avaliar o desempenho dos docentes criando searas, nichos ou feudos. Enfim, conta, soma e fragmenta o trabalho nas IES.

Diante desse quadro, há que se admitir que as mudanças recentes introduzidas nas universidades brasileiras só agravaram o processo de intensificação e precarização do trabalho docente. A saída possível seria pensar nas redes, concentrar-se em esforços de produção em pesquisas de excelência acadêmica. Essa alternativa traz novos desafios, atrela-se a questão da interdisciplinaridade dos projetos e impacta-se diretamente na carreira docente. Nesse momento, necessário se faz romper o isolacionismo do trabalho intelectual, que favorece o narcisismo que permeia as relações paradoxais da sociedade contemporânea.

Para finalizar essa parte da tese, numa perspectiva sintética, o cenário da RedSig institucional ressalta as seguintes categorias e subcategorias na figura que segue:



**Figura 03** – Cenário B: rede de significações institucional  
**Fonte:** Nez (2013).

Essa proposição contribui de forma incisiva para impulsionar a consolidação da pesquisa na Unemat, oferece um delineamento institucional para as ações a serem realizadas, por isso, a tese se encaixa no perfil de um estudo futurista. Essa investigação apresenta reflexões sobre as tendências e as vinculações que podem redefinir as práticas da IES sobre as condições de produção da pesquisa, traçando possíveis saídas para a universidade.

Os elementos que são tratados na sequência destacam o “agir” sobre a pesquisa na perspectiva dos grupos e das redes. Considera-se que a pesquisa é um empreendimento que pode ser realizado com parcerias (redes), nas quais possam serão constituídas as interlocuções no espaço territorial e multicampi da Unemat, esse é o tom dos fios que compõem o último cenário prospectivo.

#### 4.4 O “agir” sobre a pesquisa: grupos e redes

Nas palavras de Franco (1997) a ocupação de um espaço antecede a sua defesa; mas, o conhecimento sobre suas particularidades é fator decisivo no seu controle. Para compreender a pesquisa na IES desse estudo de caso, foi necessário conhecê-la em profundidade. É isso que se procede nessa última parte dos dados analíticos, onde são apresentados os grupos e as redes, considerado o “agir” sobre a pesquisa na Unemat. Para esse encaminhamento reporta-se que foram solicitadas aos respondentes das entrevistas (LGs, CPs e PRs) questões relativas aos respectivos grupos que lideravam e as redes (conforme pode ser visualizado nos Apêndices II e III). Além disso, foi realizada AC nos anuários de 2004 a 2011 e no catálogo dos grupos de pesquisa (2010b) para sua contabilização.

Na Unemat, as informações sobre os grupos são ausentes e difusas. De 2004 a 2009, não foram encontrados registros. Só no anuário de 2010 aparecem os primeiros dados, entretanto, o primeiro grupo surgiu em 1999. Acredita-se que a ausência de informação ocorreu porque apenas em 2010, houve a primeira coleta oficial de dados, isso explica o registro nesse período. Os elementos localizados sobre o incremento dos grupos ano a ano estão dispostos no quadro a seguir.

**Quadro 11** – Série histórica do crescimento dos grupos de pesquisa

ANO	QUANTIDADE DE GRUPOS
2006	71
2007	86
2008	78
2009	73
2010	97
2011	123

**Fonte:** Anuário (2012).

Ressalta-se que o crescimento dos grupos foi gradativo. Registrou-se uma queda de 2007 a 2009 que se deu em função da sua atualização<sup>109</sup>. Além dessa justificativa, segundo a assessoria responsável pelos grupos na PRPPG, também houve o encerramento de alguns deles. Depois desse período de retrocesso, visualiza-se um aumento significativo, em 2010 inseriram-se vinte e quatro grupos. E novamente, no último ano de registro do anuário, um acréscimo de vinte e seis grupos. De 2006 para 2011, o crescimento foi de 74%.

Esses dados apresentam o quantitativo de grupos relativos a 2011 (ano de vigência do anuário), as informações atualizadas (2012) podem ser verificadas no *software* “UNIREDES Unemat: grupos e redes de pesquisa”. Porém, é preciso esclarecer que a quantidade de grupos informada nos anuários e no catálogo (2010b) difere do número oficializado no DGPB. Nos dados do censo (2010) constata-se que a Unemat possuía cento e um grupos de pesquisa ativos (DIRETÓRIO, 2013). Já no quadro 11 (fonte do anuário), no mesmo período informa-se que eram noventa e sete grupos, e, por fim, o catálogo (2010b) que foi produzido na mesma época eram noventa e seis. Os dois documentos divergem dos dados do diretório, o que demonstra falta de conhecimento sobre a informação exata.

Assim, não é possível chegar num número exato dos grupos neste período, pois variaram em função da institucionalização<sup>110</sup> e da atualização. Esse não é um movimento apenas do ano de 2010, é atemporal, se fossem tomados os dados do próximo censo do DGPB e comparado com os documentos institucionais atuais as diferenças continuariam a existir. Isso acontece porque os números são dinâmicos e se modificam diariamente conforme o processo de inclusão ou retirada de grupos da plataforma. A base de dados escolhida para nortear as entrevistas nos padrões quantitativos foi o catálogo (2010b), visto que na ocasião apresentava o balanço dos grupos num documento oficial certificado pela IES. Essa opção privilegiou as informações advindas da PRPPG, dessa forma, as análises que seguem tomam por base o total de noventa e seis grupos de pesquisa na Unemat.

A resolução nº. 085/2007 que disciplina a política de pesquisa na Unemat define que os grupos “constituem-se de pesquisadores, estudantes e pessoal de apoio técnico, de um mesmo *campus* ou de diferentes *campi* ou instituições, organizados em torno da execução de linhas de pesquisa, podendo compartilhar instalações e equipamentos” (Conepe, 2009a, p. 03). Legalmente, hoje, a Pós-graduação *Stricto Sensu* é sujeita às exigências de autorização, reconhecimento e renovação, que são concedidas por prazo determinado, depende do parecer

<sup>109</sup> Se não for realizado nas normas do censo do DGPB o grupo é excluído.

<sup>110</sup> Regulamentado pela resolução nº. 085/2007 do CONEPE é relativamente simples para o LG, que preenche um formulário, porém extremamente burocrático passando por vários setores na IES, até o parecer final e a inclusão no DGPB.

da Câmara de Educação Superior (CES), do CNE, fundamentado nos resultados da avaliação realizada pela CAPES. A resolução nº. 1/2001, em seu artigo 1º §5º considera que uma das condições indispensáveis para seu funcionamento é a comprovação da existência de grupo de pesquisa consolidado na área de conhecimento (BRASIL, 2013c).

Sem dúvida, um programa deve ser concebido e organizado como lugar de produção e socialização do conhecimento, um centro de pesquisa onde se realiza sua construção sistemática e permanente. A atividade de pesquisa tem como espaço privilegiado para sua realização, o grupo e essa produção científica, tecnológica e cultural demanda permanente intercâmbio e trabalho coletivo que é garantido na atuação em grupo.

Segundo o DGPB um grupo é caracterizado como um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente, em torno de uma liderança onde existe envolvimento profissional e permanente com a atividade de pesquisa, e cujo trabalho se organiza em torno de linhas (DIRETÓRIO, 2013). Mocelin e Franco (2006) estabelecem que é o elemento organizador, definido como a unidade de produção constituída por pesquisadores líderes, seniores e assistentes, acadêmicos (doutorado e mestrado) e por bolsistas (iniciação científica), além dos técnicos que organizam investigações articuladas em suas linhas de pesquisa.

Menezes (2000) sinaliza que a unidade de produção acadêmica e de formação pós-graduada não é um doutor isolado, mas, um grupo de pesquisadores, que se consolida ao longo dos anos, e que inclui entre seus participantes não só docentes, mas também acadêmicos e colaboradores diversos. A existência das parcerias na Pós-graduação são potenciais geradores de pesquisa no seio das IES. A realização de um trabalho compartilhado, ao invés do individual, é a expressão da tendência hipermoderna de uma sociedade em rede. Franco (2009) indica que esse momento é chapiscado pela noção de acumulação flexível de Harvey (1996), que passa a dar sentido para a multiplicidade de grupos.

Essa intenção de criação de grupos decorre da ideia de que a produção de conhecimentos deve ser um trabalho coletivo, realizado em redes. Nessa tese, parte-se da compreensão que as redes articulam os pesquisadores e podem auxiliar no aprofundamento das relações entre os indivíduos, possibilitando o desenvolvimento de conhecimento crítico para a construção de uma universidade de inovação com pertinência social. Mocelin e Franco (2006) salientam que os grupos podem transcender a funcionalidade da produção de reflexões para se colocar no patamar de espaços de formação da nova geração de pesquisadores.

A filiação dos docentes da Pós-graduação a esses grupos e as redes é de fundamental importância. Segundo Severino (2010) as agências de fomento da pesquisa tem prestigiado

essa iniciativa. Segue-se esse movimento em Mato Grosso, desde 2010, a Fapemat em parceria com o CNPq convida com editais específicos, os pesquisadores a apresentarem projetos para grupos de excelência em pesquisa, no âmbito do Pronex. A fundação junto com a Secitec busca o fortalecimento de grupos de pesquisa, como forma de alavancar o desenvolvimento regional sustentável (Fapemat, 2013).

Segundo Ramos (2009) os grupos passam cada vez mais a fazer sentido, porque “[...] como espaços de produção de pesquisa na universidade, possibilitam a aproximação dos indivíduos por temáticas, superando estruturas rígidas” (p. 29). Para Franco e Morosini (2001) pensar os grupos de pesquisa como espaços de investigação implica considerar os reflexos das atividades para formação da nova geração de pesquisadores. E, consecutivamente, proporcionar a criação de redes que interligue os grupos. Sobre o processo de institucionalização dos grupos na Unemat, foi realizada AC no catálogo (2010b) e sistematizados no quadro que segue.

**Quadro 12** – Série histórica da institucionalização dos grupos

ANO	QUANTIDADE DE GRUPOS
1999	1
2001	1
2002	13
2003	6
2004	16
2005	5
2006	11
2007	12
2008	13
2009	14
2010	4
<b>Total</b>	<b>96</b>

**Fonte:** Catálogo (2010b).

Conforme indicado no histórico dos *campi*, o primeiro grupo institucionalizado não foi na sede da Unemat, foi em Sinop (1999) na área das Ciências Humanas. E, o segundo grupo surgiu no *campus* de Alta Floresta (2001) nas Ciências Biológicas. Só no ano seguinte (2002) a sede aparece no cenário agregando oito dos treze grupos criados nesse período. Hoje, Cáceres aparece com a maior quantidade (ver quadro 13), devido ao fato de abranger uma grande quantidade de docentes efetivos (duzentos e dois - informação concedida pela Prad), o que de certa forma, viabiliza a composição de projetos coletivos.

O maior adensamento (quantidade) incide a partir de 2006. Criam-se em média doze grupos por ano, cessando em 2009. Para compreender esse movimento, relembra-se Franco (2009) que esclarece que a década de 90 impulsionou os grupos, sendo considerado um

reflexo do encaminhamento do DGPE e das políticas que estimularam o crescimento da Pós-graduação no Brasil. Na Unemat, esse movimento expansionista acontece tardiamente, a explicação é de que os docentes que saíram para estudar começaram a retornar titulados a partir de 2004 (informação concedida pela Assessoria da PRPPG) que coincide com o período de crescimento institucional. No regresso, os docentes sentiram necessidade da estruturação de grupos para a continuidade dos seus estudos e assim o fizeram gerando adensamento do processo de institucionalização de 2006 a 2010.

Vale ressaltar que a legislação também contribuiu com esse aumento. No quadro 08 que trouxe a síntese dos atos normativos da PRPPG, percebeu-se que a partir de 2003 foram realizadas as principais regulações. Houve em 2004, uma resolução que impulsionou a estruturação dos núcleos que resultou no incremento de dezesseis grupos de pesquisa.

Para fins analíticos, é imprescindível inferir ainda que nos concursos docentes (2006 e 2013), a titulação exigida foi graduação, prejudicando o desenvolvimento da pesquisa. No certame de 2006, houve a entrada de muitos graduados. Assim, foi necessário facilitar o acesso à qualificação. Conforme informação concedida pela Prad, antes desse concurso a IES tinha uma média de 30% de docentes efetivos e 70% de interinos. Desses, 61,7% eram graduados<sup>111</sup> (ANUÁRIO, 2004). Um dos LGs esclareceu que:

[...] Dos professores mais antigos que entraram, nenhum professor fazia pesquisa. Até 1986, não tinha praticamente essa preocupação com a pesquisa na Unemat, ela era uma *escola de ensino superior*. Eu acho que aí, o fato da qualificação dos professores, com a chegada de concursados que vem de centros de pesquisa trazendo suas experiências, fica mais claro que nos teríamos que pesquisar (LG70 – grifo meu).

Segundo a PRPPG, depois do concurso (2006) com a efetivação de alguns pesquisadores com titulação vindos de diversos Estados brasileiros (São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, entre outros) houve um crescimento substantivo com relação à pesquisa e paralelamente a abertura de novos grupos. Esses docentes chegaram com formação de pesquisador adquirida no mestrado e/ou doutorado e em algumas situações articulados em grupos nas IES de sua origem acadêmica.

Outro indicativo passível de ser lembrado é que em 2008, houve alteração do plano de carreira dos docentes, o que garantiu dedicação exclusiva<sup>112</sup>. Isso corroborou para a

<sup>111</sup> Não há especificações sobre a distribuição entre efetivos ou interinos.

<sup>112</sup> Esse é o regime de trabalho preferencial na Unemat. A lei complementar nº. 320/2008 determinou em seu artigo 14, § 1º, que o docente teria as atividades distribuídas entre ensino, pesquisa, extensão e, eventualmente, na gestão acadêmica (MATO GROSSO, 2013b). Assim, entende-se o tempo integral aquele que obriga à prestação de quarenta horas semanais de trabalho na instituição, reservando o tempo necessário para atividades destinadas a pesquisa, existindo, desta forma, garantia legal.

implementação de grupos, onde os pesquisadores pudessem ser agregados e se dispusessem a pesquisar; esse movimento se estendeu até 2009. O LG46 relembra que: “[...] com o concurso, tivemos um quadro de oxigenação da pesquisa na universidade, por conta da entrada de um grupo muito importante de doutores, além de mestres em processos de qualificação em nível de doutorado. Também junto com isso, a questão do plano de carreira”.

No entanto, recortes analítico-descritivos com relação à densidade dos estudos produzidos pelos grupos, referente à qualidade e a credibilidade da produção, ainda não é possível ser feito. Isso porque os grupos são recentes e estão trabalhando para intensificar as atividades, “caçando” financiamento, entre outros procedimentos na busca da qualidade.

Uma informação que pode ser acrescentada e que é relevante para compreender o perfil dos LGs deste estudo de caso é com relação ao número de vínculos em grupos que se relaciona diretamente ao uso do tempo da dedicação exclusiva. Verificar dados na tabela seguinte:

**Tabela 15** – Quantidade de vínculos em grupos de pesquisa

RESPOSTAS QUANTIDADE DE GRUPOS	QUANTIDADE DE RESPONDENTES	PERCENTUAL (%)
1	49	59
2	22	26,5
3	10	12
4	2	2,5
<b>Total</b>	<b>Σ83</b>	<b>Σ100</b>

**Fonte:** Pesquisa de campo com LGs da Unemat (2012).

Deduz-se que mais da metade dos entrevistados (59%) participam de um único grupo. Já 38,5% compartilham dois ou mais; e ainda 2,5% estão alocados em quatro grupos. O que não é sugerido pelo DGPB que esclarece que a participação em um grupo define-se como um trabalho permanente e profissional naquele grupo. Na ocasião do primeiro censo do diretório (1993), observou-se que a maioria dos pesquisadores participava de apenas um grupo e uma minoria em mais de quatro. No entanto, em 2002, o censo demonstrou um aumento representativo de pesquisadores que apareceram mais de uma vez na base de dados. Este fato levou o CNPq a considerar esse ato como não sugerido (DIRETÓRIO, 2013).

O que ocorre é o fato de um pesquisador colaborar eventualmente em outros grupos, mas que não devem ser considerado como participação (conforme instrução do DGPB). Isso não invalida o pesquisador de participar com colaborações esporádicas. É óbvio que também não faz sentido uma limitação, pois, o pesquisador é livre para realizar suas atividades onde e quando desejar. O que é significativo é que a participação num grupo dever ser um trabalho



permanente e profissional da atividade de pesquisa e não apenas um “cabide” para justificar a dedicação exclusiva na Unemat. Isso está explícito no relato de alguns entrevistados.

É um projeto de pesquisa que eu faço parte, *só faço parte*. Eu entro com alguns tratamentos matemáticos. E, então, na verdade mesmo, a gente vem de um grupo *que não está ativo* (LG10 – grifos meus).

*Eu preciso participar* de um grupo, então vou escolher um grupo para entrar. “Daf”, não conversamos mais! Para se ter uma pesquisa de qualidade, precisamos ter uma aproximação, as pessoas precisam começar a trabalhar junto (LG20 – grifo meu).

Como eu sou líder no primeiro grupo, o segundo e esse terceiro aí que eu acho que é de Barra, só foi contato inicial. Depois nunca teve atividades desenvolvidas (LG59).

O participante do grupo não cumpre o seu efetivo papel, apenas recorre a um cadastro burocrático para contabilizar horas. O que é manifesto nestas constatações é uma concepção equivocada na composição de um grupo, gerando desconforto entre pesquisadores e IES. Acima de tudo, há uma incidência na rotatividade de abertura e fechamento dos grupos. Isso acontece rotineiramente na Unemat: “Um novo projeto gera um novo grupo. E não é assim que funciona! Se eu sou líder de um grupo, e você é líder de outro e vai participar da pesquisa, nós temos dois grupos. Não precisa criar um novo. Não é interessante você montar um grupo hoje e fechar ele amanhã” (LG19). O LG09 também denuncia essa questão,

Então, se você pegar os grupos de pesquisa da Unemat, tem professores que é líder em dois grupos de pesquisa. Na verdade, não é isso que é para acontecer! Uns absurdos desses, isso porque a pessoa aprovava projeto e criava grupo de pesquisa com o nome do projeto, ou seja, *concepção* completamente equivocada [...] *Os projetos têm início, meio e fim. O grupo de pesquisa não!* (grifos meus).

Finalmente, é válido ressaltar nas análises pretendidas com os dados da tabela 15 que os grupos são compreendidos na Unemat como ocupação dos espaços de poder. Por isso, os LGs se articulam em inúmeros grupos conforme relatado nos fragmentos. Bourdieu (1974) explica essa dinâmica quando expõe que cada uma das posições no campo corresponde a uma forma de relação. Em termos mais precisos, isso quer dizer que é na relação que as categorias de agentes vinculados a cada uma destas posições se mantêm. Através dos diferentes tipos de gratificações correspondentes às diferentes formas desta relação que se definem o grau de pertinência ou exclusão daquele campo. Hey (2008) concorda quando comenta que:

A distribuição das diferentes espécies de capital no espaço determina sua estrutura e permite entendê-lo como um espaço de forças. Tal espaço é composto por posições desiguais na medida em que os capitais são distribuídos diferentemente entre os pesquisadores, porém contribuindo para a formação do seu conjunto. A posição de cada agente nessa estrutura, ou melhor, o peso de cada um para formar essa estrutura e ao mesmo tempo suportá-la, depende de todos os outros pesquisadores, bem como de todos os pontos do espaço e das relações entre todos os pontos (p. 80).

Nesse sentido, cada grupo equivale a uma posição, sendo que aquele espaço ocupado restringe ou aumenta o campo de articulação. Para Bourdieu (1974) o dominante será aquele que ocupa um lugar na estrutura e que age favoravelmente às suas ações. Segundo Hey (2008) o pólo dominante é aquele que em duas espécies de capital determinam as posições: o político e o prestígio intelectual. Isso permite a circulação dos agentes nos espaços sociais que propiciam sua integração na academia e contribui decisivamente para seu sucesso; enquanto que o pólo dominado não tem acesso e não consegue capitalizar suas ações.

A interpretação utilizada nesta tese indica que na Unemat esses pólos são arrolados como os grupos de sucesso e os não ativos, que foram revelados no âmbito analítico desse estudo de caso. Quando o pesquisador se encontra num grupo consolidado, tem possibilidades diferentes de quem pertence a um grupo não ativo, entre outras situações destacadas pelos LGs<sup>113</sup>. Assim, “As lutas no espaço são lutas pela dominação simbólica, ou melhor, pela legitimação de uma forma de ver o mundo social” (HEY, 2008. p. 165).

Muitas elucubrações que se relacionam ao campo científico são possíveis com o excerto, mas, em especial, referenda-se a distribuição territorial da IES. Bourdieu (2004) esclarece que as representações dos agentes também variam segundo seu lugar e a associação dos seus interesses. O *habitus* é gerador de um sentido de pertencimento a um espaço, e no caso aqui, além do território (*campus*), reporta-se ao lugar de pesquisador ou de liderança. Esse grupo é um espaço instituído de poder. Desta forma, “[...] implica não apenas um *sense of one's place*, mas também um *sense of other's place*” (p. 158). Para compreender as posições dominantes com relação aos grupos, organizou-se um quadro, ver detalhamento que segue:

**Quadro 13** – Distribuição da quantidade de grupos por *campus* universitário

<b>CAMPUS</b>	<b>NÚMERO DE GRUPOS</b>
Cáceres	49
Sinop	20
Tangará da Serra	17
Barra do Bugres	10
Alta Floresta	9
Pontes e Lacerda	7
Nova Xavantina	5
Alto Araguaia	4
Colider	1
Juara	1
<b>Total</b>	<b>123</b>

**Fonte:** UNIREDES (2013).

<sup>113</sup> Inúmeros são os comentários externalizados pelos LGs sobre essa situação. Porém, não foi possível elencá-los aqui nesse momento.

Toma-se por base os dados coletados para a atualização do *software* UNIREDES, territorialmente verifica-se que hoje Cáceres é o *campus* que tem a maior quantidade de grupos. São quarenta e nove (39,8%) do total atualizado, distribuídos em várias áreas do conhecimento<sup>114</sup>, com predomínio das Ciências Humanas (dezoito); seguida das Ciências Biológicas e Linguística, cada uma com cinco grupos. Já Sinop possui vinte grupos, atinge a segunda colocação e também tem superioridade nas Ciências Humanas (sete grupos). Em 2002, houve um incremento de outros dois grupos na mesma área e somente em 2004, foi institucionalizado um grupo alocado nas Ciências Sociais Aplicadas.

Ainda no quadro 13, constata-se que Tangará da Serra tem dezessete grupos, que ocupa o terceiro lugar, as maiores quantidades (cinco) estão nas áreas das Ciências Agrárias e nas Ciências Humanas. Esses dados complementares demarcam o desenho da especificidade das áreas contempladas por esse *campus*. Barra do Bugres possui dez grupos, e obtém a quarta colocação. Do total, quatro estão alocados nas Ciências Exatas e da Terra, dois nas Engenharias e os outros na área das Ciências Humanas. Logo, 60% dos grupos estão na área do conhecimento de predominância do atendimento dos seus cursos de graduação.

Alta Floresta apresenta nove grupos de pesquisadores, e o primeiro deles surgiu em 2001 (segundo grupo institucionalizado na IES) vinculado às Ciências Biológicas. No ano seguinte, foram criados outros três, um deles na mesma área, outro nas Ciências Exatas e da Terra, e, um ainda nas Ciências Humanas, o que pulverizou o campo de atuação. Seguindo as informações constantes no quadro, em Pontes e Lacerda encontram-se sete grupos distribuídos da seguinte forma: Ciências Agrárias (dois), Ciências Humanas (um), e Linguística, Letras e Artes (quatro grupos).

Na unidade acadêmica de Nova Xavantina confirma-se a existência de cinco grupos que estão distribuídos nas Ciências Biológicas, com exceção de um que se encontra nas Ciências Exatas e da Terra, que pode ser considerada área afim e proporciona o desenvolvimento de projetos coletivos. Esse seria o *campus* que demonstra maior afinidade das áreas de atuação dos grupos para atividades integradas em projetos de pesquisa.

A representatividade de Alto Araguaia é baixa, possui apenas quatro grupos. Um deles está nas Ciências Exatas e da Terra, outro em Linguística, um nas Ciências Sociais Aplicadas, e por fim, nas Ciências Humanas. Nesse contexto, é necessário evidenciar que mesmo com essa pequena quantidade foi contemplado com a instalação de um centro com estrutura física

---

<sup>114</sup> Maiores esclarecimentos sobre as áreas do conhecimento podem ser visualizados no *software*.

para desenvolver projetos. Poder-se-ia ter disponibilizado esse espaço para outras unidades acadêmicas que apresentam melhor desempenho e interesse.

Colider é outro *campus* que não tem um número expressivo de grupos. No momento da realização da entrevista tinha apenas um. Esse único grupo só foi institucionalizado em 2008 na área das Ciências Exatas e da Terra, quatorze anos depois do início de suas atividades, a demora se deu pela ausência de docentes efetivos. Depois da visita à unidade acadêmica, tomou-se conhecimento que foram criados outros dois grupos, um deles é o GEU/Unemat (institucionalizado no último trimestre de 2012). A mesma situação de acréscimo de grupo aconteceu em Juara. No momento da coleta de dados não havia nenhum grupo cadastrado, descobriu-se que em 2012 registrou o primeiro grupo.

Na perspectiva de compreender os campos de poder instituídos na Unemat, relacionou-se a distribuição dos grupos por área que pode ser observado no quadro.

**Quadro 14** – Distribuição dos grupos de pesquisa por área do conhecimento

ÁREA DO CONHECIMENTO	NÚMERO DE GRUPOS
Ciências Humanas	45
Linguística, Letras e Artes	20
Ciências Biológicas	15
Ciências Exatas e da Terra	15
Ciências Agrárias	14
Ciências Sociais Aplicadas	6
Engenharias	5
Ciências da Saúde	3
<b>Total</b>	<b>123</b>

**Fonte:** UNIREDES (2013).

Figura-se nesse quadro a predominância de existência de grupos nas Ciências Humanas (36,5%), seguido da área da Linguística (16,2%). Só depois surgem as Ciências Biológicas e as Ciências Exatas e da Terra com 12,1% de grupos institucionalizados cada. Da tabela 11 que apresenta a análise correlacionada ao financiamento de pesquisa com as áreas do conhecimento emergem algumas elucubrações. As Humanidades possuem maior financiamento da Fapemat e da CAPES e de outros agentes quase não recebem auxílio, mesmo que possua o maior percentual de grupos, o que significaria demanda maior.

Em contrapartida, as Ciências Biológicas e Exatas mesmo com um número menor de grupos (menos da metade das Ciências Humanas) tem aporte financeiro relativamente significativo do CNPq, do Finep e também da Fapemat. Muitas outras análises seriam possíveis revelando um rol de elementos analíticos, porém opta-se por detalhar alguns, pois a discussão de todos se tornaria extensa. Nesse sentido, está em jogo o monopólio do

financiamento que confere reconhecimento e prestígio. Há, portanto, uma hierarquia que influencia práticas e escolhas, ainda que no interior de cada campo existam tensões.

Em tempo, são trazidos dados do anuário (2012) relativos aos núcleos. Segundo a resolução nº. 085/2007 são compreendidos como “articulação de grupos de pesquisa e/ou pesquisadores e técnicos, que atuam em temáticas afins, relevantes ao desenvolvimento do Estado de Mato Grosso e do país, nos centros de um mesmo *campus* ou de diferentes *campi*” (Conepe, 2009a, p. 03). Em 2006, havia oito núcleos, e em 2011, cinco anos depois dezoito (crescimento de 125%), seu auge foi em 2010, quando existiam vinte espaços nucleares de pesquisa. Porém, esse número decaiu em função da falta de financiamento para as pesquisas, o que persiste até hoje, conforme dados da tabela 11.

Quanto aos centros de pesquisa são caracterizados como “a estrutura física e organizacional, compreendendo os recursos humanos, espaço físico, instalações, equipamentos e laboratórios, para agregar núcleos, grupos, pesquisadores, tendo por objetivo criar ambiência para o desenvolvimento da pesquisa” (Conepe, 2009a, p. 03). O anuário (2012) destaca que existiam em 2006 sete centros, hoje possui dezoito<sup>115</sup> (aumento de 160%). Zattar, Teixeira e Artioli (2008) esclarecem que a partir de 2005 aconteceram às primeiras aprovações dos centros regionais que foram em Tangará da Serra, Barra do Bugres e Cáceres.

Porém, analiticamente observou-se nas visitas *in loco* e na AC das entrevistas que a existência dos núcleos e centros não garante atividades “com abordagem transdisciplinar para favorecer a pesquisa em rede e uma maior unidade do conhecimento” (Conepe, 2009a, p. 02), conforme demarca a normativa. Também não se visualizou ações articuladas entre os *campi* ou mesmo entre departamentos, isso acontece em situações esporádicas, muitas vezes realizadas em parcerias externas. A quantidade de núcleos e centros (adensamento/processo) parece ser mais importante do que a qualidade das ações (densidade/produto) para o desenvolvimento da pesquisa que consolida a Pós-graduação que pode ser facilitada pelas redes. O aporte legal permite, mas não há implementação perceptível entre os envolvidos.

Além dos grupos, núcleos e centros, outro espaço de poder nas universidades são as redes. Para ampliar reflexões, reportou-se novamente a AC realizada nas entrevistas, forjaram-se as subcategorias analíticas que são destaques a seguir na categoria grupos e redes.

---

<sup>115</sup> Verificar denominação de cada um dos núcleos e centros de pesquisa no anuário (2012).

**Tabela 16**– Análise de conteúdo: grupos e redes de pesquisa

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	INCIDÊNCIA/ OCORRÊNCIA
Grupos e redes	Redes de pesquisa	35
	Grupos de sucesso	12
	Grupos não ativos	12
	Interdisciplinaridade	12
	Concepção de grupo de pesquisa	6
	Organização dos grupos	4
	Fortalecimento dos grupos	4

**Fonte:** Pesquisa de campo com LGs da Unemat (2012).

Nota-se, na compreensão baseada nas informações expressas nesta tabela que trinta e cinco dos oitenta e três LGs (42,1%) indicaram as redes como subcategoria analítica; somando-se o restante que correlaciona os grupos há trinta e oito incidências, que impactam em 45,7% da amostra. Na explicitação dos indicativos perpetuaram-se as subcategorias: fortalecimento (quatro ocorrências), organização (quatro indicações), concepção dos grupos (seis incidências), e por fim, grupos de sucesso e não ativos com doze indicações cada uma.

Quando se apreende os elementos fundamentais que embasam a reflexão sobre os grupos e redes, esses demonstram os sentidos delineados nas subcategorias que dão significado à interdisciplinaridade (doze ocorrências). Somente a partir de uma interpretação condensada que ganha sentido se revelam as interlocuções possíveis. Segundo Franco (1997) as políticas institucionais são fundamentais para facilitarem (ou pelo menos não entravarem) a integração, assim, sua introjeção na ambiência da pesquisa alcançará êxito na busca da interdisciplinaridade. É no entrelaçamento dos indivíduos e de suas vontades que se corporificam nos grupos se concretizam as redes.

No dicionário, as redes são a “tecedura de fios” (HOUAISS e VILLAR, 2009, p. 1627). Para Aguiar (2011) seu conceito tem sido formulado a partir de diferentes metáforas que remetem a inter-relações, associações encadeadas, interações, que envolvem relações de comunicação e/ou intercâmbio. “Os diversos padrões de formação de redes de indivíduos e grupos sociais começaram a ser estudados a partir da década de 1940, sobretudo por sociólogos, antropólogos e psicólogos sociais dos EUA, Inglaterra e Alemanha” (p. 02), que utilizaram diferentes elementos metafóricos (malha, trama, rizoma, árvore, teia, entre outros) para descrever os padrões de conexão.

Segundo Santos (2006), as redes são ao mesmo tempo concentradoras e dispersoras, além de condutoras de forças centrípetas e centrífugas. “O fato de que a rede é global e local, una e múltipla, estável e dinâmica, faz com que a sua realidade, vista num movimento de

conjunto, revele a superposição de vários sistemas lógicos, a mistura de várias racionalidades” (p. 189). No Espaço de Encontro Latino-americano e Caribenho de Educação Superior (Enlaces)<sup>116</sup> se constituem de organizações, instituições ou associações internacionais que formam um conjunto integrado inter-relacionadas entre si de maneira permanente, multidirecional, horizontal e autônoma.

Leite (2005) esclarece que as teias das redes se constroem e reconstroem em infindáveis arranjos, frágeis e efêmeros, aumentando sua capacidade de ser visível e de implantar-se em diferentes contextos, amplia-se e desdobra-se continuamente. Há, pois, uma “polifonia de vozes” formadas por múltiplos sujeitos, elementos esses considerados os constructos das redes. As definições e conceituações se multiplicam, mas pode-se admitir que quase todas se enquadram na matriz epistemológica da integração. É válido salientar que a CMES (2009) também havia realçado a importância fundamental da cooperação. “Neste processo destaca-se o papel das redes internacionais de universidades e suas iniciativas conjuntas de pesquisa e os intercâmbios de alunos e docentes” (TORRES, 2011).

A modalidade de redes, entendidas enquanto conjugação de esforços para o alcance de resultados com qualidade é coerente com essa proposta de tese. Franco e Morosini (2001) sustentam que nessas redes, seriam respaldados o respeito ao pesquisador e paralelamente, a construção coletiva de investigações, gerando uma cultura. Parte-se do pressuposto de que as redes que se estabelecem através dos grupos<sup>117</sup>, são estratégias que emergem com a intencionalidade da produção da pesquisa, e satisfazem aos princípios da integração e das parcerias. Não é apenas um pesquisador isolado, mas a associação em redes que pode reconfigurar a dinâmica da realização da pesquisa na Unemat.

Lima e Leite (2012) também consideram que as redes se formam no interior dos grupos quando há produção conjunta, e se originam também externamente com pesquisadores de outras IES. Há uma aproximação formando redes de colaboração, de co-autorias, de citação, de formação, de orientação e de parcerias (nacionais e internacionais) que podem ser institucionalizadas. Esse é o movimento que os pesquisadores da Unemat precisam fazer, pois, o que move tanto as redes quanto os grupos é a pesquisa.

---

<sup>116</sup> Tem como finalidade estimular a cooperação acadêmica entre as diferentes instituições e organizações de Educação Superior, tendo como objetivo fomentar o intercâmbio afim de criar alianças. É uma plataforma de diálogo regional, que concretiza a cooperação acadêmica entre os países da América Latina (ENLACES, 2012).

<sup>117</sup> Entre muitos exemplos dois merecem destaque: o UNIVERSITAS/Anped, que centraliza um grupo da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), que tem entre suas ações consolidar e disseminar a produção científica sobre Educação Superior no Brasil (MOROSINI, 1999); e o GEU que é uma rede de estudos e pesquisas que tem como finalidade analisar os sistemas de Educação Superior e suas transformações, na perspectiva do desenvolvimento institucional (FRANCO, LONGHI e RAMOS, 2009). Tanto um como outro grupo possuem pesquisadores da Unemat.

A utilização desse conceito de rede nessa tese marca a ruptura com uma visão estruturalista e burocrática das universidades enquanto organizações, colocando em evidência uma abordagem interdisciplinar, baseada nas conexões que alavancam a pesquisa numa IES que tem demandas regionalizadas e atende um vasto espaço territorial em Mato Grosso. Na AC dos atos regulatórios da pesquisa na Unemat, é ausente qualquer tipo de indicação sobre as redes. Isso demonstra um ponto de estrangulamento legislativo e a necessidade de informar, categorizar e sugerir-la aos pesquisadores.

A aposta desse estudo não é a ocupação de todos os espaços, mas a preocupação de ativar pontos e linhas criam-se laços nas redes dos *campi*<sup>118</sup> da Unemat. Logo, foi preciso conhecer as redes de pesquisa que os LGs compartilham, o quadro seguinte traz as especificações e a identificação dos *campi* integrantes.

**Quadro 15** – Mapeamento das redes com participação dos *campi*

<b>CAMPUS</b>	<b>REDES DE PESQUISA</b>
Cáceres	Bionorte
	Pró-centro-oeste
	Clima
	Reinesco
	ASA
	Milênio
	ComCerrado
	PPBIO
	Estrado
	Universitas
	RIES
Nova Xavantina	ComCerrado
	Bionorte
	Pró-centro-este
Alta Floresta	Bionorte
	PPBIO
Sinop	Estrado
Colider	PPBIO

**Fonte:** Pesquisa de campo com LGs, CPs e PRs na Unemat (2012).

Analiticamente, referenda-se que apenas cinco *campi* têm representações em redes, o que representa menos da metade do total (45,4%). O *campus* que tem maior inserção é o de Cáceres (onze), seguido de Nova Xavantina e de Alta Floresta com participação em três redes. Sinop e Colider têm o registro de apenas uma inserção. Correlaciona-se esse panorama com os dados do quadro 09 (distribuição geopolítica da produção da pesquisa), nota-se que dos *campi* indicados no nível avançado, apenas Tangará da Serra não tem representatividade. Considera-se que nesse *campus* foram nove LGs e que apenas três não participaram das

<sup>118</sup> Esse será o desenho constitutivo do último cenário proposto para a consolidação da pesquisa na IES.



entrevistas, indica-se a ausência de participação nas redes. Mesmo que possuam o maior número de projetos (tabela 01), ainda não tem características cooperadas de redes.

É impossível não comentar que no nível intermediário de pesquisa apontado no quadro 09 estão Alta Floresta e Barra do Bugres, o segundo não participa de redes. Salienta-se também que Colider tem apenas um grupo e está articulado a uma rede, o que é extremamente promissor para um *campus* que é de pequeno porte. Assim, o quadro 15 perpetua a distribuição geopolítica da pesquisa, com apenas algumas ressalvas se houverem avanços futuros. O que é sugerido no cenário propositivo é a articulação entre os *campi* para ampliação das redes de pesquisa na IES.

No total, foram informadas nas entrevistas, vinte e três redes, porém seis delas não foram encontradas nenhuma referência, muitas são apenas grupos e não possuem o aval de rede. Outras ainda foram categorizadas pelos respondentes como redes, mas são sistemas de pesquisa (um), programa (dois), projeto (um) e núcleo (um). Oficialmente e subsidiadas são apenas doze que tem formato de rede. Desse modo, as notificações são compreendidas como organizações formais ou grupos de IES que se reúnem em torno de objetivos. Como associações institucionais têm variados âmbitos de ação e constituem espaços adequados para a interação e a cooperação. Por isso, possuem várias classificações e tipologias<sup>119</sup>.

Salienta-se, que do total geral da amostra (LGs, PRs e CPs ) que somam oitenta e nove participantes apenas trinta estão integrados em redes, o que representa 33,7%. Esse resultado é relativamente pequeno para uma IES que busca inserção nacional, além de reconhecimento acadêmico e prestígio. Mais da metade dos participantes das redes (dezenove entrevistados - 63,3%) estão envolvidos com a temática pertinente ao campo das Ciências Biológicas, tais como: biodiversidade, biotecnologia, clima, protocolos, estudos ambientais, entre outras. Para maiores esclarecimentos sobre as redes consultar *software* que traz suas explicitações.

A insuficiência de recursos e as estruturas burocráticas que são evocadas a maior parte das vezes para explicitar as carências na Unemat nem são as únicas nem as mais importantes causas. Segundo o relato de um dos LGs: “Nós não temos pesquisadores suficientes que se *interessem* por estar nas redes” (LG18/PR05 – grifo meu). Uma das saídas possíveis seriam os projetos integrados em redes. Segundo o LG59 é possível fazer com que os docentes se conheçam e se articulem nos grupos que comecem a pesquisar juntos e, “[...] que percebam no outro o companheiro para produzir, para potencializar essa produção. Já que é necessária para que a gente tenha num prazo menor a Pós-graduação consolidada na Unemat”.

---

<sup>119</sup> Os tipos de redes não são foco deste estudo, pode-se tomar conhecimento de algumas delas em ENLACES (2012), Whitaker (1993) e Franco e Morosini (2001).

Outra forma de atacar o problema e aliviar tensões é promover a efetiva internacionalização da Pós-graduação, através de programas que permitam intensificar o intercâmbio. Essa sugestão retoma a discussão da internacionalização da Educação Superior travada por Lima e Contel (2011). Para Closs (2002) “A cooperação internacional pode representar, outrossim, excelente oportunidade para a consolidação de grupos emergentes de pesquisa” (p. 201) isso é viabilizado pelas pesquisas em rede.

Há que se reconhecer que a internacionalização é gradativa e pode ser articulada com inserções iniciais na pesquisa (primeiro estágio); depois, convidam-se autores para publicações (segundo estágio); até avançar às redes colaborativas (terceiro estágio); e projetos coletivos (quarto estágio). Na Pós-graduação isso seria uma forma de internacionalizar a pesquisa. Não se pode ficar alheio a esse processo e muito menos aos organismos internacionais que tem força de política e recursos disponíveis para ações integradas.

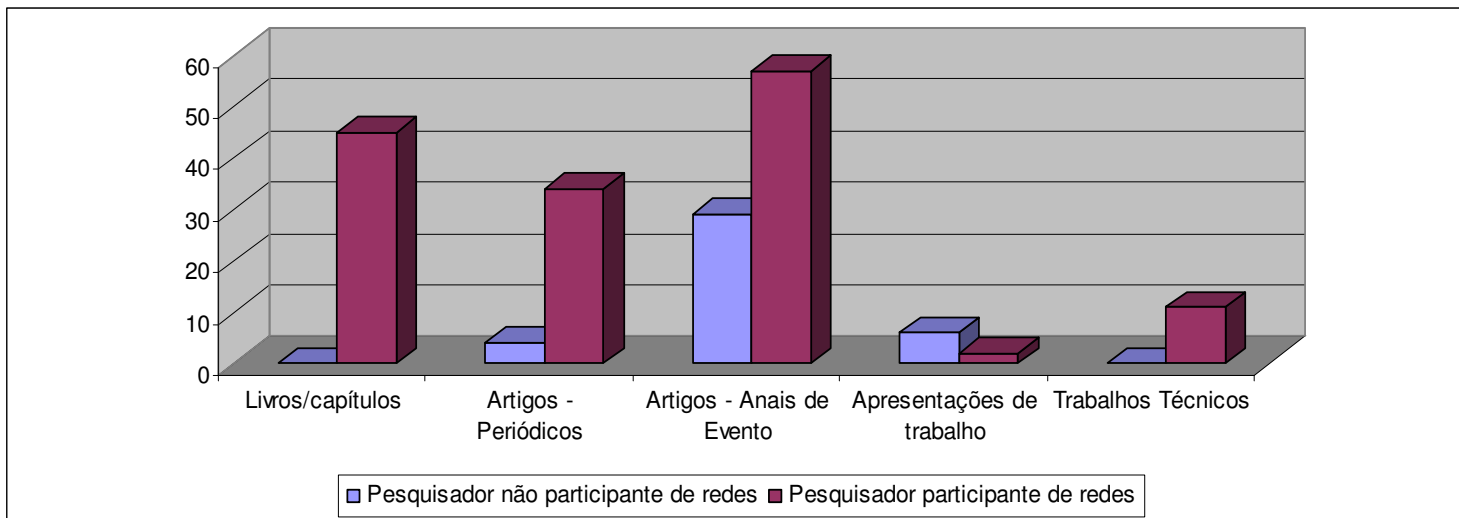
É evidente que as redes de pesquisa geram antagonismos e trazem imbricadas uma série de incompatibilidades que proporcionam a discussão acerca da produtividade. Não comentar sobre isso, seria ingênuo e não seria demonstrativo da totalidade da Educação Superior brasileira. Todavia, se for levado em conta, os dados arrolados no levantamento da produção de docentes de dois programas de Pós-graduação (um participante e o outro não participante de redes), mostra-se evidente a diferença que os vínculos produzem.

Para realizar esse comparativo foram coletadas as informações disponibilizadas na plataforma *lattes* dos pesquisadores (dois das Ciências Ambientais e os outros dois da Educação). No total de quatro docentes. Todos os envolvidos nesse recorte analítico foram entrevistados nesse estudo de caso. Os dados recolhidos fazem parte de alguns dos elementos que o currículo dispõe e foram: livros/capítulo, periódicos, anais de evento, apresentação de trabalhos, e trabalhos técnicos. Os dados estão dispostos nos gráficos 06 e 07.

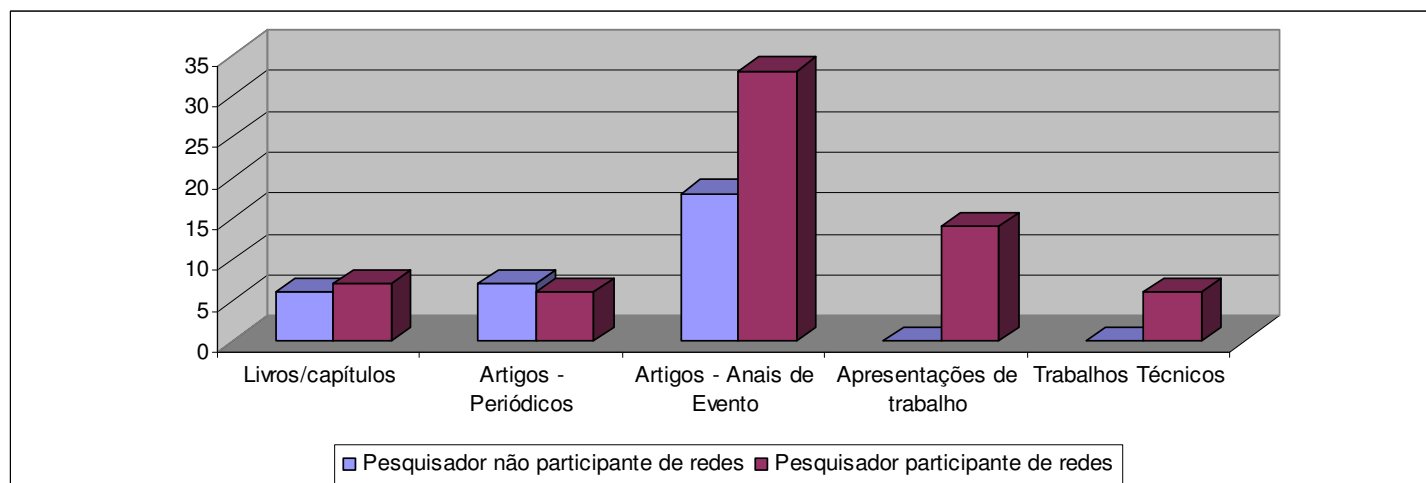
Observa-se que em quase todas as categorias elencadas, a produção dos docentes inseridos nas redes é maior dos que não estão envolvidos. As poucas exceções são identificadas no gráfico 05 (Ciências Ambientais) nas apresentações de trabalhos e no gráfico 06 (Educação) nos artigos de periódicos. Mas a diferença é pouco expressiva. É perceptível que a maior quantidade da produção está na categoria anais de eventos nas duas áreas do conhecimento, pois são rápidos<sup>120</sup>, práticos e mais facilmente impactam nos resultados dos procedimentos avaliativos da Pós-graduação.

---

<sup>120</sup> Enquanto num evento leva-se em média de dois a seis meses desde o envio do texto até a publicação; numa revista científica, demora-se de um a dois anos no mínimo, tempo necessário para os tramites da revista.



**Gráfico 05** – Comparativo da produção docente: Área Ciências Ambientais  
**Fonte:** Adaptado da plataforma *lattes* (2013).



**Gráfico 06** – Comparativo da produção docente: Área Educação  
**Fonte:** Adaptado da plataforma *lattes* (2013).

A perspectiva de publicação nos anais é potencializada pelos docentes da IES. A justificativa para essa atitude é a cobrança exercida que obriga esses a produzirem incansavelmente, conforme referendado nas discussões teóricas do capitalismo acadêmico. Outro detalhe observado são que as apresentações não estão igualadas à publicação nos anais. Entende-se que os pesquisadores enviam os trabalhos, mas não comparecem ao evento, até publicam nos anais, mas não socializam oralmente os resultados das suas pesquisas<sup>121</sup>. Isso inviabiliza ascensão às redes que permitem integração dos projetos individuais aos grupos nacionais.

A participação efetiva nos congressos garante a perspectiva de alinhavos das malhas, sendo que a presença é importantíssima para os laços e os nós das redes. Ainda deve-se enfatizar que a apresentação dos trabalhos gera discussões que complementam os estudos, é, pois uma etapa de burilamento e de aprofundamento das investigações. Se há sugestões, consecutivamente haverá avanços, se isso não acontece, não há interlocução com os pares e nem condições para projetos de interesse coletivo.

O gráfico também demonstra que os trabalhos técnicos estão muito próximos do percentual dos livros e periódicos na área da Educação. Os periódicos deveriam estar no topo das preocupações dos docentes que trabalham em programas de Pós-graduação que tem uma posição privilegiada orientando acadêmicos com condições de desenvolvimento de projetos.

Para finalizar as reflexões nessa parte do estudo, ressalta-se que as redes proporcionam excelência à Educação Superior, e os maiores beneficiados são os acadêmicos, ressoando na sociedade de um modo geral. A melhoria se dá efetivamente no fortalecimento dos grupos e na socialização do conhecimento, assim como na possibilidade de construção de novas parcerias, pois que privilegiam essa articulação coletiva.

Os docentes da Unemat devem contribuir significativamente para um ensino de qualidade e empenhar-se em desenvolver pesquisas de referência e se integrar nas redes, buscando alavancar sua produção e o *status* institucional de produtora de conhecimento em Mato Grosso. Serão esses os nós a serem sugeridos nos laços para a integração que compõem o último cenário propositivo dessa tese.

#### 4.4.1 Cenário C – Rede de significações dos laços para a integração

A partir da revisão da literatura e da extensa reflexão das informações coletadas foram identificados e desenvolvidos laços com fins precípuos de orientar o desvelamento dessa parte

---

<sup>121</sup> Análises de tabelas e gráficos complementares do levantamento integral de todos os entrevistados por área do conhecimento e por programa de Pós-graduação permitem esclarecer que o movimento é ratificado, revelando uma tendência institucional.

da tese. O que se busca é explorar a dinâmica e a diversidade de ideias, encaminham-se possibilidades de efetivação do intercâmbio entre pessoas e IES. A imagem da Unemat aos poucos foi revelada e os arremates e nós com os quais se trabalha nos cenários representam utilizar a ênfase da prospecção. Com esse tipo de escolha configuram-se indícios que buscam um desenho interpretativo favorável à consolidação da pesquisa e da Pós-graduação.

Num processo de ir e vir e da relação figura-fundo da RedSig, a burocracia abrolha como elemento basilar dos laços para a integração. É preciso dizer que se utiliza o conceito sob dois nexos. O primeiro enfatiza a necessidade de organização da IES, através de um aparato burocrático (resoluções e leis) e o segundo diz respeito à flexibilização das ações. Explicitam-se esses elementos onde considera que na Unemat, a burocracia ainda é necessária (controle da dedicação exclusiva). Há uma necessidade de regular o que os docentes que não tem projetos desenvolvem. Isso remete a burocracia como modo de operação fundado num sistema de autoridade, sob a égide do princípio da racionalidade (primeiro nexo).

No segundo nexo a preocupação de um corpo docente de qualidade, aliado ao oferecimento das condições adequadas de trabalho, delineará um cenário que comporte o planejamento institucional, que provoca a reorganização dos serviços burocráticos da PRPPG. Isso simplifica as tarefas administrativas, vislumbrando melhor desempenho dos pesquisadores e da pró-reitoria através de atividades que impulsionem a pesquisa. Se a Unemat tiver essa preocupação pode valorizar o tempo de seus profissionais e supor que a administração se coloque deliberadamente a favor do ato de pesquisar. Garante-se, assim, uma cultura institucional que é um dos elementos de composição de uma nova RedSig, tanto do *habitus* do pesquisador quanto da IES. Nesse sentido, a pró-reitoria poderia se ocupar de outras ações que incrementem a pesquisa na Unemat. Emerge desse contexto, o desenho do último cenário propositivo que contempla três categorias analíticas: articulação institucional, articulação territorial, e, articulação interdisciplinar. Essas categorias incidem diretamente na integração da IES no panorama nacional.

Com relação à primeira categorização que diz respeito à articulação institucional, emergiu da AC das entrevistas a necessidade de um articulador de pesquisas na PRPPG<sup>122</sup>. A taxinomia foi utilizada pelos respondentes e empregada nesta tese, pois se acreditou ser adequada para designar o papel que esse indivíduo deverá realizar. Articular tem como significado unir ou ligar, reconstituindo a articulação desconjuntada (HOUAISS e VILLAR, 2009). Neste sentido, um articulador é quem intervém numa determinada situação. Na

---

<sup>122</sup> Dez LGs sugeriram essa possibilidade como incremento da consolidação da pesquisa na Unemat.

Unemat, esse articulador estaria preocupado especificamente com as questões que envolvem a pesquisa e seus desdobramentos.

Suas atividades na PRPPG (onde estaria lotado institucionalmente) envolveriam articular os docentes, os grupos, os projetos, as pesquisas, as redes, entre outras possibilidades. A organização dos grupos e dos pesquisadores pode produzir uma colaboração contínua entre as diversas áreas do conhecimento. Tratar-se-ia, de uma forma de integração capaz de estimular a IES. A pró-reitoria poderia estimular as atividades envolvendo os grupos, atitude que não foi perceptível na descrição de suas atividades e nas entrevistas com os PRs e LGs. Essa integração institucional foi um indicativo maciço dos respondentes que sugeriram que a pró-reitoria deveria organizar *workshops*, eventos e encontros temáticos por áreas que estimulassem as redes. Além disso, a pró-reitoria deveria investir em parceiras com os grupos, entre os *campi*, articulação com as prefeituras, entre outras possibilidades.

Assim, a integração seria um dos passaportes para o estabelecimento de um modelo diferenciado de cultura de pesquisa. Didriksson (2011) destaca que isso acontece quando se tem um “[...] docente concentrado en actividades de creación intelectual (científica, técnica y humanística), sin la puesta en marcha de redes académicas de interacción con las comunidades académicas internacionales [...]” (p. 450 – grifo do autor). A abordagem do articulador é um caminho para que os grupos e redes sejam consolidados com base num enlace dos fios para a transformação da realidade circundante na Unemat, condição indispensável para a qualidade das pesquisas na universidade contemporânea e hipermoderna.

Um dos elementos necessário é a colaboração e o trabalho em equipe, inclusive sendo entendido como meta de desenvolvimento institucional. Essa cultura de pesquisa opõe-se ao individualismo que é predominante em algumas IES e marcas de alguns pesquisadores, sendo recomendada por meio de estratégias de gestão. Geram-se, desta forma, os cenários das redes colaborativas que foram retratados nos desafios de acesso, expansão, inclusão e financiamento da OCDE, marcados pelo alto grau de internacionalização e por redes inter e entre IES e a sociedade. Para Didriksson (2008a) as redes devem possuir características específicas,

Plantearse la posibilidad de construir redes académicas regionales, programas muy amplios de movilidad estudiantil, sobre todo en el doctorado, programas conjuntos de posgrado y de nuevas carreras en las áreas de frontera del conocimiento relacionado con los problemas más urgentes de la región; aprovechamiento conjunto de la infraestructura de ciencia y tecnología instalada; movilidad de académicos a nivel *regional* en cursos cortos, estancias de investigación y en redes de cooperación científica y tecnológica en proyectos definidos y la creación de una macro-universidad de carácter continental, que se sustente en programas académicos universalmente intercambiables (p. 43 – grifo meu).

Esses elementos, construídos historicamente e sensíveis ao cenário das redes, contribuem para uma dinâmica diferenciada de inovação científica e tecnológica expandida a nível global e local. Essa expansão ocorre, sobretudo, em foros híbridos, ou em arenas transepistêmicas que são caracterizadas por Knorr-Cetina (1982) para designar a diversidade de *locus* e de atores envolvidos no processo de produção da pesquisa.

A malha tecida é reforçada pelo grifo em Didriksson (2008a) permite avançar para a segunda categoria deste cenário que é a articulação territorial, tendência de um movimento de integração regional. Para isso, é necessário o abandono do isolamento narcisístico e territorial com vistas ao coletivo e à regionalidade. Como identificado, a complexidade e a imprevisibilidade dos processos de microrregulação institucional e a variedade de intervenientes territoriais dificultam a pesquisa na IES. Contudo, urge a articulação das redes.

É pertinente frisar o que significa a Pós-graduação numa universidade de porte médio como a Unemat que tem características regionalizadas. Os *campi* têm responsabilidades e compromissos com a população de Mato Grosso. O articulador teria papel fundamental sublimando suas ações nesse contexto territorial, sendo que deveria conhecê-lo para perceber as potencialidades e os desafios. Essa postura geraria uma PRPPG menos burocrática e mais antenada com as distâncias territoriais.

Na costura dos fios da primeira categoria (articulador) decorre a ideia da segunda, os laços para a cooperação entre os *campi* (articulação territorial), garantindo a regionalidade de cada unidade acadêmica. Esse desenho se mostra evidente nos elementos condicionantes da geopolítica territorial da pesquisa na Unemat (quadro 09), e se desenvolveu em três eixos de articulação: Nova Xavantina/Luciara; Tangará da Serra/Barra do Bugre; Sinop/Juara/Colider. A proximidade territorial desses espaços acadêmicos (rememorar distâncias na figura 01) contribuiu decisivamente para protagonizar o desenho dos eixos potencializando práticas de pesquisa. As observações *in loco* e as análises das entrevistas sugerem projetos coletivos num exercício interdisciplinar (terceira categoria que será descrita posteriormente), através das redes e dos grupos *intercampus*, constituindo núcleos multicampi integrados de pesquisa.

No primeiro eixo, destaca-se a articulação do *campus* de Luciara nos grupos e nas redes de Nova Xavantina que é um dos centros de referência de pesquisa na IES. Há possibilidade de interlocução nas atividades de pesquisa correlacionando as áreas afins do conhecimento que os dois *campi* integram. Recorda-se o aporte teórico da tese, de que a consolidação pode ser potencializada, pois que as unidades acadêmicas possuem uniformidades territoriais e circunstanciais, entre elas o pertencimento ao bioma do cerrado. Essa correlação poderia garantir que Luciara pudesse ser cooptada para os projetos realizados

em Nova Xavantina. As redes facilitariam o processo de adensamento, para posteriormente conseguir a densidade da produção científica dos envolvidos. O que fortaleceria tanto a Pós-graduação em Nova Xavantina atentando-se às condições de sua inserção regional, quanto implementar a pesquisa que hoje é inexistente em Luciara.

O segundo eixo considera a potencialidade da articulação (internas e externas) entre Tangará da Serra e Barra do Bugres que poderiam desenvolver atividades e projetos que dariam sustentabilidade as ações dos dois *campi*, com o mesmo intuito de gerar adensamento e densidade na produção acadêmica. A inserção e a busca por interlocuções com Cuiabá (capital do Estado) também é uma opção viável, visto que é próxima dos *campi*, constituindo num cenário alternativo para uma articulação interinstitucional com a UFMT e demais IES.

No terceiro eixo regional tem-se o *campus* de Sinop, que se constitui num pólo de destaque no Estado. Há um potencial razoável de infraestrutura através do centro de pesquisa, que está subaproveitado com relação à oferta de mestrado. A justificativa para um trabalho integrado com Juara e Colider é a proximidade territorial, além das similaridades nas áreas de conhecimento. Um número infindável de situações reclama cursos específicos, em nível de Pós-graduação *Stricto Sensu*, para atender a carência de profissionais. A região norte de Mato Grosso sofre com a ausência dessa formação.

É tênue, mas nítida aqui a questão da densidade e do adensamento da produção, há uma quantidade relativa de docentes titulados em Sinop que possui baixa produtividade e não alcança densidade para oferecer um programa institucional. A integração com os dois *campi* citados possibilitaria a criação de um curso que atenderia a necessidade emergente de formação de mestres. Essa Pós-graduação traria vários benefícios à região. De um lado possibilitam captação de recursos que poderão ser canalizados para projetos que não possuem financiamento ou estejam deficitários. Por outro, os acadêmicos apresentariam maturidade e experiência, o que eleva o nível da qualificação oferecida pela IES.

Há um exercício contínuo dos docentes e da coordenação regional (que foi perceptível nas observações, nas conversas informais e nas entrevistas) de tentativas para uma ampliação do *campus* de Sinop, via Pós-graduação. Mas, até então sem êxito. Uma das saídas foi a criação de mestrados profissionalizantes<sup>123</sup>, que tem similitudes com os cursos *Lato Sensu*, mas se referem especificamente à profissionalização. Talvez a articulação regional fosse o caminho de um cenário promissor com vistas à produtividade docente para encaminhar propostas que consolidem a pesquisa.

---

<sup>123</sup> Sinop disponibilizou as primeiras vagas para o mestrado profissional em Letras na IES, e apresentou a CAPES uma proposta na área da Matemática a ser ofertada em 2014.



Vale ressaltar que não é simplesmente a junção dos *campi*, e, sim uma integração das atividades de pesquisas às redes. Cada *campus* foi implantado ao longo dos anos com estrutura organizacional e autonomia, o contorno desse novo desenho absorveria as potencialidades. Isso implicaria em conhecer e proporcionar conexões entre o local e o global e oportunizar pesquisas que garantam a regionalidade, mas que sejam vinculadas às questões globais, superando, desta forma, os enfrentamentos que possam vir a ocorrer.

Na resignificação desses três eixos regionais, os *campi* poderiam se aproximar para desenvolver atividades organizadas em redes, para ampliação do adensamento da produção (processo) e consecutivamente, da densidade da pesquisa (produto). Isso geraria uma cultura institucional de pesquisa e as redes permitiriam a um pesquisador trabalhar em qualquer um dos *campi* da IES. Analiticamente, é forçoso dizer que elementos que foram se incorporando a Nova Xavantina, potencializaram uma cultura de pesquisa, que resultou na inserção dos pesquisadores em redes e projetos (conforme relato dos LGs deste *campus*). Isso poderia ser estendido aos outros *campi* que possuem perfil para centros de referência da pesquisa.

A partir das observações *in loco* e da entrevista com o CP, além dos projetos que caracterizam uma cultura institucional (local) em Nova Xavantina, é possível ressaltar que será desse *campus* que sairá uma das propostas de doutorado institucional. Visto que tem condições, além de estrutura física operacional para encaminhar uma APCN sustentável. Constatou-se que é esse o objetivo dos pesquisadores desse *campus*.

Com essa articulação territorial, os nós das redes começam a ser amarrados e quiçá, enlaçados para a consolidação da pesquisa na Unemat. Os eixos de integração propostos nessa categoria da articulação territorial são acionadores e dinamizadores dos grupos e das redes na Unemat. Possibilita-se, desta forma, a superação dos impasses e o enfrentamento dos desafios para o desenvolvimento da pesquisa, quer seja no âmbito local, como no regional, onde essa instituição universitária ocupa um papel fundamental.

Para Moreira (2007) a maior ou menor aproximação dos *campi* com a política do poder local determina a dinâmica e o alcance das respostas da universidade aos desafios. Exige-se um elevado grau de sociabilidade das lideranças e dos articuladores para que seja possível aproveitar esses laços da regionalidade. É notório que são múltiplos os sentidos que podem ser dados à regionalização. Porém, sua noção encontra na universidade um *lócus* privilegiado na medida em que manifesta a intersecção do institucional com a sociedade. Instaura-se, com a categoria da articulação territorial, a caracterização de espaços mais propícios de produção de conhecimento. Essa integração se fortalece a partir da criação de uma estrutura de pesquisa, para isso é necessário tomar esse cenário como um desafio.

Nesse contexto, insurge de forma acentuada a terceira categoria desse cenário que é a articulação interdisciplinar, composta de esforços individuais e coletivos para o compartilhamento das áreas e dos saberes. A interdisciplinaridade tem sido temática frequente nas discussões de congressos e seminários, visto o papel relevante que tem na sociedade do conhecimento e organizada em rede. É, pois, uma palavra que tem sido utilizada para descrever a diluição das/nas fronteiras do conhecimento. Esse conceito não é unívoco e universalmente compreendido. É, hoje, uma provocação que caracteriza uma abordagem científica, cultural e epistemológica diferente. Para Luzzi e Philippi Junior (2011), a interdisciplinaridade vem ocupando cada vez mais espaço nas universidades brasileiras com a ampliação de programas de Pós-graduação *Stricto Sensu*.

Historicamente, a interdisciplinaridade surgiu no final do século passado, pela necessidade de dar uma resposta à fragmentação causada pela epistemologia de cunho positivista (LUZZI e PHILIPPI JUNIOR, 2011). No Brasil, os primeiros estudos sobre a temática foram de Japiassu (1976) que a compreende como uma troca de conhecimento, o que permite uma real integração entre as disciplinas, com projetos de interesse coletivo.

Fazenda (2003) destaca que o primeiro passo deve ser dado na direção da pesquisa, que proporciona a quebra de resistências entre os indivíduos e exige partir em direção ao outro, característica fundamental do processo interdisciplinar. Exige-se uma postura e uma atitude interdisciplinar. Assim, encerra “uma atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo [...] uma atitude de compromisso e de responsabilidade” (p. 75).

A pesquisa interdisciplinar é difícil de se instituir, porém é preciosa para a reflexão dos pesquisadores quando estão inter-relacionados às redes. Essa pesquisa exige que se recorram às posturas e contribuições interdisciplinares. Assim, essa postura tende a captar os efeitos gerados pela interdependência dos elementos e compreender a elevada densidade e adensamento dos processos organizativos. Para o LG06:

[...] é *uma troca*, que a gente tem que estar *disposto*, entendeu! Você tem que estar disposto, estar aberto, acho que a grande questão é essa, você tem que estar aberto, porque, às vezes, o pesquisador tem isso ele é muito na *caixinha dele*. Se você não *abre os horizontes*, aí realmente é complicado, então essa interação quando as partes estão dispostas é muito legal, acho que só tem ganho (grifos meus).

A realidade não se constitui de fenômenos isolados, mas complementares entre si, que constituem uma teia de relações, significando um avanço na compreensão da complexidade. O LG12 destaca que a interdisciplinaridade é uma “visão proporcionada por vários focos, proporcionando uma melhor visão do problema e de suas respostas”. A atitude interdisciplinar é caracterizada pela busca e pela transformação da insegurança num exercício

do pensar e refletir continuamente. É um processo que envolve a integração e o engajamento dos docentes, num trabalho coletivo de integração. Didriksson (2011) pressupõe que:

Los nuevos componentes sobre los cuales se organizan los conocimientos se llevan a cabo a partir de nuevas estructuras teóricas y métodos y técnicas de investigación que se aplican de formas diferenciadas y múltiples desde la interacción compleja de diferentes disciplinas que adquieren una complejidad de gran impacto social (p. 410).

Os entrevistados<sup>124</sup> acreditam que essa integração de diferentes áreas pode ser a solução para o problema da falta de comunicação entre os projetos, as pesquisas e os *campi*. O LG38 argumenta que a interdisciplinaridade faz com que os pesquisadores deixem o isolamento das áreas específicas e busquem meios de interagir. “Esse processo abre espaço para a troca de experiências entre IES e organizações e, ainda permite que dados sejam cruzados e resultados interessantes apareçam” (LG24). Esse é um dos grafites utilizados para o desenho do fortalecimento da pesquisa na Unemat: a interação entre diferentes áreas. Para o LG02, os pesquisadores não podem se isolar, mas, ao contrário, interagir. “Não ficarmos restritos só dentro do nosso laboratório e só no nosso grupo de pesquisa”.

Fazenda (1996) considera que “perceber-se interdisciplinar é o primeiro movimento em direção a um fazer interdisciplinar e a um pensar interdisciplinar” (p. 14). Assim, é uma categoria que pressupõe uma intenção e integração, sendo uma atitude, caracterizam-se os desafios da efetivação do diálogo interdisciplinar. Para isso, é preciso avanço sistemático na prática diária da pesquisa na Unemat para se realizar atividades de cunho ou abordagem interdisciplinar. Assim, esse cenário impele a sustentação de que a interdisciplinaridade é basilar no planejamento institucional e, igualmente, na organização da Pós-graduação.

Nesse sentido, é um processo que envolve trabalho coletivo, supera a fragmentação, mediante visão global capaz de enfrentar os problemas complexos. Pombo, Guimarães e Levy (1994) asseguram que “se assentaria na possibilidade de tradução das várias linguagens científicas, na constituição de uma linguagem partilhada tendo como base o confronto dialogante dos discursos” (p. 05).

Finalizam-se as elucubrações desta parte do estudo, no consentimento de que a interdisciplinaridade constrói e deixa marcas que pertencem à finalidade universal a que se destina: o conhecimento. O que deve ser incentivado é a abertura e a pré-disposição dos pesquisadores para o diálogo interdisciplinar, *intercampus* e interinstitucional. Lampert (2005) considera que é uma perspectiva para a superação do caos educacional, possibilitando um novo olhar para o entendimento e a compreensão da realidade circundante.

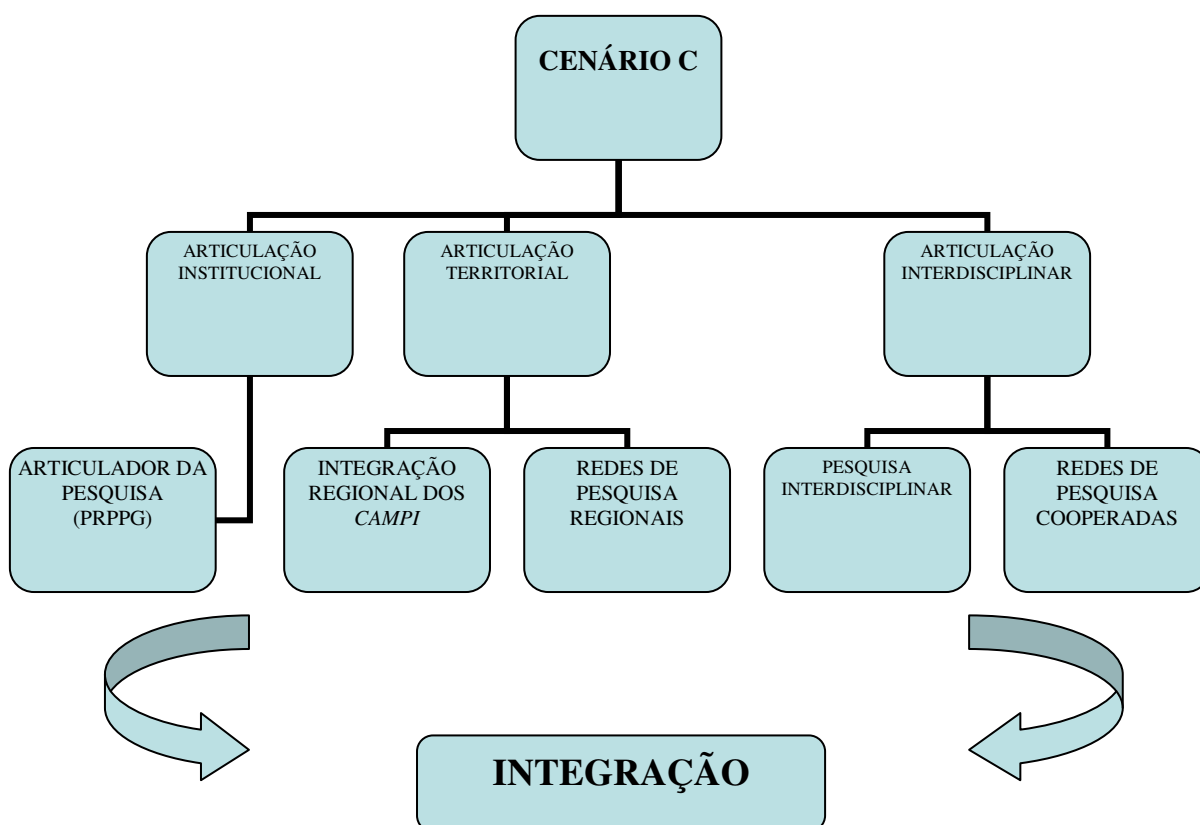
<sup>124</sup> Conforme tabela 16, doze LGs informaram a interdisciplinaridade como subcategoria dos grupos e redes.

A interdisciplinaridade é uma oportunidade de tornar os projetos e as pesquisas correlacionadas à construção de uma universidade de inovação com pertinência social (DIDRIKSSON, 2008a). Assim, implica complementaridade e enriquecimento mútuo. As redes cooperadas (nacionais e internacionais) ampliam as condições da pesquisa. Portanto, as universidades devem ter essa missão norteadora, além de programas de Pós-graduação alinhados a uma perspectiva colaborativa, com abordagem interdisciplinar.

A projeção desse cenário tem como fundamento uma proposta estratégica de inovação que é uma resposta a inúmeros interesses sociais. A ênfase recai sobre o trabalho coletivo, sobre a colaboração, porque o grupo é um instrumento capaz de intercambiar ideias, buscar alternativas e resolver problemas de forma interdisciplinar. Essa é uma das possibilidades que existem para amenizar as assimetrias, dos grupos que regem e dos que são regidos.

Nesse contexto, frente às constantes mudanças e a necessidade de renovação, a Unemat, enquanto instituição de desenvolvimento regional é posta em situação de desafios, pois se exigem posturas coerentes e compartilhamento de pesquisas nas quais a interdisciplinaridade é peça primordial. Tal ênfase demonstra a intrincada teia que compõe a rede onde a IES está inserida.

Para suprir possíveis lacunas de compreensão do desenho do último cenário para a consolidação da pesquisa e da Pós-graduação, organizou-se na figura a seguir as categorias finalísticas que representam a RedSig dos laços para a integração.



**Figura 04** – Cenário C: rede de significações dos laços para a integração  
**Fonte:** Nez (2013).

O grande foco desse cenário é a integração, seja pelo fio da rede institucional, da territorialidade, da regionalização, dos *campi* ou interdisciplinar. Esse é o arremate dos nós que representam uma articulação possível no contexto da Unemat. Nas próximas discussões, buscar-se-á alavancar uma síntese enriquecida dos elementos compositores da malha para a consolidação da pesquisa e da Pós-graduação nesta IES multicampi em Mato Grosso.

#### 4.5 *Síntese enriquecida*: consolidação da pesquisa e da Pós-graduação

O desenrolar e a costura dos fios permitem imaginar a configuração final da RedSig na tessitura dos elementos encontrados na abordagem multimetodológica desta investigação. É sob o ângulo da relatividade que a síntese deve ser entendida, transvestida de linhas e tramas que dão suporte ao panorama de interconexões desse estudo. Isso perpetuou uma análise fina e penetrante dos fios do universo acadêmico no que tange à pesquisa.

Ao finalizar essa parte da tese, reporta-se ao foi sinalizado na síntese metodológica com relação à abordagem de análise dos dados, que indicou o rigor científico, além das combinações para as reflexões. Neste estudo de caso, a opção foi trabalhar com a malha da RedSig, da AC e da abordagem quali/quantitativa. Relembra-se que enquanto a primeira priorizou reflexões sobre o pesquisador e seu contexto; a segunda privilegiou uma análise criteriosa dos documentos e das entrevistas que traz relatos e excertos como aporte reflexivo. E, por fim, a terceira proporcionou o avanço analítico e sistemático dos dados.

Essa abordagem multimetodológica permitiu desenhar cenários propositivos para a pesquisa e a Pós-graduação na Unemat. Esse é o sentido em postular diferentes perspectivas representadas pelo “pensar”, pelo “olhar” e pelo “agir” sobre a pesquisa. Esses tecidos da malha não foram obtidos por uma simples observação intuitiva, e sim conquistados desvendando as aparências imediatas e construídos por uma análise criteriosa de um longo processo de categorização. Deixaram-se de lado as analogias superficiais e acidentais, para extrair os elementos que se exprimem e se ocultam constituindo a matriz sócio-histórica (MSH), que é o foco nesta síntese enriquecida. Para se chegar a um cenário sem escorregar numa mistura sem sentido, foi preciso submeter o dado a um tratamento significativo.

A investigação teve como objeto o panorama histórico da pesquisa e a Pós-graduação na Unemat, utilizou-se, para isso, a costura da contextualização sócio-política. Na medida em que se trouxe a Redsig para a proposição dos cenários, emergiram junto o histórico

conceitual, as influências sobre a IES, o Estado e o País, esclarecendo a MSH. Se esse movimento não fosse realizado, haveria ausência da reflexão global sobre a conjuntura histórica, o que produziria insensibilidade quanto às mudanças na sociedade e propensão para encará-la como permanente quando é transitória.

Assim, a matriz que compõe o contexto da problemática dessa tese foi constituída por elementos culturais (“tradição” de fazer pesquisa), econômicos (financiamento dos projetos) e políticos (estruturação dos atos regulatórios), além de ideológicos (concepção de pesquisa e característica do pesquisador). A compreensão desses subsídios propiciou a delimitação de papéis (da universidade e do pesquisador) e significados culturais (advindos da formação do quadro docente, do *habitus* e da cultura de pesquisa) que permeiam os cenários.

Para amparar essa análise cujo mérito consistiu em abarcar a totalidade dos aspectos da realidade, basta lembrar a relação estabelecida na figura-fundo que destilou a imagem da MSH. O esforço da tese foi situar o *corpus* (pesquisa e pesquisador) no campo ideológico que está inserido (políticas institucionais) e estabelecer as relações entre sua posição (condições de produção da pesquisa) no espaço que o produziram (*campus*). Bourdieu (1974) considera necessário: “[...] determinar as funções de que se reveste este *corpus* no sistema de relações de concorrência e de conflito entre grupos situados em posições diferentes no interior de um campo intelectual que, por sua vez, também ocupa uma posição no campo do poder” (p. 186).

Realça-se que conforme o crivo interpretativo, as figuras-fundo apareceram e submergiram na MSH, isso significa dizer que alguns dados foram considerados num momento mais adequado, noutros estão ausentes. Evidentemente que o contexto não foi esquecido, pois constitui o centro das disposições das figuras-fundo. A camada primária de fios da teia pode estar obscurecida, para isso buscou-se penetrar a fundo na trama. Para se chegar a essa parte foi preciso a superação e a ingenuidade das características superficiais e relacioná-los às perspectivas teóricas que sublinham a rede teórica-conceitual desta tese.

Esta prodigalidade de fatores é justificada pela adoção do constructo multidimensional que implicou avaliar relações independentes e mutuamente perpendiculares entre as propriedades, de cuja interação pode emergir outros elementos com maior ou menor significado. Portanto, a complexidade deste estudo permitiu inserir análises complementares que conduziram os resultados que se desejou captar.

A partir dos indicativos ao longo dos capítulos que tratou do contexto, essa síntese enriquecida resgata o cenário constituído e se cristaliza no cenário constituinte da Unemat. Projetou-se nos desenhos que sugerem a legitimação da Pós-graduação enquanto espaço da produção da pesquisa produzida na universidade. Tradicionalmente, a universidade é o seu

*locus* apropriado, inclusive pelas prerrogativas legais que detém. Porém, o fato de ser o espaço não significa que existam condições necessárias para seu funcionamento.

As reflexões caminharam para projeções pressupondo antecipar as possibilidades de organização política e social da IES. Reafirmou-se a compreensão que a academia não é uma ilha de neutralidade, mas que suas alternativas estão imbricadas na macro-estrutura sócio-política-econômica. Na consideração da RedSig global, o estudo ora desenvolvido se situa num território em que se entrecruzam história e realidade, na construção de versões problematizadoras do vivido. Problematizar a Unemat na sua dimensão concreta, no resgate do passado numa relação dialógica com o presente, permitiu revelar o cenário futurista.

Este foi um resultado percebido, pois, além de ajudar a compreender o funcionamento da IES permitiu o cruzamento de estudos sobre cada *campus* e a importância das influências regionais. De igual modo, as análises empreendidas também forneceram chaves interpretativas das RedSig em que estão cada uma das unidades acadêmicas. Os *campi* interagem continuamente com a dinâmica social determinante de significativos fenômenos regionais. Nessa abordagem situaram-se ferramentas para a compreensão da Unemat.

Fialho (2005) considera que cada *campus* encontra-se sujeito a problemas diversos, e a IES vivencia essas inúmeras situações, em decorrência da sua inserção em múltiplas realidades. Essas características ressaltam a direta implicação da ocupação do espaço, a inter-relação com as realidades sociais, históricas, econômicas, que constituem o contexto.

O conjunto dos desafios a serem enfrentados para a consolidação da pesquisa e da Pós-graduação está desenhado nos cenários propositivos: do pesquisador (*habitus*), da instituição (cultura) e dos laços (integração). A criatividade, a ousadia e a dinâmica dos envolvidos podem fazer a diferença, quando as potencialidades que estão dispersas territorialmente se uniriam para o desenvolvimento global da pesquisa. Os fios dessas proposições foram como ramificações que se cruzaram e se entrelaçaram numa construção dinâmica que oportunizou reconhecer nos cenários (individual, institucional e da integração) as palavras, os sentidos, os significados e o estabelecimento das conexões, no permanente movimento da figura-fundo.

Essa síntese enriquecida realça algumas das categorias que foram delineadas, para isso é preciso ratificá-las. Primeiro, a exigência de uma comunidade de pesquisadores, congregada aos bolsistas que podem dar corpo à interface entre pesquisa, ensino e extensão. Essa sugestão foi identificada no “pensar” sobre a pesquisa, especialmente no âmbito das concepções e das experiências dos pesquisadores, elementos constitutivos do seu *habitus*. Em segundo lugar, estão as recomendações para uma agenda de financiamento que leve em consideração os elementos analíticos, além do fortalecimento da infraestrutura que contribui para uma

vigorosa discussão do planejamento e a criação de uma cultura institucional. O “olhar” sobre a IES que demonstra o operacional e a ambiência foram às indicações dessa categoria.

Por fim, em último lugar, a tendência marcante das parcerias que se capilarizam na articulação institucional, territorial e interdisciplinar. É uma consequência dos novos desafios impostos à universidade e aos pesquisadores. As limitações do financiamento dos projetos é uma das molas impulsionadoras da integração das áreas, dos *campi* e dos pesquisadores. O foco dessa última categoria foi o “agir” sobre a pesquisa que desvelaram os grupos e as redes.

Até mesmo diferentes espaços dentro de um mesmo país, especialmente no caso de Estados de grandes dimensões (Mato Grosso) exigem importantes elucubrações sobre os princípios basilares da regionalização. Para Haesbaert (2010) essa é a única forma de dar conta dos processos da articulação regional, sugestão encaminhada para o aglutinamento das pesquisas nos *campi* da Unemat. Há um rumo promissor no diálogo interdisciplinar e interinstitucional, por isso é necessário proporcionar novos caminhos para o desenvolvimento de uma política em âmbito institucional, solidificando a pesquisa e da Pós-graduação.



## CONCLUSÃO: O CENÁRIO DE NEXOS E PROPOSIÇÕES

Pesquisar sobre a universidade é debruçar sobre a tarefa intrigante de abordar um objeto de *longa trajetória e muitos desafios*. Entre eles, o de procurar compreender fenômenos sociais, estruturais, tecnológicos, produtivos e organizacionais que tiveram – e tem – lugar na história do homem, das sociedades e das suas instituições. Tratando-se, pois, ela própria, de uma instituição que estuda instituições, compreendê-la significa lidar com um objeto que procura falar *sobre e para si mesmo*.

(FIALHO, 2005, p. 15 – grifos meus)

Esse momento da tese se preocupa com as tramas constitutivas do inacabado, reexaminando os nós da malha. O arremate final elenca considerações que apontam dilemas e desafios dos cenários para a pesquisa e para a Pós-graduação na Unemat. Entretanto, é imprescindível esclarecer que a síntese enriquecida também cumpre a função de sinalizar os nexos que possuem força conclusiva, visto que dispôs o resumo do estudo empírico. A amplitude analítica deste estudo abarca uma série de aspectos, a decisão aqui foi de inserir uma sinopse expressiva dos resultados contextualizados na hipermodernidade, na sociedade em rede, e na geopolítica do conhecimento.

Para isso, a conclusão está dividida em quatro nexos: no primeiro realiza-se uma correlação global/local do objeto; num segundo retratam-se as repercussões políticas (gestão) que se encaminham para a Unemat; em seguida, destacam-se as limitações e contribuições desta investigação; e por fim, no último nexo, são sugeridas as pesquisas futuras.

No primeiro nexo destaca-se que a rede conceitual (embora não acabada e à espera de outras análises), atinge maturidade com condições de constituir nós significativos. É no caudal de uma sociedade hipermoderna, que valoriza o conhecimento, que se configuram os desafios para as universidades. Há no seu universo tensões produzidas pelo movimento indivíduo/grupo que fundamentam a ambiguidade desse espaço acadêmico.

O processo de aceleração impôs o coroamento do consumo, o crescimento exponencial de palavras, o individualismo, enfim... a hipermodernidade! Esse movimento gera um frenesi de congressos na academia, além de alavancar o paradoxo entre o narcisismo e a coletividade, fruto das inúmeras mudanças relacionadas ao tempo intemporal e ao capitalismo acadêmico que fundamentam a esquizofrenia diária dos pesquisadores de um modo geral.

O global e o local, a homogeneização e a diversidade, o indivíduo narcisístico em rede, os centros de pesquisa regionalizados que fomentam espaços geopolíticos do conhecimento, o financiamento de ponta que acentua a divisão entre as regiões que regem e as

que fazem, caracterizam a conjuntura social da universidade e das suas ações seja no âmbito nacional ou estadual.

As IES, principais gestoras do conhecimento, precisam encontrar saídas ao desencantamento do mundo hipermoderno e individualista. Frente a essa realidade desafiante, deve assumir papel decisivo que diverge do que lhe foi outorgado, precisa, paradoxalmente, se engajar globalmente, sob pena de ser marginalizada e classificada como obsoleta e, ao mesmo tempo, produzir conhecimentos que sejam de pertinência social para a população.

Desse modo, enfatiza-se que as mudanças ocorridas nas universidades transformaram o seu significado social, sua estrutura, sua política e suas relações com a sociedade, configurando um fenômeno social complexo e dinâmico por conta de suas crises, que são reflexo de uma determinada sociedade vivenciada neste momento histórico. O que se percebe é um amplo processo de redefinições das esferas políticas e sociais, no qual são oferecidos mecanismos para recriar situações favoráveis para a sociedade do conhecimento.

A tese delineou um amplo e detalhado desenho da pesquisa numa universidade do Estado de Mato Grosso. Considera-se, assim, que um dos pontos captados foi à estreita vinculação entre a pesquisa, as políticas públicas e a existência de espaços e condições de produção (viabilizados ou não pelas políticas institucionais).

Quando foi criada, a IES tinha como objetivo formar professores e ao longo dos anos, expandiu-se com base numa estrutura multicampi e construiu sólida experiência no ensino. Recentemente, diversificou suas atividades oferecendo Pós-graduação, que possui papel fundamental na medida em que adensa e densifica as atividades da pesquisa. Nesse sentido, as discussões em torno das políticas de pesquisa e da Pós-graduação devem receber atenção dos gestores responsáveis pelo seu incremento.

Nesse trajeto percorrido para a identificação da RedSig do cenário constituído, observou-se que os acontecimentos relatados desde o projeto fundador da Unemat, revelaram a natureza das lutas, conflitos de interesses e conquistas na construção da pesquisa. A IES que tem como função, a produção e socialização da pesquisa em Mato Grosso, constituiu-se em *lócus* de atenção e de interesse do governo estadual, que é um dos interlocutores legitimados.

Em relação aos poderes constituídos, inicialmente do município de Cáceres e depois em todo o Estado, foi uma IES que nem sempre encontrou eco na sociedade mato-grossense, sua voz inúmeras vezes não ressoou, e faltou-lhe em alguns momentos articulação política, que acabou reverberando nas dificuldades financeiras que passou. No entanto, a consolidação da pesquisa e da Pós-graduação pode ser um caminho para o reconhecimento aos seus

pesquisadores que buscam prestígio acadêmico enquanto instituição de excelência na produção/socialização do conhecimento.

Os resultados encontrados revelam concepções construídas historicamente que interpretadas indicaram que as redes reforçam a densidade e o adensamento dos projetos. Pode-se dizer que o fortalecimento da Pós-graduação possibilitaria a integração dos pesquisadores acenando para a densidade da produção científica dos grupos e das redes de pesquisa. A necessidade de uma cultura institucional corrobora a potencialização da Pós-graduação para atender a demanda regional multicampi da IES.

Esse pode ser o lugar de destaque da Unemat enquanto universidade estadual interiorizada. A reorganização dos grupos e sua inserção nas redes poderiam proporcionar estudos de caráter avançados nas áreas do conhecimento de domínio da IES, e colaborar para a construção de uma perspectiva que se deseja interdisciplinar. Isso faria com que seu papel como centro de produção do conhecimento no Estado fosse mais significativo.

A tese envidou esforços para compreender que a Unemat mesmo que apresente adensamento em algumas práticas de pesquisa, noutras está em processo de construção da densidade. Para isso precisa conduzir estratégias adensadoras e densificantes em suas políticas. Porém, os desafios têm o tamanho da estrutura multicampi e buscou-se na constituição dos cenários dinamizar os processos para fortalecer a pesquisa numa IES que atende três dos seis biomas com importância vital para a região centro-oeste do Brasil.

A análise dos espaços de produção da pesquisa mostrou que o funcionamento e as atividades cotidianas dos *campi* são fortemente influenciados pela regulação nacional, pela dinâmica estrutural e pela legislação da IES. Nessa perspectiva, construiu-se uma RedSig que tornou visível o sentido crítico das reflexões que constituíam os cenários, perpassadas pelas relações de poder que se estabelecem na condição territorial multicampi da Unemat.

Obrigatoriamente, destaca-se como categoria principal desse estudo a necessidade de planejamento institucional, onde é obrigatório analisar a rede tecida (cenário constituído), identificar os nós e reestruturar a malha. Isso para posteriormente, incorporar novos fios com outras tonalidades (cenário constituinte) nas múltiplas e interativas dimensões na construção das redes (cenário propositivo).

O estudo revelou que os respondentes dessa pesquisa se constituíram pesquisadores a partir de sua formação em várias IES de excelência acadêmica, que compuseram a RedSig na qual foram envolvidos. Contudo, os significados produzidos a partir das políticas regulatórias da Unemat não permitiram o crescimento da pesquisa e da Pós-graduação por vários motivos ratificados, falta essencialmente ambiência e financiamento institucional, que foram

condicionadas como subcategorias analíticas.

No arremate dessas costuras propositivas, descreve-se que a Unemat é o resultado de um contexto histórico-social concreto, entendido a partir de nós interpretativos que estão amarrados à sua realidade circundante. Essa tese foi um exercício perceptivo contínuo da movimentação figura-fundo na RedSig contemporânea. Isso significa dizer que as mediações dessa investigação fazem parte do movimento que concretiza as finalidades da Educação Superior que se expressam nas políticas dessa IES e nas políticas públicas educacionais as quais refletem o contexto desse Estado.

O que se sugeriu ao longo desta investigação foi o incremento dos grupos e a implementação de redes com articulação institucional, territorial e interdisciplinar, alicerçando a pesquisa na IES. Com esses pressupostos, seu planejamento estratégico tornar-se-ia um espaço de relevância científica e política utilizada para refletir crítica e prospectivamente sobre sua organização. Essa prática contribuiria significativamente para a qualidade na/da Educação Superior mato-grossense.

Os *campi* da Unemat são lugares longínquos que podem se articular em redes regionais que constituiriam uma realidade diferente a qual ampliaria a produção da pesquisa. Mas *além, antes, apesar e com* as redes, há o espaço da regionalidade que a estrutura multicampi exala. São, todavia, dicotomicamente os mesmos lugares que forjam a individualidade os que cultivam a coletividade, o que identifica o paradoxo hipermoderno.

Porém, não só pelos caminhos existentes se fazem os destinos; outros podem ser construídos. Essa tese destaca propositadamente que o planejamento e o sistema decisório da pesquisa devem ser alvos de ações fundamentais da gestão universitária. Relembra-se a descrição geopolítica da pesquisa na IES e as regiões do fazer e do mandar (*sede/campi*), onde por um lado pode-se questionar o dirigismo e a concentração de poder em alguns espaços, e por outro deseja legitimar a autonomia das unidades acadêmicas e dos pesquisadores.

Aqui se delineia o segundo nexos, revelando em nível propositivo a gestão institucional. A Unemat é instada a refletir e planejar tonalidades de cores substantivas para sua nova RedSig, sendo necessário o empenho dos gestores para que seja potencializada e levada a cabo a consolidação da pesquisa e da Pós-graduação nessa IES.

O foco deve ser ampliado para a promoção de medidas que garantam sua atuação na Pós-graduação para se situar de forma ativa no cenário da pesquisa nacional. Ao assumir essa perspectiva, tonaliza-se um sentido que exige maior capacidade de formação de profissionais competentes com a finalidade de uma intervenção qualitativa na produção e socialização dos conhecimentos que tenham significância para a sociedade deste/neste Estado.

Os dados arrolados neste estudo de caso indicaram que as contribuições de cada reitoria e/ou pró-reitoria incrementaram ou limitaram a pesquisa, incentivaram em maior ou menor grau as parcerias nos grupos. No desenho do novo cenário, as ações institucionais devem contribuir para a expansão dos programas, viabilizando condições na concretização da ambiência da pesquisa através da materialização das políticas institucionais.

É emergente a necessidade de organizá-la de forma coerente através de planejamento a curto, médio e longo prazo. Cabe à gestão criar possibilidades concretas de se pensar uma cultura para a pesquisa que pode ser, ao mesmo tempo, o ponto de partida e a trilha a ser percorrida num mapa alternativo para o adensamento e a densidade da produção docente.

O terceiro nexos enfatiza as limitações e as contribuições desse estudo. O ato de investigar, através de um estudo de caso, a pesquisa e a Pós-graduação na Unemat supôs que se poderia delinear um objeto distinto dos construídos no senso comum. Porém, qualquer construção não é definitiva, embora tenha sido sistemática e rigorosa, pode ser reavaliada, e essa é uma das restrições desta e de toda e qualquer investigação.

As limitações incidiram em grande parte no levantamento dos dados históricos e decorreram da ausência de documentos institucionais da PRPPG. Outra dificuldade está interligada às questões teórico-metodológicas, pois os referenciais utilizados foram desenvolvidos em Estados brasileiros que possuem realidades distintas. Mesmo tendo presente os cuidados que a transposição exige, aponta-se a necessidade de estudos complementares que desvelem essa universidade multicampi com características regionais.

O tamanho da IES (treze *campi* e dez núcleos pedagógicos), as distâncias geográficas, a quantidade de pesquisadores, entre outros elementos, também foram entendidos de alguma forma como limitações no processo investigativo. O número significativo e razoável de respondentes na pesquisa de campo (noventa e oito participantes), não abarca analiticamente a totalidade de pesquisadores da Unemat, pois se realizada, a tese ficaria exaustiva e saturada. Enfim, os recortes foram necessários para o desenvolvimento de uma pesquisa de qualidade.

As contribuições do presente estudo foram sistematizadas em quatro ordens: as que decorreram dos resultados da investigação empírica que destacam os aspectos históricos; as que se inseriram nas discussões sobre a importância da gestão universitária com destaque para o planejamento institucional; a utilização da RedSig para estudos na Educação Superior, que até então, com raras exceções, eram realizados no âmbito da Educação Infantil; e, por fim, as que evidenciaram os cenários que fortalecem a pesquisa e a Pós-graduação na Unemat.

Esse estudo possui vital importância para uma universidade pública na região central do Brasil. Reitera-se com esses elementos que no esforço realizado se constituiu o “olhar

projetivo” para o futuro da Unemat e isso significa dotá-la de condições necessárias para desfazer emaranhados de nós (ausência de financiamento interno) e tecer malhas com outras tonalidades para as gerações vindouras de pesquisadores (*habitus*, cultura e integração das pesquisas). Esse foi o grande desafio dessa tese!

Por fim, no último nexos, são oferecidas as perspectivas para novas investigações, visto que algumas tematizações se transformaram em mediações que são relevantes para estudos posteriores. É cabível esclarecer que as instituições regionais, como a Unemat, têm características próprias que devem ser aprofundadas, tais como: sua ambiência, suas ações para a articulação de grupos e redes consolidados e emergentes, entre outros. Essas reflexões permeiam levantamentos que expressariam até que ponto esse modelo tem sido uma tendência da/na Educação Superior brasileira, traçando um paralelo de diferenciação dessa arquitetura que atende à regionalidade.

Outras temáticas que poderiam ser analisadas abarcam a particularidade dos grupos de pesquisa com questionamentos que se impõem no cenário global/local, considerando a necessidade de compreender se são agentes de manutenção ou de renovação. Essas reflexões se fazem extremamente importantes no contexto hipermoderno de uma sociedade organizada geopoliticamente em rede. Noutro foco analítico, pode-se considerar que a carência de aprofundamento teórico sobre as universidades multicampi por si só justificaria estudos nessa área, sobretudo se considerada a magnitude do fenômeno que representa atualmente no Brasil.

Ao término dessa tese, é devido esclarecer que uma das devolutivas para a comunidade acadêmica é a disponibilização do estudo completo. Além disso, será distribuído e divulgado o *software* UNIREDES, que traz a atualização dos grupos e a identificação das redes de pesquisa que a Unemat participa, que até então não havia sido demonstrado. A proposta é encaminhar o programa aos *campi* e/ou hospedá-lo no *site* da IES. Essa seria uma das sugestões conclusivas de ordem política institucional.

Na conclusão desta investigação, enfatiza-se que refletir sobre a Educação Superior pública em Mato Grosso, e especialmente sobre a Unemat foi um exercício de percepção num mundo globalizado em rede, marcado pelo imediatismo hipermoderno que ocupa as atenções da sociedade e dos financiadores da produção do conhecimento. Isso exigiu pensar sobre sua função, sua relação territorial se espalhando geopoliticamente no Estado como IES de formação profissional com ênfase formativa e científica.

O sonho vislumbrado nas prospecções passou pela atividade inquiridora do presente e são desafios numa abordagem projetiva. Não apenas pelo diagnóstico das dificuldades, mas, e, sobretudo, pelas iniciativas criativas na condução de alternativas. Essa tese é um exercício

de futurologia, quando traça cenários para a pesquisa e a Pós-graduação numa instituição multicampi com marcas regionais que considera a conjuntura atual e as conjecturas propositivas.

Os novos desenhos dizem respeito à estruturação e reorganização institucional; mas não são obrigatórios e sim trilhas para o porvir. Aponta-se que não adianta providenciar ações que responderão à parte do problema exposto, é necessário implementar uma proposta crítica ao cerne da questão. Essa tese é um indicativo de princípio basilar na construção de cenários mais promissores ao fortalecimento da pesquisa e da Pós-graduação na Unemat.

## REFERÊNCIAS

ABOITES, H. Banco mundial y universidad: el fin de la autonomía, el comienzo del cogobierno. **Reunión de Análisis de las Ciencias, la Educación y la Cultura**. Cuernavaca, Morelos, México, 13 jul. 1996. Disponível em: <http://www.smf.mx/boletin/Jul-96/articles/banco.html>. Acesso em: 26 nov. 2012.

ACADEMIC ranking of world universities. Disponível em: <http://www.shanghairanking.com/ARWU2012.html>. Acesso em: 11 jul. 2013.

AGUIAR, S. **Redes sociais na internet**: desafios à pesquisa. VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Tecnologias da Informação e da Comunicação. Disponível em: [http://www.sitedaescola.com/downloads/portal\\_aluno/Maio/Redes%20sociais%20na%20internet-%20desafios%20%E0%20pesquisa.pdf](http://www.sitedaescola.com/downloads/portal_aluno/Maio/Redes%20sociais%20na%20internet-%20desafios%20%E0%20pesquisa.pdf)>. Acesso em: 11 nov. 2011.

ALTBACH, P. Globalization and the university: myths and realities in an unequal world. **Tertiary education and management**. Kluwer Academic Publishers, 10, 2004. p. 03-25.

\_\_\_\_\_. Os papéis complexos das universidades no período de globalização. **Educação superior em um tempo de transformação**: novas dinâmicas para a responsabilidade social. Trad. Vera Muller. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

\_\_\_\_\_; KNIGHT, J. The internationalization of higher education: motivations and realities. **The nea almanac of higher education**. 2006. Disponível em: [http://www.nea.org/assets/img/PubAlmanac/ALM\\_06\\_03.pdf](http://www.nea.org/assets/img/PubAlmanac/ALM_06_03.pdf). Acesso em: 14 out. 2012.

ALVES-MAZZOTTI, A. J., GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo, Pioneira, 1999.

ALVES, N. **Formação de professores**: pensar e fazer. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

ANDRE, M. E. D. A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2008.

\_\_\_\_\_. Estudo de caso: seu potencial na educação. **Cadernos de pesquisa**. N. 49. maio 1984, p. 51–54.

ANUÁRIO estatístico da Unemat 2008. Pró-Reitoria de planejamento e desenvolvimento institucional. Cáceres: Unemat, 2008.

\_\_\_\_\_. estatístico da Unemat 2009. Pró-Reitoria de planejamento e desenvolvimento institucional. Cáceres: Unemat, 2009.

\_\_\_\_\_. estatístico da Unemat 2011. Pró-Reitoria de planejamento e desenvolvimento institucional. Cáceres: Unemat, 2011.

\_\_\_\_\_. estatístico da Unemat 2012. Pró-Reitoria de planejamento e desenvolvimento institucional. Cáceres: Unemat 2012.



ARRUDA, M. A. N. A nova política de pós-graduação no Brasil. **Tempo social: revista de sociologia**. São Paulo: 11 (2). out. 1999. p. 219–229.

BALBACHEVSKY, E. A pós-graduação no Brasil: novos desafios para uma política bem-sucedida. BROCK, C.; SCHWARTZMAN, S. (orgs.). **Os desafios da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BARBOSA FRANCO, M. L. P. **Análise do conteúdo**. Brasília: Liber Livro, 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROSO, J. (org.). **A regulação das políticas públicas de educação: espaços, dinâmicas e actores**. Lisboa: Educa/Unidade de I&D de Ciências da Educação, 2006.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMGARTEN, M. Geopolítica do conhecimento e da informação: semiperiferia e estratégias de desenvolvimento. **Liinc em revista**. v. 3, n.1, mar. 2007. Rio de Janeiro. p. 16-32.

\_\_\_\_\_. Pós-modernidade e sociologias: notas para o debate. LAMPERT, E. (org.) **Pós-modernidade e conhecimento: educação, sociedade, ambiente e comportamento humano**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

BERALDO, T. M. L. Formação continuada: reflexões sobre a interiorização da UFMT pela via dos cursos de pedagogia na modalidade parcelada. MONTEIRO, F. M. A. (org.). **Trabalho docente na educação básica: contribuições formativas e investigativas em diferentes contextos**. Cuiabá: EdUFMT, 2007.

BIANCHETTI, L. Os dilemas do coordenador de programa de pós-graduação: entre o burocrático-administrativo e o acadêmico pedagógico. BIANCHETTI, L; SGUISSARDI, V. (orgs.). **Dilemas da pós-graduação: gestão e avaliação**. Campinas: Autores Associados, 2009.

\_\_\_\_\_.; MACHADO, A. M. N. **“Reféns da produtividade” sobre produção do conhecimento, saúde dos pesquisadores e intensificação do trabalho na pós-graduação**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT09-3503--Int.pdf>. Acesso em: 02 set. 2012.

Bionorte. Disponível em: <http://www.bionorte.org.br/>. Acesso em: 10 abr. 2013.

BITTAR, M.; SILVA, M. G. M.; VELOSO, T. C. M. A. Processo de interiorização da educação superior na região centro-oeste: particularidades dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. **Série-Estudos**. Dossiê Educação Superior. Campo Grande: UCDB, n. 16. jul./dez. 2003. p. 147- 164.

BOAVENTURA, E. M. **Tempo de educar: pronunciamentos sobre educação e cultura 1984-1985**. Salvador: Secretaria de Educação e Cultura, 1987.

BOTOMÉ, S. P. **Pesquisa alienada e ensino alienante: o equívoco da extensão universitária.** Petrópolis: Vozes; São Carlos: EDUFSCar; Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 1974.

\_\_\_\_\_. **Coisas ditas.** Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense. 2004.

\_\_\_\_\_. **Homo academicus.** Trad. Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: UFSC, 2011.

\_\_\_\_\_. O campo científico. ORTIZ, R. (org.) **Pierre Bourdieu: sociologia.** São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico.** Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. **Constituição da república federativa do Brasil.** São Paulo: Saraiva, 2007.

\_\_\_\_\_. **Lei N. 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 22 mar. 2009.

\_\_\_\_\_. **Lei N. 10.973, de 02 de dezembro de 2004.** Disponível em: <http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/2004/10973.htm>. Acesso em: 04 out. 2010.

\_\_\_\_\_. **Lei N. 11.079, de 30 de dezembro de 2004.** Disponível em: [http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=87E5D2ECA7C7EC6647CBC7302505FAC0.node2?codteor=364601&filename=LegislacaoCitada+-PL+6381/2005](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=87E5D2ECA7C7EC6647CBC7302505FAC0.node2?codteor=364601&filename=LegislacaoCitada+-PL+6381/2005). Acesso em: 28 out. 2012a.

\_\_\_\_\_. **Medida provisória de N. 495, de 19 de julho de 2010.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Mpv/495.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Mpv/495.htm). Acesso em: 28 out. 2012b.

\_\_\_\_\_. **Parecer N. 977 CES, de 3 de dezembro de 1965.** Disponível em: [http://www.ppg.ufrn.br/conteudo/documentos/editais/parecer\\_sucupira.pdf](http://www.ppg.ufrn.br/conteudo/documentos/editais/parecer_sucupira.pdf). Acesso em: 15 fev. 2013a.

\_\_\_\_\_. **Plano nacional de pós-graduação (2011-2020).** Disponível em: <http://www.capes.gov.br/sobre-a-capes/plano-nacional-de-pos-graduacao/pnpg-2011-2020>. Acesso em: 12 jan. 2013b.

\_\_\_\_\_. **Resolução CNE/CES N. 1, de 3 de abril de 2001.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/CES0101.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2013c.

\_\_\_\_\_. **Resolução CNE/CES N. 2, de 7 de abril de 1998.** Disponível em: <http://meclegis.mec.gov.br/documento/document/id/175>. Acesso em: 05 mar. 2013d.

\_\_\_\_\_. **Resolução CNE/CES N. 3, de 14 de outubro de 2010.** Disponível em: <http://meclegis.mec.gov.br/tipo-norma/index/norma/14/>. Acesso em: 05 mar. 2013e.

BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BRAGA, S. R. Os usos políticos da tecnologia, o biopoder e a sociedade de controle: considerações preliminares. **Scripta nova**. v. VIII, n. 170/42, 2004.

BRIDI, J. C. A. **A pesquisa na formação do estudante universitário: a iniciação científica como espaço de possibilidades**. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, 2010.

BUARQUE, C. **A aventura da universidade**. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

CALDERÓN, A. I. (coord.) **Educação superior: construindo a extensão universitária nas IES particulares**. São Paulo: Xamã, 2007.

CAPES. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/>. Acesso em: 26 fev. 2013.

CAPELLA, A. C. N. Perspectivas teóricas sobre o processo de formulação de políticas públicas. **BIB**. São Paulo: n. 61, 2006, p. 25-52.

CAPOBIANCO, L. A revolução em curso: internet, sociedade da informação e cibercultura. **Estudos em comunicação**. n. 7, v. 2, maio 2010. p. 175-193.

CARVALHO DIAS, L. Ações do ministério da ciência e tecnologia. PALATNIK, M. *et all.* (orgs.). **Pós-graduação no Brasil**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. V. 1. Trad. Roneide Venâncio Majer e Klauss Brandini Gerhardt. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. A sociedade em rede: do conhecimento à política. CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (orgs.) **A sociedade em rede do conhecimento à acção política**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2006.

\_\_\_\_\_. **Fim de milênio**. V. 3. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTRO, J. S. R. Universidade: suas origens medievais. TUBINO, M. J. G. (org.) **A universidade ontem e hoje**. São Paulo: IBRASA, 1984.

CATÁLOGO de cursos da pós-graduação *stricto sensu*. Cáceres: Unemat, 2010a.

CATÁLOGO dos grupos de pesquisa. Cáceres: Unemat, 2010b.

CHAUÍ, M. A universidade em ruínas. TRINDADE, H. (org.) **Universidade em ruínas: na república dos professores**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Unesp, 2001.

\_\_\_\_\_. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista brasileira de educação**. n. 24. set./dez. 2003. p. 5-15.

CHESNAIS, F. Um programa de ruptura com o neoliberalismo. **A crise dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

CLARK, B. Chapter 11. WHISTON, T. G.; GEIGER, R. L. (orgs.). **Research and higher education: The United Kingdom and the United States**. Pennsylvania: SRHE and Open University Press, 1992.

\_\_\_\_\_. **Creating entrepreneurial universities: organizational pathways of transformation**. Oxford: Pergamon, 1998.

CLOSS, D. Reflexões sobre a atualidade da universidade brasileira. ROHDEN, V. (org.) **Idéias de universidade**. Canoas: ULBRA, 2002.

CNPq. Disponível em: <http://www.cnpq.br/>. Acesso em: 26 fev. 2013.

Concur. Conselho curador. **Resolução n. 003/2010**. Disponível em: [www.unemat.br](http://www.unemat.br). Acesso em: 08 nov. 2012.

CONCURSO vestibular 2013/2. Disponível em: <http://vestibular.unemat.br/20132/>. Acesso em: 15 mar. 2013.

Conepe. Conselho de ensino, pesquisa e extensão. **Resolução n. 002/2007**. Disponível em: [www.unemat.br](http://www.unemat.br). Acesso em: 08 nov. 2012.

\_\_\_\_\_. **Resolução n. 014/2011**. Disponível em: [www.unemat.br](http://www.unemat.br). Acesso em: 26 jul. 2013.

\_\_\_\_\_. **Resolução n. 085/2007**. Disponível em: [www.unemat.br](http://www.unemat.br). Acesso em: 01 set. 2009a.

\_\_\_\_\_. **Resolução n. 087/2007**. Disponível em: [www.unemat.br](http://www.unemat.br). Acesso em: 01 set. 2009b.

CONSELHO estadual de educação. **Portaria n. 064/05-CEE/MT**. Disponível em: <http://www.unemat.br/noticias/wmview.hp?ArtID=1104>. Acesso em: 25 set. 2011.

Consuni. Conselho universitário. **Resolução n. 011/2011**. Disponível em: [www.unemat.br](http://www.unemat.br). Acesso em: 08 nov. 2012.

\_\_\_\_\_. **Resolução n. 02/2012**. Disponível em: [www.unemat.br](http://www.unemat.br). Acesso em: 07 maio 2013.

\_\_\_\_\_. **Resolução n. 061/2001**. Disponível em: [www.unemat.br](http://www.unemat.br). Acesso em: 14 ago. 2010.

CORRÊA, R. L. **Regionalização e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. **Trajetórias geográficas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 1997.

CPEDA. Disponível em: <https://sites.google.com/a/unemat.br/cpedatga/home>. Acesso em: 06 maio 2013.

CRES. **Declaração da conferência regional de educação superior da América Latina e do Caribe**. 2008. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001344/134422por.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2012.

CUNHA, L. A. Dimensões sociais da gestão universitária. VELLOSO, J. (org.). **O ensino superior e o MERCOSUL**. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

\_\_\_\_\_. Ensino superior e universidade no Brasil. LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. **500 anos de educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CURY, C. R. J. Graduação/pós-graduação: a busca de uma relação virtuosa. **Educação e sociedade**. Campinas, v. 25, n. 88, out. 2004. p. 777–793.

DELANTY, G. **Challenging knowledge: the university in the knowledge society**. UK: RSHE, 2001.

DEMO, P. **Universidade, aprendizagem e avaliação: horizontes reconstrutivos**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.

DIAS, M. A. R. Produção, partilha e apropriação do conhecimento. **Seminário internacional universidade XXI**. Brasília: MEC, 2003.

DIAS SOBRINHO, J. D. **Dilemas da educação superior no mundo globalizado: sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento?** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

DIDRIKSSON, A. Contexto global y regional de la educación superior en América Latina y el Caribe. GAZZOLA, A. L.; DIDRIKSSON, A. (orgs.). **Tendencias de la educación superior en América Latina y el Caribe**. Caracas: IESALC/Unesco, 2008a. Disponível em: [http://www.iesalc.unesco.org.ve/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2&Itemid=408&lang=es](http://www.iesalc.unesco.org.ve/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=408&lang=es). Acesso em: 04 ago. 2011.

\_\_\_\_\_. Educación superior y sociedad del conocimiento en América Latina y el Caribe, desde la perspectiva de la Conferencia Mundial de la Unesco. TUNNERMANN B, C. **La educación superior en América Latina y el Caribe: diez años después de la conferencia mundial**. Colômbia: IESALC/Unesco, 2008b. Disponível em: [http://www.iesalc.unesco.org.ve/index.php?option=com\\_fabrik&c=form&view=details&Itemid=840&fabrik=10&rowid=5&tableid=10&lang=es](http://www.iesalc.unesco.org.ve/index.php?option=com_fabrik&c=form&view=details&Itemid=840&fabrik=10&rowid=5&tableid=10&lang=es). Acesso em: 12 ago. 2011.

\_\_\_\_\_. **Universidad, sociedad del conocimiento y nueva economía**. 2006. Disponível em: [http://www.riseu.unam.mx/documentos/acervo\\_documental/txtid0016.pdf](http://www.riseu.unam.mx/documentos/acervo_documental/txtid0016.pdf). Acesso em: 05 out. 2012.

DIRETÓRIO de grupos de pesquisa no Brasil. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br>. Acesso em: 15 jul. 2013.

DRÈZE, J.; DEBELLE, J. **Concepções da universidade**. Trad. Francisco de Assis Garcia e Celina Fontenele Garcia. Fortaleza: Universidade Federal de Fortaleza, 1983.

ENCICLOPÉDIA do gestor. Cultura organizacional. 2007. Disponível em: [www.reciprhocal.com.br](http://www.reciprhocal.com.br). Acesso em: 27 ago. 2013.

Enlaces. Disponível em: [http://iesalc.unesco.org.ve/index.php?option=com\\_content&view=frontpage&Itemid=303](http://iesalc.unesco.org.ve/index.php?option=com_content&view=frontpage&Itemid=303). Acesso em: 03 nov. 2012.

ENRICONE, D. **Os desafios da pesquisa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

EUROPA. Disponível em: [http://europa.eu/legislation\\_summaries/education\\_training\\_youth/lifelong\\_learning/c11088\\_pt.htm](http://europa.eu/legislation_summaries/education_training_youth/lifelong_learning/c11088_pt.htm). Acesso em: 13 set. 2010.

Fapemat. Disponível em: <http://www.fapemat.mt.gov.br>. Acesso em: 03 mar. 2013.

\_\_\_\_\_. Ciência. Disponível em: <http://www.revistafapematciencia.org/index.asp>. Acesso em: 21 jan. 2013.

FÁVERO, M. L. A. **Universidade do Brasil**: das origens à construção. Rio de Janeiro: Inep/UFRJ, 2000.

\_\_\_\_\_. **Universidade e poder**: análise crítica/fundamentos históricos: 1930-1945. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

FAZENDA, I. **Interdisciplinaridade**: qual o sentido? São Paulo: Paulus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **Práticas interdisciplinares na escola**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

FIALHO, N. H. **Universidade multicampi**. Brasília: Plano; Campinas: Autores Associados, 2005.

FIGUEIREDO, V.; SOBRAL, F. A. F. A pesquisa nas universidades brasileiras. VELLOSO, J. (org.). **Universidade pública**: política, desempenho, perspectivas. Campinas: Papirus, 1999.

Finep. Disponível em: [http://download.finep.gov.br/chamadas/ct\\_infra/editais/EDITAL\\_CTINFRA2013.pdf](http://download.finep.gov.br/chamadas/ct_infra/editais/EDITAL_CTINFRA2013.pdf). Acesso em: 09 fev. 2013.

FRANCO, M. E. D. P. Construção de conhecimento acerca da qualidade na gestão da educação superior. MOROSINI, M. C. (org.). **Qualidade na educação superior**: reflexões e práticas investigativas. V. 3. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

\_\_\_\_\_. Educação superior e modelos institucionais. **Seminário internacional de educação superior da comunidade de países de língua portuguesa**. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/cplp/arquivos/morosini.pdf>. Acesso em: 07 set. 2011.

\_\_\_\_\_. Gestão e modelos de universidade. MOROSINI, M. (ed.). **Enciclopédia de pedagogia universitária**. Glossário V. 2. Brasília: Inep/RIES, 2006.

\_\_\_\_\_. **Identidade e poder**: uma análise de objetivos e de dimensões organizacionais da universidade. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 1984.

\_\_\_\_\_. Produção de pesquisa e cultura uma questão político-educacional. FRANCO, M. E. D. P. (org.). **Universidade, pesquisa e inovação**: o Rio Grande do Sul em perspectiva. Passo Fundo: EdiUPf; Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

\_\_\_\_\_. Universidade pública em busca da excelência: grupos de pesquisa como espaços de produção do conhecimento. FRANCO, M. E. D. P.; LONGHI, S. M.; RAMOS, M. G. (orgs.). **Universidade e pesquisa**: espaços de produção do conhecimento. Pelotas: UFPel, 2009.

\_\_\_\_\_.; LONGHI, S. M. A universidade comunitária: forças e fragilidades. BITTAR, M.; OLIVEIRA, J. F.; MOROSINI, M. (org.) **Educação superior no Brasil**: 10 anos pós-Ldb. Brasília: CAPES, 2008.

\_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_.; RAMOS, M. G. (orgs.). **Universidade e pesquisa**: espaços de produção do conhecimento. Pelotas: UFPel, 2009.

\_\_\_\_\_.; MOROSINI, M. C. Cenários da educação superior e desafios para o ensino aprendizagem. **Anais do XV ENDIPE encontro nacional de didática e prática de ensino**: convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

\_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. **Pós-graduação brasileira e políticas de diversificação**. Disponível em: [www.anped.org.br/reunioes/24/T1189245929250.Doc](http://www.anped.org.br/reunioes/24/T1189245929250.Doc). Acesso em: 15 set. 2011.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. (orgs.) **Redes acadêmicas e produção do conhecimento em educação superior**. Brasília: Inep, 2001.

\_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. UFRGS: Da “universidade técnica” à universidade inovadora. MOROSINI, M. C. (org.). **A universidade no Brasil**: concepções e modelos. Brasília: Inep, 2006.

\_\_\_\_\_. WITTMANN, L. C. (coord.) **Experiências inovadoras/exitosas em administração da educação nas regiões brasileiras**: relatório final da pesquisa. Brasília: ANPAE, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GAMBOA, S. S. Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica. SANTOS FILHO, J. C.; GAMBOA, S. S. (orgs.) **Pesquisa educacional**: quantidade-qualidade. São Paulo: Cortez, 1995.

GARCIA, L. T. S. A cultura nas organizações escolares: proposições, construções e limites. CABRAL NETO, A. *et all.* **Pontos e contrapontos da política educacional**: uma leitura contextualizada de iniciativas governamentais. Brasília: Líber Livro, 2007.

GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Líber Livro, 2007.

\_\_\_\_\_. Alternativas metodológicas para a pesquisa educacional: conhecimento e realidade. **Cadernos de pesquisa**. São Paulo. n. 40. fev. 1982. p. 03-14.

\_\_\_\_\_. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. **Cadernos de pesquisa**. São Paulo. n. 113, jul. 2001. p. 65-81.

GAZETA digital. Disponível em:

<http://www.gazetadigital.com.br/conteudo/show/secao/10/materia/223180>. Acesso em: 03 nov. 2012.

GENRO, M. E. H. **Movimentos sociais na universidade**: rupturas e inovação na construção da cidadania. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2000.

GENTIL, H. S. **Formação docente**: no balanço da rede entre políticas públicas e movimentos sociais. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2002.

\_\_\_\_\_. **Identidades de professores e rede de significações**: configurações que constituem o “nós, professores”. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2005.

GENTILI, P. Que há de novo nas formas de exclusão educativa? Neoliberalismo, trabalho e educação. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 1, jan./jun. 1995. p. 191-202.

GIBBONS, M. *et all*. **La nueva producción del conocimiento**: la dinámica de la ciencia y la investigación en las sociedades contemporáneas. Barcelona: Pomares-Corredor, 1997.

GIANEZINI, Q. **O processo de expansão do Ensino Superior em Mato Grosso**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2009.

GIL, A. C. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2009.

GOERGEN, P. Universidade e responsabilidade social. LOMBARDI, J. C. (org.) **Temas de pesquisa em educação**. Campinas: Autores Associados, 2003.

GUERRA, I. C. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo**: sentidos e formas de uso. Cascais: Principia, 2008.

HAESBAERT, R. **Regional-global**: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2010.

HARGREAVES, A. **O ensino na sociedade do conhecimento**: educação na era da insegurança. Porto Alegre: Artmed, 2004.



HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

HEY, A. P. **Esboço de uma sociologia do campo acadêmico**. São Carlos: EdUFSCar, 2008.

HISTÓRICO. Disponível em: <http://www.unemat.br/>. Acesso em: 20 fev. 2011.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

<http://freepages.military.rootsweb.ancestry.com/~otranto/fab/sivam.htm>. Acesso em: 28 abr. 2013.

<http://gpo.unemat.br/>. Acesso em: 27 abr. 2010.

[http://www.alerj.rj.gov.br/escolha\\_legenda.asp?codigo=42620](http://www.alerj.rj.gov.br/escolha_legenda.asp?codigo=42620). Acesso em: 01 jul. 2013.

<http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/estados-unidos/capesnational-science-foundation-nsf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

<http://www.noroestenoticias.com.br/publicacao-2558-Recuperacao-da-UERGS-e-consenso.fire>. Acesso em: 01 jul. 2013.

<http://www.unemat.br/prae/?link=mapas&mapa=1&sub=mapas&n=4>. Acesso em: 15 mar. 2013.

INSTITUTO do milênio. Disponível em: <http://www.cnpq.br/web/guest/institutos-do-milenio>. Acesso em: 04. mar. 2013.

ISABEL CUNHA, M. Universidade e pesquisa: ensaio do futuro. LINHARES, C.; FAZENDA, I. TRINDADE, V. **Os lugares dos sujeitos na pesquisa educacional**. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KNIGHT, J. Un modelo de internacinalización: respuesta a nuevas realidades y retos. WIT, H.; JARAMILLO, I. C.; GACEL-ÁVILA, J.; KNIGHT, J. (orgs.). **Educação superior na América Latina**: a dimensão internacional. Banco Mundial. Bogotá: Mayol, 2005.

Disponível em:

<http://www.oecdbookshop.org/oecd/display.asp?LANG=EN&SF1=DI&ST1=5L9HXS561J38>. Acesso em: 04 abr. 2011.

KNORR-CETINA, K. Scientific communities or transepistemic arenas of research? A critique of quasi economic models of science. **Social studies of science**. v. 12. 1982. p. 101-130. Disponível em: [http://kops.ub.uni-konstanz.de/bitstream/handle/urn:nbn:de:bsz:352-opus-80422/Scientific\\_Communities.pdf?sequence=1](http://kops.ub.uni-konstanz.de/bitstream/handle/urn:nbn:de:bsz:352-opus-80422/Scientific_Communities.pdf?sequence=1). Acesso em: 04 nov. 2012.

KOURGANOFF, V. **A face oculta da universidade**. Porto: Lello & Irmão, 1989.

KUENZER, A. Z.; MORAES, M. C. M. Temas e tramas na pós-graduação em educação. BIANCHETTI, L; SGUISSARDI, V. (orgs.). **Dilemas da pós-graduação: gestão e avaliação**. Campinas: Autores Associados, 2009.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. 2. ed. São Paulo: Perspectivas, 1978.

LAMPERT, E. (org.) **Pós-modernidade e conhecimento: educação, sociedade, ambiente e comportamento humano**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

LAUS, S. P.; MOROSINI, M. C. Internacionalização da educação superior no Brasil. WIT, H.; JARAMILLO, I. C.; GACEL-ÁVILA, J.; KNIGHT, J. (ed.). **Educação superior na América Latina: a dimensão internacional**. Banco Mundial. Bogotá: Mayol, 2005.

Disponível em:

<http://www.oecdbookshop.org/oecd/display.asp?LANG=EN&SF1=DI&ST1=5L9HXS561J38>. Acesso em: 04 abr. 2011.

LAUXEN, S. L. Universidade multicampi. MOROSINI, M. (ed.). **Enciclopédia de pedagogia universitária: glossário**. V. 2. Brasília: Inep/RIES, 2006.

LEITE, D. Avaliação institucional participativa e a universidade socialmente empreendedora. **Avaliação**. V. 10. n. 1. mar. 2005. p. 51–69.

\_\_\_\_\_. Modelos institucionais, avaliação e isomorfismo. RISTOFF, D.; SEVEGNANI, P. **Modelos institucionais de educação superior**. Brasília: Inep, 2006.

LIMA, E. G. S.; LEITE, D. Influências da avaliação no conhecimento produzido pelos pesquisadores em redes de pesquisa. LEITE, D.; LIMA, E. G. S. (orgs.). **Conhecimento, avaliação e redes de colaboração: produção e produtividade na universidade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

LIMA, M. C.; CONTEL, F. B. **Internacionalização da educação superior: nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento**. São Paulo: Alameda, 2011.

\_\_\_\_\_.; MARANHÃO, C. M. S. A. O sistema de educação superior mundial: entre a internacionalização ativa e passiva. **Avaliação**. Campinas: v. 14, n. 3, nov. 2009. p. 583-610.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**. Trad. Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria. Lisboa: Relógio d'Água, 1996.

\_\_\_\_\_. **Os tempos hipermodernos**. Trad. Mario Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

\_\_\_\_\_. Somos hipermodernos. **Extra Classe**. Disponível em: <http://printfu.org/lipovetsky>. Acesso em: 29 set. 2011.

\_\_\_\_\_. **Tempo contra tempo, ou a sociedade hipermoderna**. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAaVuUAG/gilles-lipovetsky-os-tempos-hipermodernos#ixzz22soQKcnz>. Acesso em: 09 ago. 2012.

LITWIN, J. M. The efficacy of strategy in the competition for research funding in higher education. **Tertiary education and management: linking research, policy and practice**. v. 15. n. 01. mach, 2009, p. 63 - 77.

LOMBARDI, J. C. Prefácio. ARAUJO, J. C. S. **A universidade iluminista (1798-1921): de Kant a Max Scheler**. V. 1. Brasília: Líber Livro, 2011.

LORD, L. J. D. As políticas federais de pós-graduação e os estados periféricos: o caso do Mato Grosso. **62ª Reunião anual da sociedade brasileira para o progresso da ciência (SBPC)**. Natal. 2010. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/62ra/resumos/resumos/288.htm>. Acesso em: 11 nov. 2012.

LÜCK, H. **Gestão da cultura e do clima organizacional da escola**. Petrópolis: Vozes, 2010.

LUZZI, D. A.; PHILIPPI JUNIOR, A. Interdisciplinaridade, pedagogia e didática da complexidade na formação superior. PHILIPPI JUNIOR, A.; SILVA NETO, A. J. (eds.). **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação**. Barueri: Manole, 2011.

LYOTARD, J. **A condição pós-moderna**. Lisboa: Gradiva, 1989.

MACHADO, A. M. N. Produtividade na pós-graduação brasileira? Rumos, limites e engodos na busca de garantir a qualidade. **Atos de pesquisa em educação. Blumenau**. v. 1, n. 2, maio/ago. 2006. p. 106-119.

\_\_\_\_\_.; BIANCHETTI, L. (Des)feticização do produtivismo acadêmico: desafios para o trabalhador-pesquisador. **RAE**. São Paulo: v. 51, n. 3, maio/ jun. 2011. p. 244-254.

MACHADO CUNHA, M. **O trabalho dos professores e a Universidade do Estado de Mato Grosso em Sinop/MT na década de 1990: o sentido do coletivo**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2010.

MATO GROSSO. Lotacionograma. Disponível em: [http://www.iomat.mt.gov.br/visualizar\\_pdf.php?reload=ok&edi\\_id=00003243&page=29&search=lotacionograma](http://www.iomat.mt.gov.br/visualizar_pdf.php?reload=ok&edi_id=00003243&page=29&search=lotacionograma). Acesso em: 09 abr. 2013a.

\_\_\_\_\_. Plano de carreira. Disponível em: <https://www.iomat.mt.gov.br/buscaweb/search?q=plano+de+carreira&t=1>. Acesso em: 15 jul. 2013b.

\_\_\_\_\_. Portaria n. 002/2012-GAB/CEE/MT. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/35521418/doemt-21-03-2012-pg-8>. Acesso em: 30 jan. 2013c.

\_\_\_\_\_. Secretaria de estado do meio ambiente. Mapa dos biomas. Disponível em: [http://www.sema.mt.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=170&Itemid=107](http://www.sema.mt.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=170&Itemid=107). Acesso em: 09 set. 2011.

MEC/CAPES. **Cursos recomendados e reconhecidos**. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/cursos-recomendados>. Acesso em: 28 fev. 2013.

MENDES, P. H. C. *et all*. Perfil dos pesquisadores bolsistas de produtividade científica em medicina no CNPq, Brasil. **Revista brasileira de educação médica**. 34 (4): 2010. p. 535-541.

MENEZES, L. C. **Universidade sitiada**: a ameaça da liquidação da universidade brasileira. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

MOCELIN, D. G.; FRANCO, M. E. D. P. Grupos de pesquisa. In: MOROSINI, M. C. (ed.). **Enciclopédia de pedagogia universitária**: glossário. v. 2. Brasília: Inep/RIES, 2006.

MOREIRA, D. A. (org.). **Ética educação universidade sociedade**: reflexões acerca de vivências e práticas como respostas às necessidades sociais no contexto da Amazônia. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

MOROSINI, M. C. A pós-graduação no Brasil: formação e desafios. **RAES**. A. 1, n. 1, nov. 2009. p. 125-152.

\_\_\_\_\_. (org.) **A universidade no Brasil**: concepções e modelos. Brasília: Inep, 2006a.

\_\_\_\_\_. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: conceitos e práticas. **Educar**. Curitiba, n. 28, 2006b. p. 107-124.

\_\_\_\_\_. Internacionalização da educação superior no Brasil pós-LDB: o impacto das sociedades tecnologicamente avançadas. BITTAR, M.; OLIVEIRA, J. F.; MOROSINI, M. C. (orgs.). **Educação superior no Brasil**: 10 anos pós-LDB. Brasília: Inep, 2008.

\_\_\_\_\_. Internacionalização da educação superior: um modelo em construção? RISTOFF, D.; SEVEGNANI, P. (orgs.) **Modelos institucionais de educação superior**. Brasília: Inep, 2006c.

\_\_\_\_\_. Universitas: Desafios da construção de uma rede acadêmica de educação superior. **Revista brasileira de educação**. n.12 Rio de Janeiro set./dez. 1999. p. 94-101.

MOURA CASTRO, C. **Ciência e universidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

NEZ, E. Educação superior, ciência e tecnologia: a Universidade do Estado de Mato Grosso no foco das discussões. **3. Encontro anual de Educação (ENAED)**: o estado e as construções curriculares na educação. Sinop: UNEMAT, 2013.

\_\_\_\_\_. **Projeto de tese de doutoramento**: consolidação da pesquisa e regionalidade: a construção de uma rede de pesquisadores numa universidade estadual. Doutorado em educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2011.

NOSSELLA, P. A pesquisa em educação: um balanço da produção dos programas de pós-graduação. **Revista brasileira de educação**. v. 15 n. 43, jan./abr. 2010. p. 177-203.

NUNES, E. **Recredenciamento de universidades**: conclusões preliminares e dilemas regulatórios. 2009. Disponível em:

[http://www.observatoriouniversitario.org.br/pdf\\_documentos\\_de\\_trabalho/documentos\\_de\\_trabalho\\_90.pdf](http://www.observatoriouniversitario.org.br/pdf_documentos_de_trabalho/documentos_de_trabalho_90.pdf). Acesso em: 09 out. 2011.

\_\_\_\_\_. **Educação superior no Brasil: estudos, debates, controvérsias**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

OCDE. **Quatre scénarios sur l'avenir de l'enseignement supérieur**. Conférence internationale OCDE/France l'enseignement supérieur à l'horizon 2030: accès, qualité et mondialisation. Disponível em: [www.oecd.org/edu/universityfutures](http://www.oecd.org/edu/universityfutures). Acesso em: 05 set. 2011.

OLIVEIRA, F. B. **Pós-graduação: educação e trabalho**. Campinas: Papirus, 1995.

OLIVEN, A. C. A marca de origem: comparando colleges norteamericanos e faculdades brasileiras. **Cadernos de pesquisa**. v. 35, n. 125, maio/ago. 2005. p. 111–135.

\_\_\_\_\_. **A paroquialização do ensino superior: classe média e sistema educacional no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1990.

PALATNIK, M. Reprodução e criação do conhecimento: tendências na universidade brasileira. PALATNIK, M. *et al.* (orgs.). **Pós-graduação no Brasil**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

PAULA, M. F. A formação universitária no Brasil: concepções e influências. **Avaliação**. Campinas. v. 14, n. 1, mar. 2009. p. 71-84.

PEREIRA, E. M. A. A universidade nos paradigmas da modernidade e da pós-modernidade. LOMBARDI, J. C. (org.) **Temas de pesquisa em educação**. Campinas: Autores Associados, 2003.

PLANO de desenvolvimento do Estado de Mato Grosso MT+20. Disponível em: [http://www.seplan.mt.gov.br/arquivos/A\\_531f19ce5827d5ea5462014de666c3b8Versao%20Tecnica%20PD%20MT.pdf](http://www.seplan.mt.gov.br/arquivos/A_531f19ce5827d5ea5462014de666c3b8Versao%20Tecnica%20PD%20MT.pdf). Acesso em: 09 abr. 2013.

PLANO de desenvolvimento institucional 2008/2014. Cáceres: 2008. Disponível em: <http://www.unemat-net.br/>. Acesso em: 23 set. 2009.

PLATAFORMA *lattes*. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em: 02 ago. 2013.

POMBO, O. GUIMARÃES, H. M.; LEVY, Teresa. **A interdisciplinaridade: reflexão e experiência**. Lisboa: Texto, 1994.

PRÓ-REITORIA de pesquisa e pós-graduação. Disponível em: <http://www.unemat.br/prppg/>. Acesso em: 07 maio 2013.

PROTTI, A. T.; LUQUE, C. A.; CRUZ, H. N. Desafios do financiamento das universidades estaduais paulistas. **GUAL**. Florianópolis, v. 5, n. 4, 2012. p. 01-20.

RAMOS, M. G. Pesquisa na universidade e espaços de produção: sinalizando caminhos. FRANCO, M. E. D. P.; LONGHI, S. M.; RAMOS, M. G. (orgs.). **Universidade e pesquisa: espaços de produção do conhecimento**. Pelotas: UFPel, 2009.

RANKING web of universities. Disponível em:  
[http://www.webometrics.info/en/Latin\\_America](http://www.webometrics.info/en/Latin_America). Acesso em: 11 jul. 2013.

RELATÓRIO parcial de auto-avaliação – CPA/Unemat 2011. Disponível em:  
<http://www.unemat.br/reitoria/avaliacao/>. Acesso em: 04 ago. 2013.

REVISTA das profissões. Pró-reitoria de ensino e graduação. Cáceres: 2013. Disponível em:  
[http://www.unemat.br/revistas/profissoes/revista\\_profissoes\\_unemat.pdf](http://www.unemat.br/revistas/profissoes/revista_profissoes_unemat.pdf). Acesso em: 31 jan. 2013.

RIBEIRO, D. **A universidade necessária**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

RICHARDSON, R. J. (org.) **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROBERTSON, S. L. O processo de Bolonha da Europa torna-se global: modelo, mercado, mobilidade, força intelectual ou estratégia para construção do Estado? **Revista brasileira de educação**. v. 14, n. 42. set./dez. 2009. p. 407-422.

ROSSATO, R. Humanismo na universidade em tempos de globalização. PEREIRA, E. M. A. **Universidade e educação geral: para além da especialização**. Campinas: Alínea, 2007.

\_\_\_\_\_. **Universidade: nove séculos de historia**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; *et alii* (orgs.). **Rede de significações: e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

\_\_\_\_\_.; AMORIM, K. S.; SILVA, A. P. S. Uma perspectiva teórico-metodológica para análise do desenvolvimento humano e do processo de investigação. **Psicologia: reflexão e crítica**. v. 13, n. 2. Porto Alegre: 2000. p. 1-22.

RUBIN, M. **Produção de conhecimento científico: pós-graduação interdisciplinar (*stricto sensu*) na relação sociedade-natureza**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2011.

SAMPAIO, E. L. A. **Estado e universidade no processo de desenvolvimento regional: o caso da Universidade do Estado de Mato Grosso**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Ciências Políticas, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, 2001.

SANTOS, A. L. F.; AZEVEDO, J. M. L. A pós-graduação no Brasil, a pesquisa em educação e os estudos sobre a política educacional: os contornos da constituição de um campo acadêmico. **Revista brasileira de educação**. v. 14 n. 42 set./dez. 2009. p. 534–550.

SANTOS, M. **Natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: USP, 2006.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado:** fundamentos teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

\_\_\_\_\_. **Técnica, espaço e tempo:** globalização e meio técnico-científico informacional. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_; SILVEIRA, M. L. **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. 10. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2008.

SAVIANI, D. A Pós-graduação em educação no Brasil: pensando o problema da orientação. BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. (orgs.). **A bússola do escrever:** desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. Florianópolis: UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Ensino público e algumas falas sobre universidade.** São Paulo: Cortez, 1984.

SCHWARTZMAN, S. A universidade primeira do Brasil: entre *intelligentsia*, padrão internacional e inclusão social. **Estudos avançados.** v. 20 n. 56 São Paulo. jan./abr. 2006. p. 1-27.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SGUISSARDI, V. Reforma universitária no Brasil – 1995-2006: precária trajetória e incerto futuro. **Educação e sociedade.** Campinas, v. 27, n. 96. out. 2006a. p. 1021-1056.

\_\_\_\_\_. **Universidade brasileira no século XXI:** desafios do presente. São Paulo. Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_. Universidade no Brasil: dos modelos clássicos aos modelos de ocasião? RISTOFF, D.; SEVEGNANI, P. (org.). **Modelos institucionais de educação superior.** V. 7. Brasília: Inep. 2006b. p. 67-92.

SIEBIGER, R. H. **O processo de Bolonha e a universidade brasileira:** aproximações e distanciamentos a partir da análise de documentos referenciais. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Dourados, 2013.

SILVA, R. T. P. **Universidade e atividade da pesquisa:** limites e possibilidades na potencialização da responsabilidade social e política. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2013.

SILVEIRA, F. E. (org.). **Organizações e sociedade:** identidade, poder, saber e comunicação na contemporaneidade. Porto Alegre; EDIPUCRS, 2003.

SIMÕES, I. A. G. Sociedade em rede e a cibercultura: dialogando com o pensamento de Manuel Castells e de Pierre Lévy na era das novas tecnologias de comunicação. **Revista eletrônica temática**. a. V, n. 5, maio 2009. p. 1-11.

SIQUEIRA, E. M. **História de Mato Grosso**. Cuiabá: Governo de Mato Grosso, 2002.

SLAUGHTER, S.; LESLIE, L. L. **Academic capitalism**: politics, policies, and the entrepreneurial university. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997.

SOUSA SANTOS, B. **A universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SQUIRRA, S. Sociedade do conhecimento. MELO, J. M. M.; SATHLER, L. **Direitos à comunicação na sociedade da informação**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2005.

STATISTICAL package for the social sciences Disponível em: <http://spss.softonic.com.br/>. Acesso em: 07 abr. 2013.

TAMBORLIN, N. **Delineamento de um painel de indicadores de desempenho para tomada de decisão baseado em gestão da tecnologia da informação na IES como inteligência competitiva**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau, 2013.

TEIXEIRA, A. **Ensino superior no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **RAP**. Rio de Janeiro, n. 40, jan./fev. 2006. p. 27-55.

TORRES, D. R. **As redes universitárias e a cooperação acadêmica solidária através do Enlaces**. Disponível em: [http://www.iesalc.unesco.org.ve/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2362%3Alas-redes-universitarias-y-la-cooperacion-academica-solidaria-a-traves-del-enlaces&catid=126%3Anoticias-pagina-nueva&Itemid=712&lang=br](http://www.iesalc.unesco.org.ve/index.php?option=com_content&view=article&id=2362%3Alas-redes-universitarias-y-la-cooperacion-academica-solidaria-a-traves-del-enlaces&catid=126%3Anoticias-pagina-nueva&Itemid=712&lang=br). Acesso em: 03 nov. 2011.

UEG. Disponível em: <http://www.ueg.br/noticia/14290>. Acesso em: 01 jul. 2013.

UFMT. Disponível em: <http://www.ufmt.br/ufmt/site/editais/detalhes/368/9/Cuiaba>. Acesso em: 8 jun. 2012.

Unemat. Disponível em: <http://www.novoportal.unemat.br>. Acesso em: 04 maio 2013.

\_\_\_\_\_. Alto Araguaia. Disponível em: [http://www.aia.unemat.br/?page\\_id=47](http://www.aia.unemat.br/?page_id=47). Acesso em: 30 abr. 2013.

\_\_\_\_\_. Barra do Bugres. Disponível em: <http://bbg.unemat.br/>. Acesso em: 04 maio 2013.

\_\_\_\_\_. Colider. Disponível em: <http://www.colider.unemat.br/site/>. Acesso em: 04 maio 2013.



\_\_\_\_\_. Juara. Disponível em: <http://juara.unemat.br/>. Acesso em: 05 maio 2013.

\_\_\_\_\_. Sinop. Disponível em: [http://sinop.unemat.br/site/sobre\\_unemat2.php?id=29](http://sinop.unemat.br/site/sobre_unemat2.php?id=29). Acesso em: 28 abr. 2013.

\_\_\_\_\_. Tangará da Serra. Disponível em: <http://tangara.unemat.br/>. Acesso em: 05 maio 2013.

Unesco. **Declaración mundial sobre la educación superior en el siglo XXI: visión y acción**. Paris: Unesco, 1998.

VELLOSO, J.; VELHA, L. Quanto valem as bolsas? Mestrados e doutorandos no país. **Infocapes**. V. 5. N. 2. abr./jun. Brasília: CAPES, 1997.

VELOSO, T. C. M. A. **A evasão nos cursos de graduação da Universidade Federal de Mato Grosso: Campus universitário de Cuiabá 1985/2 a 1995/2: um processo de exclusão**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Cuiabá, 2000.

VESSURI, H. M. C. Acadêmicos empresários – porque e como alguns professores escolhem trabalhar com o setor produtivo a partir do meio acadêmico. PAIVA, V.; WARDE, M. J. (orgs.). **Dilemas do ensino superior na América Latina**. Campinas: Papius, 1994.

WANDERLEY, L. E. W. **O que é universidade?** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: UnB, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

WEIHS, M. L. **A produção de conhecimento em biologia: uma pesquisa etnográfica**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Política Científica e Tecnológica da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, 2008.

WHITAKER, F. Rede, uma estrutura alternativa de organização. **Mutações sociais**. v. 2, n. 3, mar./mai. 1993. Disponível em: [www.abdl.org.br/filemanager/fileview/378/](http://www.abdl.org.br/filemanager/fileview/378/). Acesso em: 11 nov. 2011.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZAINKO, M. A. S. **Planejamento, universidade e modernidade**. Curitiba: All-Graf, 1998.

ZAMBERLAN, J. *Et al.* **Estudantes internacionais: no processo globalizador e na internacionalização do ensino superior**. Porto Alegre: Solidus, 2009.

ZATTAR, N. B. S. **Do IESC à Unemat: uma história plural 1978-2008**. Cáceres: Unemat, 2008.

\_\_\_\_\_.; TEIXEIRA, D. T.; ARTIOLI, L. B. **Unemat 30 anos: pelos caminhos de Mato Grosso**. Cáceres: UNEMAT, 2008.

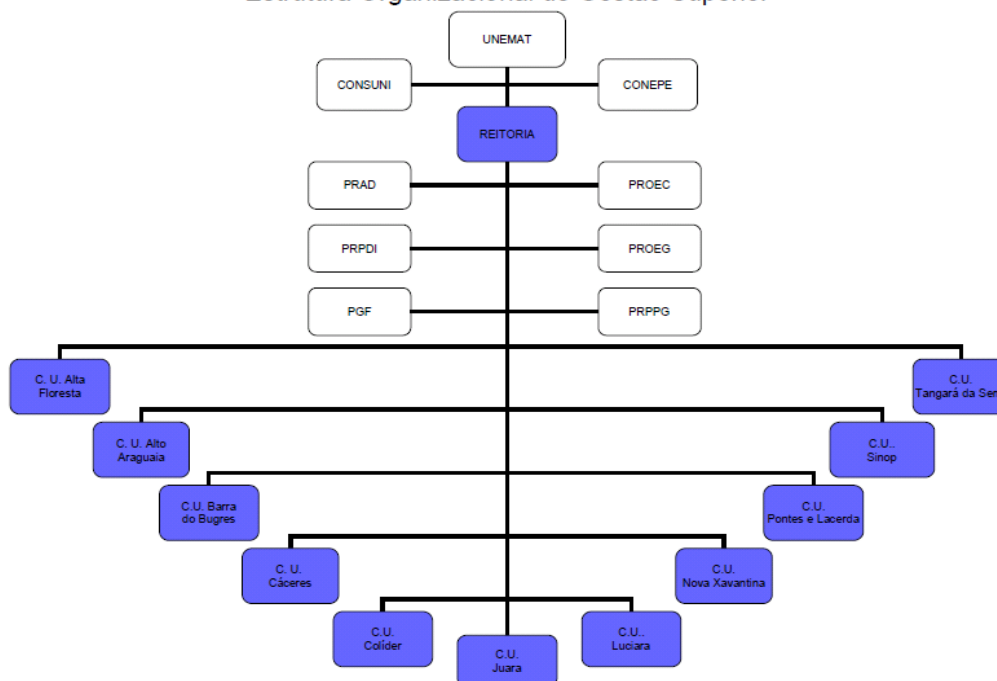
\_\_\_\_\_. TAVARES, D.; ARTIOLI, L. B. F. (orgs.) **Unemat para todos:** gestão 2002–2010. Cáceres: Universidade do Estado de Mato Grosso, 2010.

3. RELATÓRIO de avaliação institucional 2007. Disponível em: <http://www.novoportal.unemat.br/>. Acesso em: 14 set. 2011.

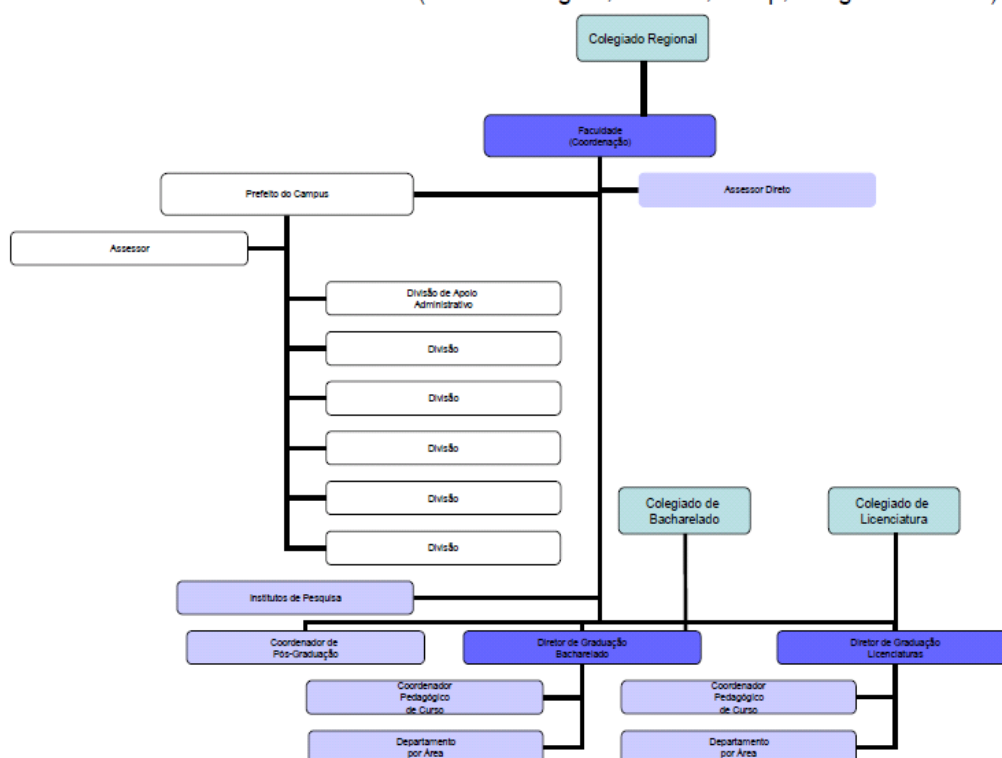
**ANEXOS**

# Anexo I – Estrutura organizacional (organograma) da Unemat

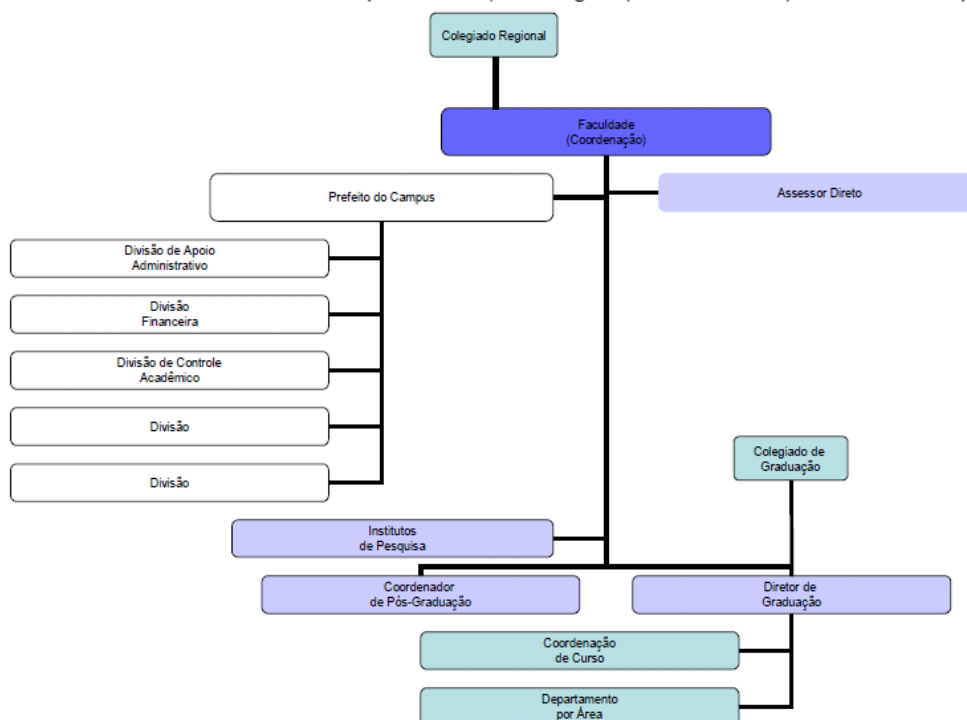
## Estrutura Organizacional de Gestão Superior



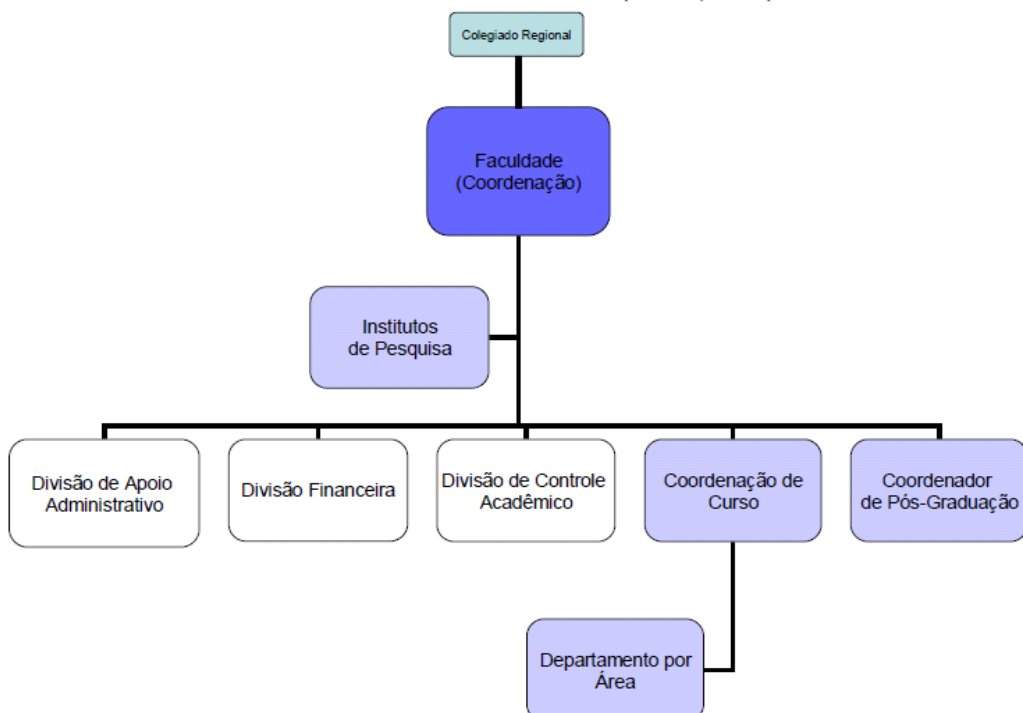
## CAMPUS UNIVERSITÁRIO (Barra do Bugres, Cáceres, Sinop, Tangará da Serra)



### CAMPUS UNIVERSITÁRIO (Alta Floresta, Alto Araguaia, Nova Xavantina, Pontes e Lacerda)



### CAMPUS UNIVERSITÁRIO (Colíder, Juara)



## **APÊNDICES**

## Apêndice I – Quadro síntese da tese

**EM BUSCA DA CONSOLIDAÇÃO DA PESQUISA E DA PÓS-GRADUAÇÃO  
NUMA UNIVERSIDADE ESTADUAL: A CONSTRUÇÃO DE REDES DE PESQUISA**



**CONTEXTO DA PROBLEMÁTICA**

- No emaranhado de uma sociedade do conhecimento, hipermoderna e em rede encontra-se a universidade brasileira, enraizada em situações concretas que balizam suas relações com a realidade sócio-econômica.
- A pesquisa é uma de suas funções que constituiu o tripé constitucional, sendo considerada a mais importante para a produção do conhecimento e tem seu *lôcus* específico na Pós-graduação.
- A prática da pesquisa contribui significativamente para a qualidade na/da Educação Superior, isso é potencializado na constituição de grupos e redes, que geram densidade e adensamento da produção acadêmica.
- As condições de realização da pesquisa dependem de uma série de fatores que são representados nas redes de significações individual, institucional e de integração.
- Há um paradoxo provocado pela hipermodernidade que permeia os docentes da Pós-graduação, um indivíduo produtivo ao extremo, mas também uma engrenagem da sociedade organizada em rede.



**PRINCIPAIS REFERÊNCIAS TEÓRICAS**

**Hipermodernidade:** sociedade caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade, pela exacerbação do tempo, pelo consumo exagerado; define a situação paradoxal geradora de tensões e crises que se divide entre o excesso e a moderação; momento conflitante onde tudo alcançou uma velocidade que pode levar ao abuso e ao descomedimento.

**Sociedade em rede:** estrutura social organizada em redes operadas por tecnologias fundamentadas em computadores que geram, processam e distribuem informações; estrutura formal que possui um sistema de nós interligados; novo formato da sociedade baseada no paradigma econômico-tecnológico da informação que sugere alterações no tempo e no espaço.

**Sociedade do conhecimento:** signatária das tecnologias avançadas que impõem novos padrões; o conhecimento e a centralidade da Educação Superior são objetos de destaque e se tornam valor econômico; indicação da necessidade de constituição de uma universidade de inovação com pertinência social alinhada à sociedade do conhecimento numa perspectiva crítica.

**Universidade:** instituição dedicada a promover o saber e espaço de socialização do conhecimento; são pluridisciplinares destinadas à formação dos quadros profissionais, de pesquisa e de domínio do conhecimento, que se caracterizam pela produção intelectual; são dinâmicas, com compromissos e contradições, indispensáveis para a análise das atividades educativas e para a construção do conhecimento científico; se projetam como centro aglutinador e multidisciplinar de produção de conhecimento, como um espaço marcado por uma ambiência do saber.

**Pesquisa:** alma geratriz da universidade e uma das funções mais específicas de sua atuação; busca de novos conhecimentos, sendo o lugar da inovação, âmbito da socialização do saber, na medida em que divulga conhecimentos; constitui-se no conjunto de saberes presentes na universidade, inserida na Pós-Graduação.

**Pós-graduação:** local onde a prática da pesquisa é fundamental, dada a natureza da sua produção; refere-se igualmente às condições institucionais para a estruturação de um Programa que possa servir de contexto para a produção de conhecimento; instaura a “tradição” da pesquisa nos ambientes acadêmicos, constituindo-se historicamente como espaço privilegiado, e quase que exclusivo, para a formação de novos pesquisadores.



### **QUESTÃO INVESTIGADORA**

- Em que extensão e significado as políticas e ações com relação à pesquisa na Pós-graduação se configuram como adensadas e densas numa instituição estadual?



### **PROPOSIÇÃO DE TESE**

A universidade, por meio da Pós-graduação é fonte geradora de conhecimento, na medida em que adensa e densifica suas políticas e ações de produção da pesquisa por meio dos grupos, dos projetos e das redes. Assim, sua consolidação, pode acontecer por meio de três cenários: individual, institucional e da integração das atividades de pesquisa.



### **OBJETIVO GERAL**

- Identificar e analisar as políticas e as práticas de pesquisa da Unemat, buscando desenhar cenários propositivos para fortalecer a consolidação da pesquisa, enquanto produtora de conhecimento, no seu espaço de constituição que é a Pós-graduação.



### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Mapear o processo de institucionalização dos grupos e suas articulações, construindo um quadro sinóptico para a compreensão da produção da pesquisa;
- Realizar um levantamento das formas de financiamento da pesquisa na Unemat, revelando um paralelo demonstrativo do financiamento interno e externo;
- Configurar ações e silenciamentos da PRPPG, tendo em vista a construção de uma linha do tempo identificando as políticas de pesquisa na Unemat;
- Identificar o conceito de pesquisa veiculado na instituição, bem como compreender as ações existentes neste espaço universitário a partir das áreas do conhecimento;
- Compreender o contexto no qual afloram as práticas da pesquisa na Unemat, analisando-o na conjuntura das políticas que marcam a universidade brasileira;
- Enfatizar a Pós-graduação, como espaço de produção da pesquisa, buscando compreender seu movimento expansionista institucional, vislumbrando o planejamento a longo prazo com vistas a sua ampliação;
- Sinalizar cenários propositivos para a consolidação da pesquisa e da Pós-graduação na instituição, fortalecendo a construção de uma perspectiva para uma universidade contextualizada na sociedade do conhecimento crítico.



### **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

- Pesquisa bibliográfica e exploratória;
- Pesquisa documental;
- Pesquisa de campo;
- Estudo de caso;
- Abordagem da análise dos dados:  
quali/quantitativa, rede de significações e análise de conteúdo.





### FONTE DE DADOS

- Dados censitários sobre a Pós-graduação e os grupos de pesquisa institucionais;
- Currículos *Lattes* dos líderes de grupos e coordenadores de programas;
- Diretório dos grupos de pesquisa do CNPq;
- Anuários da instituição e relatórios da PRPPG;
- Entrevistas com os líderes dos grupos, pró-reitores de pesquisa e pós-graduação e coordenadores dos programas.



### CATEGORIAS \*

#### Referentes

Pesquisa  
Grupos de pesquisa  
Pós-graduação  
Adensamento  
Densidade  
Hipermodernidade  
Sociedade em rede  
Sociedade do conhecimento

#### Conceituais

Organização da pesquisa  
Formas de financiamento  
Consolidação da pesquisa  
Políticas de pesquisa  
Institucionalização dos processos  
Paradoxo hipermoderno

#### Substantivas

Concepção de Pesquisa  
Contato com a pesquisa  
Formação do pesquisador  
Interesse pela pesquisa  
Professor pesquisador  
Indivíduo  
Grupo/rede

\* Aqui estão dispostas algumas das categorias reveladas no momento da construção do projeto, há ainda outras que estão identificadas ao longo da tese.

## Apêndice II - Entrevista semiestruturada Tipo I

**PARTE I****Identificação e caracterização:**

Nome:

Sexo:

Idade:

Departamento:

*Campus:*

Graduação	Ano de conclusão	Instituição
Especialização	Ano de conclusão	Instituição
Mestrado	Ano de conclusão	Instituição
Doutorado	Ano de conclusão	Instituição
Pós-Doutorado	Ano de conclusão	Instituição

Grupo de pesquisa/ano de início das atividades:

Projeto de pesquisa:

Financiamento/agência financiadora:

Redes de pesquisa:

**PARTE II****Contato com a pesquisa:**

1. Onde foi o seu primeiro contato com a pesquisa científica?

☐ Bolsista☐ Curso de especialização☐ Mestrado☐ Outra situação: \_\_\_\_\_

2. É orientador ou co-orientador de monografias, dissertações ou teses?

☐ Sim☐ Não☐ Outra resposta: \_\_\_\_\_

3. Se sim na resposta anterior, identifique em quais das categorias e a quantidades de alunos orientados:

☐ Monografias:☐ Dissertações:☐ Teses:☐ Outra situação: \_\_\_\_\_

**Concepções de pesquisa:**

4. Qual a sua concepção de pesquisar?
5. Quais as principais características de um pesquisador?

**PARTE III****Cenários de desenvolvimento da pesquisa e da Pós-graduação:**

6. Como avalia a organização da Pós-graduação, na sua área do conhecimento, na instituição?

☐ Regular  
☐ Boa  
☐ Ótima  
☐ Excelente

Justifique sua resposta: \_\_\_\_\_

7. Como avalia o financiamento da pesquisa na UNEMAT?

☐ Regular  
☐ Bom  
☐ Ótimo  
☐ Excelente

Justifique sua resposta: \_\_\_\_\_

8. A UNEMAT tem agenda de políticas para a pesquisa e a Pós-graduação?

☐ Sim  
☐ Não  
☐ Parcialmente

Justifique sua resposta: \_\_\_\_\_

9. Consegue visualizar melhorias no desenvolvimento da pesquisa e da Pós-graduação na UNEMAT?

☐ Sim  
☐ Não  
☐ Parcialmente

9.1. Que prospecção pode-se ter para o desenvolvimento da pesquisa na UNEMAT?

9.2. E quanto às formas de financiamento dos projetos de pesquisa tem sugestões?

9.3. Você tem alguma indicação para consolidação dos grupos de pesquisa na UNEMAT?

9.4 E para a Pós-graduação, enquanto espaço de construção do conhecimento na universidade, tem alguma sugestão?

10. A estrutura multicampi é facilitadora ou não da pesquisa na instituição?

### Apêndice III - Entrevista semiestruturada Tipo II

#### PARTE I

##### Identificação e caracterização:

Nome:

Sexo:

Idade:

Departamento:

*Campus:*

Graduação	Ano de conclusão	Instituição
Especialização	Ano de conclusão	Instituição
Mestrado	Ano de conclusão	Instituição
Doutorado	Ano de conclusão	Instituição

Grupo de pesquisa:

Projeto de pesquisa:

Financiamento/agência financiadora:

Redes de pesquisa:

##### Período de permanência na Pró-Reitoria:

Ano de entrada:

Ano de saída:

Categorias	Organização encontrada	Atividades realizadas
Pesquisa		
Grupos de Pesquisa		
Financiamento da Pesquisa		
Pós-graduação		

##### Reflexão:

O que gostaria de ter feito e não conseguiu fazer no tempo que permaneceu na Pró-reitoria:

Pesquisa:

Grupos de pesquisa:

Financiamento da pesquisa:

Pós-graduação:

**PARTE II****Contato com a pesquisa:**

1. Onde foi o seu primeiro contato com a pesquisa científica?
  - ☐ Bolsista
  - ☐ Curso de especialização
  - ☐ Mestrado
  - ☐ Outra situação: \_\_\_\_\_
2. É orientador ou co-orientador de monografias, dissertações ou teses?
  - ☐ Sim
  - ☐ Não
  - ☐ Outra resposta: \_\_\_\_\_
3. Se sim na resposta anterior, identifique em quais das categorias e a quantidades de alunos orientados:
  - ☐ Monografias:
  - ☐ Dissertações:
  - ☐ Teses:
  - ☐ Outra situação: \_\_\_\_\_

**Concepções de pesquisa:**

4. Qual a sua concepção de pesquisar?
5. Quais as principais características de um pesquisador?

**PARTE III****Cenários de desenvolvimento da pesquisa e da Pós-graduação:**

6. Como avalia a organização da Pós-graduação, na sua área do conhecimento, na instituição?
  - ☐ Regular
  - ☐ Boa
  - ☐ Ótima
  - ☐ Excelente
 Justifique sua resposta: \_\_\_\_\_
7. Como avalia o financiamento da pesquisa na UNEMAT?
  - ☐ Regular
  - ☐ Bom
  - ☐ Ótimo
  - ☐ Excelente
 Justifique sua resposta: \_\_\_\_\_
8. A UNEMAT tem agenda de políticas para a pesquisa e a Pós-graduação?
  - ☐ Sim
  - ☐ Não
  - ☐ Parcialmente
 Justifique sua resposta: \_\_\_\_\_

9. Consegue visualizar melhorias no desenvolvimento da pesquisa e da Pós-graduação na UNEMAT?

- ( ) Sim
- ( ) Não
- ( ) Parcialmente

9.1. Que prospecção pode-se ter para o desenvolvimento da pesquisa na UNEMAT?

9.2. E quanto às formas de financiamento dos projetos de pesquisa tem sugestões?

9.3. Você tem alguma indicação para consolidação dos grupos de pesquisa na UNEMAT?

9.4. E para a Pós-graduação, enquanto espaço de construção do conhecimento na universidade, tem alguma sugestão?

10. A estrutura multicampi é facilitadora ou não da pesquisa na instituição?